

# ENREDANDO MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS:

NARRATIVAS DE COLETIVOS DOCENTES  
PERUANOS E BRASILEIROS



Mairce da Silva Araujo  
Maria Isabel Gutiérrez Chávez  
Danusa Tederiche Borges de Faria  
Isabele Cristina Fonseca Ramos  
(Organizadoras)

**EnREDando memórias e vivências: narrativas  
de coletivos docentes peruanos e brasileiros**



10 PPGedu

anos processos formativos e  
desigualdades sociais

**Mairce da Silva Araujo  
Maria Isabel Gutiérrez Chávez  
Danusa Tederiche Borges de Faria  
Isabele Cristina Fonseca Ramos  
(Organizadoras)**

**EnREDando memórias e vivências: narrativas  
de coletivos docentes peruanos e brasileiros**

**Copyright © Autoras e autores**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

---

**Mairce da Silva Araujo; Maria Isabel Gutiérrez Chávez; Danusa Tederiche Borges de Faria; Isabele Cristina Fonseca Ramos [Orgs.]**

**EnREDando memórias e vivências: narrativas de coletivos docentes peruanos e brasileiros.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 318p. 16 x 23 cm.

**ISBN: 978-65-5869-632-2 [Impresso]  
978-65-5869-633-9 [Digital]**

1. Narrativas coletivas. 2. Docentes peruanos e brasileiros. 3. Experiência docente. 4. Coletivos latino-americanos. I. Título.

---

CDD – 370

**Capa:** Petricor Design

**Arte da Capa:** Blanca Roxana Galhardo Correa

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Científico da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/ Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2021

# Sumário

**Prefácio** 9

*Anelice Ribetto*

*Jhon Richard Orosco Fabian*

**Apresentação** 15

*Mairce da Silva Araujo*

*Maria Isabel Gutiérrez Chávez*

**Parte 1 – Experiências docentes em Expedição Pedagógica**

**Experiencias docentes desde un encuentro  
iberoamericano** 25

*Silvia Huaccha Abanto*

*Rosa Villanueva Huamán*

*Isabel Gutiérrez Chávez*

**REDEALE e REDENU em Expedição Pedagógica:  
apontamentos de uma pesquisa** 45

*Isabele Cristina Fonseca Ramos*

**Parte 2 – Formação entre docentes de coletivos latino-americanos**

**Escrita narrativa como processo formativo: diálogos  
entre professoras/es de redes e coletivos docentes** 73

*Danusa Tederiche Borges de Faria*

**La producción de cartas para la comunicación con la participación de alumnos de quinto grado de la IE “Juan Pablo II” y Armando Leão Ferreira de São Gonçalo” de los países Perú – Brasil 2015** 95

*María Sabina Abanto Abanto*

*Jenny Elizabeth Correa Ruíz*

*Rocío Milagros Valencia Vasquez*

### **Parte 3 – Memórias da quarentena: diálogos entre Brasil e Peru**

**Janelas da quarentena: experiências latino-americanas de formação entre docentes do Brasil e Peru** 107

*Mairce da Silva Araujo*

*Danusa Tederiche Borges de Faria*

*Jane Marchon Cordeiro Celestino*

*Roberta Dias de Souza*

**Narrativas da cápsula do tempo: afetar é construir memórias** 131

*Larissa de Araujo Aguiar*

*Maria Martinha Barbosa Mendonça*

*Regina Aparecida Correia Trindade*

**¿Qué haría Freire en medio de la pandemia?** 145

*Blanca Roxana Gallardo Correa*

*Silvia del Rosario Huaccha Abanto*

*Hortencia Villar Aquino*

**Una Luz de Esperanza** 155

*Esther Llatas Valdivia*

*Rosario Ramos Dávila*

*Anita Bardales Manyá*

*Yhina Bardales Torres*

<b>Pegando o tambor e o ganzá: utopias pedagógicas em tempos de incerteza</b>	<b>171</b>
<i>Mairce Araújo</i>	
<i>Daniel Oliveira</i>	
<i>Amanda Pestana</i>	
<i>Stephani Rocha</i>	
<b>La educación libertadora de Freire centrada en la pregunta como base para el diálogo</b>	<b>189</b>
<i>Rosa Villanueva Huamán</i>	
<i>Elizabeth Zavaleta Chang</i>	
<i>Rosario Ramos Dávila</i>	
<i>Enrique Aguilar Rojas</i>	
<b>Cartas, pedidos e relatos: implicações do cenário pandêmico nos cotidianos docentes</b>	<b>203</b>
<i>Alessandra da Costa Abreu</i>	
<i>Jennifer Silva</i>	
<i>Phellipe Patrizi Moreira</i>	
<b>Vida y educación en tiempos de pandemia</b>	<b>219</b>
<i>Judith Liliana Aliaga Tambo</i>	
<i>Miriam Bauman Gutiérrez</i>	
<i>Olga Adelina Soriano Torres</i>	
<b>As três faces do florescer</b>	<b>233</b>
<i>Jane Marchon Cordeiro Celestino</i>	
<i>Roberta Dias de Sousa</i>	
<i>Ruttyê Abreu</i>	
<b>Mirando desde Paulo Freire</b>	<b>245</b>
<i>Rosa Villanueva Huamán</i>	
<i>Luz Sánchez Vera</i>	
<i>Yhina Bardales Torres</i>	



<b>Dialogando desde el encuentro y la memoria</b>	<b>259</b>
<i>María Isabel Gutiérrez Chávez</i>	
<i>Henny Wenceslao Escalante Poma</i>	
<i>Lynne Zegarra Silva</i>	
<i>Esther Llatas Valdivia</i>	
<b>Entre cheiros, choros e chocalhos: as artes dos encontros em tempos pandêmicos – SARS COV - 19</b>	<b>277</b>
<i>Danusa Tederiche Borges de Faria</i>	
<i>Isabele Cristina Fonseca Ramos</i>	
<i>Maria Clara Rodrigues Fortes</i>	
<b>¿Qué siente un maestro en tiempos de pandemia?</b>	<b>291</b>
<i>Sabina Abanto Abanto</i>	
<i>Martín Bustamante Cabrera</i>	
<i>Rocío Valencia Vásquez</i>	
<b>Pós-fácio</b>	<b>299</b>
<b>Pensando encontros docentes na América Latina em tempos pandêmicos: o princípio esperança como força maior</b>	
<i>Maria Tereza Goudard Tavares</i>	
<b>Sobre os/as autores/as</b>	<b>309</b>

# Prefácio 1

**um possível deslocamento**  
(com outros)  
**ao prefácio deste texto feito de terra memoriada, habitada, cuidada,  
herdada e fecundada por nós,  
professoras  
da américa latina.**

**Produzindo *mingas***<sup>1</sup>  
como forma de manter o *entre* vivo... o *entre*, como encontro é o que faz a  
minga nesse livro: coletivo, amoroso, solidário, problematizador, não  
conformado, livre...

um livro *mingado* como uma convocatória ao que da nossa  
ancestralidade vive em nós, teima em nós, lampeja no nosso cotidiano  
abarroado de compromissos, risca sua letra no *intermezzo* da nossa  
experiência de fazer juntas e produzir memória entre professoras,  
entre povos,  
entre fronteiras,  
entre práticas políticas,  
entre escritas que diferem...

apostar ao bando como suporte para esse livro, e abrir suas páginas  
ainda se escrevendo no tempo presente de uma pandemia que,  
ao nos colocar de pernas para o ar,  
paradoxalmente,  
nos colocou as mãos no chão... na terra... nas escolas...

\*

**forçando conexões**  
que fazem ver e falar aquilo que de incomensurável e imparável  
produzimos nas escolas,  
atendendo ao que o presente nos demanda como força política, nos  
movendo como linhas de uma trama que se tece no chão.

---

<sup>1</sup> In: <https://www.redalyc.org/journal/1710/171059649010/html/>.

Trama rizomática que ora emerge na superfície dos afetos para permitir que cada uma de nós, professoras da América Latina, se produza apenas singular porque é no coletivo, no bando.

Conexões que não são dadas *a priori* nem emergem na tranquilidade dos gabinetes isolados. Conexões que foram se forçando a partir de expedições pedagógicas, leituras, encontros, viagens... trama viva de um querer estar juntas.

viva Jacqueline Moraes nisso!

**provocando experiência**

como um acontecimento que sem ser buscado, ainda, é sempre teimado.

A experiência exige certa teimosia,

certo arrebatamento,

certa jogada que não se espera,

certa audácia que se escreve no entre: alguma coisa acontece em nós quando se abre o entre e deixa criar diferença.

Diferença só se produz

**agenciando coletivos**

que apostam na narrativa da formação como possibilidade política de criar um plano em comum para fazer da nossa própria caminhada, o problema que instiga qualquer investigação.

Nossas próprias trajetórias de coletivos latino-americanos de professoras como expressão da nossa potência de agir:

afetadas e entre nós,

colocamos nossas vidas (nossas práticas, nossas investigações) em

consonância com a alegria de viver,

o que força a luta dos coletivos,

e,

talvez,

fissure (no mínimo) o mundo que se apresenta como intransponível.

**escrevendo narrativas,**

cartas, anotações, bilhetes, diários não com a intenção de representar o que se acontece entre a vida e o mundo,

entre nossas perguntas e suas possíveis respostas,

entre nossos problemas e suas supostas soluções.

Escrever para trocar,

para (en)tramar,

para criar língua que suporte sua própria estrangeiridade,

que dissolva as gramáticas prefixadas para dizer sobre nós mesmas,

que suspenda a opinião rápida e plesbicitária do contemporâneo,  
que aposte nos deslocamentos e que acolha nossas intempestivas faltas  
de palavras para narrar o presente...

**conversando**

tecemos *memorias da quarentena* como projeto apalavrado,  
como projeto inventor de dispositivos em forma de rodas remotas que  
não por isso deixam de ser presenciais:

como fazer uma roda de conversa entre Brasil e Perú alargada e  
materializada numa tela que se abre no computador anunciando que há  
alguém aqui pra falar?

Como cuidar dessa tela que –paradoxalmente- cuida da conversa?

**abrindo janelas**

que piscam e atravessam em um certo *portunhol* a literalidade dos  
problemas, desafios e apostas...

janelas que não se importam com os gaguejos,

o tateio,

as confusões e a dificuldade de certo entendimento instrumental do  
português e do castelhano.

Pelo contrário, janelas que se importam com a afetação, com a  
sensibilidade e com a troca que a relação com o desconhecido nos  
possibilita.

**escutando perguntas**

como gesto suspenso ante o falatório comum desses tempos,  
para então,

costurar o silêncio como parte do relato e o esquecimento,  
como parte do exercício da memória.

**Parindo utopias,**

disso se trata,

talvez,

essa minga- livro coletivo entre a REDENU, a REDIÁLOGOS e a  
REDEALE.

**Anelice Ribetto**

*Faculdade de Formação de Professores  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

## Prefacio 2

Durante nuestro andar pedagógico siempre nos encontramos con situaciones de aprendizaje que muestran que el hilo del conocimiento va creciendo constantemente, pero, sobre todo que se va entretejiendo con el conocimiento de otras personas para ser parte de un tejido de conocimiento pedagógico que refleja nuestro ser maestro o maestra.

Este que hacer nos da la obligación pedagógica de abrir nuevas rutas para encaminar a los estudiantes por el sendero del aprendizaje constante, autónomo y principalmente humano, porque de esa forma podremos sostener que estamos formando seres humanos, sin olvidar el carácter holista que implica. En ese que hacer está inmersa la investigación como parte de nuestra labor pedagógica para abrir nuevas rutas de aprendizaje que respondan al contexto real y a partir de allí generar cambios necesarios para la sociedad. Ya lo sostenía Freire cuando señalaba que “no hay enseñanza sin investigación, ni investigación sin enseñanza”.

Precisamente, lo que nos muestra este libro son experiencias de aprendizaje producto de la reflexión e investigación pedagógica orientado a generar una educación más humana, teniendo en cuenta el pensar y sentir del otro, sin olvidar el contexto que nos toca vivir.

En un primer escenario, las páginas del libro nos muestran el quehacer investigativo de profesores de Perú reflejado en las experiencias que se compartieron en el VIII Encuentro Iberoamericano realizado en México el año 2017, donde se evidencia que la participación en redes y colectivos permite comprender que los problemas educativos son comunes y que una forma de abordarlos es a través de la investigación y reflexión pedagógica, pero no de manera aislada y privada, sino interrelacionada y visible. Además, el mismo proceso de organización, ejecución y evaluación del encuentro permite seguir aprendiendo y enriqueciéndonos como maestros y maestras, ya

que no solo se comparte aspectos académicos, sino también sociales, vivenciales, espirituales y culturales. Asimismo, se muestra experiencias del IV Encuentro Nacional del Colectivo Peruano de docentes que hacen investigación e innovación desde la escuela y su comunidad, realizado en Cajamarca, Perú el año 2019; donde se confirma la importancia de estos espacios para el fortalecimiento y crecimiento profesional pensando en una educación que enseñe al hombre a pensar, pero a pensar a partir de su contexto, también se remarca el origen del colectivo en el Perú, sus principios, desarrollo y objetivos que se van construyendo hasta este momento.

En el segundo escenario, nos encontramos con una experiencia pedagógica de interaprendizaje entre dos países hermanos (Perú y Brasil), donde se evidencia que, docentes y estudiantes pueden generar lazos pedagógicos que conllevan a construir saberes desde y para el contexto no solo local, sino global. Si bien es cierto, el libro nos muestra una experiencia de ello, también nos abre la posibilidad de buscar y crear estos espacios de interaprendizaje desde el contexto local, regional, nacional e internacional y de esa manera abordar el aprendizaje de los estudiantes ya no desde una sola mirada, sino de dos, de tres o de muchas miradas, de modo que se comprenda la construcción social e intercultural de los aprendizajes.

En el tercer escenario del libro nos muestra la perspectiva de la educación en el contexto de la pandemia originada por la COVID-19 desde las voces de sus autores, que a pesar de las fortalezas y limitaciones con la cual se enfrentaron en su quehacer pedagógico han seguido guiando y orientando a sus estudiantes. En este apartado denominado *Memorias de cuarentena*, los maestros y maestras de Perú y Brasil evidencian la problemática educativa (que se visibilizó aún más por la pandemia) desde al ámbito político, social, económico, cultural, etc., y que dicho sea de paso son similares; asimismo reflexionan este quehacer pedagógico en el contexto de la pandemia desde la perspectiva de Paulo Freire donde ponen en vigencia sus propuestas orientadas en el amor, esperanza, contexto, humanidad, etc. También encontramos en

este escenario, la evidencia de que(una vez más) la labor de ser maestro o maestra, no solo se reduce a la hora de sesión de clase o a entregar informes administrativos para justificar el trabajo, sino que va muchos más, y que, en esencia, nuestra labor está orientada a formar un tipo de estudiante, pero un estudiante que sea capaz de dejar sus intereses personales frente a los colectivos, y es precisamente en esa labor donde como maestros y maestras nos regulamos, nos construimos y nos reconstruimos.

Este libro permite comprender y reafirmar que nuestra labor de ser maestro o maestra se va tejiendo y entretejiendo desde la investigación, los encuentros, los colectivos, las redes, las comunidades de interaprendizaje, el intercambio de experiencias, el diálogo, la reflexión, la lectura, etc., pero sobre todo en el compartir de pensamientos y sentimientos pedagógicos.

***Jhon Richard Orosco Fabian***

*Red de Docentes que Aprenden, Investigan y Comparten.*

*Tarma, Perú.*

## Apresentação

El presente libro es una experiencia que queremos compartir desde aquello que representa la voz y la palabra, entre el diálogo y encuentro de redes de maestras, maestros y profesionales, desafiados por fortalecer la memoria, desde la escuela y la historia latinoamericana marcada por grandes desigualdades. Reconocernos maestros y alumnos a la vez fue el secreto mágico de este camino.

Para compartilhar algumas vielas, atalhos, curvas e retas do caminho mágico, que nos levou à produção da presente obra, entendemos ser importante recuperar uma metodologia que vimos tecendo desde 2015, quando as redes de coletivos docentes brasileira e peruana iniciaram suas primeiras interlocuções. Uma metodologia que inspira a própria apresentação deste livro, que acontece sob forma de um diálogo bilingue: ora em português, ora em castelhano, a partir de uma escrita coletiva, com muitas mãos, envolvendo as professoras participantes / coordenadoras das redes.

Nossas interlocuções começaram em 2015, no entanto, as experiências compartilhadas no livro tem seu tempo histórico dentro do período 2018-2020. Das muitas histórias e memórias construídas coletivamente na profícua parceria dos coletivos: REDEALE (Brasil) e REDENU (Peru), selecionamos dois projetos de *pesquisa formação* para serem aqui narrados, em busca de contribuir para a reflexão sobre a potência da formação docente entre pares e o caráter instituinte dos movimentos coletivos. O primeiro projeto, que aconteceu durante o ano de 2018, envolveu a produção de escritas narrativas docentes sobre experiências pedagógicas compartilhadas através de cartas e/ou pessoalmente em uma Expedição Pedagógica realizada em Huncayo-Peru. Cartas que se constituíram *corpus* de uma pesquisa de mestrado. O segundo projeto aconteceu no ano 2020, sob o impacto da pandemia causada pelo SARS-Cov 19 que resultou em medidas de



isolamento social, reconfigurando cotidianos, vidas e projetos. Diante de tal cenário, as redes brasileira e peruana, que já mantinham diálogos virtuais regulares, aproximaram-se ainda mais em busca de *pensar fazer* uma educação libertadora e crítica no contexto pandêmico. Começava assim o projeto denominado “Memórias da quarentena: um diálogo entre Brasil e Peru”, que durante sua realização agregou mais uma rede peruana aos diálogos: a REDIÁLOGOS.

El libro dividido en tres capítulos refiere, en el primero de ellos “Experiências docentes em Expedição Pedagógica” aborda experiencias docentes que desde el proceso de enseñar y aprender reconocen en la investigación e innovación pedagógica un claro proceso de formación y autoformación. El primer texto de este capítulo lleva por título: “Experiencias docentes desde un encuentro iberoamericano”, redactado, por Silvia Huaccha Abanto, Rosa Villanueva e Isabel Gutiérrez quienes recogieron el sentir de los miembros de la Red Desenredando Nudos de Cajamarca, Perú con relación a su experiencia formativa y profesionalizadora que representa un *“Encuentro Iberoamericano de Redes y Colectivos de Maestras y Maestros que Hacen Investigación e Innovación desde la Escuela y Comunidad”*. Los sentires de la red, acercan a pensamientos vivenciales de lo que significa construir el aprendizaje desde la práctica pedagógica e investigativa en la escuela y en la comunidad. Experiencia que se ha ido construyendo a lo largo de varios años y que hoy representa un movimiento pedagógico que motiva a maestras y maestros latinoamericanos. Es así, como los *“Encuentros Iberoamericanos de Redes y Colectivos de Maestras y Maestros que Hacen Investigación e Innovación desde la Escuela y Comunidad”* representan una ferviente celebración de un proceso andado de reflexión, escritura e investigación desde la experiencia educativa dentro del aula. Investigación que pasa a constituirse como parte de este andamiaje literario de la historia de nuestros pueblos y comunidades, capaz de reescribirse con la esperanza de sociedades más justas, humanas y con las mismas oportunidades para todos.

No segundo texto do primeiro capítulo *REDEALE e REDENU em expedição pedagógica: apontamentos de uma pesquisa*, Isabele Ramos, recupera sua dissertação de mestrado que tem como centralidade uma investigação sobre a formação docente na perspectiva da Expedição Pedagógica, movimento originado na Colômbia na década de 1980 e que vem sendo vivenciado em diversos países da América Latina. Dialogando com três professores/as peruanos/as participantes da Expedição Pedagógica, que aconteceu em 2018, na cidade de Cajamarca-Peru, a autora sinaliza como tal movimento contribui para o fortalecimento e disseminação de práticas educativas que lutam por uma América Latina mais forte, democrática, libertadora, crítica, como defendida por Paulo Freire.

No segundo capítulo, “Formação entre docentes de coletivos latino-americanos”, trazemos dois artigos, um escrito em português por uma docente brasileira e o outro, escrito em espanhol, por três docentes peruanas. Os dois artigos, abordam a experiência vivida em parceria nos anos de 2015 e 2018, que envolveu a troca de correspondência entre professoras/es e crianças brasileiras e peruanas. Trazemos assim o artigo de Danusa Tederiche, “Escrita narrativa como processo formativo: diálogos entre professoras/es de redes e coletivos docentes”, que reúne diálogos entre os dois coletivos docentes: brasileiro e peruano, abordando em suas interlocuções, experiências pedagógicas vividas por docentes em seus próprios contextos de trabalho. Trata-se de um texto fruto da dissertação de mestrado da autora, que referencia o projeto ocorrido em 2018, onde professoras e professores de ambos os países- Brasil e Peru- trocaram narrativas e cartas escritas a partir de suas vivências. Esses textos compõem um importante arquivo de pesquisa, pois além de resultar na publicação de trabalhos acadêmicos, registram os caminhos metodológicos trilhados por essas respectivas redes de docentes que buscam forma-se continuamente entre pares.

El segundo artículo se refiere a experiencias investigativas, que nacen en el seno del diálogo entre dos redes de maestros, La REDENU (Cajamarca) y la REDEALE (Río de Janeiro), dos idiomas,

la voluntad de las maestras y la necesidad comunicativa materializaron el proyecto: “La producción de cartas, para la comunicación con la participación de alumnos de quinto grado de la I.E: ‘Juan pablo II’ y ‘Armando Leão Ferreira de São Gonçalo’” de los países Perú-Brasil en el año 2015. Esta experiencia narra un camino comunicativo impregnado de emociones y esperanzas en el enviar y recibir una carta que hace volar un mensaje a través de los miles de kilómetros de distancia, entre Cajamarca y Río de Janeiro. Por su parte, la ilusión de un encuentro presencial y el conocerse sobre la marcha, encaminó cada experiencia de escribir entre los estudiantes. Fue sin duda, otra forma de aprendizaje, más cercano al sentimiento, a lo real, a la vida misma.

El año 2020 marcó un hito en la sociedad contemporánea, la covid-19 paralizó el mundo entero, un virus altamente peligroso dañino y muy fácil de contagiar dejó varado cada proyecto de futuro que a nivel personal y colectivo se había pensado. Todo el trabajo quedó sesgado al uso de la tecnología y una mascarilla como instrumento de protección. Sin embargo, fue la cuarentena lo que motivó la experiencia narrada en el tercer capítulo del libro y tomando a Freire como referencia, las redes REDENU y REDEALE, se encausaron en la escritura y reflexiones del proyecto “Memorias de Cuarentena” cuyo resultado son textos cargados de emociones, sinsabores y reflexiones de aquello que iba dejando la pandemia a su paso. La experiencia organizativa, de trabajar desde el colectivo abrió la puerta a la formación de una nueva red, llamada reDiálogos cuyos textos son parte de este tercer capítulo.

No terceiro Capítulo Memórias da Quarentena: diálogos Brasil-Peru trazemos um primeiro artigo denominado “Janelas da quarentena: experiências latino-americanas de formação entre docentes do Brasil e Peru escrito por Mairce Araujo, Danusa Tederiche, Jane Marchon e Roberta Dias e também publicado na revista “Inter – Ação”. Tal artigo teve como objetivo problematizar os efeitos do contexto pandêmico, socializando parte do projeto abordado neste livro. Em seguida apresentamos os artigos produzidos no bojo do projeto gestado no diálogo entre os coletivos

REDENU, reDiálogos e REDEALE, durante a pandemia Covid-19, no ano de 2020, em resposta aos desafios sobre a prática docente por ela demandado, trazendo novas necessidades de compartilhamento das experiências vividas pelos dois coletivos. Continuamos este capítulo com mais cinco artigos escritos em português por dezesseis docentes e estudantes brasileiros/as e sete artigos, escritos em espanhol, por dezenove docentes peruanas/os. Los siete textos peruanos fruto de la experiencia “Memorias de cuarentena Brasil-Perú” los mismos que han seguido un proceso metodológico marcado de lo individual a lo colectivo, desde un proceso de lectura entre pares y reflexión del conjunto entre las redes Desenredando Nudos y reDiálogos.

Em "Narrativas da cápsula do tempo: Afetar é construir memórias", artigo de Larissa de Araujo Aguiar, Maria Martinha Barbosa Mendonça e Regina Aparecida Correia Trindade, as autoras tomam a questão do tempo, abordando-a por vários pontos de vista, para refletir sobre a experiência pandêmica. Defendem que, ao produzirem história, produzimos também memórias sobre este tempo. E encontram no *esperançar freiriano* possibilidades de resistir aos invernos, aos frios, aos vírus em busca de um aquecer-se nos foguinhos latino-americanos que permitem manter nossa humanidade.

El texto, que responde a la pregunta “¿Qué haría Freire en medio de la pandemia?” escrito por Silvia Huaccha, Blanca Gallardo Correa y Hortencia Villar; muestra una reflexión de tres maestras cuya experiencia confluyó en una escultura, un cuento y el relato desde el acompañamiento a maestros y maestras hacia la virtualidad educativa.

El texto “Una luz de esperanza”, escrito por Esther Llatas, Rosario Ramos, Anita Bardales y Yhina Bardales relata de manera muy dinámica un video dramatizado por dos maestras del diálogo creado entre Paulo Freire y Pepe Mujica, este texto es matizado con reflexiones muy personales entorno a cómo han vivido la pandemia desde el ámbito personal y laboral.

No artigo intitulado “Pegando o tambor e o ganzá – utopias pedagógicas em tempos de incerteza”, Mairce Araujo, Daniel

Oliveira, Amanda Pestana e Stephani Rocha, trazem narrativas sobre as experiências pandêmicas produzidas por três professores e uma estudante de graduação, todo/as do ensino público, em busca de realçar a experiência histórica vivida, diante dos tempos de incerteza.

El texto: “La educación liberadora de Freire centrada en la pregunta como base para el diálogo”, con la autoría de Rosa Villanueva, Elizabeth Zavaleta, Rosario Dávila, Enrique Aguilar, combina diferentes reflexiones con relación al tiempo de pandemia, es un texto muy creativo entre preguntas y respuestas de lo que haría Freire en tiempos de pandemia, además de la reflexión desde el aula y la mirada freiriana como un punto de vista más académico.

Em “Cartas, pedidos e relatos: implicações do cenário pandêmico nos cotidianos docentes”, Alessandra Abreu, Jennifer Silva e Phellipe Patrizi, as autoras e o autor revisitam suas narrativas - duas cartas e um relato - produzidas para o projeto “Memórias da quarentena”. Traçando um panorama da situação brasileira, diante do enfrentamento da pandemia da covid-19; refletem sobre as implicações da pandemia para o cotidiano docente. A transposição da sala de aula física para a sala de aula virtual, as angústias da professora e do professor da escola básica diante dos desafios do ensino remoto e da sobrecarga de trabalho são contempladas no artigo.

El texto: “Vida y educación en tiempos de pandemia” elaborado por Liliana Tambo, Miriam Baumann y Olga Soriano, combina un poema denominado el abrazo y dos narrativas que refieren a la vida y a la salud en tiempos de pandemia. Igualmente, muestra un análisis de las emociones que surgen del temor y la esperanza en un tiempo de oscuridad.

As autoras Jane Marchon Cordeiro Celestino, Roberta Dias de Sousa e Rutyê Abreu dividem o artigo “As três faces do florescer”, em três seções: semente, broto e flor traçando um paralelo com as mudanças e sensações trazidas pela pandemia da COVID-19. Como semente, as autoras identificam as mudanças bruscas e repentinas na rotina, como broto, abordam a necessidade de buscar saídas e formas de fazer a educação acontecer na pandemia, e como

flor, abordam a necessidade de reencontrar caminhos para a lida e a vida docente. Durante todo o texto, as autoras dialogam com as crianças de suas turmas, para narrar sobre esta fase que se mostra infinita, porém esperançosa.

El texto “Mirando desde Paulo Freire” escrito por Rosa Villanueva, Luz Sánchez y Yhina Bardales narran cómo la pandemia motivó la creatividad e inspiración desde poemas que expresan el sentir humano frente a lo que significó la pandemia, además del reflejo de pensar en que algo no está funcionando bien ni en la escuela ni en el mundo.

El texto “Dialogando, desde el encuentro y la memoria”, escrito por Lynne, Henry, Esther e Isabel es una mixtura de experiencias y sentimientos de la pandemia dentro del ámbito laboral, marcado por impresiones muy personales en vista de reflexionar un tiempo vivido.

As autoras Isabelle Ramos, Danusa Tederiche e Maria Clara Fortes produziram o artigo, “Entre cheiros, choros e chocalhos: as artes dos encontros em tempos pandêmicos”, contemplando dois momentos; no primeiro onde destacam experiências vivenciadas na pandemia que ao mesmo tempo que causaram sofrimento, também promoveram deslocamentos na reconstrução de suas rotinas. Já no segundo momento, entre cheiros, choros e chocalhos, as autoras exercitam a arte do encontro, e da troca de experiências, na busca por *pensarfazer* uma educação latino-americana mais justa e democrática, no desafio de viver em tempos pandêmicos.

El texto “¿Qué siente un maestro en tiempos de pandemia?” escrito por Sabina Abanto, Martín Bustamantey y Rocío Valencia, relata la experiencia de dos maestras que de manera muy particular expresan desde diferentes emociones lo vivido dentro del ámbito laboral y lo que significa un reto desde la virtualidad.

La vida se afianza en el tiempo, pero es el tiempo el que no podemos retroceder, porque si eso sucedería, quizás dejaríamos de hacer cosas y las haríamos de otra forma. El pasado y el futuro representa esta magia de ser el hoy y es como coloquialmente decimos: “una vida bien vivida”, Jacqueline Moraís maestra brasileña

promotora incansable de esta experiencia, fue una luz permanente en este andar entre letras y reflexiones. Partió anticipadamente, pero nos dejó esta herencia: la motivación del encuentro el diálogo y la escritura, que hoy tenemos el gusto de compartir.

Jacqueline Presente!

*Mairce Araújo e Isabel Gutiérrez*  
*Coordenadoras da REDEALE e REDENU*

# **Parte 1 – Experiências docentes em Expedição Pedagógica**





## Experiencias docentes desde un encuentro iberoamericano

*Silvia Huaccha Abanto,  
Rosa Villanueva Huamán  
Isabel Gutiérrez Chávez<sup>1</sup>*

*Los hombres no se hacen en silencio,  
sino en la palabra, en el trabajo,  
en la acción, en la reflexión*  
Paulo Freire

Sabemos que como seres humanos somos gregarios por naturaleza, que nacemos, vivimos y nos desarrollamos como parte de un grupo. Por ello, existen un sin número de agrupaciones de: amigos, estudiantes, profesionales y trabajadores de diferentes áreas que comparten objetivos, metas, sueños e intereses y se reúnen con sus pares para reflexionar de manera alturada su quehacer cotidiano. Esta tarea tiene la finalidad de socializar experiencias, dudas y meditaciones para enriquecerse mutuamente, mejorar su práctica o quehacer educativo y tomar decisiones de manera participativa. De allí que, los maestros y educadores de la Red Iberoamericana conformada por colectivos y redes de maestros, maestras y educadores de: España, México, Brasil, Argentina, Colombia, Perú y Venezuela, han organizado el VIII Encuentro Iberoamericano en Morelia, Michoacán, México, cuyo lema fue: *Tejer sentido y realidad: visibilizar prácticas y saberes pedagógicos construidos desde las redes de maestros/as, educadores/as que hacen escuela y comunidad*. El presente documento busca narrar y reflexionar la experiencia de este encuentro iberoamericano, en el

---

<sup>1</sup> Compiladoras del sentir de maestras de la Red Desenredando Nudos, que participaron del VIII Encuentro Iberoamericano de saberes pedagógicos, México 2017.

marco de constituir una fuente de aprendizaje y formación desde la práctica investigativa y nuestro ser maestros.

La Red Iberoamericana o Red de redes tiene como objetivo fomentar la investigación para la transformación e innovación en la escuela y la comunidad, buscando intercambiar propuestas pedagógicas entre pares y de manera colectiva a través de encuentros internacionales que se realizan cada tres años en las diferentes sedes de los países iberoamericanos que la conforman. El último encuentro se realizó en el mes de julio del año 2017 en México, entre los días 10 y 21. El propósito fundamental del indicado evento, entre otros fue: “Visibilizar procesos de producción y socialización de saberes pedagógicos construidos por los maestros y educadores de sus escuelas y comunidades”.

A nivel de Perú es el COPREDIIEC (Colectivo Peruano de Redes de Maestros y Maestras que hacen Investigación e Innovación desde su Escuela y Comunidad) el organismo que agrupa a las redes de maestros del Norte, Centro y Sur del Perú. La Red “Desenredando Nudos” con sede en Cajamarca es parte de la Red del Norte del Perú y está conformada por maestras y maestros que dentro de sus actividades primordiales buscamos: generar espacios de diálogo, encuentro, reflexión y formación pedagógica; Así como, promover la investigación e innovación desde la Escuela y Comunidad porque reconocemos que estos espacios son ricos en experiencias educativas y necesitan ser compartidas y dialogadas para construir una práctica pedagógica colectiva que apunte a la transformación de la persona.

Cabe mencionar que la REDENU -haciendo referencia a su acrónimo- nace luego del VII Encuentro Iberoamericano realizado en la ciudad de Cajamarca en año 2014. Evento que sirvió de inspiración y motivación a un grupo de maestras y maestros cajamarquinos que asumieron el compromiso de gestar una red que apuesta por una educación transformadora desde la escuela. La REDENU se fue consolidando en lo cotidiano de la experiencia de reflexión pedagógica, desde el ser maestro, el diálogo y el acompañamiento con la REDEALE (Río de Janeiro-Brasil), los

Encuentros Nacionales y las experiencias de investigación e innovación desde la escuela y comunidad.

De lo mencionado anteriormente y desde nuestra experiencia, al tener la oportunidad de ser partícipes del VIII Encuentro Internacional de México, podemos afirmar que este es un espacio formativo de interaprendizaje colectivo, rico en experiencias pedagógicas, por lo que nos planteamos la siguiente pregunta, ¿Qué elementos nos permiten hacer esta afirmación?

Para contestar esta interrogante detallamos algunos aspectos que permiten acercarnos a esta verdad:

## **1. La investigación educativa como proceso de reflexión del maestro**

La investigación educativa constituye la piedra angular en la que se cimienta la Red Internacional y de igual manera las redes y colectivos de los países que la conforman. Los maestros, maestras y educadores tienen como labor primordial la investigación educativa de la realidad del aula y del que hacer de las escuelas como parte de las comunidades donde se desenvuelven, sin dejar de lado el contexto y los problemas que la aquejan. Es por ello que se reconoce la importancia que tiene la investigación educativa para la mejora de la práctica docente y porque de ella surgirán las innovaciones. Manzano-García (2015) “manifiesta que la investigación educativa contribuye a la renovación en pro de una mejora de las actuaciones llevadas a cabo en los procesos de enseñanza-aprendizaje.” (p. 6).

La investigación es un proceso de indagación que emplea el método científico, con la finalidad de generar nuevos conocimientos a la luz del uso de teorías y leyes científicas que permiten dar explicaciones y proponer soluciones a problemas sobre el proceso pedagógico que se va desarrollando en las escuelas, que luego van a repercutir en las comunidades, creando ciencia y no pseudociencia. Al respecto, Toledo y Otros (2019) dirán: “La Ciencia es un sistema ordenado de conocimientos estructurados que estudia, investiga e

interpreta los fenómenos naturales, sociales y artificiales” (p, 1). La ciencia es un conjunto de conocimientos ordenados y estructurados sobre los hechos naturales, sociales y artificiales donde se ha priorizado la utilización del método científico. En tal sentido, la ciencia está ligada al proceso de investigación. De esta manera los trabajos que se presentaron en el VIII Encuentro muestran la construcción de la ciencia en cada una de los escenarios donde participan las y los maestros de los países iberoamericanos, dando origen a la innovación científica, considerando los tipos de investigación realizados según los enfoques que se emplean en todo proceso de investigación.

Un punto importante para considerar es que las maestras y los maestros de las redes y colectivos emplean mayormente la investigación acción, priorizando el enfoque sociocrítico basado en la reflexión después de la acción pedagógica, donde analizan desde la dimensión del sujeto, objeto y contexto sus realidades para proponer innovaciones pedagógicas que mejoren los aprendizajes en los alumnos y estos repercuten en las comunidades. Sobre la investigación acción Cabrera (2017) manifiesta, “Partimos por reconocer que este tipo de investigación representa una alternativa viable para dar respuesta a los problemas cotidianos y acuciantes que experimentan los docentes en el ejercicio de su tarea, con el fin de producir mejoras en sus prácticas educativas.” (p, 7). De acuerdo con lo mencionado, la investigación acción que desarrollan los maestros de las diferentes redes es una buena alternativa para fomentar la investigación y la innovación pedagógica. Se trata de una investigación transformadora de la realidad y la enseñanza, una actividad cuestionadora, reflexiva, contextualizada, participativa que articula la teoría y la práctica, el conocimiento y la acción” (Citado en Cabrera, 2017, p, 7). Por esa razón la educación requiere de propuestas o innovaciones que den soluciones viables para problemas concretos en realidades educativas bien estudiadas; lo rescatable son los intercambios de experiencias para poder enriquecer la práctica pedagógica, según las acciones de los diferentes profesores de Iberoamérica.

Los trabajos de investigación e innovación presentados en el encuentro Iberoamericano constituyen un abanico de múltiples temas, realidades, áreas disciplinares, nivel educativo, que hacen pedagógico y estilo de enseñanza, que los convierten en un auténtico ejemplo de prácticas y propuestas pedagógicas únicas que no se repiten en otra escuela, aunque tenga similares características, pues, cada contexto, cada estudiante, cada cultura, cada comunidad educativa y cada maestro son únicos y guardan una gran riqueza de saberes pedagógicos que los convierten en únicos e irrepetibles. Además, las investigaciones educativas realizadas por los maestros de las redes respetan la diversidad sociocultural de cada escuela y la comunidad donde se desarrolla la labor educativa; de tal manera, que sus propuestas pedagógicas son emancipadoras y liberadoras para la transformación de la sociedad.

Las redes convocantes de México 2017 manifiestan que “El Encuentro de la Red Iberoamericana pretende dignificar a las y los maestros y educadores como sujetos políticos, intelectuales y generadores de la cultura, pues son simultáneamente, investigadores de su práctica, productores de saber y transformadores de su entorno. Son ellos, en realidad, quienes aportan con sus saberes horizontes para la creación de nuevas políticas educativas” quedando claro que el rol fundamental del maestro, maestra o educador es propiciar procesos de investigación e innovación en y desde la escuela, denunciando prácticas domesticadoras y apostando por la construcción colectiva de propuestas transformadoras de la educación y de la sociedad.

Es importante mencionar que los trabajos de investigación e innovación se enmarcaron en los ejes temáticos considerados para el encuentro, los cuales son: (1) Pedagogías emancipatorias desde los saberes pedagógicos. (2) Pedagogía, territorio y territorialidad. (3) Formación de maestros y educadores en red y posicionamiento ético-político. (4) Interculturalidad en el horizonte de los saberes ancestrales y comunitarios. (5) Otras formas de ser gobierno y comunalidad. En ese sentido las redes convocantes al Iberoamericano de México manifiestan que “los ejes temáticos son las preguntas orientadoras de

las Mesas de Trabajo que permitirán el debate frente a los problemas que plantean las innovaciones e investigaciones en relación con su experiencia en la transformación de la educación”. Los trabajos que se presentan muestran cómo desde su práctica y experiencia innovativa e investigativa aportan a la transformación de la educación desde uno de los ejes planteados.

Las innovaciones educativas son un conjunto de propuestas pedagógicas que surgen en las redes de educativas con la finalidad de buscar soluciones a problemas comunes que comparten problemáticas similares. Jerez y Silva (2017) “[...] la innovación se entiende como aquel proceso intencionado y permanente al interior de la institución educativa, que pretende provocar transformaciones e impactos reales y positivos sobre: los aprendizajes de los estudiantes, el entorno y cultura institucional y la sociedad” (Citado en Gonzales y Cruzat, 2019, p. 5). En consecuencia, la innovación educativa es un propósito intencional de cada una de las instituciones educativas que busca realizar transformaciones frente a problemas concretos de su realidad. El eje central de las innovaciones educativas es la mejora de la enseñanza y el aprendizaje de los estudiantes.

Los trabajos de investigación realizados por los maestros de las diferentes redes y colectivos son una puerta de entrada al evento internacional, ya que la investigación es la esencia de la red y ser miembro de ella te invita a investigar, compartir tu experiencia y reflexionar sobre ella. La exposición de los trabajos de investigación educativa son las ponencias que cada maestro compartió para hacerse escuchar y escuchar al otro como protagonista de prácticas pedagógicas innovadoras que permiten la construcción colectiva de una educación emancipadora. Al respecto, la REDINE (RED DE INVESTIGACIÓN EDUCATIVA, revista científica de acceso abierto de la Universidad Centroccidental Lisandro Alvarado, Venezuela) dice que “una ponencia es el intento de los/as maestros/as y profesores/as por compartir con otros/as sus experiencias pedagógicas, las diversas formas de vivir y sentir la

educación, puestas en el juego de la escritura; una apuesta a descubrir, crear y recrear fugas a lo ya dado, a lo instituido”.

La REDENU se hizo presente en el encuentro Iberoamericano con la sustentación de trabajos de investigación realizados por sus integrantes, los que han tomado como referencia el contexto sociocultural de cada una de las escuelas donde ha investigado el maestro o maestra. Lo que permitió llevar las voces de los maestros y maestras de esta región del Perú que muchas veces sienten la necesidad de compartir su experiencia docente y saber que existe otra persona que los escucha, entiende, comparte sus anhelos, alegrías, utopías y frustraciones lo que impulsa a trabajar de manera más comprometida con los estudiantes y comunidades de nuestro terruño cajamarquino. Esto quiere decir que nuestras voces fueron escuchadas en México por otros integrantes de las diversas redes, lo que permitió la construcción colectiva de nuevos aprendizajes generados a través de espacios de diálogo. Una maestra integrante de la REDENU nos dice: *El Iberoamericano afianzó la investigación, innovación y creatividad en los docentes valorando el quehacer educativo desde las aulas para lograr aprendizajes significativos* (testimonio de Silvia Huaccha Abanto).

## **2. La lectura entre pares como proceso pedagógico de reflexión del conjunto**

La REDINE manifiesta que la lectura entre pares es “el ejercicio de leer los escritos de otros/as maestros/as y profesores/as, es una posibilidad de dialogar, en el aquí y el ahora, acerca de la educación y una manera alternativa para el intercambio de experiencias, el análisis y la reflexión colectiva”. Pues bien, leer a otros implica disposición y disponibilidad entre lectores que se acercan e interactúan horizontalmente reflexionando sobre las experiencias en las aulas. Es importante considerar la preparación para leer al otro y para ser leído, lo cual implica una constante interacción entre pares a fin de conseguir un encuentro muy cercano. Esto, a su vez, posibilita un acompañamiento mutuo, un



diálogo abierto y reflexivo y estar de acuerdo o no con la investigación realizada, para asumir una postura empática y solidaria, evitando la crítica destructiva. Más, por el contrario, se debe apoyar al maestro a reflexionar y encaminar su trabajo de investigación a la obtención de resultados.

Así, reconociendo la importancia de la lectura entre pares como un momento privilegiado de diálogo horizontal y encuentro con el otro, la REDINE, dice: Acerquémonos a la ponencia despojados de la intención de calificar o descalificar, intentando, en cambio, un ejercicio que nos induzca a la comprensión, interpretación y complementariedad de la visión que el ponente intenta presentar.

Con respecto a nuestra experiencia como REDENU, la realización de la lectura entre pares, permitió realizar un diálogo cercano, horizontal y de confianza entre los maestros. El diálogo crítico condujo a la reflexión sobre cómo se debe sustentar nuestra experiencia pedagógica para expresar nuestras voces sobre la importancia de la investigación realizada y que puede ayudar en la praxis de otros maestros. De allí que el diálogo se convierta en una práctica existencial y trascendental para el desarrollo del pensamiento crítico y la transformación de la realidad y de una permanente humanización de los hombres, como manifiesta Freire: “Si no amo el mundo, si no amo la vida, si no amo a los hombres, no me es posible el diálogo”.

Además, la lectura entre pares fue el primer paso que dimos para la participación en el evento internacional con la finalidad de conseguir la revisión, discusión y validación de las investigaciones de los maestros. Este proceso de retroalimentación mutua incluía momentos de reflexión y análisis de los trabajos realizados, para su presentación y sustentación en el Iberoamericano. El proceso de lectura entre pares se realizó a través de la formación de pequeños grupos que se iban intercambiando luego de la interacción dinámica de los maestros al interior de ellos. Cabe mencionar que los procesos de aprendizaje grupales potencian procesos de mediación que promueven la internalización de los aprendizajes. En este sentido, no

podemos dejar de mencionar la frase de Freire que demuestra la importancia de la interacción de las personas para conseguir aprendizajes: “Nadie educa a nadie, nadie se educa a sí mismo, los hombres se educan entre sí con la mediación del mundo”.

La lectura entre pares permitió que nuestros trabajos de investigación se fortalezcan y enriquezcan continuamente de manera colectiva porque se puede recibir y dar aportes y sugerencias sobre el texto para producir una nueva versión de él. Así, la REDINE manifiesta la innegable importancia de la lectura entre pares de la siguiente manera: “Como lectores/as, nos disponemos, entonces, a dejarnos seducir por los escritos de los/as maestros/as que se han arriesgado a dar permanencia a las huellas de su labor pedagógica, que nos muestran, en sus escrituras, redes de relaciones y las diferentes voces de la escuela, puesto que una vez que aceptaron la invitación a escribir se dispusieron a darle forma, lógicas, sentidos a sus experiencias investigativas, creando un estilo en sus escritos”. Una amiga y maestra de nuestra Red nos da su testimonio sobre el Iberoamericano de México: *He aprendido que el intercambio de ideas y experiencias entre maestros sirve para valorar más nuestro trabajo y seguir aprendiendo del otro* (testimonio de Rocío Valencia).

### **3. Las mesas de trabajo como encuentro formativo y de reflexión colectiva**

El diálogo entre todos los integrantes de las redes y colectivos que forman la Red Iberoamérica se da través de las mesas de trabajo que constituyen espacios de intercambio de experiencias y discusión transversal a partir de preguntas orientadoras sobre las prácticas pedagógicas innovadoras y transformadoras con la finalidad de conocer las propuestas que hacen los maestros de todos los rincones donde tiene presencia la Red internacional.

En estos espacios de diálogo abierto e intercambio de experiencias entre las distintos asistentes se iban presentando los trabajos de investigación o ponencias de cada uno de los participantes al encuentro internacional. Aquí se podía dialogar

sobre el quehacer de la escuela y la realidad de cada aula y contexto sociocultural. Era el momento de escuchar a los protagonistas e investigadores de su propia práctica pedagógica para generar un aprendizaje colectivo y mutuo, allí se podía escuchar la voz del otro,



**Imagen 01:** Grupo del trabajo en encuentro formativo.

**Fuente:** Acervo REDENU

un maestro como tantos los de Iberoamérica que se enfrenta a los problemas de sociales, económicos y políticos e intenta cambiar la educación, sin importar que sea de la ciudad o del campo, de una escuelita con todas sus comodidades o con múltiples carencias, desde el aula más pequeña hasta la más grande y equipada, desde una comunidad organizada hasta otras que no están. Lo que permite construir las bases de una pedagogía y educación propia, para la concreción de la educación emancipatoria. Este momento se complementa con los aportes y sugerencias de los demás asistentes a cada mesa de trabajo.

La organización de las mesas de trabajo de acuerdo a los ejes temáticos hace que los maestros compartan de manera más afín los temas de sus investigaciones. Consideramos que este espacio fue muy enriquecedor para la REDENU porque se pudo socializar y expresar la realidad de las escuelas de Cajamarca y el sentir de sus maestros en un espacio internacional. Además, reconocer que entre países hermanos tenemos problemas comunes como el maltrato al docente, la imposición de temas como la igualdad o equidad de género, el no respeto a la cultura, la violación a los derechos humanos (comunidades indígenas). Frente a esta situación, el reto de los maestros es mejorar la calidad educativa, alfabetizar a toda la población y cómo lograr que la comunidad se comprometa con la acción educativa. En las mesas de trabajo se han compartido

investigaciones educativas innovadoras desde los diferentes contextos; esto ha permitido nutrir nuestra práctica pedagógica y personal. La compañera de la Red nos dice: *Un espacio de interacción más íntima con los compañeros de otras redes en grupos más pequeños fueron las **mesas de trabajo**, donde se exponía, dialogaba y debatía sobre los trabajos de investigación presentados* (testimonio de Anita Bardales).

Es en las mesas de trabajo en donde se podía exponer en grupos más pequeños las experiencias educativas individuales de los participantes. Este espacio tuvo como principal ingrediente el aprendizaje intenso y el compartir experiencias porque permitió interactuar con los participantes de otros países, regiones y ciudades que conforman la Red Iberoamérica: estrechar lazos de amistad, hermanarnos, compartir saberes pedagógicos, dialogar sobre la situación educativa de cada país, intercambiar experiencias de investigación e innovación pedagógica y apostar por una educación emancipadora.

Un de los trabajos expuestos en las mesas de trabajo es sobre el respeto al medio ambiente para desarrollar la conciencia ecológica, cuyo fin es, que tanto estudiantes como adultos asuman compromisos y medidas para reducir la contaminación, como por ejemplo el proyecto desarrollado en la I.E. “Nuestra Señora de la Merced” de Cajamarca cuyo título es: “Alfabetizando el medio ambiente: reflexiones desde la institución educativa”. Pudimos ser testigos que trabajos similares fueron presentados por maestros de otros países en el Encuentro Iberoamericano. Reforzando así que el cuidado del ambiente es responsabilidad de todos porque el problema de la contaminación ambiental y el consiguiente deterioro de la capa de ozono y el cambio climático son problemas graves que afectan a toda la humanidad, sobre todo a los más pobres, como lo manifiesta el Papa Francisco en *Laudato Si'*: “El ambiente humano y el ambiente natural se degradan juntos, y no podremos afrontar adecuadamente la degradación ambiental si no prestamos atención a causas que tienen que ver con la degradación humana y social”. Además, el vivir en comunidad, en hermandad, en armonía con los hombres y la naturaleza es uno de los principios de la Red

Iberoamericana, demostrando así la importancia del buen vivir como aspiración de todos los maestros, maestras y comunidades.

#### 4. Los encuentros culturales, una muestra de nuestras raíces

Al finalizar el día, ya en la noche y para ‘cerrar con broche de oro’, durante cinco días, la formación pedagógica se vio fortalecida con un matiz intercultural por la presentación de diversos números artísticos y culturales que cada país se había esforzado en preparar y organizar para dar a conocer a los



**Imagen 02:** Actividad cultural en encuentro de maestros Iberoamericanos.

**Fuente:** Acervo REDENU

demás participantes la riqueza cultural de cada lugar de origen. Estas noches culturales permitieron expresarnos como somos, integrarnos como una gran familia de maestros iberoamericanos, reconocernos y valorarnos como culturas diversas que guardan raíces comunes y que nos unen como hermanos con un futuro alentador y con mucha esperanza de mejorar nuestra calidad educativa para ser partícipes de un cambio social y liberarnos de esta opresión neoliberal en la que vivimos. Fue estupendo ver cómo se sacaba a luz el talento artístico de los maestros y maestras que, a pesar de todas las dificultades, sinsabores y poco desarrollo de las inteligencias musical y corporal (en algunos casos) hicieron el mayor esfuerzo por demostrar que los maestros pueden vencer sus temores y asumir retos cuando se los proponen.

De manera especial, este evento trae a la mente el recuerdo de los arduos ensayos por aprender la coreografía de las danzas típicas, el entonar canciones o la recitación de algún poema que la Red de Cajamarca presentó para dar a conocer un poquito de

nuestra cultura. A su vez, permitió fortalecer el tejido social de los países participantes. La presentación de la REDENU fue asumida como un gran reto para la mayoría de maestros al demostrar que el aprendizaje no tiene edad, tampoco nivel de estudios o materia de enseñanza (matemática, arte, ciencias). Además, como maestros debemos considerar la inteligencia corporal como algo valioso para inculcar a los estudiantes y potencializar sus diversas habilidades. El más grande desafío, demostrar que, con entusiasmo, empatía y una dosis de motivación pudimos aprender los números artísticos.

Las noches culturales constituyen un estrechar las manos y un unir corazones, con el sentir profundo de todos los maestros y maestras asistentes al evento Internacional. También, un reconocimiento de nuestra esencia cultural, donde la diversidad, la pluralidad, la solidaridad nos hacen unirnos y hermanarnos como maestros, como personas de Latinoamérica con un pasado común y con un futuro esperanzador. Como pueblos hermanos, compartimos una cosmovisión, tradiciones, costumbres y manifestaciones artísticas que los maestros de los diferentes contextos de donde provienen, pudieron presentar para hacer gala de su propia cultura y mostrar al mundo su riqueza intercultural. Así mismo este evento hizo que se fortaleciera nuestra amistad desde un compartir de relaciones fraternas y solidarias hacia una perspectiva transformadora y liberadora que compartimos al ser miembros de la Red de redes. Otra compañera, integrante de la Red nos dice: *Aprendí que el amor a nuestra profesión hace hermanarnos y unir territorios, sin importar las creencias, las ideologías para afrontar los retos que nuestra carrera de docentes nos ofrece en las aulas* (testimonio de Olga Soriano).

## **5. Movimiento pedagógico andante que inspira la creación de redes**

Cada red o colectivo es un espacio único de encuentro, diálogo permanente y constante reflexión de la práctica pedagógica de nuestras aulas, de la realidad de nuestros estudiantes, padres de familia y de la comunidad en su conjunto, del contexto

sociopolítico y cultural de nuestro país. Las redes nos hermanan y humanizan a los que formamos parte de ella; allí podemos disfrutar de un momento de intercambio de prácticas pedagógicas, pensar de manera conjunta algunas situaciones del aula, asumir una postura crítica de la situación de país y de continente. Al hacernos una mirada introspectiva nos reconocemos que tenemos potencialidades y también dificultades porque como todo ser humano tenemos la posibilidad de equivocarnos en algunas ocasiones y no por ello dejamos de ser personas. Es así que al formar parte de la red tenemos una gran oportunidad de aprendizaje tanto a nivel académico como en el manejo de ciertas capacidades y habilidades (blandas y sociales), desarrollo de la creatividad y criticidad, sensibilidad para mirar a nuestros estudiantes y a nosotros mismos y así mejorar día a día. Pertenecer a la Red nos invita y motiva a estar en constante sinergia para acompañarnos entre los integrantes de la red para formar la gran familia de maestros del colectivo.

Si tenemos en cuenta el gran potencial de cada una de las redes que como un núcleo minúsculo desarrollan un sin número de interrelaciones, investigaciones educativas, escucha activa, empoderamiento de los maestros, compartir sueños, aprendizajes diversos, podemos imaginar lo que puede constituir el Encuentro Iberoamericano en donde asisten participantes de los siete países que conforman la Red Internacional. Es por ello que el VIII Encuentro Iberoamericano de México 2017 constituye un momento de mucha riqueza pedagógica, intelectual y cultural por la presencia de maestros y maestras de diferentes realidades de América Latina y de España que movilizaron todo su potencial para darlo a conocer a los asistentes al evento. A decir verdad, fue un privilegio haber estado presente en el compartir de todas las experiencias educativas expuestas porque contribuyeron a nuestro crecimiento como educadores y como personas.

Ser parte de una red nos ayuda a compartir en comunidad, a mejorar como personas y sobre todo como maestros ya que la influencia de los demás nos ayuda a mirarnos como somos, a crear

metas y planes en conjunto, a no sentirnos solos y abrir nuestros horizontes es un compartir de experiencias y consolidación de relaciones fraternas. Vivir en comunidad nos fortalece como maestros y es una necesidad humana, ya que el hombre por naturaleza necesita de la comunicación y ayuda de los demás. Reconocemos que la labor pedagógica es más fácil cuando tenemos cerca a las personas que comparten metas y aspiraciones, las mismas que nos ayudan a superar las dificultades. Pero, para ello es importante contar con un ingrediente ineludible que es estar dispuestos a dar lo mejor y mantener una actitud de ayuda y de solidaridad dentro del grupo.

Como maestros y maestras que formamos parte de la REDENU, luego de nuestra participación en el Iberoamericano de México y la evaluación que hicimos a nivel de grupo, reconocemos que nos ha permitido reflexionar el proceso de humanización y emancipación de las escuelas. El mayor desafío que se nos presenta como maestros es humanizar la escuela y la sociedad. De allí que es importante una comprensión individualista de nuestros estudiantes ya que cada uno es una compleja realidad y no impide poder abrazarlos porque son seres humanos y tienen un gran potencial tanto académico como emocional y espiritual. Se trata de desarrollar una práctica pedagógica donde se pueda activar el corazón, la mente y el cuerpo de los estudiantes para despertar la conciencia crítica.

Por otro lado, ser parte de un equipo de trabajo como es la Red Desenredando Nudos, nos hace cuestionarnos sobre nuestra labor educativa y a la vez entender que tenemos muchos retos por asumir, fortalecernos individual y colectivamente, caminar juntos a pesar de las diferencias, aprender a tolerarnos y aceptarnos tal como somos. Esta situación de tolerancia y convivencia la pudimos experimentar en los días en que estuvimos en México durante el tiempo que duró el Encuentro. Qué importante es conocer y valorar al compañero para animarlo y darle la mano, para recorrer juntos el camino en búsqueda de un fin común: la emancipación de nuestros estudiantes y la nuestra. Por ello, el Colectivo es una oportunidad que tenemos cada maestro para transformar al



mundo, con ideales de libertad y justicia desde el rincón donde nos encontremos los maestros, educadores o como personas que anhelamos un cambio en las estructuras de nuestros países.

Hacemos hincapié que es importante el desarrollo de las habilidades blandas para relacionarnos y comunicarnos de manera asertiva con los demás, desarrollando ciertos valores y rasgos que fomentan la parte emocional e interpersonal, en cualquier espacio donde nos encontramos. Sabemos que las diferencias son el matiz que nos hace ser únicos e irrepetibles, nos enriquecen y siempre van a existir porque son parte de la existencia, pero lo más importante es saber dialogar, consensuar, ser empáticos y tolerantes con las diferencias que encontramos en nuestras redes y en nuestra labor de maestros. La maestra Saby nos da su apreciación: *Aprendí que los sueños se hacen realidad y que nunca es tarde para aprender, solo tienes que proponerte y con esfuerzo y dedicación vencerás cualquier reto* (testimonio de Sabina Abanto Abanto).

## **6. Aprender del otro**

Cada uno de los momentos que tuvo la realización del Iberoamericano y los momentos previos a su desarrollo como país anfitrión es una suma de aprendizajes de unos a otros porque preparar un evento de esa magnitud conlleva a movilizar talento humano y recursos materiales. Vivos cómo los maestros de México sumaron esfuerzos a cada detalle para que salga dentro de lo previsto y lo consiguieron. A nivel de red, la interacción se dio como un espacio de mucho aprendizaje, partiendo de la preparación para estar presentes en cada una de las actividades programadas, elaborar los trabajos de investigación, comprar los pasajes, prepararnos para la noche cultural, solicitar permisos en nuestras escuelas y otras coordinaciones propias de un viaje a otro país, nos hicieron aprender que todos tenemos diversas habilidades y que se puede aprender del otro cuando uno tiene esa disposición de hacerlo. Por lo demás, caeríamos en redundancia al afirmar que en todos los momentos que nos tocó vivir como parte

del colectivo aprendemos con la mayor sencillez porque “todos aprendemos de todos” y eso nos da la energía para seguir adelante.

El estar presente en el Iberoamericano no solamente ha permitido fortalecernos profesionalmente sino también la parte amical por las pláticas y conversaciones entre los expedicionarios (asistentes al evento) que en algunos casos ya se conocían y se reencontraban luego de algunos años o era la primera vez que se conocían. En ambos casos, esta interacción hacía que nutran mutuamente su praxis de maestros, añadido a ello la interacción con el contexto sociocultural.

De igual forma, el encuentro Iberoamericano permitió despertar la conciencia crítica y la transformación de la sociedad como un camino desde nuestro rol de maestros o educadores. Entender que somos autores y actores sociales de nuestros destinos al permitirnos reflexionar sobre la propia práctica y la práctica de nuestros compañeros nos plantea el compromiso por la transformación social. Encontrarnos con otros docentes, conocer diversas estrategias, analizar distintos problemas permitió aprender de la diversidad y construir juntos la identidad latinoamericana a partir del reconocimiento de las características comunes, de los problemas compartidos y de marcos teóricos, principios y experiencias pedagógicas para la retroalimentación.

Hacemos mención que el VIII Iberoamericano de México fue el espacio para socializar la experiencia “Generando proyectos de investigación en estudiantes de la I.E. San Martín de Porres de Yanacancha Grande”, distrito de La Encañada, provincia y región de Cajamarca, donde los estudiantes logran realizar proyectos de investigación utilizando los recursos naturales de la zona; no solamente aprenden la investigación y alfabetización científica sino también adquieren actitudes científicas, creando una identidad local, regional y nacional. Además, despertó el deseo de generar una microempresa con los productos elaborados al término de su investigación. Experiencia desarrollada de forma libre para identificar el tema de investigación, no fue inducida, ya que después de observar el entorno, los estudiantes generaron sus

proyectos, evidenciando trabajo cooperativo y colaborativo además de generar la autonomía para tomar decisiones en las actividades propuestas por ellos mismo. Así como también, se demostró que les permitió mejorar su autoestima y calidad de vida al aprovechar los recursos naturales de su comunidad. Confirmado así que se puede realizar proyectos de investigación en zonas rurales partiendo del contexto o realidad de su comunidad para afianzar su identidad. “Al enseñar hay que partir de las necesidades e intereses de los alumnos, y crear primero la necesidad de saber y luego transmitir el conocimiento. Tenemos que fomentar la pasión por conocer, la curiosidad, que todos los niños y niñas manifiesten en algún momento de su vida, y que la escuela termina por apagar”, “...la escuela tiene que preparar para la vida, que se aprenda haciendo y no sólo leyendo o escuchando, y que el centro de la escuela debe ser el alumno...” (Delval, 2013).

Por otro lado, los encuentros iberoamericanos constituyen espacios de formación en donde los maestros de los países que los conforman tienen abierta la posibilidad de nutrirse profesionalmente de manera colectiva para desarrollar ideologías de liberación ya que, en tiempos actuales, a nivel de Iberoamérica estamos subyugados a políticas educativas nacionales esclavizantes que no hacen más que fomentar el atraso de nuestros países y la consiguiente opresión de los pueblos. Por lo que se busca una educación basada en la emancipación, donde el aula sea un verdadero intercambio de aprendizajes entre docente y estudiante a través de una pedagogía viva y transformadora de todos los aspectos de nuestras vidas: personal, democrático, político, social y cultural. Que estudiantes y docentes tengan voz y puedan tomar decisiones éticas en sus vidas y puedan asumir dos cualidades bien marcadas: denunciar las condiciones de opresión y anunciar la posibilidad de un mundo más justo. Es por ello que se hace imperativo que como maestros tengamos una comprensión histórica de nuestra relación con el mundo para transformarlo desde las diversas posibilidades de cada contexto ya que somos agentes sociales de cambio y no personas neutrales. Además, no se

puede negar la dimensión política de la educación, ya que América Latina se desangra por los diversos problemas que la aquejan por siglos; y, en estos últimos meses por la pandemia de la COVID-19. Una maestra de la red, Rosa Villanueva Huamán nos deja unas palabras sobre el encuentro: “El Iberoamericano de México 2017 marca un inicio y un fin en mi labor como profesora de escuela rural. Traje de vuelta a mi tierra muchos aprendizajes y muchos retos por asumir, el principal: desarrollar una educación vivencial con los estudiantes”.

En conclusión, el encuentro Iberoamericano fue un gran aprendizaje en muchos aspectos de la vida de un maestro. El reconocerse como seres humanos con diversas habilidades: artísticas, sociales, blandas o emocionales que pueden estar desarrolladas, en proceso de adquirirlas o que todavía no alcanza su madurez. Sin embargo, el empeño mostrado por los maestros demuestra que es importante que ellos desarrollen sus habilidades artísticas para promover en los estudiantes la creatividad, el arte, la sensibilidad; habilidades muy necesarias en los estudiantes para una formación integral. Sobre todo, es importante el poder asumir retos y desafíos, poder aceptar la frustración como algo propio de la vida y que te permite escalar más arriba; sobre todo, aceptando las dificultades que se nos presentan.

Afirmamos que el VIII encuentro iberoamericano realizado en México en el año 2017 fortaleció a la Red Desenredando Nudos al participar en las diferentes actividades de formación colectiva ya que promovieron la investigación e innovación pedagógica. Además, permitió consolidarnos como una red que busca nutrirse sobre nuevas prácticas pedagógicas y caminar juntos en la construcción de propuestas alternativas que van más allá de la escuela y sus fronteras y que se enriquece con la iniciativa comunitaria. Ello nos posibilita enfrentar el desafío de fortalecernos como Red que se reafirma como una instancia de formación y crecimiento profesional y sobre todo asumir que somos seres humanos con sus debilidades y fortalezas, que aprendemos a convivir y desarrollar nuestras habilidades sociales

como la tolerancia y el asertividad en la construcción de un mundo mejor.

Además, la experiencia pedagógica vivida en el Iberoamericano trajo como resultado el fortalecimiento pedagógico y formativo no solo a nivel personal sino como Red porque se reflexionó sobre nuestro compromiso por una educación emancipadora y liberadora que promueva la transformación de nuestras comunidades hacia la formación de pueblos con práctica de valores como la solidaridad y el respeto de su cultura e identidad a través de una educación crítica y reflexiva.

## Referencias

CABRERA, M. Liza. **La investigación-acción: una propuesta para la formación y titulación en las carreras de Educación Inicial y Primaria de una institución de educación superior privada de Lima**. Pontificia Universidad Católica del Perú. Lima. Perú, 2017.

SIERRA, V. G. **Liderazgo educativo en el siglo XXI, desde la perspectiva del emprendimiento sostenible**. Universidad Javeriana. Bogotá. Colombia, 2016. Disponible en: <http://www.scielo.org.co/pdf/ean/n81/n81a06.pdf>

TOLEDO, C. D. Metodología de la investigación: Origen y construcción de una tesis doctoral. In: **Revista Científica de la UCSA**. Universidad de las Villas. Cuba, 2019. Disponible en: <http://scielo.iics.una.py/pdf/ucsa/v6n1/2409-8752-ucsa-6-01-76.pdf>

REDINE. IX Encuentro Nacional del Colectivo Argentino de Educadores y Educadoras que Hacen Investigación desde sus Escuelas y V Encuentro Provincial de Investigación Educativa. In: **CIRCULAR N° 3**, 2019. Disponible en: REDINE - Red de Investigación Educativa ([unam.edu.ar](http://unam.edu.ar)). Acceso en: 29/08/2021.

ELVAL, J. **La escuela para el siglo XXI**. Disponible en: Calidad educativa: Las reformas educativas ¿Para qué Calidad Educativa? ([edusanluis.com.ar](http://edusanluis.com.ar)). Acceso en 29/08/2021.

## REDEALE e REDENU em Expedição Pedagógica: apontamentos de uma pesquisa

*Isabele Cristina Fonseca Ramos*

*A vida, como a experiência, é relação: com o mundo, com a linguagem, com o pensamento, com os outros, com nós mesmos, com o que se diz e o que se pensa, com o que dizemos e o que pensamos, com o que somos e o que fazemos, com o que já estamos deixando de ser. [...] Talvez a relação entre a língua e a vida, entre a língua e a realidade, só seja custodiada já pelos poetas ou, em geral, pelos que ainda são capazes de prestar atenção ao que a língua tem de poético, ao que a vida tem de interminável e ao que a realidade tem de incompreensível (quando está viva e nos toca num ponto sensível). Jorge Larrosa.*

Escrever a partir de nossas próprias experiências pode se tornar um ato educativo e transformador. Esta afirmativa dialoga com os sentidos que somos capazes de imprimir em nossos textos, quando nos interessamos em falar sobre aquilo que pesquisamos, estudamos, refletimos e vivemos. Na epígrafe acima citada, Jorge Larrosa nos convida a pensar em uma escrita permeada pela incompletude<sup>1</sup>, que nos constitui enquanto passantes pelo mundo. O que também nos remete ao caráter poético presente nas provocações de Paulo Freire, quando trata da consciência de que nossas ações são sempre inconclusas e inacabadas, enquanto tivermos a oportunidade de emanar vida.

---

<sup>1</sup> Sobre incompletude me refiro às produções de Paulo Freire mais especificamente ao livro “Pedagogia da Autonomia”.

Início este texto, fruto de minha dissertação de mestrado<sup>2</sup>, escolhendo essa importante reflexão sobre a relação entre vida e escrita, realidade e incompletude, língua e poesia, pois acredito que as intertextualidades destes elementos, permearam e permeiam as articulações estabelecidas entre duas redes de docentes latino-americanas de diferentes países que, ao construir um diálogo nas línguas: portuguesa e castelhana buscam compreender uns aos outros a partir do sentido poético encontrado no fazer docente de cada uma, de cada um. Essa percepção daquilo que a “vida tem de interminável e ao que a realidade tem de incompreensível” (LARROSA, 2014, p. 122), tem me conduzido a pensar nas aprendizagens possibilitadas em minha pesquisa de mestrado, bem como vem me constituindo enquanto docente em formação. Desde os primeiros dias de percurso no mestrado passei a compor o coletivo REDEALE (Rede de Docentes que Estudam e Narram sobre Infância, Alfabetização Leitura e Escrita) coordenados há época por pelas professoras Jacqueline Moraes (*in memoriam*) e Mairce Araújo que já realizavam um importante diálogo com professores/as peruanos/as que compõem a REDENU (Rede Desenredando Nudos) desde o ano de 2015. Esta relação entre esses dois países resultou em 2018, a publicação de um livro intitulado “Experiências Educativas a partir de uma Expedição Pedagógica”, a escrita de artigos publicados em revistas e mais recentemente a produção de duas dissertações de mestrado defendidas no Programa de Pós – Graduação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Conhecer a temática “Expedição Pedagógica” me permitiu adentrar em um novo universo formativo. As concepções, premissas e observações que envolvem este movimento, são

---

<sup>2</sup> Dissertação de Mestrado defendida em 10 de fevereiro de 2020 no Programa de Pós – Graduação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

constituídas pelos diálogos que ocorrem entre os/as docentes que dele participam. Originada na Colômbia, a Expedição Pedagógica tem sido reconhecida, desde a década de 1980 como uma prática de formação de educadores que buscam interrogar seus “saberes e fazeres e exercitar o desciframiento” (UNDA, 2002) de seus cotidianos a partir do encontro com outras realidades educacionais.

Segundo Unda, (2002) o “desciframiento” na Expedição Pedagógica consiste na elaboração de diferentes formas de pensar a profissão docente a partir das experiências próprias e dos demais expedicionários<sup>3</sup>. Neste sentido, não há apenas um deslocamento físico: ocorre também uma “movimentação do pensamento” (BERNAL; BOOM; BEJARO, 2009), que busca romper com uma lógica tradicional de conceber o conhecimento escolar. Nas palavras de Unda, (2002) a Expedição Pedagógica:

[...] es una de las más ricas experiencias de los últimos años que, combinando la movilización social por la educación y la construcción colectiva de diversidad y riqueza pedagógica, ha consistido en un amplio desplazamiento por nuestras regiones. No se trata solo de movimiento físico, sino, sobre todo, de desplazamientos en el orden del pensamiento, pues ha permitido un encuentro con las variadas y singulares experiencias pedagógicas realizadas por maestros que, como los que realizan la Expedición, intentan posibilidades de vida distintas desde la escuela. (UNDA, 2002, p. 2).

A singularidade das experiências pedagógicas, presentes nestas Expedições se diferenciam e se complementam. Embora os docentes latino-americanos que delas participam sejam de distintos países, enfrentam desafios similares em seus campos de trabalho. Compreendendo que “a América Latina possui uma dinâmica de lutas que se opuseram e se opõem às consequências das heranças de espoliadoras relações neocolonialistas ante aos desafios estruturais de desenvolvimento humano e

---

<sup>3</sup> Nome atribuído por alguns autores às pessoas que participam da Expedição Pedagógica.



macrorregional” (NETO e LOPES, 2020, p.6), é possível destacar que boa parte das particularidades que surgem nas discussões e debates que ocorrem entre os docentes nas Expedições Pedagógicas buscam discutir sobre os desafios e possibilidades das políticas educacionais na América Latina, frente ao que Galeano (1994) denominou de “celeiro de exploração”, onde os países latino-americanos ocupam o lugar de quem é explorado, em detrimento dos mecanismos de apropriação e espoliação dos países desenvolvidos.

Para este artigo, trago algumas conversas que se sucederam da participação do coletivo REDEALE, que foi representado por três integrantes: Jacqueline Moraes, Mairce Araújo e eu, Isabele Cristina, no “IV Encuentro Nacional del Colectivo Peruano de docentes que hacen investigación e innovación desde la escuela y su comunidad” realizado no Peru, mais especificamente na cidade de Cajamarca. Neste evento, além de participarmos das rodas de conversa, das apresentações de temáticas sobre as vivências dos/das professores/as que se dispuseram a compartilhar suas experiências, das noites culturais e das Expedições Pedagógicas, também nos preparamos para registrar o que naquele momento nos “tocava” (LARROSA, 2014), nos permitia reflexões e nos convidava a pensar em nossas próprias práticas docentes.

Parte das narrativas que nos acompanharam durante esta viagem contam com a participação de professores peruanos que muito contribuíram com a escrita de minha dissertação de mestrado. Aqui darei destaque a três docentes, sendo um professor e duas professoras que conversaram conosco em diferentes momentos do evento. Antes de apresentá-los, detalharei como o “IV Encuentro Nacional del Colectivo Peruano” foi organizado e as Expedições Pedagógicas que ocorreram no mesmo.

Durante a pesquisa, elaborei algumas perguntas que foram conduzindo minha escrita e dialogando com os trajetos que percorri: Por que professoras e professores se encontram para compartilharem experiências educativas? Quais sentidos sobre suas práticas pedagógicas são fortalecidos ou ressignificados

quando professoras e professores se encontram em um espaço coletivo? Como a experiência em um encontro de docentes, em outro país latino-americano, pode contribuir para minha formação docente? E para a formação das professoras e professores que estavam naquele encontro? E, sobretudo, quais deslocamentos foram vividos por mim e por professoras e professores naquele encontro? Pontuo que não tive a pretensão de responder diretamente a todas essas perguntas, tampouco, busco neste texto fazê-lo. O principal interesse aqui é compartilhar o trabalho que vem sendo realizado pelo coletivo REDEALE no que consiste à temática: “Expedição Pedagógica”, ampliando nosso diálogo sobre a formação docente entre pares na América Latina.

### **As Expedições Pedagógicas no “IV Encuentro Nacional del Colectivo Peruano de docentes”**

*A educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados. Estamos todos nos educando. Existem graus de educação, mas estes não são absolutos.*

Paulo Freire

A horizontalidade das relações construídas no “IV Encuentro Nacional del Colectivo Peruano de docentes” permeou por todo evento, a começar pela abertura, onde um dos convidados à fala foi uma criança de aproximadamente 11 anos de idade. Ele discursou sobre a importância da escola e de seus/suas professores/as em sua vida trazendo uma carta escrita<sup>4</sup> por ele e

---

<sup>4</sup>¡Mejor Maestro! Es un orgullo tenerlo en mi escuela y estoy muy feliz de que sea profesor, porque sin usted ningún niño fuera profesional, todos los niños, le agradecemos. Tenemos que agradecerlos por todo su esfuerzo y su dedicación, seguro Allá de donde viene, habrá hecho estudiar a muchos niños. Seguro nos enseñar un poco de tu aprendizaje y será muy bueno con nosotros, nosotras le enseñaremos muchas cosas como: tocar la guitarra, la flauta, el saxo, etc... ¡Hasta luego maestro! Joustin Stefano Ventura Sanches. A imagem do caderno e o texto presente nele estão disponíveis em minha dissertação de mestrado intitulada: Conexões entre docentes na

que por coincidência estava no material<sup>5</sup> que recebi para participar do encontro. Em outros momentos do encontro foi possível perceber o quanto cada pessoa que o integrava era convidada a compor o coletivo de docentes peruanos de modo a participar ativamente contribuindo com seus conhecimentos e saberes, desde as crianças até as professoras e professores especialistas.

Os encontros nacionais de docentes peruanos têm como principal objetivo fortalecer a integração das redes regionais, que formam a “Red Iberoamericana de Redes y Colectivos de Maestras, Maestros, Educadoras e Educadores que hacen investigación e innovación para la emancipación” para a participação dos encontros iberoamericanos que envolvem outros países latino-americanos. O “IV Encuentro Nacional del Colectivo Peruano de docentes” tinha como foco a participação no “IX Encuentro Iberoamericano”<sup>6</sup> que aconteceria na Colômbia em 2020, mas foi adiado devido a pandemia do COVID – 19<sup>7</sup>.

O “IV Encuentro Nacional del colectivo peruano de docentes que hacen investigación e innovación desde la escuela y su comunidad” reuniu majoritariamente professoras e professores peruanos/as pertencentes às seguintes redes: Red Desenredando Nudos (REDENU), Red Norte del Peru, com sede em Cajamarca, Red

---

América Latina em Expedição Pedagógica disponível no link: <https://drive.google.com/file/d/1XQvTv5FIJUlr-ri4iLxJpfkmv9QQXXh6/view>

<sup>5</sup> No “IV Encuentro Nacional del Colectivo Peruano de docentes” foi distribuído um material com caderno, caneta e alguns livros. Em cada caderno havia uma mensagem diferente escrita por uma criança peruana, matriculada nas escolas que participaram do evento.

<sup>6</sup>Os Encontros Iberoamericanos são eventos que envolvem diferentes países latino-americanos e são organizados previamente pelas redes de docentes que o constituem. Algumas discussões sobre as características dos Encontros Iberoamericanos estão disponíveis na dissertação de Danusa Tederiche Borges de Faria defendida em abril de 2021.

<sup>7</sup> Período em que permanecemos em casa por conta da pandemia do COVID – 19, que se deu pelo isolamento social mundialmente instituído para diminuir o quantitativo de pessoas atingidas pelo vírus, conforme reportagem disponível no link: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/05/11/estudo-calcula-quantas-vidas-o-isolamento-social-esta-salvando-no-brasil.ghtml>.

Centro del Perú, com sede em Junín e Red Sur del Perú com sede em Cuzco, sendo organizada pela Asociación de Maestros EIB: “ChiqaqÑan” Canchis, Asociación de Maestros EIB “Apu Ausuagate” Canchis, Red Regional de Maestros e Maestras EIB Cusco, Red de Maestro e Maestras y Maestras de Convencóne o coletivo REDEALE, cujas coordenadoras Jacqueline Morais e Mairce Araujo foram convidadas a proferir uma das conferências do evento.

Todas essas redes citadas, para participarem do encontro, faziam parte do “Colectivo Peruano de Redes de maestros y maestras que hacen investigación e innovación desde su escuela y comunidad” (COPREDIIEC). Um dos principais objetivos desta rede é transformar os encontros que realizam em um movimento pedagógico que busca preservar a identidade da cultura peruana, o sentido de comunidade e a articulação entre as escolas e suas comunidades. Dessa forma, as Conferências Nacionais realizadas pelo coletivo COPREDIIC se configuram em encontros de uma rede que une outras redes latino-americanas. Esta união se organiza em espaços de compartilhamento de utopias, de encontros e desencontros. É um intercâmbio de saberes e ações educativas, sendo concebido como uma oportunidade de fortalecer a relação existente entre as investigações educativas, a formação docente, o trabalho em redes, a prática cotidiana e a transformação social.

Segundo o documento de convocatória (2018) para participar do “IV Encuentro Nacional de Colectivos y Redes de Maestras y Maestros, educadoras y educadores que hacen investigación e innovación desde la escuela y su comunidad”, nos últimos anos, os educadores e educadoras de diferentes regiões do país participam, criam e recriam uma organização pedagógica para a construção coletiva de propostas transformadoras e novos cenários que dignifiquem o ser humano como pessoa. O documento sinaliza ainda que, tornar cada vez mais visíveis estes processos de integração entre docentes é um dos maiores desafios do COPREDIIEC.

Para a participação no “IV Encuentro Nacional” as redes de professores/as convidadas, enviaram trabalhos escritos para a

coordenação do evento, sobre suas práticas docentes. Cada texto foi encaminhado para um dos cinco eixos, previamente estabelecidos pela comissão organizadora do evento: pedagogias emancipatórias desde los saberes pedagógicos, pedagogia, território y territorialidade, formación de maestros y educadores em red y posicionamiento ético político, interculturalidad en el horizonte de los saberes ancestrales y comunitários e por último, o eixo cinco: otras formas de ser gobierno y comunalidad.

O “IV Encuentro Nacional” também teve como objetivo a preparação dos docentes para o IX Encuentro Iberoamericano que seria realizado na Colômbia em 2020. Trata-se de um evento que envolve a Espanha e distintos países latino-americanos, dentre eles destaca-se a participação dos seguintes: México, Colômbia, Argentina, Brasil, Venezuela e Peru. As redes de docentes que representam estes países compõem a “Red Iberoamericana de Redes y Colectivos de Maestras, Maestros, Educadoras e Educadores que hacen investigación e innovación para la ‘emancipación’”, sendo seu nome abreviado no site de divulgação<sup>8</sup> como “Red iberoamericana”.

Esta organização que antecede o evento permite que as trocas de saberes e experiências sejam intensas. O conhecimento prévio do que acontecerá em relação às apresentações, e os espaços visitados nas Expedições Pedagógicas situa os participantes e tem como intuito promover maior interação entre eles durante os percursos trilhados. Em resumo o “IV Encuentro Nacional del colectivo peruano de docentes” contou com essa organização prévia de compartilhamento de textos e a organização das escolas<sup>9</sup> que receberiam os professores nas Expedições Pedagógicas.

---

<sup>8</sup>Documento de convocatória disponível em: <<http://www.idep.edu.co/?q=content/ix-encuentro-iberoamericano-de-colectivos-y-redes-demaestros-maestras-educadores-y>> Acesso em 30 de set. de 2018.

<sup>24</sup>Documento de convocatória disponível em: <<http://www.encuentroiberoamericano.org/>> Acesso em 30 de set. de 2018.

<sup>9</sup>As Expedições Pedagógicas que aconteceram no IV Encuentro Nacional del colectivo peruano de docentes contaram com a participação de escolas situadas

Ao nos prepararmos para a viagem, eu e as professoras Mairce Araújo e Jacqueline Morais, conversamos bastante sobre como seria nossa participação no encontro. Diante do planejamento que organizamos destaque algumas perguntas que elaboramos como “pistas” para os diálogos que estabelecemos com os docentes que participaram do encontro em Cajamarca: ¿Cuál es su nombre y apellido? ¿Fecha de nacimiento? ¿Hace parte de algún colectivo o red de profesores/maestros/as?, ¿Cuál? ¿Qué importancia tiene para usted participar de un colectivo/red de profesores/maestros/as? ¿Cuál es su formación, su escolaridad? ¿Cuál es su Institución de Enseñanza? ¿En qué nivel de enseñanza o año de escolaridad usted da clases? ¿En qué ciudad resides? ¿En qué ciudad trabajas? ¿Cuántas Expediciones Pedagógicas ya participó hasta hoy? ¿En qué expediciones pedagógicas has participado hasta hoy? ¿En qué ciudades o países? ¿Lo que has aprendido de más importante en una Expedición Pedagógica?

Essas questões funcionaram como um roteiro para nossas conversas e entrevistas com as professoras e professores e nos permitiu estar em constante contato com nossas inquietações e curiosidades sobre as Expedições Pedagógicas. Vale destacar que elas não foram realizadas de maneira linear e direta e muitas vezes não foram proferidas exatamente como estão registradas aqui. Buscamos durante as conversas e entrevistas nos aproximarmos das narrativas que ouvíamos, construindo junto com elas um “caminho de pesquisa” (CERTEAU, 1998) que se transformou na escrita de minha dissertação.

O “IV Encuentro Nacional del Colectivo Peruano” seguindo a trajetória dos encontros anteriores e das premissas da Expedição Pedagógica teve como um princípio o caráter democrático, onde cada docente compartilhava e ouvia saberes e práticas e vivências cotidianas. Deste modo, a conversa nos parecia ser um dos

---

em Cajamarca. Os encontros que ocorreram, a maneira como essas escolas se organizam estão descritos em minha dissertação de mestrado disponível do site do Programa Processos Formativos e Desigualdades Sociais.

principais caminhos metodológicos para aproximação com os/as expedicionários/as.

Assim, para pensarmos nos diálogos com as professoras e professores peruanos/as incorporamos algumas reflexões sobre a conversa como metodologia de pesquisa em nossas ações (SAMPAIO, RIBEIRO e SOUZA, 2018), acreditando que:

A conversa é talvez, de alguma maneira e em alguma medida, a arte de se fazer presente, de dar o tempo, isto é, de se colocar disponível a ouvir, a escutar, a pensar e partilhar com o outro o que nos habita, fazendo dessa ação não só uma possibilidade de investigação, mas antes de transformar-se no próprio ato de investigar (p. 36).

Retrospectivamente, o que a experiência na pesquisa mostrou foi que mesmo tendo um roteiro inicial, disparador para o diálogo, que a princípio entendíamos como entrevista, tal roteiro se perdia e não mantinha a formalidade que, às vezes, prevalece em um modelo mais clássico de entrevista. O diálogo parecia se encaminhar para uma conversa mais informal. A dificuldade com a língua, a intimidade do contexto, o desafio de encontrarmos as palavras certas para expressar nossos sentimentos, nos levava a “naturalmente” conversarmos uns com os outros e umas com as outras, não apenas sobre nossas vidas individuais, mas também a respeito de nossas práticas, das ações que nos acompanham na caminhada docente.

Entendo que a investigação foi nos ensinando a encontrar caminhos para a pesquisa, pois “não cremos que haja um só caminho ou um só dispositivo adequado para pensar, explorar, inventar... conhecer.” (NAJMANOVICH, 2003, p. 34). Podemos explorar, reinventar e criar caminhos outros de dialogar com a pesquisa, conversar...

Conversar, sim, porém, não apenas de um e/ou do outro e/ou de nós. Conversar, talvez, sobre o que fazemos, sobre o que nos passa naquilo que fazemos, sobre essas “terceiras outras coisas” das quais

se constitui e configura o ato de educar, tanto como qualquer outro ato relacional. Conversar. (SKLIAR, 2011, p. 29).

As conversas foram “registradas” e depois transformadas em texto, ou seja, “essas fontes não existiam sob a forma de escrita” (ECO, 2014, p. 46), com isso, um cuidadoso trabalho foi realizado para que tivéssemos acesso à nossa principal fonte de pesquisa: os diálogos com os docentes. Eu e a professora Jacqueline Moraes levamos um gravador, cada uma, *tablet*, computador e celulares. Esses artefatos nos ajudaram a nos aproximarmos dos dados que depois foram trabalhados para que se transformassem neste texto.

Pela minha dificuldade em compreender a língua espanhola, ao voltar para o Brasil, procurei imediatamente uma pessoa que pudesse realizar as transcrições das entrevistas. Cabe ressaltar que as transcrições estão em castelhano<sup>10</sup>(espanhol). Acreditamos que se traduzíssemos os diálogos para o português poderíamos perder, de alguma forma, o sentido daquilo que as expedicionárias e expedicionários nos traziam em suas falas. Aqui acrescento que demarcar a distinção entre as línguas faladas em países latino-americanos, compreendendo-a como um símbolo fronteiro, é reconhecer um dos desafios de se estabelecer conexões entre docentes na América Latina. Como romper com esta fronteira? Como minha pesquisa de mestrado contribui para que professoras e professores latino-americanos que desejam se conectar, possam encontrar um caminho, uma maneira de se aproximarem para trocar saberes e práticas pedagógicas?

Foi um grande desafio, me envolver nessa pesquisa já que grande parte da bibliografia sobre a Expedição Pedagógica está escrita em castelhano. Contei com a leitura de dicionários e a ajuda de amigos que possuem um domínio maior da língua. Me matriculei em um curso e diante destas experiências refleti sobre este percurso me questionando: por que não aprendi espanhol

---

<sup>10</sup> Língua castelhana é a maneira mais antiga de se denominar a língua, a forma como boa parte da América do Sul reconhece sua linguagem sendo sinônimo da língua espanhola.



durante minha vida escolar? Nas escolas que estudei, a língua estrangeira oferecida pelo currículo era sempre a inglesa. Quando ganhei uma bolsa de estudos para aprender outra língua, o curso também era o de inglês.

O Brasil é o único país latino-americano em que seus habitantes falam a língua portuguesa, todos os outros países latino-americanos têm o castelhano como sua língua principal. Por que o enfoque para aprender outra língua estrangeira durante minha trajetória foi direcionado para o curso de inglês? Atualmente, para melhor desenvolver minha pesquisa de mestrado, precisaria saber além de ler textos em inglês, falar e ler em espanhol. Apropriar-me deste idioma foi um ganho a mais que o mestrado me proporcionou.

Viajar para o Peru e investir na temática “Expedição Pedagógica” contribuiu de maneira significativa para que eu desenvolvesse e aprendesse a falar, a ler e a escrever em espanhol. Participar de um congresso, conhecendo professoras e professores de diferentes países latino-americanos, foi uma experiência que me suscitou muitas reflexões e aprendizados. A seguir, apresento três professores peruanos que tive a oportunidade de conhecer no “IV Encuentro Nacional del Coletivo Peruano”, bem como algumas reflexões permitidas a partir de nossas conversas.

### **Processos formativos em Expedição Pedagógica**

*Também a experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à educação. Educamos para transformar o que sabemos, não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a educar é a possibilidade de que esse ato de educação, essa experiência em gestos, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos, para ser outra coisa para além do que vimos sendo. Jorge Larrosa.*

Cada experiência nos permite alguma transformação, seja no comportamento, na maneira de pensar e/ou de enxergar as situações que ocorrem no entorno. Concordo com Larrosa (2014) que “a

experiência é o que dá sentido à educação” (p. 71), pois as experiências que nos constituem podem nos modificar ao longo da vida, nos trazem aprendizagens e ensinamentos. Mediatizados pelo mundo, somos seres inacabados em constante formação, (FREIRE, 1996) convidados às experiências que nos fazem educandos e educadores. Neste sentido, considero que fazer parte de uma rede de docentes latino-americana e escrever sobre este movimento, tem sido uma experiência singular em que ao mesmo tempo em que registro, procuro refletir e compreender a importância de socializar os estudos e pesquisas que fizeram parte de minha trajetória no mestrado e que constituem o coletivo REDEALE.

A integração e a conexão entre docentes latino-americanos organizados em rede possuem um histórico que articula concepções que foram sendo consolidadas na medida em que os encontros regionais, nacionais e ibero-americanos aconteciam.

En este sentido, se tensiona y redefine la identidad docente al posicionarse como productor y portador de saberes pedagógicos, en un proceso colectivo de producción de conocimientos y de desarrollo de otros modos de organización, orientados a la democratización de la escuela. Por otro lado, el trabajo en red favorece diversas formas y vías de encuentro y participación, ya sean presenciales o virtuales (de lectura entre pares, reuniones de coordinación, publicaciones colectivas, intercambio de experiencias o desarrollo de actividades conjuntas) que permiten la circulación y la producción colectiva del saber pedagógico. (SUÁREZ e ARGANI, 2011, p. 47).

A construção da identidade docente e o trabalho coletivo fazem parte de ações das “Expedições Pedagógicas” que apostam na formação de professores/as éticos/as com o compromisso político, social e cultural. Para Suárez e Argani (2011), trabalhar em rede é apostar na formação de docentes que buscam possibilitar a vivência da profissão não só como uma obrigação que se precisa cumprir para receber um salário, mas também como um projeto pessoal e profissional, onde se descobre ajudando a reconhecer as capacidades e habilidades para a vida. Uma formação que se educa

e se humaniza, trazendo um sentido amplo para o que é ser professora, ser professor.

Em nossas conversas com os professores peruanos percebemos o investimento nesta formação pessoal e profissional nas Expedições Pedagógicas. Ao dialogarmos com o professor Jorge Washington Rodríguez Gambine, um dos precursores responsáveis pela articulação das redes de professoras e professores no Peru, para a participação em Expedições Pedagógicas, descobrimos um pouco mais sobre a formação da rede de professores peruanos. Nesta conversa, a professora Jacqueline Moraes proferia as perguntas enquanto eu fazia anotações e gravava as falas do professor Jorge com sua devida autorização.

Prof<sup>a</sup> Jacqueline: Tal vez sea mejor empezar con tu presentación. Tu nombre, ¿qué haces, quién eres?

Prof. Jorge: Buenas tardes, soy Jorge Rodrigues, maestro de ciencias, estoy en este momento en la ciudad de Cajamarca, con el motivo del IV Encuentro de Maestros que se ha convocado para poder reunirse con las redes de varios lugares de Perú. Yo soy maestro jubilado, y trabajado por muchos años al servicio de la educación pública, y me siento muy contento aquí en Perú, de haber servido a mi patria.

Prof<sup>a</sup> Jacqueline: Entonces, tu podrías contarnos cómo surgió la red del Perú.

Prof. Jorge: Soy parte de la red, desde el año 2008, un compañero de apellido Guainates no se invitó porque el había participado junto a la red Brasil en el encuentro anterior. De modo que hizo para todos hay una invitación y 18 maestros del Perú, participamos en el 5° encuentro realizado en Venezuela. En este momento comenzó mi vida con la red, por primera vez entendí que era el camino que quería porque había traspasado muchos años en otras actividades, pero que no tenía la riqueza que tiene estos tipos de encuentros. A partir de esa fecha hemos continuado participando en certámenes. De los 18 que participaron al principio en Perú nos quedamos 5. Entre ellos el profesor Gabino de Cajamarca, la profesora Ingrid Aquino de Huancayo, Rosa Días también de Huancayo Rúbeno, el profesor Juan Raimundo que no ha venido ahora sino también es de Huancayo y yo también que soy de esa misma ciudad. De modo que

los fundadores que hicimos el primer recorrido quedamos en Perú 5. Luego habíamos participado en encuentro que hay tenido en Argentina en 2011, en 2014 aquí en Cajamarca Perú, y últimamente hemos estado en México, pero ya en camino nuestra red hay crecido, desde los 5 que éramos, ahora somos 60. La divulgación que hemos hecho en Huancayo un poco diría dolorosa, lenta, progresiva, insistiendo, tratando de ganarlos poco a poco y ahora tenemos 20 que son bastante ya fuertes en su participación, su integración aquí en la red. De modo que ahora tenemos un buen número y creo que vamos en ese camino, esa es parte de la historia que tenemos.

Prof<sup>a</sup> Jacqueline: ¿Qué crees que has aprendido, cambiado, qué importancia ve en la expedición pedagógica?

Prof. Jorge: Primero cambió mi visión mi forma de hacer la investigación, como docente de una universidad estaba muy nutrido de la investigación académica, y poco a poco he tenido que asumir que las investigaciones deben estar más cerca de nuestro pueblo, las necesidades de desarrollo que hay en la patria. También me da emoción ver amigos como tú, como muchos amigos en Venezuela, Colombia, Argentina, en México y ese intercambio me ha hecho una mejor persona, más feliz. Luego el contacto con la gente en las actividades, la vida cultural que nos ha arrojado. Yo y mis compañeros nunca habíamos bailado en las actividades que teníamos e íbamos a hacer en las actividades académicas, congresos y acababa en simples disertaciones. Ahora nos involucramos en la danza, en el baile, con la música y en todo. Entonces ve cuántas cosas he aprendido y cuanto he evolucionado.

Prof<sup>a</sup> Jacqueline: A mí me encantó también todo, la participación acá en Perú, en México, ver cómo los países son muy diferentes, de verdad es increíble. Y que pensamos que... no sé quién ha dicho, pero para mover el pensamiento hay de moverse el cuerpo, ha de salir de su territorio para ir a otro. Pero no es muy fácil porque hay que tener tiempo, y a veces la maestra no tiene, tener una posibilidad financiera de irse, no es muy fácil.

[...]

Prof<sup>a</sup> Jacqueline: Agradezco. Y otra cosa. ¿Existe algún sistema de escritura, si escribe algo/ piensas que es importante escribir algo?

Prof. Jorge: El año anterior llevamos un pequeño librito a México e hicimos narraciones. Estamos en esta tarea de dar narrativa y he

explicado a los compañeros cómo tenemos que relatar libremente nuestras experiencias y en algo estamos avanzando, no se ha hecho este año esta actividad, pero todos ya están enterados que se debe hacer más trabajo de la redacción, y estamos haciendo para que sigan esa tarea.

Prof<sup>a</sup> Jacqueline: Te agradecemos muchísimo.

A partir da fala do professor Jorge, sobre a formação da rede de profesores peruanos, tivemos acesso a mais elementos que contribuem para as sínteses sobre a formação das redes e coletivos docentes na América Latina, que segundo Suarez e Argani (2011) se constituem em “colectivos y redes de maestros en distintos lugares de la región vinculadas con la reconstrucción del saber pedagógico, la activación de la memoria de la escuela y la movilización e intervención en el campo educativo.” (p. 44). Nas palavras do professor Jorge a rede de docentes peruanos foi crescendo no decorrer dos anos, mas também com a participação nos encontros nacionais e internacionais, bem como nas Expedições Pedagógicas que se sucediam desses encontros. Aqui acrescento também as reflexões de Unda (2002) sobre formação de redes e coletivos docentes na América Latina, para a autora na organização deste movimento,

[...] el maestro se piensa en un viaje continuo, en permanente devenir; por ello, cuando no es posible continuar con los desplazamientos físicos en el marco de la Expedición Pedagógica, los maestros continúan viajando a través de redes que se amplían y que, a veces, se diluyen, se recomponen y se afirman. (UNDA, 2002, p. 7).

Considero que o professor Jorge ao compartilhar conosco um pouco de como o coletivo de docentes peruanos foi se constituindo, contribui para conhecermos alguns dos processos que fazem parte da gestação de uma rede. As palavras do professor Jorge dialogam com o que afirma Unda (2002) que as redes e coletivos docentes são consideradas um marco na Expedição Pedagógica. Professoras e professores que dela participam viajam através das redes e

coletivos que são organizações em movimento, que podem ampliar-se, reduzir-se, diluir-se e recompor-se.

Além de nos contar sobre a formação da rede de coletivos de docentes peruanos, o professor Jorge também relatou sobre o quanto suas experiências nas Expedições Pedagógicas tem contribuído com suas práticas docentes. Antes de se envolver neste movimento suas práticas eram imbuídas apenas pelos conhecimentos acadêmicos. Ao fazer parte de uma rede, ele passou a perceber a relevância em estabelecer um diálogo com a comunidade do entorno da escola, com outros professores, com diferentes povos e nações.

Dentre os distintos professores que conversamos destaque também o diálogo com a professora Olga Suriano, uma das professoras que também passou a fazer parte da REDENU, desde o início de seus encontros e com a professora Rosa, que começou a fazer parte da REDENU em 2016.

Prof<sup>a</sup> Jacqueline: Cuando un grupo se encuentra con otro grupo ... no lo sé. Un poco para escuchar tu mirada, primero así: Te presentar, tu nombre, ¿de qué red tú eres? ¿dónde está trabajando y en lo que va a empezar?

Prof<sup>a</sup> Olga: Mi nombre es Olga Suriano, soy de la ciudad de Cajamarca, Perú. En esta oportunidad estamos representando un proyecto de investigación a nivel de institución educativa del colegio La Mercede y formó parte del colectivo del Nodos, es un colectivo que para mí es de suma importancia para el desarrollo de mi carrera profesional. Esta vez sería la cuarta vez que estoy formando parte de ese colectivo de que cedió el líbero en Cajamarca. Que inicié en 2014, luego continuamos en Cusco para el nacional, en México y luego Cajamarca que estamos nuevamente.

Prof<sup>a</sup> Jacqueline: ¿Qué te gusta más en el encuentro?

Prof<sup>a</sup> Olga: Para mí estos encuentros son maravillosos, conocemos gente, conocemos experiencias nuevas, entablamos relaciones con mucha gente que tiene muchas cosas que compartir y nos damos cuenta que no son personas ajenas a las otras, a los que forman parte de un mundo de un mismo ideal, de los mismos sueños y al final cuando termina un encuentro, un congreso nacional, sentimos que

todos se unen en una hermandad, un amor a algo, acerca de días mejores, a lograr por nuestros alumnos algo bueno, que se desarrojemos en una sociedad más libre de problemas. Son cosas maravillosas que me ayudaron a los del colectivo, y de los encuentros de los iberos. En esta oportunidad he tenido ... les digo .... La gracia de poder estar más directamente con ustedes de Brasil, de Colombia, de nuestros hermanos de Cusco, también de Huancayo. Han sido experiencias muy lindas realmente.

Prof<sup>a</sup> Jacqueline: Entonces fue a México. ¿y allí participó de la Expedición Pedagógica o solamente fue al encuentro?

Prof<sup>a</sup> Olga: No, de la expedición pedagógica también. También fue algo hermoso, conocemos cada lugar que recurrimos en México, las experiencias directamente en los lugares, en las instituciones educativas, como ellas trabajan, como era su subsidiario acerca de los alumnos mismo con las dificultades y las cosas que desafían adelante. Tenemos mucha semejanza con México en cuanto a los problemas, y nos sentimos identificados de cierta forma porque decimos: también en otro país si hay lo mismo. Y así nos dimos cuenta que en cualquier lugar del mundo en que estemos en los profesores y profesoras tenemos los mismos retos que se quieren.

A professora Olga é uma das precursoras da Red Desenredando Nudos e que já havia participado de outros encontros, de outras Expedições Pedagógicas. A fala da Professora me suscitou a reflexão sobre o fortalecimento das conexões entre docentes para além dos encontros nacionais e Ibero-americanos. Ao dizer que “quando termina um encontro, um congresso nacional, sentimos que todos se unem para pensar em dias melhores, em coisas boas para os nossos alunos, em uma sociedade livre de problemas”, Olga traz um pouco dos sentidos de uma Expedição Pedagógica que a meu ver estão nos “pontos de intercessão” que unem coletivos e redes que se encontram para pensarem suas práticas cotidianas em diálogo uns com os outros, umas com as outras.

A terceira professora que trago para este texto, se chama Rosa Maria Zamuria de la Torre e trabalha na Institución educativa João Paulo II, destaco que essa foi a que mais me mobilizou durante todo encontro. Era a primeira vez que ela participava de

uma Expedição Pedagógica, assim como eu. Ela é docente há mais de vinte anos e eu estava prestes a começar minha carreira como professora. Em mais uma de minhas tentativas de me comunicar em castelhano, consegui nesta conversa mais uma importante fonte de pesquisa. Rosa citou que faz parte da “Red Desenredando Nudos” e que para ela a Expedição Pedagógica estava sendo muito significativa, pois ela era uma professora da zona urbana que não conhecia uma escola da zona rural. Quando Rosa me contou o quanto era importante para ela fazer parte de uma rede de docentes, perguntei:

Prof<sup>a</sup>Isabele: ¿Qué ha cambiado en su trabajo formando parte de esta red?

Prof<sup>a</sup> Rosa: En mi trabajo es importante como profesora creo que este trabajo es muy importante para cambiar la manera de pensar con estos pequeños, eso es muy importante.

Prof<sup>a</sup> Isabele: ¿Hay algo que usted va a utilizar en su trabajo, en su escuela? ¿Hay algo que te llamó la atención en esta Expedición Pedagógica?

Prof<sup>a</sup> Rosa: Proyectar a mis estudiantes a su trabajo con la comunidad. En mi trabajo, en mi colegio, no tengo áreas verdes entonces voy a salir con ellos para ver las áreas verdes, ver cómo se trabaja en cooperativa, cómo se trabaja en equipo. Cómo voy involucrarlos estudiantes de la zona urbana a la zona rural, ver la realidad. Es importante rescatar eso para mí porque piensan que el todo es el caro, la televisión, el celular, porque mis alumnos, como trabajo en una institución particular en la zona urbana, pero particular, entonces la realidad con ellos es muy diferente a la del trabajador común porque sus padres les facilitan todo. Todos están conectados a Internet, entonces es fácil, es un medio de comunicación. No ven la realidad como es la realidad porque esa es su realidad. Eso es lo que me permito rescatar en mi trabajo. Personalmente me es satisfactorio si pueden ver como una vaca cuando está siendo ordeñada, cuando están haciendo trabajos de agricultura, cuando están sosteniendo hortalizas o ver la refrigeración por aspersión, como el calor está devorando las partículas agrícolas, como los productos llegan a la ciudad. Cómo es



sacrificado el trabajo del hombre del campo a nuestra realidad. Si necesitamos algo vamos al supermercado, ahora vamos al supermercado porque antes no existía, no había eso, esos y encontraba solo en las ciudades de la costa pero no en las ciudades de la Sierra. Así que ahora con los centros comerciales, tú te vacon tu carrito, compra tus cosas y tus productos, entonces los muchachos quedan alienados de donde vienen las cosas, entonces cuando los lleva a ver la realidad parece que se dan cuenta. (Conversa com a professora Rosa).

Mesmo estando em sala de aula há bastante tempo a professora Rosa não me parecia cansada. Em suas palavras, demonstrava muita força e entusiasmo para continuar pensando em outras práticas pedagógicas que leve seus alunos ao conhecimento de outras realidades, fazendo – os perceber a importância do trabalho rural, como ocorre a produção de alimentos, bem como a olharem para a natureza que os cerca.

O destaque que Rosa faz ao dizer o quanto considerava importante convidar os estudantes a estarem em contato com a natureza e a preocupação que tinha com eles pelo uso excessivo dos aparelhos tecnológicos, chamou minha atenção. Ao me deparar com as palavras da professora Rosa que diz que “todos os seus alunos estão conectados à internet e que não veem a realidade como ela é, porque essa é a realidade deles”, penso na “harmonia entre os seres humanos com a natureza, que é um dos pilares mais difundidos do Bem Viver.” (SOLÓN, 2019, p. 40), que não se manifesta como um plano ideal, mas busca o equilíbrio, um modo de vida que respeita o ser humano e a natureza que o cerca, onde o “fundamental é aprender e reaprender a viver em comunidade, respeitando a multipolaridade.” (p. 28). Unindo a fala da professora Rosa sobre a realidade de seus alunos às reflexões de Solón, concordo que:

Os seres humanos não produzem ou dão origem: apenas cultivam ou criam o que a Pacha Mama lhes dá. Nós ajudamos a dar à luz. Nosso papel é ser uma ponte, um mediador que contribui à busca do equilíbrio, cultivando a partir da sabedoria com que nos brinda a

natureza. O desafio não é ser mais ou ter mais, mas buscar sempre a harmonia entre as diferentes partes da comunidade da Terra. (SOLÓN, 2019, p. 29).

Ao terminar nossa conversa, pedi que a professora Rosa dissesse algo para mim que me inspirasse nesse meu início de trajetória na sala de aula.

Prof<sup>a</sup> Isabele: ¿Quieres hablarme algo para mi trabajo? Porque estoy al principio de la carrera de profesora.

Prof<sup>a</sup> Rosa: En primer lugar, quiero felicitarte por tener ese entusiasmo de salir y venir a ver otra realidad, por ejemplo, no solo la realidad de América Latina, sino una realidad totalmente diferente de Brasil, he entendido. Y me da gusto porque esta experiencia se va a servir a tu trabajo, si hubiera tenido alguna oportunidad de salir al extranjero y vivenciar eso, habría enriquecido mi trabajo, pero yo no tuve la posibilidad y recién estoy empezando a salir, saliendo así, por otros departamentos del Perú, sé de la realidad de otros países por los medios de comunicación, me gusta ver el Discovery, programas culturales y deportivos. Yo vi las Olimpiadas de Brasil porque tuve la oportunidad. Pero te felicito y te entusiasmo, nuestra carrera no es económicamente lucrativa, no es muy rentable, pero cuando usted recibe un agradecimiento, un abrazo, es lo que necesita en su vida. (se emocionó y empezó a llochar). Gracias, muchas gracias estoy emocionada. - Es mucho más placer el cariño de nuestros estudiantes, porque trabajo en instituciones y nunca imagine ganar tanto cariño de esos niños, una palabra de consuelo, un beso y eso no tienen como se pagar. (Conversa com a professora Rosa).

A conversa com a professora Rosa me fez refletir sobre o que Unda e Gutierrez (2015) chamam de “Expressão Plural na Expedição Pedagógica”, que caracteriza o encontro de redes e coletivos docentes como um modo vital de enfrentar os desafios e questionamentos provenientes de suas práticas pedagógicas, tendo como referência, suas trajetórias, seus saberes e seus desejos que de alguma maneira se relacionam uns com os outros. As palavras da professora Rosa, sua emoção enquanto conversava

comigo ficaram reverberando em meus pensamentos, principalmente quando ela disse que “se tivesse a oportunidade de sair ao estrangeiro para viver uma experiência como aquela, havia enriquecido ainda mais seu trabalho”. Nosso diálogo para mim funcionou como um combustível para que eu continuasse acreditando e apostando que pesquisar sobre um tema desconhecido, dialogar em outra língua, viajar para outro país é “sair ao estrangeiro” para viver uma experiência que pode enriquecer meu trabalho como professora.

### **Inconclusões que transcendem vida**

*Com base no inacabamento, nasce o problema da esperança e da desesperança. Podemos fazer deles o objeto de nossa reflexão. Eu espero na medida em que começo a busca, pois não seria possível buscar sem esperança.*

Paulo Freire

Enquanto pudermos caminhar somos convidados a enxergar a incompletude que é inerente a nós. Buscar o outro para dialogar, conversar e aprender compartilhando experiências é uma das ações que nos motivam enquanto participamos das Expedições Pedagógicas.

O encontro com esta temática para a escrita de minha dissertação me provocou a pensar nos diversos sentidos da palavra viagem (DAFLON, 2014). Conheci outro país, saindo pela primeira vez do Brasil, acessei textos de alguns autores, ganhando novas referências bibliográficas, coloquei-me em investigação em um tema de pesquisa desconhecido por mim até minha chegada ao Mestrado.

A Expedição Pedagógica, conforme defende (UNDA, 2002; VALBUENA e FORERO, 2011) é uma maneira específica de conceber a viagem e promove tanto o deslocamento físico quando do pensamento em prol da formação de professoras e professores na América Latina, ou melhor, convida os docentes latino-americanos/as a se encontrarem para pensar seus próprios processos formativos, socializando suas práticas docentes,

refletindo sobre seu próprio “fazer pedagógico” (VALBUENA e FORERO, 2011), bem como interage com outras formas de ser professor e professora.

Encontrei-me com um tema desconhecido, estranho, estrangeiro que me permitiu ampliar meus horizontes de pesquisa, criar caminhos, retomar algumas leituras, iniciar outras, conversar com pessoas que não fazem parte de meu cotidiano. Me desencontrei, me perdi, sorri, chorei, abracei, perdi noites de sono, mas também vivi um sonho. Eu nunca desejei muitos bens materiais, nunca pensei em “ganhar o mundo”, mas ao escrever esta dissertação, ao viver esta pesquisa, conheci um mundo maior que o meu.

Lembrar dos monumentos culturais que visitei em Cajamarca, das noites que me trouxeram belas apresentações das professoras e professores de diferentes lugares da América Latina, das viagens que fiz pela leitura de poesias e outras literaturas, das conversas com as professoras peruanas, mesmo sem o domínio da língua castelhana, dos medos e da coragem em me permitir percorrer por todo o caminho apresentado até aqui, me emociona. Percebo o quanto minha história de vida atravessa minha história de formação, sobretudo, retomando a experiência nesse texto compartilhada, pois por diversos momentos de minha vida precisei construir caminhos para dar conta das necessidades que me cercam.

Ao me deparar com o tema “Expedições Pedagógicas”, senti que seria uma oportunidade de conhecer outras leituras e de vivenciar outras experiências dialogando com as pesquisas e investigações do coletivo REDEALE que já realiza uma importante conexão com a Rede Desenredando Nudos, formada por professoras peruanas e professores peruanos desde 2015. As conversas que trago nesta dissertação tiveram como objetivo contribuir com os registros, já realizados sobre o tema, Expedição Pedagógica, bem como, deixar pistas para que outros estudos possam ser explorados.

Ao participar da escrita deste livro compartilho o desejo de continuar inserida neste movimento, compartilhando minhas recentes experiências, como professora, permanecendo junto aos

coletivos latino-americanos na elaboração de ideias, de caminhos investigativos de nossas próprias ações e, conforme nos provoca Jacqueline Morais, continuar contribuindo “na produção de processos e conhecimentos pedagógicos de natureza latina, na criação e visibilidade de modos alternativos de investigar e educar.” (2017, p. 45).

## Referências

BERNAL, M. P. U; BOOM, A. M; BEJARANO, M. J. M. **La expedición pedagógica y las redes de maestros: otros modos de formación.** In: Colectivo Argentino de docentes que hacen Investigación desde la Escuela (org.). Investigación educativa y trabajo en red: debates y proyecciones. Buenos Aires: Noveduc, 2009.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano 1: as artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1998.

CONVOCATORIA. **VIII Encuentro de Colectivos Escolares y Redes de Maestras e Maestros y Educadoras e Educadores que hacen Investigación e desde sus escuelas.** México. 2017. Disponível em: <<http://www.encuentroiberoamericano.org/descargas/convocatoriaencuentroiberoamericano-mexico2017.pdf>> Acesso em: 10 jan. 2019.

CONVOCATORIA. **IV Encuentro Nacional del Colectivos y Redes de Maestras y Maestros, educadoras y educadores que hacen investigación e innovación desde la escuela y comunidad.** Cajamarca, Peru. 2018. Disponível em: <<https://desenredandonudos.jimdo.com/app/download/11990637899/Convocatoria+Encuentro+Nacional.pdf?t=1524845035>> Acesso em: 10 abr. 2018.

CONVOCATORIA. **IX Encuentro Iberoamericano del Colectivos y Redes de Maestras y Maestros, educadoras y educadores que hacen investigación e innovación desde la escuela y comunidad.** Colômbia. Disponível em <<http://www.idep.edu.co/sites/default/files/ConvocatoriaDefinitiva.IX%20Encuentro%20%28%20para%20difundir%29.pdf>> Acesso em: 15 mar. 2018.

DAFLON, C. Viajar também é escrever. **Pará: Moara, Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras.** ISSN: 0104-0944, n. 39, p. 39-

68, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/1589/1996>> Acesso em: 15 ago. 2018.

ECO, U. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**. 12. Edição. São Paulo: L&PM, 1999.

LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. São Paulo: Autêntica, 2014.

LARROSA, Jorge. **Nota sobre a Experiência e o Saber da Experiência**. Textos - subsídios ao Trabalho Pedagógico das Unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas/FUMEC. Leituras – SME, julho de 2001.

MORAIS, J.F.S. **Expedição Pedagógica e Coletivos Docentes na América Latina: outros modos de formação**. e-Mosaicos, v. 6, n. 11, p. 42-53. 2017. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/emosai/cos/article/view/28532/20459>> Acesso em: 19/04/2018.

NAJMANOVICH, D. **O feitiço do método** In: LEITE GARCIA, Regina. Método; Métodos; Contramétodo. São Paulo, Cortez: p. 25-62, 2003.

NETO, A.C.; LOPES, W.J.F. Políticas educacionais na América Latina. **Revista Educação Em Questão**, v. 58, n. 56, 2020.

RAMOS. I.C.F. **Conexões entre docentes na América Latina em Expedição Pedagógica. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Formação de Professores**, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2020. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1XQvTv5F1JUIr-ri4iIxJpdkmv9QQXXh6/view>. Acesso em 06/08/2021.

SKLIAR. C. **Conversar e conviver com os desconhecidos**. In: FONTOURA. Helena Amaral da, Políticas públicas, movimentos sociais: desafios à pós-graduação em educação em suas múltiplas dimensões. Rio de Janeiro,

ANPED.2011. Disponível em: <[https://issuu.com/falesgffp/docs/conversar\\_e\\_conviver\\_com\\_os\\_desconh](https://issuu.com/falesgffp/docs/conversar_e_conviver_com_os_desconh)> Acesso em: 23 fev. 2019.

SOLÓN, P. **Alternativas sistêmicas: Bem Viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização**. Elefante, 2019.

SUÁREZ, D.H.; ARGNANI, A. Nuevas formas de organización colectiva y producción de saber pedagógico: la red de formación docente y

narrativas pedagógicas. **Revista da FAEEBA-Educação e Contemporaneidade**, 2013, 20.36.

UNDA, M.P. La experiencia de expedición pedagógica y las redes de maestros: otros modos de formación. **Perspectivas**, v. 32, n. 3, 2002. Disponível em: <[http://www.ibe.unesco.org/fileadmin/user\\_upload/archive/Publications/Prospects/ProspectsPdf/123s/undas.pdf](http://www.ibe.unesco.org/fileadmin/user_upload/archive/Publications/Prospects/ProspectsPdf/123s/undas.pdf)> Acesso: 01 ago. 2018.

VALBUENA. L.R, FORERO. N. **El viaje como alternativa de formación en la Expedición Pedagógica. VI Encuentro Iberoamericano de Colectivos que hacen investigación en la escuela.**Córdoba, Argentina. 2011. Disponível em: <https://www.yumpu.com/es/document/view/14214138/el-viajecomoo-alternativa-de-formacion-en-la-expedicion-pedagogica>. Acesso em: 18 ago. 2018.

## **Parte 2 – Formação entre docentes de coletivos latino-americanos**





## **Escritas narrativas como processo formativo: diálogos entre professoras/es de rede e coletivos docentes**

*Danusa Tederiche Borges de Faria*

*As narrativas da experiência, longe de comunicar o que já se sabe, constituem-se verdadeiros processos de descobertas de si. A pessoa que narra reelabora o processo histórico de suas aprendizagens e se reinventa. É nesse sentido que se pode conceber o uso das histórias de vida, ou de narrativas autobiográficas, como processo de formação docente.*

(PASSEGI e SOUZA, 2016, p. 14)

A rede latino-americana REDEALE foi criada a partir da participação das professoras coordenadoras Mairce Araújo e Jacqueline Moraes (*in memoriam*) em encontros e eventos internacionais latino-americanos e, sobretudo, no Congresso Ibero-Americano<sup>1</sup> de professores e professoras. Tendo como premissa a formação de professores/as, a rede se funda com o objetivo de fortalecer a educação e na luta por uma América Latina mais forte, pensando uma educação democrática. Os movimentos de docentes nos encontros nacionais e internacionais latino-americanos tem se fortalecido tanto como espaços formativos, de trocas de experiências e práticas pedagógicas que colocam os/as professoras quanto intelectuais da educação a partir das ações crítico-reflexivo de seu fazer pedagógico. Nesse sentido, a REDEALE tece suas ações no Brasil a partir do diálogo entre universidade-escola básica partindo da metodologia da pesquisa-ação, entendendo esta “como forma de

---

<sup>1</sup> Encuentros Iberoamericanos de colectivos y redes de maestros, maestras, educadores y educadoras que hacen investigación, transformación e innovación desde su escuela y comunidad.

contribuir para a transformação social” (ZEICHNER e DINIZ-PEREIRA, p., 64; 2005).

O caminho que fundamenta as estratégias para que os atores que integram a rede de coletivos docentes REDEALE dialoguem e narrem sobre suas experiências e seus *saberesfazeres* cotidianos, compreendendo como nos orienta Passegi e Souza em epígrafe, que “as narrativas da experiência, longe de comunicar o que já se sabe, constituem-se verdadeiros processos de descobertas de si” (p. 14; 2016), foi promover encontros tanto nos espaços da universidade quanto nas escolas básica da rede municipal de São Gonçalo – RJ, parceiras da pesquisa, considerando assim seu grupo diversificado composto por estudantes/professores iniciantes, professoras/es-mestrandas/os e doutorandas/os em formação continuada, pedagogas/os, professoras/es de escolas da rede pública, de projeto pré-vestibular social, professoras/es das séries iniciais, das séries secundárias, da Educação de Jovens e Adultos, Educação Infantil, etc... E, acreditando que essa diversidade docente favorece os diálogos, as trocas e, sobretudo, as narrativas nas quais compartilhamos as experiências vividas, é que nos forma e, assim, nos (trans)forma uns com os outros, pois “ao narrar a pessoa reelabora o processo histórico de suas aprendizagens e se reinventa,” como nos adverte Passegi e Souza (p. 14; 2016), “é nesse sentido que se pode conceber o uso das histórias de vida, ou de narrativas autobiográficas, como processo de formação docente” (Idem).

O presente artigo é um recorte de uma pesquisa em educação<sup>2</sup> que traz para o campo investigativo as experiências formativas de professores/as entre redes e coletivos docentes na América Latina. Tendo como pares as redes e coletivos docentes REDEALE-Brasil e REDENU-Peru a escrita de narrativas das/os integrantes dos dois coletivos docentes, foi proposta do projeto de 2018 e não se deu somente por entender e defender a escrita narrativa como processo

---

<sup>2</sup> Dissertação de mestrado 2019-2021 (UERJ/FFP- PPGedu) intitulada “Experiências Formativas entre professores/as de redes e coletivos docentes latino-americanos”, defendido por Danusa Tederiche sob orientação de Mairce Araújo.

formativo, mas por compreender que as narrativas das experiências além de favorecerem o processo de autoconhecimento, permitem que se produza conhecimento sobre si e sobre o outro, sendo esta uma forma de compreensão da experiência humana (BERNAR,2020, p. 92). Para Bernar:

São saberes tanto vividos, experimentados quanto narrados, até porque a experiência deve ser narrada para que seja compreendida por todos que dela participem, ouvinte, narrador, leitor, escritor. Só pela narrativa as experiências podem ser ressignificadas para si e transmitidas ao outro. (2020, p. 92)

A proposta de produção de escritas narrativas para as/os participantes da REDEALE e REDENU, foi sendo pensada e discutida entre ambas as redes a fim de encontrar um caminho para orientar o estilo da escrita. Nesse sentido, a rede brasileira, inspirada pelo grupo de professoras/es/pesquisadoras/es do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada da Faculdade de Educação da Universidade de Campinas -GEPEC/UNICAMP, apresentou um estilo de escrita denominado “pipoca pedagógica” (PRADO *et al*, 2017), um gênero ‘inventado’ que se trata de uma escrita num formato semelhante a uma crônica do cotidiano, sendo uma breve narrativa de acontecimentos que têm lugar na escola. A expectativa nessa escrita é de que a narrativa provoque no leitor uma reflexão a partir de sua história profissional.

Definindo alguns caminhos, as etapas pensadas para o projeto de escrita narrativa entre as redes Brasil-Peru eram as seguintes: 1) Escrita dos textos no formato de pipocas pedagógicas; 2) Leitura entre pares nacionais onde as/os participantes de cada rede, trocavam seus textos entre o próprio grupo; 3) Leitura entre pares internacionais, quando os textos eram trocados entre as redes do Brasil e do Peru; 4) Publicação do segundo livro em parceria entres as redes do Brasil e Peru.

Contudo, entre os desafios presentes no projeto de diálogo entre as redes estava o da compreensão das línguas portuguesa e

castelhana, sendo assim, não era possível precisar se o estilo de escrita em formato de pipocas pedagógicas, escolhido para possibilitar o movimento de leitura entre pares teria sido de fato apropriado. Foi preciso aguardar as produções nas quais tivemos como resultado um compilado de 12 narrativas brasileiras e 18 peruanas<sup>3</sup>.

Após as narrativas escritas, era o momento de iniciar a segunda etapa com as leituras entre pares nacionais, promovendo uma intervenção coletiva nos textos produzidos, sendo esta etapa realizada entre as/os participantes da própria rede. Assim, a cada semana, reunidas/os na sala do Vozes da Educação<sup>4</sup>, da Faculdade de Formação de Professores - FFP, a REDEALE fazia a leitura das narrativas brasileiras, enquanto no Peru, as professoras/es viviam o mesmo processo e se organizavam entre si para realizarem suas leituras.

A cada texto lido emergiam inúmeras questões, tanto a respeito da temática abordada, quanto a respeito do atendimento às questões do domínio da língua, da fluidez do texto, bem como da natureza do gênero textual pipocas pedagógicas. Tais aprendizagens possibilitaram ao grupo um aprofundamento não só em relação às questões abordadas, como também em relação ao domínio da linguagem escrita. Dentre as temáticas que surgiram como foco das pipocas pedagógicas estavam: formação docente; participação de crianças nos processos escolares; as linguagens presentes na escola; a importância dos pequenos gestos nas

---

<sup>3</sup>Para mais informações ver “Experiências Formativas entre professores de redes e coletivos docentes latino-americanos”; Dissertação de Mestrado. Faculdade de Formação de Professores. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2021.

<sup>4</sup>O Núcleo de Pesquisa e Extensão Vozes da Educação: Memória e História das escolas de São Gonçalo é um grupo formado por professores/as da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro- FFP/UERJ. O Vozes tem se desafiado a estabelecer diálogos com a educação em São Gonçalo e com outras redes educacionais, em especial com as da região leste fluminense, além de buscar compreender as tensões existentes entre memória, história, sociedade e política, entendendo-as na complexidade, onde as dinâmicas mais amplas se interpenetram na capilaridade do cotidiano da escola, da docência e da formação de professores.

relações entre os sujeitos na escola; os efeitos das desigualdades sociais que atravessam o cotidiano escolar.

Não menos importante, o exercício da escrita como registro das memórias possibilitava ao grupo “construir a *memória compreensiva*, aquela memória que não é só simples recordação, lembranças vãs, mas é a base para a reflexão do educador, para análise do cotidiano educativo e do trabalho desenvolvido com o grupo”, como defende Warschauer (1993, p. 65).

O convite ao exercício do registro como base para a reflexão sobre a própria prática envolvendo as/os participantes das redes do Brasil e Peru, além de favorecer a experiência formativa entre os pares, nos inspirava a ir ao encontro de uma epistemologia da prática (LIMA, GERALDI, GERALDI, 2015).

A terceira etapa propunha compartilhar os textos produzidos entre as redes REDEALE e REDENU. Essa etapa se baseava numa proposta de leitura entre pares internacionalmente, para que os textos pudessem ser conhecidos entre as/os participantes de ambas as redes, com vistas às contribuições/intervenções entre as/os docentes das duas redes, como ocorre nos Encontros Internacionais Ibero-americanos. Momento este que demandou a construção de outra estratégia para viabilizar as contribuições/intervenções sobre os textos, na medida em que são textos em outra língua (para ambas as redes), cujas/os participantes não dominavam seu uso. Surgiam as questões: como fazer intervenção/contribuição no texto do outro, considerando que cada uma/m de nós escrevia em sua própria língua? Embora unidos pelo mesmo objetivo de compartilhar experiências, era também essa alteridade linguística que instigava e fomentava o anseio da descoberta do outro. Assim, podemos dizer que essa descoberta do outro envolve um lento processo, “que vai além de um conhecimento básico da língua portuguesa e da língua castelhana.” (ARAUJO; 2017, p. 3)

Outro desafio maior, contudo, nos aguardava na etapa de leituras entre pares internacionais. Ainda que inspiradas/os na metodologia de

leituras entre pares do Ibero-americano<sup>5</sup>, utilizar fichas semelhantes às do evento como forma de intervenção e contribuição no texto do outro, não era bem o que a rede brasileira pretendia fazer e por isso propôs ao coletivo peruano a escrita de cartas como forma de diálogo e devolutiva da leitura entre pares. Para Camargo:

Por meio das cartas, como prática de escrita na perspectiva da linguagem como interlocução e do conhecimento que se insere no cotidiano, uma realidade social é construída, é pensada, é dada a ler, materializa-se numa prática. Nessa leitura, uma prática de escrita, tensa, de afetividade, de amizade, de subjetividade. (2011, p. 58).

Assim como Camargo que entende que as cartas como prática de escrita materializa-se também em afetividade, e, provocadas pela afirmativa de Bartolomeu Campos de Queiroz que “as palavras sabem muito mais longe”(1987) é que o grupo defendeu a escrita de cartas como uma forma afetiva e carinhosa de ampliar o diálogo e a compreensão entre as/os autoras/es dos dois países, além de fomentar o exercício da escrita, na medida em que uma carta poderia permitir que “os laços de escrita fossem sendo delicada e firmemente lançados entre os interlocutores”(CAMARGO, 2011, P.142).

---

<sup>5</sup>A leitura entre pares é uma metodologia adotada nos encontros e congressos latino-americanos para favorecer a troca de suas produções escritas, artigos e trabalhos, entre os participantes dos eventos. O objetivo da leitura é estimular intervenções, sugestões e problematizações no texto lido, na expectativa de que ao retornar ao autor, esses textos possam ser aprimorados até que suas versões finais estejam prontas para apresentação e publicação nos anais dos eventos. Em tese, são encaminhadas fichas com as considerações que devem ser observadas nos textos e estas fichas devolvidas ao autor. Essas leituras entre pares é uma característica metodológica que fundamenta um dos processos vividos no Ibero-americano que se dá em duas etapas: a leitura entre pares nacionais com participantes das redes do próprio país e depois a leitura entre pares internacionais, onde há troca entre as redes latino-americanas. Importante lembrar que nos encontros e congressos do Ibero-americano, não há uma comissão científica que avalie, aprove ou reprove os trabalhos. Todos os trabalhos são lidos pelos pares com objetivo que sejam aprimorados e incluídos nos anais dos eventos.

Sendo a carta “um escrito que se envia a um ausente para lhe fazer ler seus pensamentos” (GODOY, 2010, p.37), a opção pela leitura entre pares internacional a partir das cartas foi proposta pela REDEALE também como forma de favorecer o diálogo em um estilo informal, preservando certa leveza no processo de perguntar, sugerir, contrapor novos sentidos ao texto, compartilhar impressões e afetamentos acerca do texto do outro. Ao mesmo tempo, as cartas, ao conservar o padrão próprio do gênero textual, contribuíram, amorosamente, para dar a ver ao outro, as lacunas, as contradições, as imprecisões, como também os *insights* que a narrativa sobre a experiência vivida às vezes nos presenteia.

A opção pela leitura entre pares internacional a partir da produção das cartas nos possibilitou romper com um formato acadêmico mais impessoal, que se orientava por um roteiro para avaliar o atendimento aos quesitos combinados entre as redes, como sugerem os modelos de fichas avaliativas da leitura entre pares nos eventos latino-americanos, e possibilitava investir numa relação de mais proximidade e amorosidade, pois “os sujeitos que escrevem e leem cartas deixam suas marcas” (CAMARGO, 2011, p.19).

Na interlocução entre os dois coletivos temos procurado viver a experiência, fundamentada no princípio freireano: “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1996, p.79). No diálogo, buscamos perspectivas outras para a construção de uma pedagogia emancipadora que nos articule enquanto docentes latino-americanas/os. Nesse sentido, a proposta das cartas corroborou para ampliação do diálogo entre as/os docentes do Brasil e do Peru, abriu caminho para que conversas fossem tecidas, de forma que o final dessa etapa proporcionou aprendizagens, reflexões e saberes mútuos.



## **Encontrosconversas entre REDEALE e REDENU: narrativas pedagógicas e cartas na formação de/a professores/as**

*Respeito as oralidades.*

*Eu escrevo o rumor das palavras.*

Manoel de Barros

Definimos como *encontrosconversas*, a metodologia de *investigaçãoformação* construída no diálogo entre as redes do Brasil e do Peru. Os nossos encontros sejam presencialmente nos congressos nacionais e/ou internacionais latino-americanos ou, virtualmente, nos encontros *online*, se caracteriza pela conversa, nos lembrando Alves (2008, p.38) quando afirma que “se tem uma coisa que as/os professoras/es gostam de fazer quando se encontram, é conversar.”Nesses diálogos tecidos coletivamente encontramos pistas do aprendido, do ensinado, do vivido, do sentido, do pensado, etc e essa oralidade, marca presente entre as/os docentes, conduz nossas reflexões acerca do cotidiano escolar e nos provocam a uma escrita que se guia pelo rumor das palavras.

Contudo, ao serem provocadas/os a escrever sobre suas histórias, este parece ser um desafio presente. Talvez, para nós professoras/es conversadoras/es e narradoras/es, para ultrapassar o limite da oralidade e colocar nossas histórias em narrativas escritas seja primeiro necessário o movimento de perceber a importância da história, de se contar uma história. Aqui, quero ressaltar que me refiro às histórias de vida, às histórias “desimportantes” (BARROS, 2001), das *pessoas* “comuns, do homem ordinário” (CERTEAU, 1998), compreender que a história não pode ser desprezada, pois “nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história” (BENJAMIN, 1987, p. 223), seja na história política quanto na individual, como nos alerta Benjamin, pois os acontecimentos influem no presente.

Acreditando no papel formador da escrita narrativa, Suárez e Ochoa afirmam que “la documentación narrativa de experiências pedagógicas puede contribuir a recriar el pensamiento y la acción

educativos y, en el mejor de los casos, puede colaborar en la construcción de otra pedagogía de la formación” (2005, p.12). Nesse sentido, as redes latino-americanas REDEALE e REDENU, pensando também nesse potencial formador, deram, coletivamente, materialidade à escrita de narrativas no projeto por elas desenvolvidas no ano de 2018, a partir dos relatos de experiências que foram sendo tecidas nos diálogos entre os pares.

Em busca de enfrentar os desafios da produção escrita, da leitura entre pares entre docentes brasileiras/as e peruanas/os e, ao mesmo tempo, favorecer o movimento de tradução das narrativas orais para narrativas escritas, como também na tradução dos idiomas, escrever cartas, como já mencionado, foi o caminho escolhido.

Nesse sentido, a leitura entre pares com seu caráter formativo, favorece tanto para o desenvolvimento da escrita, quanto para a reflexão que se dá a partir do diálogo e do olhar do outro. Contudo, diante da impossibilidade de trazer todas as produções realizadas no projeto de “Escritas Narrativas entre Docentes Latino-americanos”<sup>6</sup>, trago para essa conversa a troca de cartas e narrativas escritas entre brasileiras/os e peruanas/os participantes das redes e coletivos docentes REDEALE e REDENU, parceiras nesse projeto.

Ressalto que na tentativa de contemplar o variado perfil de participantes, como mencionado anteriormente, bem como a diversidade do grupo traduzida por diferentes estilos de escrita, diferentes espaços/níveis de atuação e momentos diferenciados de

---

<sup>6</sup>Como as pipocas pedagógicas é um estilo de escrito inédito para a maioria das/os participantes da rede brasileira, para as/os participantes da rede peruana era um estilo inédito para todas/os do coletivo REDENU, ressalto aqui que apesar de no processo a REDEALE-Brasil ter discutido internamente e estudado sobre as pipocas pedagógicas e as coordenadoras do coletivo brasileiro terem compartilhado com a rede peruana acerca desse estilo de escrita, as produções escritas não tiveram em sua totalidade uma escrita em formato de pipocas pedagógicas, tanto no coletivo brasileiro (apesar de terem se aproximado mais da produção proposta no projeto inicial), quanto no coletivo peruano. Contudo, ainda assim tivemos um compilado de escritas narrativas composto por pipocas pedagógicas, narrativas docentes e cartas nas quais contribuíram para a formação entre pares Brasil e Peru.

formação que foi a escolha das produções na pesquisa realizada, entretanto, para compartilhar no presente artigo, opto por trazer apenas uma narrativa brasileira e uma peruana e uma carta brasileira e uma peruana.

### **Leitura entre pares: troca de narrativas brasileiras e peruanas entre professoras/es da REDEALE e REDENU**

A troca de narrativas e cartas entre docentes de ambas as redes se deu como um movimento rico de saberes e aprendizados compartilhados, possibilitando que escritor e leitor imbricados pela escrita reflexiva, invertam suas lentes e reflitam sobre seu *saberfazer* nas práticas cotidianas escolares. O primeiro diálogo se deu a partir da narrativa da participante Amanda Pestana da REDEALE- Brasil, que é professora e atua como pedagoga na rede municipal de São Gonçalo – RJ e da carta da participante Liliana Tambo da REDENU-Peru que é psicóloga social em instituições educativas e grupos de comunidade em Cajamarca-Peru.

#### **OUVIR AS CRIANÇAS?**

Naquela tarde, um grupo de crianças de cinco anos me procurou indignado, denunciando a destruição de algumas esteiras recém-adquiridas pela escola. Com as mãos na cintura, Agatha olhava para mim com aquele olhar que diz sem palavras: *E aí, o que você vai fazer com a turma de quatro anos que destruiu nossa esteira?*

No gesto daquela criança, ao procurar a pedagoga para resolver o problema, pude identificar o reconhecimento da hierarquia e das relações de poder dentro da escola. Fui até a sala “apurar os fatos”. Podia simplesmente ouvir a reclamação e levar para a professora, ou não lhes dar atenção, como, às vezes, acontece em meio ao atribulado cotidiano. Porém, por já ter uma relação dialógica com as crianças da turma, optei por compartilhar com elas um encaminhamento para o problema.

Bernardo foi o primeiro a falar:

- *Tem que bater nelas.*

- *Será que bater resolve, realmente a situação?* Rebati imediatamente.

Algumas crianças disseram que não. Bernardo nada respondeu. Em uma sociedade marcada por sanções como “bater”, a solução das crianças não era de surpreender.

Sugerindo outro caminho, questionei:

- *Quando queremos falar algo para alguém que não está presente, o que podemos fazer?*

Temi pela resposta: “manda um zap”. Mas o que ouvi foi um silêncio acompanhado de olhos arregalados.

Perguntei:

- *Vamos escrever?*

- *Escrever um convite?* – Jorjano recordava do convite que havíamos feito há algumas semanas.

Expliquei que nesse caso seria um bilhete. Escrevemos coletivamente a mensagem e a deixamos no quadro. Ninguém precisou bater em ninguém e as crianças ficaram satisfeitas, pois “resolveram” o problema da destruição das esteiras.

O que fiz naquele momento foi ouvir as crianças e a partir desta escuta, viver uma experiência significativa na escola.

Muitas vezes, as exigências de um currículo engessado ou as burocracias cotidianas, dificultam a construção de um olhar e de uma escuta sensível. Daí a importância de promover situações em que as crianças possam participar das decisões e expressar seus sentimentos posicionando-se frente às questões do mundo.

Não seria esse o papel da escola? Não seria o nosso papel de educadores das infâncias? (Texto produzido para o projeto “Escritas Narrativas entre Docentes Latino-americanos” de 2018).

A história narrada por Amanda envolve fatos de seu cotidiano escolar, experiências como pedagoga em uma escola municipal na rede pública de São Gonçalo-RJ, história que dentre muitas outras poderia ficar apenas nas oralidades dos diálogos tecidos entre as/os profissionais da educação em seus momentos de conversas. Contudo, ao ser provocada a narrar sobre sua experiência no/com o cotidiano escolar, Amanda rememora e traz para a narrativa uma passagem de sua trajetória profissional que de certo a marcou, pois “a experiência narrativa não acontece se não nos toca ou nos passa – sejamos nós narradores ou ouvintes” (PEREZ e MIGUEL, 2016, p. 47).

Ao narrar o diálogo que tecia com as crianças, Amanda foi refletindo acerca das diversas questões que se anunciavam em suas falas. Ouvir as crianças, possibilitou à Amanda ressignificar práticas e lógicas, bem como problematizar o papel da escola e dos/das educadores/as, pois como nos adverte Suárez:

Las escuelas están constituidas por acontecimientos de diversa índole, pero casi todas las cosas que suceden en ella se relacionan de una forma u otra con la vida pasada, presente y futura de las personas que la habitan y la hacen: los docentes y los alumnos. Los sucesos del mundo escolar se entremezclan con sus historias, ilusiones, proyectos y circunstancias. (2005, p. 194)

Ouvir as crianças? O título em forma de pergunta que Amanda dá à sua narrativa toca em uma questão relevante no/do cotidiano escolar das crianças pequenas. As crianças são ouvidas? É importante ouvi-las? O que muda no projeto da escola quando as crianças são ouvidas? Provocações que vão se pautar na narração de um episódio vivido com crianças na educação infantil. A narrativa que começa e termina com perguntas, embora contemple uma ação da pedagoga, não a apresenta como uma solução infalível para a solução dos problemas que emergem no cotidiano escolar. Oferece pistas, compartilha o “foi assim que eu fiz”, Pergunta: “não seria esse o papel da escola e dos/das professores/as?” Deixa espaço, portanto, para novos diálogos...

Hacer significativo lo vivido es más un movimiento que un logro, más una necesidad que una conclusión, más una búsqueda que una certeza. Desde la experiencia, que reconoce la receptividad y la pasividad como elementos importantes del vivir, de lo que te hace ser, de lo que te forma, hacer significativo lo vivido supone un trabajar sobre la experiencia para que te revele sus verdades. Pero trabajar sobre la experiencia requiere no imponerle tu punto de vista, sino estar a la escucha, a la espera, sin imponerle *a priori*: dejar que el otro, la otra, lo otro, te diga. (DOMINGO e FERRÉ; 2010, p. 36).

Ao escrever sobre a experiência do vivido nos permitimos entrar nesse movimento de torná-lo mais significativo, pois, ao narrar retomo a experiência, reflito sobre ela e concordando com Domingo e Ferrer, é a partir da experiência, que reconhecemos a receptividade e a passividade como elementos importantes da vida, do que nos faz ser, do que nos forma, sabendo que esta “no siempre se deja pensar bien, que no se deja descifrar, que no hay modo de saturar las interpretaciones, los significados. Por eso podemos volver sobre las experiencias, volver a pensar las; y por eso significan, nos significan en diferentes momentos” (DOMINGO e FERRÉ; 2010, p. 36).

Em resposta à narrativa de Amanda a carta da professora peruana Liliana Tambo, chega de forma afetuosa e solidária escrevendo sobre suas impressões acerca do texto lido, fazendo assim a leitura de pares internacional.

Amanda de Sousa Pestana.

Maestra Amanda buenas tardes reciba saludos cordiales.

Encuanto a su narración, es muy interesante como de pequeñas cosas que cotidianamente pasamos, quizá algunos días en la escuela, y como lo solucionamos, a veces somos muy monótonos y seguimos pautas eso es cierto, sin embargo, ustedes en este ejemplo nos enseña a ser más razonables y tomar decisiones de manera diferente utilizando estrategias o métodos que atribuyan a que los niños sean más pensantes y no actúen de inmediato por sus emociones. Además, la narración está muy clara, el contenido y la explicación de los sucesos sencillos y entendibles. Gracias por compartir esta experiencia y me alegra mucho que nos podamos comunicar conocer e intercambiar ideas y de esta manera aprender mutuamente. Dios la bendiga maestra Amanda hasta pronto.

Atte.

Liliana Aliaga Tambo.

(Carta enviada por *e-mail* na troca entre pares REDEALE e REDENU, 2018).

A carta da professora Liliana reflete os efeitos que a leitura da narrativa de Amanda nela provocou. Liliana parece aceitar a convocação de Amanda ao diálogo e destaca da experiência compartilhada, isto é, lições que possam contribuir com a sua própria formação: prestar atenção nos pequenos fatos cotidianos; reconhecer que muitas vezes agimos burocraticamente; levantar questões para que as crianças pensem, ao invés de dar soluções e respostas prontas. A professora termina sua carta também desejando novos encontros favorecedores de mútuas aprendizagens.

A carta-resposta da professora Liliana, confirma o caráter formativo da troca de experiências entre pares e da escrita sobre a experiência, como caminho para o movimento de reflexão sobre a prática.

Um segundo diálogo que trago é mais uma troca entre pares que me instigou a pensar sobre outras compreensões acerca das experiências. Trata-se do diálogo entre a peruana Hortênci Aquino, professora das séries iniciais na Escuela Campesina Alternativa de Pomabamba, compartilhando uma experiência pedagógica vivida na escola, a partir de um conto popular peruano e a carta do professor brasileiro, Daniel Oliveira, que atua no Centro Municipal de Referência de Educação de Jovens e Adultos.

### EL ARCOIRIS

Cuentan que un día llovió muy fuerte pero también hacía sol, una señora había salido a pastar sus ovejas al cerro cuando de pronto vi que un arcoíris se envolvía en una planta de capulí, la señora corrió a mirar lo que pasaba pero se acercó y no logro ver nada. Sorprendida de no hallar nada llamó a lasvecinas que estaba por allí - ¡Vengan, vengan!, a ver miren que hermosa se ve esa planta. Los vecinos, dijeron estamos en carnaval hay que a hacer una fiesta por que nunca hemos visto una planta tan bonita. Así que se reunieron, cantaron, bailaron, colocaron fruta, pan, para adornar elcapulí; como tenían chicha del carnaval empezaron a tomar hasta emborracharse cuando estuvieron muy borrachos trajeron un hacha para cortar a la planta. Pobrecita, a los días siguientes amaneció en el suelo, a algunos les gustó mucho la fiesta que, hasta hoy cortan las plantas

de capulí a otros no les gustó haberlo cortado se sintieron muy mal que prometieron nunca más cortar una planta de capulí más bien dijeron sembraremos para que démucho fruto para comer nosotros y también los zorzales y a si lo hacen hasta hoy.

Cuando terminé de contar el cuento me dijo Bretellas unshas: “no tienen arcoíris, sino serpentinas de muchos colores y yo cuando sea grande no tumbaré lo sarboles sino más bien sembraré muchos, para tener harto capulí”, luego les dije ¿lesgusta a ustedes el capulí?, me dijeron todos en coro ¡síí...!, hay blanco y colorado, el blanco es dulce aunque esté verde, el colorado no mucho; pero también es rico. Después le hable de los colores del arcoíris me dijeron, ¡son lindas!, mi mami dice que son siete.

Sí les dije, son siete.

A ustedes les gustaría tener una cartuchera como el arcoíris

Me dijeron, sí, sí...

Entonces les mostré los hilos vaciándolo en la manta para que escogieran.

Sí, son los colores del arcoíris, dijo Vivian y también de las serpentinas de la unsha del carnaval. Sí y les dije hoy vamos a trenzar para hacer una linda cartuchera de colores, así que empezamos a trenzar, hasta completar 18 trenzas de hilo de varios colores, conforme iban trenzando yo los cosía, uniendo para formar una cartuchera; cuando ya estuvo terminada la primera Fanydijo que bonita yo no lo voy a regalar a nadie lo voy a decir a mi mami que ya no me compre una cartuchera, para la escuela.

Al finalizar todo estuvieron muy contentos.

HORTENCIA VILLAR AQUINO. Escuela Campesina Alternativa de Pomabamba

(Texto producido para o projeto “Escritas Narrativas entre Docentes Latino-americanos” de 2018).

Rio de Janeiro, 07 de novembro de 2018.

Prezada Professora Hortência Villar Aquino,

Como vai? Espero que estejas muito bem!



Para mim, foi uma imensa satisfação ler a sua narrativa; que belo conto! Fiquei a imaginar as cenas enquanto eu lia a história. Pelo que você diz, eles também apreciaram. Qual a área de conhecimento que você leciona? O que a inspirou a escolher esse conto sobre o arco-íris e a planta? Curioso que tenhas também o nome de uma flor.

Pelo que contas, tenho a impressão de que o Carnaval agrada muito aos estudantes de sua turma; parece bastante colorido também. Estou certo quanto a minha impressão? Aqui, temos um Carnaval muito colorido e animado, que faz muito sucesso também entre muitas pessoas.

Fiquei também interessado em saber um pouco mais sobre o que vocês conversaram a partir do conto, que experiências foram possíveis compartilhar.

Outra impressão que sua bela narrativa me passa, é que uma escola campesina dispõe de boas oportunidades para se lecionar a partir da natureza e das experiências dos estudantes com ela. Você poderia contar um pouco mais sobre os trabalhos pedagógicos desenvolvidos em uma escola campesina? Acredito que seria muito interessante conhecer essa experiência e o que ela lhe tem ensinado.

Me despeço por aqui.

Espero que seja uma breve despedida, até outra carta.

Daniel de Oliveira

Centro Municipal de Referência de Educação de Jovens e Adultos

(Carta enviada por *email* na troca entre pares REDEALE e REDENU, 2018)

Assim como com as crianças da narrativa da professora Hortência, o conto despertou bastante interesse e curiosidade no professor leitor Daniel que destaca em sua carta algumas curiosidades que o texto lhe trouxe e dá pistas de como a professora autora poderia retomar e trazer mais elementos para aprimorar sua escrita. Dessa forma, Daniel amorosamente faz intervenções no texto da colega, de modo a contribuir com sua escrita, objetivo esse que fundamenta a leitura entre pares, pois, a partir do olhar do outro sobre nosso texto, temos a oportunidade de retomar e aprimorar nossa escrita.

Uma outra característica emerge da leitura de Daniel, ao instigar Hortência a dar continuidade ao intercâmbio de experiências: “Você poderia contar um pouco mais sobre os trabalhos pedagógicos desenvolvidos em uma escola campesina? Acredito que seria muito interessante conhecer essa experiência e o que ela lhe tem ensinado.” O convite do professor traz consigo uma dupla intencionalidade: tanto provocar a continuidade do exercício da escrita, quanto apontar para a reflexão sobre a prática pedagógica.

Além das intervenções colaborativas à narrativa de Hortência, Daniel evoca uma aproximação entre a cultura peruana e o carnaval brasileiro, a partir da dimensão das cores, estabelecendo pontes que dão a ver semelhanças, pontos de aproximação entre a vida de quem narra com a vida de quem escuta. O interlocutor nos convida, assim, a pensar sobre o sentido que as “narrativas evocam e provocam” (LIMA, GERALDI e GERALDI, 2015, p. 24) em nós.

Que aproximações, provocações, evocações uma experiência pedagógica, com crianças em uma escola campesina peruana, poderia instigar em um professor brasileiro que atua em uma escola urbana com jovens e adultos?

O diálogo Hortência-Daniel nos ajuda a ampliar a reflexão sobre uma dimensão formativa entre pares que, historicamente, coloca ênfase no aspecto utilitário do “que e do como fazer.” Pensada na perspectiva do que as narrativas podem “evocar e provocar” em nós, a formação entre pares ganha uma dimensão reflexiva, comprometida em construir com o outro, novos olhares sobre a própria prática.

### **Considerações finais**

A pesquisa narrativa que fundamenta as ações nas quais os coletivos latino-americanos REDEALE e REDENUvem buscando se apropriar, tem se debruçado não apenas em como os indivíduos ensinam e aprendem, mas, entendendo que a partir da escrita de narrativas sejam elas em formato de pipocas pedagógicas, narrativas docentes e até mesmo as cartas, como as que foram

escritas e trocadas no projeto de 2018, possamos compreender, não somente sobre como as/os professoras/es participantes exercem suas práticas docentes, mas como suas histórias de vida se refletem nessas práticas. Em outras palavras, como nós professores e professoras experimentamos o mundo da vida e o mundo da escola, como nos ensina Connelly y Clandinin (2008).

La razón principal para el uso de la narrativa en la investigación educativa es que los seres humanos somos organismos contadores de historias, organismos que, individual y socialmente, vivimos vidas relatadas. El estudio de la narrativa, por lo tanto, es el estudio de la forma en que los seres humanos experimentamos el mundo. (p.11)

O diálogo favorecido pelas cartas, agilizada pelo correio eletrônico (*e-mail*), trazia novos significados ao processo formativo vivido entre pares, superando desafios colocados pela distância física, pela diferença cultural, pelo uso de dois idiomas. Além do mencionado, tais diálogos possibilitados pelas trocas de cartas também nos aproximavam dos objetivos comuns: refletir sobre a prática e investir na construção de uma pedagogia comprometida com o rompimento de políticas colonizadoras inspiradas no projeto neoliberal.

Assim, a troca das cartas entre pares reafirmava que a escrita sobre a prática como processo formativo é também um caminho para refletir sobre ela e produzir conhecimentos que transbordam a experiência vivida, como Freire nos convida a pensar ao enfatizar que “faz parte da própria natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador” (1996, p.32)

do ponto de vista da formação entre pares, podemos pensar que tais experiências dão a ver uma intrínseca relação entre formas outras de fazer a escola e outras formas de ser docente, que requer o movimento de pensar sobre a própria prática e dela se apropriar enquanto reflexão teórico-prático. (ARAÚJO, 2018, p.269)

Em concordância com Araújo, os processos *investigativosformativos* que temos vivido no diálogo REDEALE e REDENU reafirmam a/o professora/r como pesquisadora/r de sua própria prática, como condição para construirmos novas compreensões sobre a escola, o processo *ensinoaprendizagem*, as questões *políticasideológicas* que permeiam o cotidiano, as práticas pedagógicas e o próprio ser docente.

Nesse sentido, temos defendido junto com Lima, Geraldie Geraldi (2015) que o melhor caminho para compreender as práticas dos/das professores/as nas escolas, e junto *com* eles/elas produzir uma epistemologia da prática, é ouví-las/os, reconhecê-las/os como narradores/as do próprio trabalho e do seu ser docente, “apoiando-as em seu processo de se fazerem professoras e pesquisadoras, sujeitos que querem compreender o que lhes toca, o que lhes acontece e o que fazem acontecer.” (p. 42). E, nessa perspectiva de investigação narrativa, fundamentada na pesquisa-ação, é que nós, enquanto redes latino-americanas, vimos apostando na escrita narrativa, nos relatos de/sobre experiência como processo formativo entre os coletivos, entendendo que nesse processo de *pesquisaformação* no qual estamos inseridas/os quanto professoras/res pesquisadoras/es das redes e coletivos docentes latino-americano, vamos nos apropriando de um modo outro de fazer pesquisa.

Nesse modo outro de fazer pesquisa, a investigação narrativa nos permite perceber certa “aproximação entre pesquisador e pesquisado como possibilidade de construção de outras compreensões acerca das experiências” (LIMA, GERALDI e GERALDI, 2015, p. 19). Acreditando na representatividade e importância das pesquisas narrativas em educação, é que, as redes latino-americanas REDEALE-Brasil e REDENU-Peru, iniciaram seus diálogos a contrapelo da lógica que relega as/os professoras/es, em especial da escola básica, o papel de meras/os coadjuvantes e replicantes de tecnologias criadas ao largo da escola no processo de *ensinoaprendizagem*. Docentes que uniram seus esforços para intercambiar, entre pares, suas experiências. Considerando as experiências docentes “como o grande campo

transitado, (re)vivido e refletido” (VIEIRA, 2020, p.113), acreditamos que a perspectiva *investigativoformativa* contribuiu para dar a ver o protagonismo das/os professoras/es como pesquisadora/es e sujeitos de sua prática.

Os diálogos tecidos entre as narrativas e as cartas trocadas entre as redes brasileiras e peruanas no projeto de 2018, o caráter de ressignificação da experiência nos possibilita o exercício de ressignificar a própria prática, de pensar/questionar o papel das/os professoras/es e da escola e, vivenciar a leitura entre pares a nos ajuda nesse processo de ressignificação da experiência.

A escrita narrativa tem se caracterizado como um processo formativo a partir dos diálogos tecidos entre os/as professores/as de redes e coletivos docentes e essa troca que fomenta a reflexão acerca do cotidiano, ampliar o olhar sobre as práticas e as relações de aprendizagem desde a escola e a comunidade, e considerar o saber da experiência como caminhos para a construção de conhecimento como afirma Botía:

La narrativa no sólo expresa importantes dimensiones de la experiencia vivida, sino que, más radicalmente, media la propia experiencia y configura la construcción social de la realidad. Además, un enfoque narrativo prioriza un yo dialógico, su naturaleza relacional y comunitaria, donde la subjetividad es una construcción social, intersubjetivamente conformada por el discurso comunicativo. El juego de subjetividades, en un proceso dialógico, se convierte en un modo privilegiado de construir conocimiento. (2002, p.43)

Assim, a escrita narrativa de experiências docentes é uma forma de compreender a educação, pois como afirma Domingo e Ferrer, “en la sustancia de la educación está el encuentro con el otro, con la otra” (2010, p.70), e, “al buscar la investigación el saber de la experiencia, busca ese saber que se nutre de interrogarse ante la presencia del otro la relación que construimos con el” (Idem).

As experiências entre as redes e coletivos docentes latino-americanos, sobretudo o diálogo e a parceria entre as redes brasileira e peruana, têm se caracterizado como espaços potentes de uma formação

comprometida com a construção de uma pedagogia outra, inspirada no compromisso ético, estético e político com uma sociedade latino-americana mais justa e democrática.

## Referências

ALVES; N; Decifrando o Pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, N; OLIVEIRA, I. B. **Pesquisas nos/dos/com os cotidianos das escolas sobre redes e saberes**. Petrópolis: DPetrus et Alli, 2008.

ARAÚJO, M.S. Projeto de Pesquisa: **Alfabetização, Memória e Formação de Professores**: investigando novas práticas de formação docente. PIBIC. UERJ. Rio de Janeiro. 2018.

\_\_\_\_\_; MORAIS, J. F. S. Brasil e Peru nas dobras do (im)possível: compartilhando experiências no diálogo entre coletivos docentes. In: **Revista Linha Mestra**, v. 30, pp. 43-8, Associação de Leitura do Brasil, 2017.

BARROS, M; **Matéria de Poesia**. 5ª ed. Rio de Janeiro. São Paulo: Editora Record, 2001.

BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: **Obras escolhidas**, vol. 1, São Paulo, Brasiliense, tese n. 3. "Madame Asriadne, segundo pátio à esquerda" e "Rua de mão única", In: **Obras escolhidas**, vol. 2, São Paulo, Brasiliense, 1987.

BERNAR. A.P. **Narrativas e encontros: a negação da escolarização em histórias cotidianas de mulheres**. UFF/ PPGEDUC. Niterói. Rio de Janeiro. 2020.

BOTÍA, A.B; **“¿De nobis ipsis silemus?”: Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación**. Revista Electrónica de Investigación Educativa Vol. 4, No. 1, 2002. Disponível em <https://redie.uabc.mx/redie/article/viewFile/49/91>., visualizado em 27/05/2019.

CAMARGO. M.R.R.M. **Cartas e escrita: práticas culturais, linguagem e tessitura da amizade**. Unesp. São Paulo. 2011.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano 1: as artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CONNELLY, F. Michael y CLANDININ, D. J. Relatos de Experiência e Investigación Narrativa. In: LARROSA, Jorge. *Déjame que te cuente*.

**Ensayos sobre Narrativa Y Educación**, Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Laertes, 2008.

DOMINGO, J.C; FERRÉ, N.P.L. La Experiencia y la Investigación Educativa. In: **Investigar la Experiencia Educativa**. DOMINGO, José Contreras; FERRÉ, Nuria Pérez de Lara (Coord.). Espanha. Morata. 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Cortez, 1996.

GODOY, Luciana Bertini. **Uma carta...um espaço entre dois**. IDE. São Paulo, p.36-53, julho 2010.

LIMA, M E C C, GERALDI, C M G e GERALDI, J W. O trabalho com narrativas na investigação em educação. In: **Educação em Revista**. |Belo Horizonte|v.31|n.01|p.17-44|janeiro-março 2015. Acesso em 15 de janeiro de 2018.

PASSEGGI, M.C.; SOUZA, E.C.de. **O movimento (auto)biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional**. *Investigación Cualitativa*, 2(1) pp. 6-26. 2016.

PEREZ, C.L.V; MIGUEL, A.C.C. **Fazer (e narrar) Experiência na Pesquisa e na Formação de Professores Narradores**. *Roteiro*, v. 41, n. 1, p. 41-66, 23 mar. 2016.

PRADO, G.V.T; TERRA, J. **Pipocas Pedagógicas na Educação Infantil: as conversas entre as crianças dizem muito aos educadores**. *Roteiro*, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 241-258, jan./abr. 2016.

PRADO, G.V.T.; PROENÇA H.H.D.M; SERODIO, L.A.; FILHO, R.B.S. **Pipocas Pedagógicas: uma possibilidade de narrar o vivido na escola**. In Prado, G.V.T, PROENÇA, H.D.M, SERODIO, L.A., SILVA FILHO, R.B. **Pipocas Pedagógicas IV: narrativas outras da escola**. São Carlos, Editora Pedro e João, 2017, pág:09-22.

QUEIROZ, B.C. **Correspondências**. Rio de Janeiro: Rhj. 1987.

SUÁREZ, D; OCHOA, L. Una Carta de Invitación. In: **La Documentación narrativa de Experiencias Pedagógicas una Estrategia para la Formación de Docentes**. Buenos Aires. 2005.

WARSCHAUER, C. **A roda e o registro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

VIEIRA, J. **Narrativas do Cotidiano (Per)formativo: A Escrita de Cartas como Modo de Dizer-Ser**. Campinas, UNICAMP, 2020.

ZEICHNER, K.M; DINIZ-PEREIRA, J.E; **Pesquisa dos educadores e formação docente voltada para a transformação social**. *Cadernos de Pesquisa*, v. 35, n. 125, p. 63-80, maio/ago. 2005.

# **La participación de cartas para la comunicación con la participación de alumnos de quinto grado de la I.E. 'JUAN PABLO LI' y 'ARMANDO LEÃO FERREIRA DE SÃO GONÇALO' de los países Perú - Brasil 2015<sup>1</sup>**

*María Sabina, Abanto Abanto  
Jenny Elizabeth, Correa Ruíz  
Rocío Milagros, Valencia Vásquez*

## **Introducción**

En el año 2015 se desarrolló una experiencia de investigación acción entre los países de Brasil y Perú, esta experiencia consistía en escribir cartas para que se puedan comunicar los estudiantes de quinto grado de primaria de la I.E. "Juan Pablo II" de la ciudad de Cajamarca y los estudiantes de quinto grado de primaria de la I.E. Escola Municipal Dr. Armando Leão Ferreira de São Gonçalo, Rio de Janeiro (Brasil). Durante el desarrollo de la experiencia nos pudimos dar cuenta que los estudiantes, al saber que se iban a comunicar con estudiantes de otro país, se sintieron muy motivados para escribir. De esta manera podrían comunicarse e intentar describir o hablar sobre su ciudad, su cultura, sus costumbres, su música y todo lo que en esos momentos les estaba ocurriendo, descubrir así que a pesar de que no conocían al destinatario estaban muy emocionados de poder compartirle todo a través de una carta. Al finalizar la experiencia llegamos a la conclusión de que a pesar de ser de países distintos y hablar un idioma diferente, a través de una carta, los estudiantes pudieron

---

<sup>1</sup> Este texto es una versión revisada y ampliada de un artículo publicado en el libro: "Experiências educativas a partir de uma Expedição Pedagógica".



entablar lazos de amistad y hermandad; a la vez lograron escribir una carta que les permitió comunicarse de manera escrita.

El presente trabajo de investigación consiste en la producción de cartas en situaciones reales, de diferentes contextos, entre los estudiantes del quinto grado de educación primaria de la Institución Educativa Juan Pablo II de Cajamarca (Perú) y estudiantes del quinto año de la Escola Municipal Dr. Armando Leão Ferreira de São Gonçalo, Rio de Janeiro (Brasil) con la finalidad de que se mejore la lectura, escritura de textos, entablando relaciones amicales entre alumnos y maestros, sobre el cual se desarrollará el presente artículo.

El presente artículo utiliza un tipo y diseño de investigación no experimental de tipo descriptivo; con una metodología centrada en la escritura de cartas, las cuales fueron escritas siguiendo el enfoque Comunicativo Textual. De acuerdo con el Ministerio de Educación (2015), en las Rutas del aprendizaje “el enfoque es puramente comunicativo ya que su principal objetivo es comunicar, además de esto es textual, ya que la persona al emitir un mensaje lo hace a través de expresiones orales como también mediante textos escritos” (p. 56). De acuerdo con Lerner (2001), el desafío es “llegar a formar personas que practiquen la lectura y la escritura, y no solamente personas que puedan descifrar el sistema” (p. 76), al formar lectores estos tendrán la capacidad de elegir el material escrito adecuado para buscar la solución de problemas a los cuales enfrentan y no tan solo alumnos con la capacidad de oralizar un texto que fue seleccionado por otra persona.

La conclusión general a la que llegamos después de desarrollar la experiencia, es que la escritura de cartas permite que nuestros estudiantes se expresen libremente, construyan sus conocimientos y los compartan en situaciones comunicativas reales, logrando así aprendizajes duraderos y significativos; así mismo que logren desarrollar su identidad y lo expresen al producir sus cartas.

En cuanto a los docentes nos sentimos entes activos que hacen investigación desde sus aulas, buscando que sus estudiantes sean seres reflexivos, críticos, investigadores y creativos.

## Escritura de cartas

Y aunque paradójicamente la práctica de enviar cartas manuscritas esté en crisis por el desarrollo de las nuevas tecnologías que cambian lo material por lo virtual, la matriz epistolar está más presente que nunca. Porque los nuevos medios tecnológicos que facilitan la comunicación también forman parte de la epistolaridad, de «otra» epistolaridad que ha hecho que la carta, como modelo narrativo, esté vigente; verbigracia el *e-mail*, una suerte de textualidad a medio camino entre las misivas mecanografiadas y la conversión telefónica. Hay que reconocer que Internet, como ha argumentado Leonor Arfuch, ha revalorizado la escritura del «yo» –y ha contribuido al retorno del sujeto– y sin duda ha estimulado nuevas formas canónicas como las cartas y los diarios. (CUIÑAS ,2016).

## Metodología

El tipo de la investigación que utilizamos es la investigación acción; es decir, es un método de investigación en el que el investigador tiene un doble rol, el de investigador y el de participante. Combina dos tipos de conocimientos: el conocimiento teórico y el conocimiento de un contexto determinado. Es un método en el cual la validez de los resultados se comprueba en tanto y cuantos estos resultados son relevantes para los que participan en el proceso de investigación. “La investigación acción es un proceso dialéctico en el que la planificación de la misma, la acción, la observación y la reflexión están en constante cambio y dan paso constantemente a un nuevo ciclo de planificación, acción, observación y reflexión”. (EcuRed, 2019)

La investigación se realizó con los estudiantes del quinto grado de educación primaria de la Institución Educativa Juan Pablo II de Cajamarca (Perú) y estudiantes del quinto año de la Escola Municipal Dr. Armando Leão Ferreira de São Gonçalo, Rio de Janeiro (Brasil).

La estrategia que utilizamos estuvo basada en la producción de textos escritos con destinatarios reales, de acuerdo al enfoque comunicativo textual. Para ello planificamos, textualizamos, revisamos y editamos nuestras producciones.

### **Planificación**

El estudiante decide estratégicamente el destinatario, el tema, el tipo de texto, los recursos textuales e incluso las fuentes de consulta. Además, provee el uso de cierto tipo de vocabulario y de una determinada estructura del texto.

### **Textualización**

El estudiante convierte en texto -palabras, frases y oraciones completas- el conjunto de sensaciones e ideas que ocurren en su mente. "Para ello, pone en juego un conjunto de saberes, el conocimiento de los modelos textuales, la organización de sus ideas, el ejemplo del vocabulario adecuado a la situación, el mantener el hilo temático, el establecer una secuencia lógica, el relacionar sus enunciados a través de diversos recursos cohesivos y el ajustar su producción a las convenciones ortográficas. Mientras va convirtiendo sus ideas en textos, el estudiante ajusta el contenido y forma de su producción escrita tomando en cuenta la función social de su texto y el contenido en el que se enmarca.

### **Revisión**

El estudiante reflexiona sobre lo que escribe. La reflexión está presente durante todo el proceso. Esto quiere decir que revisa permanentemente cada aspecto del escrito mientras lo va elaborando, para mejorar así su práctica como escritor.

## Resultados

En el año 2015, el profesor Gabino Abanto nos invitó a formar parte del Colectivo de docentes de Perú. Al asistir a dicha reunión tuvimos la oportunidad de conocer el trabajo ético e innovador que realizan los maestros que pertenecen al colectivo. Nos motivaron las narraciones emotivas y vivenciales que realizaba cada uno de ellos sobre su trabajo en aula, con la participación activa de sus estudiantes.

La narración que más nos impresionó fue el trabajo que realizó la maestra Isabel Gutiérrez en su escuela de educación básica alternativa, la cual consistió en trabajar con productos propios de su contexto, logrando obtener diversos productos y aprendizajes.

Luego de haber asistido a esta reunión, decidimos formar parte de este colectivo, para poder hacer investigación desde nuestras aulas, y así contribuir con la educación de nuestra ciudad, de nuestro país y nuestro continente.

En un segundo encuentro tuvimos la oportunidad de reunirnos con la red de Brasil, vía Skype, en donde se llegó al acuerdo de intercambiar trabajos sobre producción de cartas entre estudiantes de Perú y Brasil, con la finalidad de trabajar los usos sociales del lenguaje y a la vez trabajar aspectos de redacción, cohesión, coherencia y ortografía.

Para ello planificamos una sesión de aprendizaje, donde se les dio a conocer a los estudiantes el proyecto a realizar, que consistía en redactar una carta cuyo destinatario era un niño de Brasil, teniendo en cuenta su sexo, es decir, niños a niños y niñas a niñas.

Para recoger los saberes previos, se les pidió que escribieran una carta, de forma libre. Posteriormente se leyeron las cartas escritas y se fue analizando su coherencia, cohesión, redacción y sobre todo su estructura. Aquí cada estudiante corrigió su producción, partiendo así del error constructivo para construir sus nuevos aprendizajes.

En una siguiente sesión en forma grupal investigamos sobre la carta, su estructura, redacción y ortografía; aquí el niño iba

adquiriendo nuevos saberes sobre la carta; al leer, subrayar y hacer un organizador visual.

Luego en una siguiente sesión hicimos la planificación del texto, a través del siguiente cuadro:

¿Qué vamos a escribir?	¿Para quién vamos a escribir?	¿Sobre qué vamos a escribir?	¿A quién vamos a escribir?

Posteriormente realizamos la textualización, donde cada niño escribió el borrador de su carta y en parejas realizó la corrección del texto, enseguida pasamos a limpio el borrador.

Al escribir las cartas los estudiantes dan a conocer sus sentimientos, expresan su forma de sentir, la forma de identificarse con sus costumbres, su cultura, es decir desarrollan su identidad y a la vez fortalecen sus habilidades sociales al establecer lazos de amistad con niños de otro país.

Recepcionamos las cartas y corregimos con cada uno de los estudiantes; cuando cada niño copió en limpio teniendo en cuenta las correcciones pertinentes.

Acordamos enviar las cartas por correo electrónico, por no contar con los medios económicos necesarios para un envío físico y la maestra brasileña Rose Mary recibió las cartas peruanas y envió las que escribieron sus estudiantes, logrando así que el estudiante le dé un uso adecuado al internet.

En esta experiencia no solo desarrollan habilidades los estudiantes sino también nosotras, las maestras, quienes hemos logrado planificar y ejecutar estrategias para poder lograr la producción de cartas, cumpliendo el papel de asesoras, y asimismo entablar relaciones sociales con colegas de otro país, para intercambiar experiencias pedagógicas aplicadas en diversos contextos.

Así tenemos dos cartas de los niños del Perú:

Cajamarca, 10 de julio del 2015.

Hola amigo:

Me llamo Juan, vivo en Cajamarca – Perú, tengo 10 años y estudio en “Juan Pablo II”. Mi Perú es fantástico, y muy bonito. Hay variedad de comidas, monumentos y recursos naturales. Vivo en la sierra peruana. Mi profesora es Maria Sabina Abanto.

Soy un chico carismático, inteligente, responsable, amigable y bondadoso. Espero conocerte alguna vez porque tengo mucha curiosidad de cómo eres.

Espero que visites mi país.

Con mucho gusto,

Juan José Román Gutiérrez

Cajamarca, 07 de julio del 2015.

Hola Amiga

Bueno, primero me quiero presentar, yo soy Isabel Carolina Chávez Pérez. Pero me puedes llamar Carito o Bel. Tengo 2 hermanos menores llamados Arturo y Andrés; los conocerá si vienes a visitarnos a Cajamarca bueno tal vez no conozca dónde es, queda en Perú yo estudio en Juan Pablo II.

Ahora te contaré algo sobre Perú: es un país que tiene 24 regiones como Cajamarca, Lima y muchos más; también te contaré que en Perú hay: Costa, Sierra y Selva. Hay muchas comidas ricas como el cuy, el cebiche y mucho más.

Creo que eso no más alcanza en mi carta, pero eso no quiere decir que ahí acaba, hay mucho más de lo que quiero contarte.

Espero que me visites o que me escribas. Adiós.

Carolina Chávez

Ahora recordamos cómo parte del proyecto se llevó a cabo en Brasil con la clase de quinto grado de la escuela primaria, en base a un relato ya publicado en el libro: “Experiências educativas a partir de uma Expedição Pedagógica.”

Do lado brasileiro, a turma da professora Rose Mary Castro de Oliveira Magdalena e do lado peruano a professora María Sabina Abanto participaria da atividade. O convite foi feito às turmas e o entusiasmo se instalou. Os alunos da professora Rose gostaram muito da proposta e ficaram envolvidos pela ideia de conhecer e se comunicar com crianças de outro país. No ano de 2015, a turma que participou do projeto foi do quinto ano do Ensino Fundamental. Possuía 28 alunos/as, sendo 17 meninos e 11 meninas. Partindo do interesse demonstrado pelas crianças brasileiras em conhecer o Peru, sua cultura e história, preparamos uma breve apresentação sobre este país. Fizemos uma pesquisa e elaboramos slides com informações sobre os costumes peruanos (música, cultura, história, alimentação, vestimenta e pontos turísticos). Conhecemos juntas as tradições de um país que mesmo pertencendo ao continente Sul-Americano, fala outro idioma, come outros alimentos, usa vestimentas diferentes, e abrange uma fauna que até o momento desconhecíamos. Posteriormente, foi realizada uma conversa sobre conhecer outra cultura e compartilhar experiências com estudantes peruanos. No decorrer da prosa, a professora Rose propôs que a turma escrevesse cartas para alunos peruanos. Os alunos abraçaram o convite. Com entusiasmo iniciaram a produção de suas mensagens para os colegas do Peru. A tessitura das cartas dos pequenos foi um momento singular de ação com a turma. Pudemos perceber a importância de uma atividade de escrita com sentido para os alunos. Demos a cada aluno uma folha de papel e dissemos que poderiam escrever para um aluno peruano. Surgiram várias sugestões: narrar sobre suas vidas, fazer perguntas, enviar mensagens. O desejo comandava a escrita. Ao começarem a escrever, ouvimos algumas inquietações: 'Professora, me ajuda aqui! Professora, quero escrever algo que ele goste. Será que eles gostam de vídeo game e do Messi? Será que vão gostar de mim? Neymar é melhor do que Guerrero.' O Peru não veio pra Copa. São pernas de pau! As falas das crianças nos remetem a pensar que cada aluno possui uma história de vida e muitas vezes necessitam contá-la. É importante construirmos na sala uma cultura do diálogo. Muitas vezes, as professoras se queixam quando alguém interrompe no momento da leitura para contar o que aconteceu "ontem". (MORAIS, SOUZA, NUNES, ABANTO, VASQUEZ, RUIZ, MAGDELENA, NASCIMENTO, 2018, p.65).



**Imagen 03:** Las producciones de los niños del Brasil  
**Fuente:** Acervo REDEALE

## Conclusión

A partir de la escritura de cartas, con un destinatario real, los estudiantes se expresaron libremente, construyeron sus conocimientos y los compartieron en situaciones comunicativas reales, logrando así aprendizajes duraderos y significativos. Así mismo desarrollaron su creatividad e identidad y lo manifestaron al producir sus escritos.

## Referencias

- CUIÑAS, A.G. Hacia una teoría de la escritura epistolar, In: **Bulletinhispanique** [En línea], 118-2 | 2016, Publicado el 15 diciembre 2019. Disponible em: URL: [http:// journals.openedition.org/bulletinhispanique/4568](http://journals.openedition.org/bulletinhispanique/4568); DOI: 10.4000/bulletinhispanique.4568. Acceso em 29/08/2021.
- LERNER, D. Capacitación en Servicio y Cambio en la Propuesta Didáctica Vigente. In: **Lectura y Vida**, 2001. Disponible em: Capacitación en servicio y cambio en la propuesta didáctica vigente (unlp.edu.ar). Acceso em 29/08/2021.
- MORAIS, J.F.S. SOUZA, C.S. NUNES, D.H.M. ABANTO, M.S.A. VÁSQUEZ, R.M. V. RUIZ, J.E.C. MAGDALENA, R.M.C.O. NASCIMENTO, T.S. **Brasil y Peru: cartas para la transformación de la**



**formación docente em lenguaje**. In: MORAIS, J.F.S.; ARAÚJO, M.S. (org) Brasil – Peru: experiências educativas a partir de uma expedição pedagógica. Rio de Janeiro. Pedro e João. 2018.

PERÚ, Ministerio de Educación. **Minedu: Enfoque del Área de Comunicación desde el Currículo Nacional**. In: AMAWTA. 2020. Disponível em: PPT ENFOQUE COMUNICACIÓN.pdf - Google Drive. Acesso em 29/08/2021

## **SITES**

**EcuRed**. Investigación - Acción. Disponível em: [https://www.ecured.cu/index.php?title=Investigaci%C3%B3n\\_-\\_Acci%C3%B3n&oldid=3521159](https://www.ecured.cu/index.php?title=Investigaci%C3%B3n_-_Acci%C3%B3n&oldid=3521159). Acesso em; 29/08/2021

**Parte 3 – Memórias da quarentena:  
diálogos entre Brasil e Peru**



# Janelas da quarentena: experiências latino-americana de formação entre docentes do Brasil e Peru<sup>1</sup>

*Mairce da Silva Araújo*  
*Danusa Tederiche Borges de Faria*  
*Jane Marchon Cordeiro Celestino*  
*Roberta Dias de Souza*

## Manual de instruções

Sentada na minha cama, pernas cruzadas, a luz do sol  
entra pela janela entrecortada pela grade.

Quantas coisas eu poderia e queria estar fazendo  
agora. Mas, ficar em casa é o dever que me guia para  
a minha proteção e a dos outros. Um turbilhão de  
sentimentos surge, mas ao que me apego é a  
decepção. Na humanidade.

Naspessoas.

Nofuturo.

Nopresente.

Naescola.

Não a escola que conhecemos, com suas  
possibilidades e impossibilidades, dentro e pela qual  
lutamos, cotidianamente, por uma educação mais  
justa.

A escola que construímos junto com Amanda, Daniel,  
Phellipe, Martinha, André, Regina, Rutyê e Isabele e  
tantas/os outros/as docentes.

A escola que me decepciona, mostrou sua face  
mais assustadora em 2020: priorizar “conteúdos  
curriculares” sobre conteúdos devida; contabilizar

---

<sup>1</sup> Este texto foi originalmente publicado na revista: Inter-Ação, Goiânia, v. 46, n. 1, p. 276-293, jan./mar.2021. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5216/ia.v45i3.65120>>.

dias e horas letivos ao invés de buscar conhecer e acolher experiências e sentimentos. Basear o processo pedagógico em atividades virtuais desconsiderar a importância do afeto.

Quando vejo famílias e docentes questionando a falta de avaliações durante a quarentena, eu me pergunto, em que momento resolvemos colocar nossos corações e nossa alma nos armários de ferro de nossas salas de aula? Ou quem sabe em nossas geladeiras.

Quando foi que deixamos de nos preocupar e nos importar com o outro, com vidas com histórias e amores? Se fôssemos aprender a ler por meio das palavras desse “novomundo”, hoje, provavelmente, só estaríamos habilitados a decodificar manuais de instruções. Frios, diretos, objetivos e nem sempre dando a instrução correta.

Precisamos repensar a vida e a nossa própria humanidade. E, se um vírus mortal, que parou o mundo, ainda não foi capaz de nos provocar essa reflexão, o que será, então? (Diário da quarentena de Roberta; abril de 2020).

Sob o impacto do chamado à reflexão de Roberta, iniciamos o presente artigo, que tem como objetivo problematizar os efeitos do contexto pandêmico, em curso, sobre as políticas e práticas educacionais, a partir das narrativas de coletivos docentes de dois países articulados por um projeto de pesquisa que tem como aporte teórico- metodológico os referenciais da investigação-formação.

Colocando-se no campo da investigação narrativa, a pesquisa em tela busca a construção de um conhecimento *com* as/os docentes, que se configure tanto como um processo de investigação quanto um processo de formação.

O diálogo com as narrativas docentes, à luz das reflexões teóricas, em especial na interlocução com Freire, apontou, para nós, a urgência de se pensar a escola na perspectiva da humanização, além de trazer contribuições para pensarmos a

formação de professores/as que se potencializa nos coletivos docentes e nos processos entre pares.

No desenvolvimento da problemática, organizamos o texto em três seções: começamos trazendo uma contextualização da pandemia no Brasil, seguida de uma apresentação do projeto de pesquisa e dos aportes teórico-metodológicos que sustentam nossas ações investigativo-formativas; na segunda parte, colocamos em diálogo narrativas docentes produzidas no projeto à luz das reflexões teóricas, e, por fim, trazemos algumas conclusões, de caráter provisório, possibilitadas pela investigação, que reafirmam a importância de ouvirmos as vozes docentes no enfrentamento dos desafios que o cotidiano nos coloca.

### **Trancafiadas/dos em casa e desafiadas/os a repensar a vida, a escola, a humanidade...**

E se um vírus mortal, que parou o mundo, ainda não foi capaz de nos provocar a pensar sobre nossa própria humanidade, o que será,então?

A pergunta de Roberta se soma a tantas outras questões que têm nos atravessado cotidianamente, enquanto buscamos meios de compreender e construir experiências e respostas criativas e potencializadoras em meio ao turbilhão do que tem sido chamado de“novonormal”.Trancafiadas em nossas casas(aqueles/as que podem, que têm casa...), olhando através das janelas físicas e virtuais, encontramos-nos, primeiramente, perplexas/os.

As imagens que vemos nas telas das televisões, computadores, *tablets*, *smartphones*, nos levam a perguntar, por vezes, senão estaríamos vivendo um dos filmes de StanleyKubrick<sup>2</sup>,que, até recentemente, nos provocava sustos e

---

<sup>2</sup>Stanley Kubrick, morto em1998,foi um dos cineastas contemporâneos que causou a impressão de que seu desaparecimento provocou um empobrecimento das nossas expectativas estéticas e em nossa compreensão do mundo, o premiadíssimo “2001 uma odisseia no espaço” explora o desenvolvimento tecnológico acelerado

reflexões profundas nas salas de cinema. Essas salas, hoje totalmente fechadas, demarcadas como um dos lugares com maior risco de contaminação. Perdidas entre a ficção-realidade, lembramo-nos da pergunta de Garcia (2003): “E não tem sido tantas vezes a arte a anunciar o que a ciência vem mais tarde a descobrir?”(p.197). Parece que a ciência é mais lenta que a arte. Além disso, somente confrontadas por um vírus invisível, começamos a nos dar conta da fragilidade da raça humana no Planeta Terra, apesar das tantas denúncias que ouvimos cotidianamente, como nos alerta Santos (2020):

Segundo a Organização Mundial de Saúde a poluição atmosférica, que é apenas uma das dimensões da crise ecológica, mata anualmente 7 milhões de pessoas. Segundo a Organização Mundial de Meteorologia, o gelo da Antártida está a derreter seis vezes mais rapidamente do que há quatro décadas, e o gelo da Groelândia, quatro vezes mais rapidamente do que se previa. Segundo a ONU, temos dez anos para evitar a subida de 1,5 graus de temperatura global em relação à época pré-industrial, e em qualquer caso vamos sofrer (pág.20).

Podemos nos perguntar se tanto o desastre ecológico, anunciado/denunciado exaustivamente nas últimas décadas, quanto a tragédia provocada pela pandemia da Covid-19 não seriam crises que se articulam entre si?

Entendemos, junto com outros autores (SANTOS, 2020; FRIGOTTO, 2020), que a articulação das crises ecológica e pandêmica tem origem na opção por um modelo social de Estado que não gere, de forma sustentável, os recursos provenientes da natureza e nem garante direitos básicos à população (saúde, saneamento básico, água, energia, educação). A crise humanitária, provocada pela Covid-19, desvelou ao mundo o que, até então, estava escondido na fumaça cinzenta das ações dos governos capitalistas: colocar o mercado e o lucro em primeiro lugar e excluir

---

entre a relação homem e máquina, ainda incipiente, e a eterna busca humana pelas origens (OROCCHIO, 2020).

as camadas populares dos direitos inerentes à cidadania. Vemos, hoje, Estados Neoliberais, como o Brasil, que entendem os custos sociais como despesas e não como atendimento aos direitos, ignorarem protocolos e orientações dos Organismos Mundiais de Saúde e deixarem a população, especialmente as/os mais pobres e vulneráveis, entregue à própria sorte.

Entender a pandemia do coronavírus a partir de um modelo social, que, nos últimos quarenta anos, tem no neoliberalismo a versão dominante do capitalismo, é uma questão crucial para entendermos o que estamos atravessando. Várias análises têm apontado que a opção neoliberal tem deixado os “Estados sem capacidade efectiva para responderem eficazmente à crise humanitária que se abateu sob os seus cidadãos. A fractura entre a economia da saúde e a saúde pública não podia ser maior” (SANTOS, 2020, p.24).

E como chegamos a essa fragilidade do Estado brasileiro para responder aos impactos da pandemia? Priorizando os princípios do mercado e do lucro máximo para os investidores, a lógica neoliberal colocou em segundo plano o Estado e a garantia dos direitos sociais: de um lado, a privatização dos bens sociais coletivos, tais como a saúde, a educação, a água, a luz, os serviços de correios, dentre outros; de outro, os projetos que retiram os direitos dos trabalhadores: a reforma da previdência, reforma trabalhista, as emendas constitucionais que estabelecem limites para os gastos públicos na saúde e na educação. Paralelamente ao crescimento das parcerias público-privadas, quase sempre um mecanismo de transferência de recursos públicos para o setor privado. Importante lembrar que as contas da fragilidade do Estado para enfrentar a situação não é distribuída democraticamente, são as/os mais pobres e vulneráveis, as/os que são ainda mais afetadas/os: as mulheres vítimas da violência doméstica, as/os trabalhadoras/es informais (cada vez mais numerosas/os), a população de rua, as/os moradoras/es das periferias e favelas, as/os idosas/os, as crianças, dentre outras/os.



Em síntese, o isolamento social provocado pela pandemia não só torna mais visíveis como reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento das/dos mais vulneráveis.

É dentro desse contexto que retomamos nosso diálogo com a narrativa da qual abrimos este artigo. A decepção/indignação de Roberta, uma professora da Educação Infantil, com o modelo de escola que começa a se fortalecer, a partir dos impactos provocados pelo isolamento social, nos convida a trazer a discussão para o campo da educação e das práticas que se instauraram no contexto da pandemia.

Qual o papel da escola nesse contexto? Qual a importância dos conhecimentos disciplinares para o modelo de escola e educação nos quais acreditamos? Que outras compreensões sobre a vida, a sociedade e a escola, a pandemia pode nos trazer? Que histórias professoras e professores compartilham sobre as experiências vividas nos tempos de pandemia? Que práticas pedagógicas têm emergido nesse contexto? Que lições podemos aprender com as narrativas docentes?

Inspiradas em questões como essas, propusemos o projeto “Memórias da quarentena: diálogos Brasil-Peru”. Antes, porém, de compartilharmos algumas narrativas produzidas durante os encontros, bem como as aprendizagens que nos proporcionaram, traremos os passos anteriores desta proposta. Os diálogos entre docentes brasileiras/os e peruanas/os são partes de um projeto de pesquisa intitulado “Rede de Docentes que Narram sobre Infância, Alfabetização, Leitura e Escrita – REDEALE”, que é desenvolvido na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-FFP).

Tal projeto tem como aporte teórico-metodológico a investigação narrativa e se desenvolve desde 2015, tendo como objetivo central fortalecer um modelo de formação, tensionador de lógicas e proposições inspiradas por uma racionalidade técnica aplicativa e prescritiva de *pensar e fazer* a formação docente e, ao mesmo tempo, reconhecer os sujeitos docentes como autoras/es e narradoras/es de sua prática (ARAÚJO, 2018, ARAÚJO, 2020; CANARIO, 2005). “Assim, temos insistido em problematizar a

ideia ainda hegemônica que afirma a universidade como lugar de aprender e a escola como lugar de fazer, e os sujeitos que dela fazem parte meros implementadores de propostas verticais” (ARAÚJO, 2014, p. 31). É nesse sentido que temos buscado, em nossas pesquisas, construir um diálogo com a escola a partir das vozes de professoras/es. Reconhecendo docentes como intelectuais que pensam e refletem sobre sua prática, elegem os três eixos articuladores para a pesquisa: o diálogo entre universidade e escola básica, a formação entre pares e a produção escrita sobre a experiência vivida (ARAÚJO,2018).

Entendendo essas três dimensões como dispositivos de formação, dentre outras ações investigativas, construímos uma interlocução com o coletivo de docentes peruanos, denominado “Rede Desenredando Nudos” - REDENU, desde 2015. Tal interlocução foi fortalecida por meio das redes sociais e de contatos presenciais, em eventos que aconteceram tanto no Peru quanto no Brasil. Nesse percurso, os dois coletivos têm vivido um processo formativo, pautado no compartilhamento de experiências docentes, que acontece entre pares. Uma formação que favorece a reelaboração dos sentidos da prática *pelos* e *para* os próprios sujeitos e, ao mesmo tempo, desafia as/os docentes a escreverem sobre a experiência vivida.

A explosão da pandemia Covid-19 e o contexto de isolamento social por ela provocado trouxeram novas necessidades de fortalecimento das redes de partilha e discussões acerca das experiências vividas pelos dois coletivos. Assim, nasceu o projeto “Memórias da quarentena: diálogos Brasil-Peru”.

O projeto se constituiu de seis encontros mensais entre os meses de abril e setembro, com duas horas de duração, pela plataforma *Zoom*, e teve como ponto inicial da conversa as narrativas orais das professoras que compartilharam questões de sua prática pedagógica ou vida pessoal atravessadas pela pandemia. Num segundo momento, elegeu-se uma questão orientadora para as reflexões: Como Paulo Freire responderia à pandemia? Para esse segundo momento, combinou-se, também, a

produção de narrativas escritas que poderiam/deveriam explorar diferentes gêneros textuais, ou mesmo diferentes linguagens: vídeo, desenho, esquemas, charges etc. A cada encontro, foram compartilhadas quatro narrativas de cada país, comentadas por todo o grupo participante.

A média de participação foi de dezesseis brasileiras/os e dez peruanas/os. Quanto à atuação das/dos docentes, por nível de ensino, tivemos: quatro da Educação Infantil, seis do Ensino Fundamental, sete de Ensino Médio, um do Ensino Superior, três em outros espaços de ensino e cinco não lecionavam. Em relação à natureza das instituições de ensino, tivemos quinze da rede pública, três da rede privada e três de espaços comunitários.

Dezesseis produções brasileiras e treze produções peruanas, sendo três cartas, uma crônica, três vídeos, três poesias, dois desenhos ilustrativos, quatro fotografias, três contos, uma música, dois acrósticos e sete relatos de experiência, foram compartilhadas durante o projeto. Parte dessas narrativas foi registrada no que chamamos de diários da quarentena. Produzidas em linguagens diversas e diversos gêneros textuais, as narrativas compunham um pequeno mosaico de possibilidades de olhar para o mundo e para a escola a partir de novos questionamentos provocados pelo contexto de isolamento social. Além do registro das narrativas nos diários da quarentena, todos os encontros foram gravados e, posteriormente, transcritos e decupados, constituindo um significativo *corpus* para a pesquisa, sobre o qual nos debruçamos para elaborar as primeiras reflexões sobre o processo vivido.

No presente artigo, dialogamos com as narrativas à luz de alguns referenciais, tais como Freire (1996,2005), Rancière (2015), Pallanda (2017), Benjamin (1994) e Santos (2020), dentre outras/os, em busca de levantar algumas pistas que nos ajudem a elaborar novas compreensões, não só sobre o tempo que atravessamos, mas também para refletir sobre a potencialidade da formação entre pares na construção de alternativas político-pedagógicas para enfrentamento das situações-limites que a pandemia nos coloca.

## Memórias da quarentena: narrativas docentes em diálogo

A concepção de memória, com a qual trabalhamos aqui, se inspira nas contribuições benjaminianas ao pensar a memória na perspectiva da experiência e da narração (ACHILLES, GONDAR, 2016). As narrativas docentes sobre suas experiências *pessoais profissionais* durante o período pandêmico, memórias fragmentárias que expressam um modo de viver, escrever e guardar a história, compõem um mosaico de memórias e esquecimentos do tempo vivido e promovem um alargamento do presente. Buscamos contribuir, assim, para a invenção “de formar memória e de narração, capazes de sustentar uma relação crítica com a transmissão do passado, como lembrar, e com a construção do futuro e o esperar” (GAGNEBIN, 2014, p.221).

O que as narrativas docentes, produzidas no contexto da pandemia da Covid-19 e no diálogo entre docentes de dois países latino-americanos, nos ajudam a pensar sobre e como temos respondido aos desafios enfrentados no contexto atual, mas também no que se anuncia como a pós-pandemia?

Das narrativas apresentadas e comentadas pelos dois coletivos, durante o desenrolar dos cinco encontros realizados no projeto, selecionamos sete “que nos tocaram”, no primeiro momento, para dialogar com elas no presente artigo, em busca de levantar algumas lições que a reflexão sobre a própria experiência pode nos trazer, como nos remete Lima, Geraldi e Geraldi (2015), inspiradas em Benjamin (1994).

Uma pesquisa sobre a própria experiência é sempre uma pesquisa sobre o singular. E o conhecimento singular corresponde à verdade que não se generaliza (*pravda*), mas da qual se extraem conselhos ou lições. Ao se debruçar sobre a história, surgem inúmeras perguntas, porque não se narra qualquer coisa: o narrável se compõe do que nos tocou, nos modificou e continua carecendo de sentidos e continuará carecendo de sentidos mesmo concluída a pesquisa, porque a ele podemos retornar como já outro (p.18).

Ouvindo, vendo, lendo, deixando-nos impactar pelas narrativas compartilhadas nos encontros, buscávamos as lições/conselhos benjaminianos, entendendo-os nas palavras do autor, no sentido de que “a natureza da verdadeira narrativa, é ter em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária... um ensinamento moral, uma sugestão prática. O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria” (BENJAMIN,1994, p. 200). Pelas janelas da plataforma *Zoom*, que se abriam e fechavam a cada narrativa compartilhada nas “Memórias da Quarentena”, a perplexidade e a necessidade de compartilhar sentimentos, dúvidas, indignações, saberes e não saberes, se confirmavam, convidando os dois coletivos docentes à reflexão sobre os processos vividos:

A necessidade da partilha das aflições e desejos seja no campo educacional e, sobretudo, no campo emocional se tornaram latentes e transbordantes. Era preciso falar, era preciso narrar, era preciso compartilhar para não nos sentirmos só. Nos encontros era notório o entrelace da crise que afetava a todos. Da crise sanitária, política, social, humanitária. O encontro foi tempo da fala, falamos o que sentimos, vivemos e ansiamos, falamos em português, em espanhol, em *portunhol*, o que importava era narrar, narrar o vivido, a experiência. O encontro também foi tempo de proposições, dentre elas a arte, o desenho, um conto, uma imagem, uma escrita. O objetivo era deixar transbordar a experiência do vivido (Diário da quarentena, Danusa, junho de 2020).

Ao longo dos encontros, fomos confirmando os impactos da pandemia no processo de desestabilização emocional, econômica e social, das populações dos dois países em diálogo, tendo visto que, no Peru, tanto quanto no Brasil, as taxas de contaminação e morte pelo vírus ocupam o topo das estatísticas latino-americanas. Temos, assim, o Brasil em terceiro lugar, em números de contaminação, atrás dos Estados Unidos e Índia; e em segundo lugar em número de mortes, no mundo, atrás apenas dos Estados Unidos; e o Peru, em relação aos países da América Latina, em

quinto lugar, atrás do Brasil, Argentina, Colômbia e do México, em contaminação, porém, ficando em décimo lugar, no mundo, em número de mortos por habitantes. Em comum entre os dois países, também há denúncia sobre o descompromisso do Estado no atendimento às populações mais vulneráveis<sup>1</sup>. Não surpreende que as narrativas iniciais, além das denúncias políticas, enfatizassem o desafio de manter o equilíbrio e a saúde mental para lidar com as emoções, com o distanciamento, com a ausência das trocas e afetos, com uma nova administração do tempo, com a reorganização da rotina e com os medos e anseios do porvir.

Problematizando sua atuação docente frente à pandemia, no encontro realizado em abril, portanto, logo no início da implantação do isolamento, a Professora Sílvia remetia-se a Freire (2005): “¿Cómo cambiar una educación bancaria e una educación con una visión crítica del mundo en donde vivimos actualmente?” (HUACCHA, 2020). A partir daí, a professora levantou uma série de questões que envolviam o atendimento às/aos estudantes: as crianças teriam acesso às aulas virtuais? Conseguiriam acompanhar as discussões? Que suportes de conexão os/as estudantes possuíam para se conectar com os/as docentes? Como ensinar em meio ao isolamento social obrigatório? E o papel da família no processo poderia/conseguiria ajudar? É possível praticar um ensino remoto restrito a conteúdos escolares, sem conversa, afeto ou comunicação face a face?

Preocupada mais em levantar as questões do que respondê-las, Sílvia terminou sua narrativa defendendo a urgência de “una pedagogia crítica baseada en la solidariedades, tarea de todos los docentes” (HUACCHA, 2020).

Outras narrativas docentes brasileiras e peruanas reafirmaram que um dos maiores desafios, no que tem sido chamado de ensino remoto ou virtual, é o alcance da totalidade

---

<sup>1</sup> Até o fechamento do artigo já tínhamos no Brasil 168.989 mortos, enquanto, no Peru, foram 35.549 mortos. Fonte: <https://news.google.com/covid19/map?hl=ptBR&mid=%2Fm%2F016wz&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419>.

das/os estudantes, já que uma parcela considerável delas/deles não possui acesso à internet, nem mesmo os equipamentos tecnológicos necessários para o acesso. Em muitas regiões do Peru, as “aulas” *online* acontecem a partir do aplicativo *WhatsApp*. Em outras, a rádio é o meio de comunicação, em função da ausência de redes digitais.

As perguntas de Silvia e seu esforço para ensinar de forma remota nos remeteu a Jacotot, personagem do filósofo Jacques Rancière (2005), no livro “O mestre ignorante”. Jacotot é um professor exilado que se vê tendo que ensinar francês para alunos holandeses sem dominar a língua holandesa. Ao se deparar com essa realidade pouco amigável, Jacotot utiliza o livro *Telêmaco*, publicado em uma versão holandês- francês, indica a obra para os estudantes e lhes solicita que, amparados pela tradução, aprendessem o francês. O resultado da experiência foi que os estudantes se saíram muito bem, tendo apresentado um bom domínio do livro, sem qualquer apoio explicativo.

Rancière conclui que a grande lição que o mestre ensinara aos estudantes não dizia respeito aos conteúdos, mas sim a capacidade de mobilizar a própria inteligência em função do que se queira aprender. A esse processo, Rancière denomina emancipação.

Dialogando com a experiência de Jacotot, podemos refletir se o uso de aplicativos, plataformas digitais, envio de textos impressos, contribui, efetivamente, para promover um ensino que seja emancipador, no sentido dado pelo filósofo. Porém, será que essa questão só tem sentido, agora, durante a pandemia e a necessidade de isolamento? Será que, na escola, nas salas de aula presenciais, também não precisamos que nossos alunos sejam emancipados? Isso não significa que nós professoras e professores estaríamos saindo de cena e deixando o aluno conduzir seu aprendizado, mas sim mostrar que podemos aprender a pesquisar juntos, buscar juntos e criar desafios e caminhos de aprendizagem. Que possamos utilizar as aprendizagens e as reinvenções desse período para repensar a educação que temos realizado cotidianamente nas escolas.

As narrativas compartilhadas nos encontros deixavam ecos em nossas memórias. Sendo, posteriormente, recuperadas pelas transcrições dos encontros virtuais, nos deslocara menos fizeram pensar na escola que temos e que queremos. Foi possível *esperançar*<sup>2</sup>(FREIRE,1992), a partir das conversas tecidas, e deixar transbordar na escrita as muitas reflexões sobre a vida, o isolamento, os anseios, o tempo, sobre esse tempo como protagonista de muitas reflexões.

O diário da quarentena de Jane, professora da Educação Infantil da rede pública de Itaboraí, nos traz essas reflexões com encantamento e poesia:

### **Tempo de sol, tempo de girassol**

Um dia acordei e me perguntei: “Cadê o sol que foi embora e hoje não me visitou pela janela? Cadê o sol que emudeceu os pássaros e deixou o cinza que entristeceu meu dia?”

Logo, me peguei arrumando a casa, umas caixas, armários, na tentativa de me arrumar por dentro também, pois a ausência do sol coincidia com o anúncio do que estava porvir. O isolamento, em meio a uma pandemia.

O corpo, insistente, não entendia e ainda não entende a necessidade de ficar dentro de casa. Quer sair, quer ver o mundo, mas o mundo agora é uma tela, é por ela que vejo as notícias, que nem de longe são animadoras. Lá fora, há o medo que assusta, mas que também é protetor, ensina a cuidar. Cuidar de mim, cuidar da casa, da família, dos amigos, cuidar “das gentes” numa intensidade tamanha que a casa se transformou em uma verdadeira trincheira. O tempo já não é mais aquele do coelho, personagem atribulado do conto de *Alice no País das Maravilhas*, que dizia: “estamos atrasados, estamos atrasados!”. Como o coelho, vivia correndo de lá para cá, atrás do tempo perdido, vivendo os atrasos. Atrasos na produtividade, exigida pelo tempo cronometrado do relógio. Assim, precisei buscar outros modos de viver o tempo. Desacelerar os pensamentos,

---

<sup>2</sup>Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero (FREIRE, 2005, p.97).



aquietar o coração, ser mais compreensiva comigo e com os outros. Atravessada pelo cotidiano que se apresenta foi preciso conjugar outra vez o verbo ESPERANÇAR e encontrarem vida, assim procuro tudo aquilo que me faz viver os caminhos de dentro: medito para não esquecer que é preciso respirar, escrevo com o ato político, para organizar o pensamento e deixar vestígios de memórias. Choro, canto alto, às vezes danço despreziosamente pela casa. Nos guardados rememoro histórias de família, me permito peraltar com Rara, minha filha, revisito a costura, que me reaproxima de minha mãe com gosto de saudade, encontro amigos e família pelas janelas virtuais que se abrem para encontros possíveis.

As janelas virtuais, os encontros possíveis, têm me proporcionado, como professora e pesquisadora, no exercício da docência, a fazer desvios. Desvios impensáveis, responsáveis, incansáveis, necessários para seguir mesmo diante do cenário que se apresenta. Tenho o desafio de seguir, reinventar uma nova história para o meu fazer docente junto às professoras que comigo dividem suas trajetórias de *vidaformação*. Convido-as ao posicionamento político e a defender o que sabemos fazer de modos outros, como nos conclamava Paulo Freire. Este *saberfazer*, como potência para construirmos diálogos que nos possibilitem conjugar o esperar com muitas vozes, esperança que não espera, mas que nos move. Foi assim com ele durante a ditadura e mesmo com todo seu cotidiano revirado, foi capaz de denunciar e anunciar a(s)histórias vividas como luta e resistência. Essas “PílulasFreireanas” que me acompanham já há algum tempo, têm me levado a um permanente processo de tornar-me responsável por seguir, mesmo quando o sol não aparece. Nesses dias eu planto girassóis e assim, me permito com eles “floreScer” (Diário da quarentena de Jane; 2020).

Percebemos, na narrativa de Jane, o movimento autopoietico<sup>3</sup>, que, anos sover, também caracteriza o processo de

---

<sup>3</sup>Segundo o conceito de autopoiesis, os seres vivos são autoprodutores de si mesmos, se auto- organizam de forma autônoma. As interferências que chegam de fora disparam mobilizações internas, mas não são determinantes do que lhes acontece. Por outro lado, os seres vivos são sistemas abertos às trocas externas, o que os mantém em constante reorganização (PALLANDA, 2017).

formação entre pares ao compartilhar conosco “o desafio de reinventar uma nova história para o meu fazer docente junto às professoras que comigo dividem suas trajetórias de vida formação” (JANEMARCHON, 2020).

Estudiosa do conceito de *autopoiesis* há duas décadas, Pallanda (2017) afirma:

Parece haver na natureza humana uma espécie de autopoiesis radical, ou seja, uma demanda profunda de autonomia de cada ser humano que teria a tarefa cósmica de construir o universo e a si mesmo. Uma tarefa voltada para a nossa condição de coautores da criação, o que é muito diferente de uma relação como mundo onde este já está pronto e no qual nós não somos responsáveis pelo que acontece com ele (p.12).

Podemos entender, porém, que essa demanda profunda de autonomia presente na humanidade, de que nos fala a autora, em diálogo com Maturana e Varela, que mobiliza homens e mulheres para construção do universo e de si mesmo, também está presente nos coletivos docentes, que são igualmente coautores e criadores, que, na interação uns com os outros, constroem seus processos formativos, autopoieticamente. Hortência, a professora peruana, recém-formada em Artes, que se encontra em suas primeiras experiências docentes, trouxe para o grupo uma pequena peça, esculpida em um material bem acessível, fácil de encontrar na natureza, que reproduzia a figura de Dom Quixote. A pequena estátua fora produzida por ela em busca de experimentar caminhos outros para dialogar *no* e *com* os tempos duros em que vivemos. Narrando sua produção, Hortência justificava a opção pelo personagem, em função das lições de coragem, criatividade, ética e compromisso que Dom Quixote traz consigo. No uso de material acessível para a produção da peça, a professora criava uma metáfora para explicar como as professoras peruanas vêm se reinventando para encontrar materiais didáticos e estratégias pedagógicas outras para ensinar e repensar os caminhos trilhados.

Que lições as narrativas de Silvia, Jane e Hortência podem nos sugerir nesses tempos de isolamento social, ensino remoto e descomprometimento do poder público com a população?

Uma lição nos faz pensar novamente no movimento autopoietico, mas também nas microresistências de que nos falava Certeau (1994). Assim, diante dos impasses, de determinações, por vezes, autoritárias das instâncias superiores, as/os docentes não se colocam de forma passiva, cumprindo ordens, mas elaboram criações anônimas. Podemos ver isso nas indagações potentes de Silvia, no movimento de Jane de buscar os pares para pensar alternativas para a prática, ou mesmo no Dom Quixote de Hortência.

### **Novas lições: dialogando sobre a pandemia inspiradas pelo olhar de Paulo Freire**

Em nossas andanças pela América Latina temos confirmado a forte presença da pedagogia freireana como um referencial primordial para a construção de uma educação emancipadora e libertadora, comprometida com os valores da solidariedade e respeito à cosmovisão dos povos originários, a ideia de comunidade.

Dialogar com o legado de Paulo Freire para buscar novas compreensões e saídas para os desafios enfrentados nos tempos de pandemia se configurou, assim, como uma fonte de inspiração e instrumento de formação para os/as docentes dos dois coletivos.

A seguir, colocamos em diálogo duas narrativas inspiradas em Paulo Freire: um acróstico, elaborado pela professora Isabel, e uma carta, produzida pela professora Alessandra.

#### **¿Cómo respondería Freire a la pandemia?**

Con la única moneda que le queda en el bolsillo compraría la palabra: Esencia

Estaría dispuesto a regresar al punto de partida sin tener miedo ni vergüenza que digan que está retrocediendo.

Sería el mejor momento de aceptar que en algo fallé y estaría dispuesto a reconocer que como ser humano tengo muchas cosas a quedar.

Estaría dispuesto a crear un mundo nuevo desde aquello que a todos asusta: sin tanto para comprar, sin el carro último modelo, sin el celular de la última versión ni las vacaciones en Disneylandia.

No abandonaría esta posibilidad de volver a nacer, despojado de los prejuicios de compararme si soy rico o pobre, sería la posibilidad de estar todos en las mismas condiciones y valorar la salud y la vida como el único patrimonio.

Convertiría cada día en una oportunidad de vida, de hacer algo diferente al anterior, sin la necesidad de comprar nada que no sea esencial y abrazando un sueño de vida.

Imaginaría cada día que una palabra puede convocar, que una mirada puede animar, que un paso puede encaminar, que un pan compartido puede salvar.

Armaría con los pedazos que deja esta pandemia una casa redonda donde haya lugar para todos (Diario de la cuarentena de Isabel Gutiérrez, 2020).

O homem e seu processo de humanização é um dos grandes legados de Freire que atravessa toda a sua obra. O desafio da humanização frente às realidades históricas da desumanização, da qual a crise humanitária que vivemos é um exemplo, requer que os homens compartilhem entre si seus bens materiais, políticos, culturais, simbólicos para que se possa garantir a todos e todas uma existência digna (ZITKOSKI, 2017).

Em busca do que para ela seria a essência do olhar de Freire para a pandemia, Isabel dialoga com o processo de humanização/desumanização discutido pelo educador. Ser humano, a vida como patrimônio, solidariedade, igualdade social – palavras usadas para compor o seu acróstico – são “palavras verdadeiras com as quais os homens transformam o mundo” (FREIRE, 2005, p. 90) e revelam um dos sentidos que move a professora em sua ação-reflexão-ação “não é possível fazer uma reflexão sobre educação sem refletir sobre o próprio homem” (FREIRE, 2007, p.27).

O tema que Alessandra elege para dialogar com Freire, em sua carta, está encharcado de dois sentimentos muito caros ao

educador: a indignação e a amorosidade. Em sua conversa-desabafo, Alessandra nos convida a compartilhar com ela e com as/os professoras/es as angústias, as dúvidas, os sentir-se desrespeitada/o pelo poder público e pela sociedade, que tem caracterizado o exercício do magistério, especialmente, com as crianças pequenas.

Querido Paulo Freire,

Sempre senti vontade de escrever uma carta para você, para compartilhar minhas inquietações enquanto professora. Mas nunca pensei que isso se concretizaria num momento tão difícil no que se refere a saúde pública, a política e as tensões nas práticas educacionais no Brasil. Tenho a sensação de que o país virou um caos. Desde março deste ano, estamos enfrentando no Brasil, a presença de um novo vírus (covid-19) que, de forma avassaladora, tem infectado e matado em torno de mil pessoas diariamente, provocando a necessidade de a população manter-se em isolamento social [...]

[...] Sou professora alfabetizadora, trabalho com crianças na faixa etária entre 7 e 8 anos, estudantes do primeiro segmento do Ensino Fundamental e a plataforma escolhida pela escola em que trabalho para as aulas *online* foi o *google classroom*. Por não ser da Geração Z, confesso que tive muitas dificuldades para realizar o cadastro dos estudantes e postar as atividades. Cada vez que acesso a plataforma, constato que estou fazendo um trabalho para “Inglês ver”, já que muitas crianças não estão tendo acesso à plataforma adotada pela escola [...]

[...] Aprendi com você que “Ensinar exige bom senso” (FREIRE, 1996 p.61). Como vou postar atividades *online*, sabendo que muitos dos meus alunos não têm acesso a internet de qualidade? [...]

[...] “Ensinar exige apreensão da realidade” (idem, p.68). Que aulas serão interessantes para crianças em processo de alfabetização em plena pandemia? [...] “Ensinar exige tomada consciente de decisões” (Idem, p. 109). E a minha decisão, neste momento, é não compactuar com a farsa e de uma educação transmissiva [...] Como percebo que a desigualdade social tem sido cada vez mais reafirmada em tempos de pandemia, defendo que “ensinar exige liberdade e autoridade” (Idem, p. 78). Não posso aceitar esta proposta de educação *online* como a nova normalidade, mas sim como uma grandeanormalidade.

[...] “Ensinar exige intervenção no mundo” (Idem, p.98) é por isso que essa carta é um pedido de socorro, pois preciso intervir na defesa da professora, dos/das jovens e das crianças. Porque aprendi com você que “ensinar exige a convicção que a mudança é possível” (Idem, p.76) e por acreditar que ainda é possível reverter o caos que estamos vivenciando agora, seus ensinamentos em “Pedagogia da autonomia” tem sido um alento para acreditar que juntos somos mais fortes. Obrigado por tudo!! Aprendo sempre com você!! Um abraço, Alessandra da Costa Abreu (Diário da quarentena de Alessandra Abreu, junho de 2020).

A carta da professora transborda indignação, “não compactuar com a farsa de uma educação transmissiva” (ABREU, 2020, n.p.), porém, que não se aparta da amorosidade, “preciso intervir na defesa da professora, dos/das jovens e das crianças” (ABREU, 2020) e se alimenta da esperança “por acreditar que ainda é possível reverter o caos que estamos vivenciando no momento atual” (ABREU, 2020,). Segundo Nita Freire(2017), para Freire, “as ações éticas genuinamente humanas nascem desses dois sentimentos indignação e amor se forem vividos intensamente em relação dialética com a esperança”(p.223).

No diálogo com Alessandra e Isabel, uma outra lição que podemos tirar é a potência dos ensinamentos de Freire para seguir em frente, entrelaçando estratégias de ensinoaprendizagem, de luta e de resistência, estratégias que se configurem como crítico-político-pedagógicas para intervir no mundo, na sociedade, na educação, não desistindo de acreditar que “ensinar exige a convicção que a mudança é possível” (FREIRE, 1996, p. 76).

### **Em busca de cerrar, provisoriamente, algumas janelas e abrir outras**

A suspensão das aulas, como decorrência do isolamento social, colocou como desafios, para as redes de ensino públicas e privadas, construir alternativas que viabilizassem a manutenção do vínculo entre instituição escolar e estudantes/comunidade. A atuação docente se

colocou como central nessa articulação, como também o uso da tecnologia como canal para dar conta desse desafio.

Contudo, se de um lado, a atividade remota pode se colocar como uma alternativa importante, como forma de contato com os estudantes e suas famílias, a viabilização desse contato desvela a grande desigualdade social que marca a sociedade capitalista. Uma parcela representativa da população não possui acesso à tecnologia digital, nem aos recursos materiais tecnológicos inerentes a esse acesso, como foi confirmado tanto pelas professoras peruanas quanto pelas brasileiras, que narraram no presente artigo.

Um outro aspecto da atividade remota abordado por vários pesquisadores, da qual não podemos nos furtar de nos remeter, mesmo que rapidamente, envolve a questão do trabalho docente (FREITAS, 2020; FRIGOTTO, 2020). Assim, Frigotto (2020) chama a atenção para dimensões da prática docente sobre as quais o trabalho remoto interfere, especialmente no que diz respeito às limitações quanto às relações interpessoais entre docentes e estudantes, que são inerentes ao contato presencial. Relações que implicam em trocas, aprendizagens, amorosidades, sociabilidades, para além do ato restrito de ensinar, relações que nos remetem a pensar o ato pedagógico como processo de humanização, como defende Freire. Essas são questões centrais para pensarmos no desdobramento da pós-pandemia, especialmente no que diz respeito ao questionamento à defesa neoliberal do ensino a distância (EAD) como projeto político para o atendimento ao direito à educação para toda a população.

O projeto “Memórias da quarentena: diálogos entre Brasil-Peru”, valendo-se da tecnologia, e, nesse sentido, reafirmando o potencial desta para os enfrentamentos dos desafios que vivemos, se constituiu para os dois coletivos de docentes como um espaço de compartilhamento e de escuta. Nessa perspectiva, o projeto se colocou como instrumento potencializador do exercício de pensar tanto sobre a própria experiência quanto sobre o contexto macro, que estamos atravessando e que nos atravessa.

As narrativas de Roberta, Silvia, Jane, Hortência, Isabel, Alessandra e Danusa refletem e refratam movimentos de reflexão-ação sobre a experiência docente, se constituindo como fontes narrativas que contribuem para a construção de um conhecimento possível sobre a escola e sobre a prática pedagógica nesses tempos pandêmicos. Possibilitam-nos também reafirmar a potência da formação entre pares na construção de alternativas político-pedagógicas para enfrentamento das *situações-limites* que a pandemia nos coloca e, quem sabe, para visualizar um *inédito-viável*<sup>4</sup>, que se coloca no horizonte quando as questões atravessadas nas situações-limites não são percebidas como determinantes históricos, mas são transcendidas e enfrentadas.

Reafirmamos que as lições por nós extraídas nos diálogos com as narrativas de docentes brasileiras/os e docentes peruanas/os não são lições no sentido de prescrições, nem de respostas definitivas para serem reproduzidas. Retornando ao diálogo com Lima, Geraldi e Geraldi (2015), também entendemos que alguns deslocamentos são provocados em nós e algumas perguntas começam a surgir quando nos debruçamos sobre as narrativas, até porque estamos partindo de narrativas que nos tocaram e/ou tocaram essas professoras, e que se tornaram reflexão à medida em que pensamos em conjunto sobre elas e refletimos sobre seus desdobramentos.

Uma anotação do diário de quarentena de Danusa nos ajuda a concluir nossas reflexões, na perspectiva da provisoriidade que o diálogo com as narrativas provoca:

Abram as janelas, deixem o sol entrar...

Abram as janelas da vida, da alma, da esperança, da superação, da coragem, dos sonhos, do amor.

---

<sup>4</sup> Freire aponta “que as “situações-limites” se apresentam ao homem como se fossem determinantes históricos, esmagadora sem face as quais não lhes cabe outra alternativa, senão adaptar-se”, porém, se os homens chegarem a transcender a “situações-limites”, é possível “descobrir ou a divisar, mais além delas e em relação com elas, o “inédito-viável” (FREIRE, 2005, p 110).



Vivamos!!! Isso tudo vai passar...por que o Cronos? Ele não para (Diário da quarentena de Danusa; 2020).

O apelo esperançoso da professora nos convida a olhar para o depois, para pensar de uma forma corajosa e potente os caminhos outros que a pós-pandemia demandará de nós. Caminhos e demandas que nos fazem *esperançar* para que as janelas da exclusão, das desigualdades sociais, da falta de acesso a uma educação de qualidade, dentre tantas outras, que impedem a produção de uma vida digna, sejam fechadas, de forma que as janelas de uma educação mais justa e humanista possam se abrir.

## Referências

ACHILLES, D., GONDAR, J. A memória sob a perspectiva da experiência. In: Estudos Interdisciplinares em Memória Social. **Revista Morpheus**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 16, ago/dez2016. Disponível em <http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/6055/pdf>Acesso em: 21 de nov de2020.

ARAÚJO, M.S. Com a roupa encharcada e alma repleta de chão: processos formativos entre redes e coletivos docentes. In: SANGENIS, L. F., OLIVEIRA, E, CARREIRO, H.(Orgs.). **Formação de professores para uma formação plural e democrática: narrativas, saberes, práticas e políticas educativas na América Latina**. Rio de Janeiro: EdUERJ,2018.

ARAÚJO, M.S.; BAMPI, M. L .F. Estágio supervisionado, via para a pesquisa: rodas de conversas e narrativas de experiências. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 05, n.15, p. 1421 – 1434, set/dez, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/7503/6856>

CERTEAU, M. **A Invenção do cotidiano: 1 Artes de Fazer**. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREIRE, A. M. A. Indignação.(verbeta). In :STRECK, D.R.; REDIN,E. ;ZITKOSKI,J.J.(Orgs).

**Dicionário Paulo Freire**. 3.Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FREIRE, A. M. de A. **Pedagogia da Esperança**. Um reencontro com a pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, A.M. de A. **Pedagogia do Oprimido**.42.Ed. Rio de Janeiro: Paz eTerra,2005.

FREIRE, A.M.de A. **Educação e Mudança**.30. Ed. São Paulo:PazeTerra, 2007.

FREITAS,L.C.de;FRAGELLA,R.;PINHO,M.L.*etal*.Vídeo (1h46min). **Aulas remotas:é possível para todos (as) estudantes? A quem interessa?** Publicado pelo Canal ANPEd Nacional,2020.

Disponível em:<https://www.facebook.com/anped.educacao/videos/270595950977245>.Acesso em: 02 jun.2020.

FRIGOTTO, G.; LINHARES, C.;PLAISANCE, E.;*etal*.Vídeo (1h52min). **Pandemia e pós- pandemia: desafios à educação**. Publicado pelo Canal Waldeck Carneiro, 2020.Disponível em: <https://www.facebook.com/341216022616408/videos/1070074190052901/>.Acesso em: 02 jun.2020.

GAGNEBIN, J. M. **Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin**. São Paulo: Ed. 34, 2014.

HUACCHA, S. **Relato de experiência para os encontros - Memórias da Quarentena: encontros entre REDEALE/ Brasil e REDENU/Peru**. Vídeokonferência, REDEALE/FFPUERJ e Escuela Campesina Alternativa, 22 jun 2020.

MORAIS, J. F. dos S.; ARAÚJO, M. S. Formação Continuada centrada na escola: Intercambiando experiências. **Revista Teias**, Rio de Janeiro. V.15, p.29 – 40, 2014.

NÓVOA, A. **Conversas com AntonioNóvoa: Educação em tempos de pandemia**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=FNF7i\\_Dpfl0](https://www.youtube.com/watch?v=FNF7i_Dpfl0). Acesso em: 10 de jul. de 2020.

OROCCHIO,L.Z. O cineasta das obras-primas.**RevistaCult.**,SãoPaulo. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/stanley-kubrick-o-cineasta-das-obras-primas>.

Acesso em 16 ago. 2020.

PALLANDA, N., BOETTCHE, M., PINTO, M. **Viver, conhecer na perspectiva da complexidade: Experiências de pesquisa**. 1. ed. - Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2017.

RANCIÉRE, J. **O mestre ignorante**—Cinco lições sobre a emancipação intelectual.3ed., Belo Horizonte: Autêntica,2015.

SANTOS. B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina. 2020.

MATURANA, H.; VARELA, F. **De máquinas e seres vivos**: autopoiese – a organização do vivo. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. PIAGET, J. **Biologia e conhecimento**. Petrópolis, 1997.

ZITKOSKI,J.J. Humanização/desumanização.(verbete) In:STRECK,D.R.; REDIN,E.; ZITKOSKI,J.J.(orgs).**Dicionário Paulo Freire**.3.Ed.Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

## Narrativas da cápsula do tempo: afetar é construir memórias

Larissa de Araujo Aguiar  
Maria Martinha Barbosa Mendonça  
Regina Aparecida Correia Trindade

Este artigo traz algumas reflexões de três estudantes, respectivamente da graduação, do mestrado e do doutorado, a partir de suas narrativas apresentadas no projeto “Memórias da Quarentena: Diálogos Brasil/Peru” produzidas no ano de 2020, isto é, no contexto de um ano pandêmico. O projeto teve como proposição pensar a educação e a pandemia em diálogo com o pensamento de Paulo Freire<sup>1</sup>.

Diante de um cenário de incertezas e “situações-limites”<sup>2</sup> (FREIRE, 2005) agudizados pela pandemia da COVID-19, nos vimos tensionadas em um momento inédito<sup>3</sup>, de isolamento social, para as três mulheres que aqui se apresentam. Este isolamento compulsório impactou a vida no/do planeta, provocando efeitos sociais, políticos, econômicos e ambientais, alterando a forma como vivemos e nos comunicamos (SANTOS, 2020), e a nossa forma de olhar para a produção da materialidade e da existência, cuja possibilidade de

---

<sup>1</sup>Paulo Reglus Neves Freire, ou Paulo Freire foi um educador e filósofo brasileiro que nos deixou como legado um conjunto de obras, pensamentos, críticas, reflexões, experiências, na defesa pela *práxis*, que nos inspira a pensar cotidiano, os processos educativos e populares como percursos formativos, emancipatórios e necessários para a humanização.

<sup>2</sup>Para Paulo Freire as situações-limites são gestadas em um sistema opressor de produção da existência humana e revelam-se nas contradições deste mesmo sistema, traduzindo-se em situações de opressão, exploração, autoritárias que condicionam a percepção da história em uma dimensão fatalista.

<sup>3</sup>Consideramos que esta pandemia se revela como uma experiência inédita, compreendendo a extensão de sua duração, seus impactos na reconfiguração do cotidiano e o alto índice de contaminados e óbitos em nível planetário.

mudança nunca deve se tornar imobilizada diante de uma perspectiva fatalista da história, conforme defendeu Freire (2005).

Impactos complexos e que também foram possíveis de se perceber no cenário educacional brasileiro, desde o ensino básico até o ensino superior, seja na rede privada ou na pública, provocando desdobramentos no atendimento de suas demandas, dentre elas, financeiras e/ou estruturais. Deparamo-nos com profundas mudanças na educação, com o fechamento tanto de instituições públicas quanto privadas.

No contexto educativo, de uma forma extensiva, tivemos o fechamento físico das escolas, contudo, esse fechamento não significou o encerramento das atividades educativas, que assumiram outras configurações. Diante de uma realidade virtualizada, nunca experimentada, compreendendo neste “ineditismo” a adesão em uma expressiva totalidade das redes de ensino públicas e privadas brasileiras pela virtualidade, cuja relação impôs aos docentes uma série de *situações-limites* (FREIRE, 2005) no sentido de incorporarem o ensino exclusivamente mediatizado pela tecnologia em suas práticas, ações antes pautadas na presencialidade.

Um cenário onde uma parte dos donos de escolas, alguns políticos e uma parcela dos responsáveis pediam pelo retorno presencial<sup>4</sup> e de outro lado tínhamos movimentação de alunos, professores priorizando a vida, a saúde e assim, defendendo o não retorno presencial.

Foram tantos os impactos, que nos sentimos impulsionadas a refletir tais aspectos com doses de afeto, com lembranças que traçam comparações do ensino presencial e o atual ensino remoto, que nos permitiram e permitem ponderar nossas perdas e ganhos, tanto pessoais quanto educacionais.

Esse ineditismo se revelou na narrativa das três autoras, que apontam atravessamentos, não só geracionais, como também em

---

<sup>4</sup> Ver em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/06/escolas-particulares-querem-volta-as-aulas-antes-das-publicas.shtml> Acesso em 18/05/2021.

*tempoespaços*<sup>5</sup>. A evidência da geração se apresentou nas três narrativas das *professoras pesquisadoras* em formação na medida em que elementos geracionais e pessoais foram se apresentando ao longo de cada narração.

### **A cápsula do/no tempo e a memória: entre gerações e sentidos**

Querido Diário, cá estou contabilizando três meses e alguns dias de isolamento social e buscando meu autocontrole a cada dia que passa. Mesmo assim me peguei pensando: “como assim controle em um tempo que meu corpo se movimenta na mais controlada calma?” Logo em seguida percebi que dentro da minha casa, onde esperamos por paz e conforto, estava encontrando angústia, inquietação. Por mais que algumas vezes estivesse parada, me encontrava ofegante e olhos arregalados como se estivesse me movimentando descontroladamente. E aí, pude entender a necessidade desse autocontrole, pois era minha mente quem pedia socorro, quem alertava o meu corpo, através de sinais como taquicardia, respirações ofegantes, lágrimas e insônia, de que era necessário um cuidado de dentro para fora. E por essa razão estou registrando esse momento de uma forma bastante pessoal, talvez essa seja minha doce<sup>6</sup> cápsula do tempo, para que o meu eu do futuro possa abrir esse documento e se lembrar que aquela jovem de 20 anos passou por um turbilhão de notícias e

---

<sup>5</sup> A inserção da escrita aglutinada ou invertida de algumas palavras somam-se com as justificativas de pesquisadoras/res do campo dos estudos do cotidiano e justifica-se teoricamente como um exercício de busca de superação da dicotomia provocada por termos, que tratam o pensar e o fazer docente como instâncias separadas.

<sup>6</sup> Temos a compreensão que o tempo pandêmico não é um tempo doce, no entanto, a doçura trazida por Larissa remete à intencionalidade do Esperançar na perspectiva freireana, ao se preocupar em deixar um registro para a Larissa do futuro.

acontecimentos que ficaram marcados na minha memória e na história do mundo. (AGUIAR<sup>7</sup>, 2020)

Larissa Aguiar aponta para uma questão da qual partiremos aqui, do nosso *corpo* como cápsula, do nosso corpo como casa, como lugar, como morada de sentimentos, sensações, relações intimamente afetadas pelo contexto social e, também, pelo coronavírus.

De acordo com Freire (2005) somos seres sociais, imersos, “molhados” em formas culturais de entender e interpretar o mundo, de produzir esta existência em sua materialidade, e esta materialidade está, em nossa perspectiva encarnada no corpo que habitamos.

A dramática experiência pandêmica, complexa, nos faz refletir sobre que tipos de conhecimentos são significativos para lidar com uma pandemia e de que forma a ausência destes conhecimentos afetam nosso corpo, nossa cápsula. Para Freire:

O corpo humano, velho ou moço, gordo ou magro, não importa de que cor, o corpo consciente, que olha as estrelas, é o corpo que escreve, é o corpo que fala, é o corpo que luta, é o corpo que ama, que odeia, é o corpo que sofre, é o corpo que morre, é o corpo que vive. (2019, p.41)

Os corpos que escrevem este texto, escrevem-no e se inscrevem ainda em um momento pandêmico e encontram-se diante de milhares de outros corpos que morrem por COVID-19 devido ao crescimento vertiginoso e desolador dos óbitos no Brasil. São 371.678 e 2.929 novas contaminações<sup>8</sup> de brasileiros até 17 abril de 2021.

Diante deste triste cenário, há que se empregar em outro sentido para a *cápsula*. Sendo assim, entenderemos a cápsula como um instrumento capaz de proporcionar uma viagem no tempo, sendo possível, por meio dela, romper dimensões e espaços, seja para o futuro, como na epígrafe de Larissa Aguiar, seja para o passado, como ela mesma nos coloca a seguir:

---

<sup>7</sup> Texto intitulado: “Querido Diário” de autoria de Larissa de Araujo Aguiar.

<sup>8</sup> Consulta realizada no dia 17 de abril de 2021 no site <https://covid.saude.gov.br/>

Para além de um registro para o futuro, permito-me usar esse espaço para refletir sobre a Larissa de 10 anos atrás e como ela pensava nesse tão esperado 2020:

- Será que teremos carros voadores?

- Será que descobriremos a cura para tantas doenças incuráveis?

Eram tantos “serás”, que aquela garotinha de anos atrás estaria desapontada se tivesse recebido um *spoiler*<sup>1</sup> ou pudesse viajar pelo tempo e ver com seus próprios olhos para onde caminhamos como sociedade. Ora, é claro que nos orgulhamos em aspectos como científico e tecnológico, que nos permite a prevenção de tantas doenças por meio de vacinas e da tecnologia que nos auxilia nas mais variadas áreas, na Educação, nas indústrias, na Ciência como um todo. (AGUIAR, 2020).

Que bom seria se pudéssemos nos antecipar a estes acontecimentos trágicos! Ah se a Larissa de 10 anos atrás pudesse, de alguma forma antever e preparar a Larissa Aguiar de hoje para este momento. Ah se fosse possível uma viagem na cápsula do tempo! Talvez um dia ela exista, mas hoje, mesmo que queiramos muito fugir deste tempo dramático, não conseguimos. Contudo, coexistem com a Larissa de ontem e a Larissa de hoje também um *corpo velho*, desafiado pelo vírus em um risco constante.

Como pensar na minha vó, que completou neste ano 90 anos de idade, e na distância, não só geográfica, mas física, presencial que a quarentena e o isolamento nos impuseram? Como lidar com o medo permanente de não sentir mais os cheiros, os gostos do afeto e do afetar-se em sua companhia sempre recheada de histórias de tempos antigos? Como pensar em tantos aniversários, em tantos bolos, cafés, sorrisos, abraços, sentidos que deixaram de ser divididos e partilhados diante do isolamento? (TRINDADE<sup>9</sup>, 2020).

O tempo, em sua cronologia rotineira tão conhecida por todas e todos, parece ser outro na pandemia. A pandemia, como uma questão complexa, parece desafiar a forma como entendemos este

---

<sup>9</sup> Texto intitulado: “Receita de AfetAR” de autoria de Regina A C Trindade.



tempo e como entendemos a nós mesmas neste mesmo tempo, o nosso “posto no cosmos.” (FREIRE, 2005).

Assim, em diálogo com Freire (2005), compreendemos este ano pandêmico como um “tempo fundante”, quer dizer, “um tempo funda e que por isso se abre à profundidade” (FREIRE, 2020a, p. 201). Esta profundidade, agudizada nesta relação complexa entre tempo, corpo, contexto, cotidianos, rotinas, desigualdade, fome, ausências, medo, se coloca como uma complexa pergunta, diante de um cenário de incertezas, incompletudes e inacabamentos, diante de um cenário onde o que nos era conhecido deixa de ser abrindo espaço para novos desafios, novas rotinas, velhos problemas. Amparadas em Ricoeur, acreditamos que:

O mundo exposto por toda obra narrativa é sempre um mundo temporal. (...) o tempo se torna tempo humano na medida em que está articulado de maneira narrativa; em contraposição, a narrativa é significativa na medida em que desenha as características da experiência temporal. (RICOEUR, 2010, p. 10).

Desta forma, acreditamos que o registro memorialístico de nossas narrativas se torna capaz de trazer a apreensão da ideia de corpo, que encarna e materializa a existência, no qual as emoções, sentidos, sensações, razões dentre outras muitas formas de sentir e existir se dão em relação, em um emaranhado chamado vida.

Pensar a existência do corpo humano é também pensar a existência da vida, e por esta razão, tecemos aqui um exercício de revisitar nossas escritas e estabelecer um novo diálogo, refletindo a partir de nossas produções, para o que nos legou Paulo Freire, educador que amou os homens, os animais, as árvores, a vida profundamente. Pensar o corpo humano, sua existência, é também pensar o tempo e este dentro de uma perspectiva histórica, como veremos a seguir.

## 2. Temporalidades pandêmicas: a história como possibilidade

“O Brasil de 2020 se inicia com o segundo ano do primeiro mandato de um (des)governo fascista<sup>10</sup> à brasileira.”  
(MENDONÇA, 2020).

Para Paulo Freire “a história é tão vir a ser quanto nós, seres históricos, limitados, condicionados e o conhecimento que produzimos” (FREIRE, 2019, p. 30), ou seja, em outras palavras, nos constituímos em uma relação histórica com o mundo, com os conhecimentos também condicionados a um tempo histórico que produzimos enquanto humanidade. E, sobre esta perspectiva, continua o educador: “nada engendrado por nós, mulheres e homens, por nós vivido, pensado e explicitado por nós se dá fora do tempo, fora da história. Estar certo ou em dúvida são formas históricas de estar sendo.” (FREIRE, 2019, p. 30). Ainda, segundo Paulo Freire:

Seria impensável um mundo em que a experiência humana se desse ausente da continuidade necessária, quer dizer, fora da história. Neste sentido é que a “morte da história” implica na morte das mulheres e dos homens. Homens e mulheres não podem mais sobreviver à morte da história que, por feita por eles e por elas as faz e refaz. O que ocorre é a superação de uma fase história por outra que não elimina a *continuidade* da história na mudança. (2019, p.31).

Ratificamos esta dimensão da história dentro de uma perspectiva temporal, sobretudo, se pensada em sua viabilidade de ser tanto quanto a viabilidade de ser no mundo dos homens e mulheres. Acreditamos que em Freire estas dimensões estão imbricadas, conforme ele mesmo nos afirma com suas palavras:

---

<sup>10</sup> O governo Bolsonaro, eleito em 2018 tem fortes características do Fascismo, mesmo não se enquadrando em algumas características governos fascistas clássicos da Europa. Ver em: <https://theintercept.com/2020/07/07/bolsonaro-populista-fascismo-entrevista-federico-finchelstein/> acesso em 18/05/2021.

O impossível é transformar o mundo que, para ser, tem de estar sendo, num mundo inapelavelmente imóvel, em que nada pudesse ocorrer fora do já estabelecido. Um mundo plano, horizontal, sem tempo. Algo assim até que é compatível com a *vida* animal, mas incompatível com a *existência* humana. É neste sentido que o animal se *adapta* a seu *suporte* enquanto o ser humano, integrando-se a seu contexto, por nele intervir, o *transforma* em mundo. (2019, p.31).

Neste sentido, além da questão do tempo, do corpo que materializa esta existência, da memória produzida deste tempo, temos a própria crítica a produção desta sociedade, aqui capitalista, e suas formas de exploração e alienação humana a favor do capital.

Mas e quanto ao social? E ao político nessa sociedade? Sei que a Larissa de 10 anos atrás não entendia de política e, talvez, nem saberia debater sobre, mas, tinha ela o conhecimento básico do certo e, principalmente, de fazer o bem ao próximo. Mas, hoje em dia desconfio que regredimos como sociedade, pois, nosso egoísmo se agiganta, colocamos nossos interesses e pensamentos pessoais a frente de um coletivo. Fico me perguntando o que esperar? Uma possível transformação da sociedade? Como? Se “nossos representantes” dão exemplo do oposto ao que deveria ser feito e, ainda assim, são tratados por uma parcela da sociedade como “Messias<sup>11</sup>”? (AGUIAR, 2020).

Os tensionamentos agudizados na pandemia revelam-se em suas dimensões sociais, econômicas, sanitárias e políticas. Sobre esta última, Freire nos convida a um posicionamento político, ético, estético frente a questões humanas, sociais, de opressão.

O contexto brasileiro no qual estamos vivendo é de um governo federal que se comporta de forma indiferente diante do

---

<sup>11</sup> Jair Bolsonaro tem Messias em seu sobrenome, e este fato se confunde, entre seus defensores e adeptos de sua política, como algo messiânico, salvador. Contudo, na prática o que se percebe é exatamente o contrário, sua capacidade destrutiva e desumana. Ver em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/eleicoes-2018/jair-messias-bolsonaro-como-novo-messias-para-evangelicos-e-catolicos-tradicionais/> Acesso em 15/05/2021.

aumento contínuo de óbitos, de falta de assistência à saúde, de oxigênio, da ausência da compra de vacina como um direito de todos à vida, que se afina com interesses do capital, defendendo o lucro acima da vida com a justificativa de que a “economia não pode parar” nos coloca diante do compromisso político de enfrentamento a esta realidade.

### **3. Entre estações, temperaturas, temperos, fazer docente e esperanças**

Refletir sobre a pandemia nos provocou a pensar nossas relações com o tempo. Não somente na perspectiva ocidental cronológica, de um tempo partido em horas, meses e anos, mas, sobretudo na perspectiva dos povos originários que nos ensinam que as estações do ano são fundamentais na harmonia da vida, na percepção do tempo para plantar e para colher. Neste sentido, Martinha Mendonça nos convida a pensar nesta relação ao trazer um trecho da música<sup>12</sup> “Mudaram as estações, nada mudou, mas eu sei que alguma coisa aconteceu, ‘tá’ tudo assim, tão diferente”.

Quando chegou o Outono, quarenta dias haviam se passado e a Quarentena, mudou de nome: *isolamento social*. Começamos a balançar nossas certezas e esperanças. As aulas remotas começaram a ser impostas pelos diversos governos locais e nós, professores, precisávamos (re) pensar a nova realidade para experimentar o *saberfazer* com ela. (MENDONÇA<sup>13</sup>, 2020).

O outono marca o início de um novo tempo, a temperatura vai ficando mais amena, com mais neblinas, nevoeiros e as trocas de folhas de algumas árvores mostram gradativamente a chegada do inverno. E

---

<sup>12</sup>Canção: “Mudaram As Estações” do Compositor: Renato Russo.

<sup>13</sup>Texto intitulado “Mudaram as estações... Nada mudou?” de autoria de Maria Martinha Barbosa Mendonça.

o outono pandêmico de 2020 começou a nos impor um novo *nível de vínculo*<sup>14</sup>e para os professores não se deu de forma diferente.

Não acreditávamos que era possível uma educação remota, não concebíamos aceitá-la e nos perguntamos *o que fazer?* Como professoras e professores começamos a nos indagar. Como nos reaproximar das crianças? É necessário? Muitos especialistas<sup>15</sup> tinham respostas diversas e nós tínhamos dúvidas. Sofremos juntas/os, porém, precisávamos parar de sofrer e se colocar no movimento de refletir, coletivamente, e agir sobre/com as novas demandas (MENDONÇA, 2020).

O fazer docente presencial é para nós como uma árvore frondosa pronta para dar bons frutos, a chegada do isolamento por tempo indeterminado no outono fez com que nos sentíssemos despidas, assim como as árvores que perdem suas folhas nesta estação. *A priori* nos vimos despidas sem nossa vontade, com nossos troncos expostos, custamos a entender que este corpo nu era a estrutura que nos mantinha de pé. Do corpo nu, “novo<sup>16</sup>” precisava nascer algo apesar do ciclo *do capital*, posto que:

O sistema capitalista em mais uma de suas crises, combinada com a pandemia colocava os vulneráveis mais vulneráveis ainda, por isso, muitas vezes fiquei apreensiva, e fui percebendo que estávamos na *normalidade* de sempre: ricos, cada vez mais ricos e pobres cada vez mais pobre e agora doentes em massa. Os mais pobres morriam nas filas dos hospitais, esse foi o primeiro indício dessa pandemia, não

---

<sup>14</sup> Trecho da música “Oração ao Tempo” de Caetano Veloso. Ver em: <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44760/> Acesso em: <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44760/> 21/05/2021.

<sup>15</sup> Ver em: Especialistas debatem desafios da educação brasileira na pandemia - 12/05/2020 - UOL Economia. <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/05/12/especialistas-debatem-desafios-da-educacao-brasileira-na-pandemia.htm>. Acesso em: 15/05/2021.

<sup>16</sup> Fazemos uma alusão ao que tem sido chamado de “novo” normal, em um discurso que naturaliza a compreensão de normal e a compreensão da história como algo imutável.

por acaso, uma empregada doméstica<sup>17</sup> foi a primeira a morrer no Brasil por COVID-19 ao ser contaminada por seus patrões após eles terem retornado das férias na Europa. (MENDONÇA, 2020).

A narrativa de Martinha Mendonça aqui, representa uma denúncia, uma crítica a este tempo, a este desprezo pela vida, a centralidade do capital em detrimento à existência humana. A crise sanitária se agudiza na pandemia COVID-19 e se prolonga diante do negacionismo, do descaso, da indiferença, da defesa pela normalização da economia e não pelas vidas por parte do governo federal brasileiro.

No entanto, o corpo nu de folhas caídas que sentíamos era nossa estrutura e não há como falar nele sem pensar a existência e nossa consciência, não é possível sem pensar a relação com o trabalho que sofreu impactos profundos na pandemia, e em particular o trabalho docente. *Que fazer?* indaga Martinha, e buscaremos refletir com Freire a dimensão da liberdade, em particular aqui pensada na dimensão do fazer docente na pandemia, sem com isso pretender-se responder e encerrar esta questão. Para Freire:

A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. Não é também a liberdade um ponto ideal, fora dos homens, ao qual inclusive eles se alienam. Não é ideia que se faça mito. É condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inconclusos. (FREIRE, 2005, p.37).

E, neste sentido da busca, deste movimento, é, em sua dimensão coletiva que as contradições se colocam. É justamente no inverno, estação mais propícia para a propagação do coronavírus que encontramos, para além das fronteiras geográficas, foguinhos

---

<sup>17</sup> Ver em: Primeira vítima do RJ era doméstica e pegou coronavírus da patroa no Leblon - 19/03/2020 - UOL Notícias. Acesso em: 20/05/2021.

que aquecem o coração. Como diria Eduardo Galeano (2002), afinal de contas, *somos um montão de gente, um mar de foguinhos* e, apesar do frio, comum nessa estação, esse encontro de educadoras de dois países da América Latina aqueceu nossos corações, pois, representou o fortalecimento da dimensão coletiva da esperança como um alimento para o corpo.

Neste longo caminho de reflexões e partilhas, temos buscado pensar sobre o que Paulo Freire faria ou proporia para este momento. Sabemos uma resposta fechada, mas, certamente pensaria em uma *educação para além do capital*. Seguimos tentando nos reinventar, refletindo sobre este momento e reflexionando, tecendo novas formas, modos e jeito de *fazer educação* no Brasil, no Peru e na América Latina, e desconfio que esse seja um bom começo e *nada vai conseguir mudar o que ficou*. (MENDONÇA, 2020).

Freire não nos autoriza desesperançar, perder a dimensão da luta e, sobretudo, da coletividade nesta luta. Desta forma, os laços latino-americanos que nos sustentam neste tempo sombrio nos dão a dimensão da esperança para esperançar o desejo de Larissa Aguiar:

Espero que daqui a 10 anos possa abrir esse registro e ser uma educadora orgulhosa dos bons passos que demos e que possamos avançar como sociedade solidária, empática e regada de respeito. E como bem escrito e cantado por Guilherme Arantes: “Amanhã está toda a esperança, por menor que pareça, existe e é pra vicejar. Amanhã, apesar de hoje, será a estrada que surge pra se trilhar”. (AGUIAR, 2020).

E é, por meio desta dimensão do ato de esperançar que buscamos tecer uma (in)completude, conforme a seguir.

### **Nas incompletudes desta cápsula tempo: registros inconclusos.**

Os diálogos entre essas três mulheres de gerações diferentes na experiência com outras mulheres educadoras do Peru não

podem (buscam) trazer conclusão a esta conversa. A dimensão do inacabamento, da inconclusão presente na obra de Freire é, também, aqui recuperada de modo a tecermos estas breves linhas finais de um movimento que ainda está em curso, e cujos desdobramentos ainda são uma incerteza. Contudo, poderíamos recuperar a pergunta trazida por Regina Trindade nestas linhas finais: “que *receita* Paulo Freire poderia nos ensinar para lidar com isolamentos, com pandemias, com sintomas de saudade e com a urgência de uma humanidade?”

Talvez ele nos dissesse que nos educamos, que aprendemos, que nos constituímos na relação com o mundo, com os homens, na boniteza desta relação e no sentido que damos a ela. Sentido aqui pensado em sua duplicidade, compreendendo tanto o sentido simbólico, ideológico como o sentido de sentir, cheirar, degustar... que a esperança em nossa humanização possa nos permitir estar sempre sentindo, cheirando, degustando, compartilhando vida e a vida, em nossa dimensão do *ser mais*, como mais um elemento para nossa *humanização*, sem perdermos a dimensão do tempo como uma construção humana, e da existência histórica, suas contradições e produções de desigualdades como resultado das ações humanas na produção de nossa existência. (TRINDADE, 2020).

Se produzimos história, produzimos memória sobre este tempo. Desta forma, buscamos, ao revisitarmos nossos escritos de junho de 2020 com a experiência sentida em 2021, ressignificar nossa percepção deste tempo pandêmico e seus efeitos em nós como humanos, em nosso fazer e no contexto e relações que estabelecemos.

Acreditamos que a esperança, em Freire, é também um ato revolucionário, pois nela reside uma dimensão da crença de que algo bom há de vir, está por vir, será construído, amparados na perspectiva de que a história é tão *vir a ser* quanto as mulheres e homens que *estão sendo* no mundo. Assim, nos alimentamos deste sonho, alimentamos a alma, o espírito, os corpos tão afetados nesta pandemia, distanciados,



mas firmes na luta, resistindo aos invernos, aos frios, aos vírus em busca pelo brilho dos foguinhos que nos devolvam nossa humanidade.

## **Referências**

- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2005.
- FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra. 2019.
- FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Paz e Terra. 2020a.
- FREIRE, P. **Política e Educação**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra. 2020.
- GALEANO, E. **O livro dos abraços**. Tradução de Eric Nepomuceno. - 9. ed. - Porto Alegre: L&PM, 2002. 270p.
- GARCIA, R.L.; ALVES, N. Sobre a formação de professores e professoras: questões curriculares. In: LIBÂNEO, J.C.; ALVES, N. **Temas de pedagogia: diálogos entre didática e currículo**. São Paulo: Cortez, 2012.
- RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- SANTOS, B.S. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: EDIÇÕES ALMEDINA, S.A, 2020.
- STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 439 p.

## ¿Qué haría Freire en medio de la pandemia?

*Blanca Roxana Gallardo Correa*  
*Silvia del Rosario Huaccha Abanto*  
*Hortencia Villar Aquino*

Para comenzar este texto, queremos presentarnos. Soy una admiradora de la naturaleza y de la belleza que hay en todo lo que me rodea: el día, la noche, la lluvia, el viento, las personas, las aves, las plantas. Tengo un nombre: Blanca Roxana Gallardo Correa, desde hace 6 años me sumergí en el fantástico mundo del arte, con el objetivo de capturar instantes de mi vida y plasmarlo en un papel o un lienzo y así adueñarme de momentos de tiempo, tiempo que pasa cada vez más de prisa frente a mí. Ello me llevó a recibir clases y formarme académicamente en lo que me gustaba. Allí conocí a muchos artistas en el ámbito de la pintura, de la fotografía, el dibujo, el grabado, la ilustración, la literatura. Actualmente estoy en el proceso de elaboración de mi tesis, reparto mi tiempo en leer, dibujar, pintar, investigar y enseñar. Enseñar, a veces se torna un poco difícil, pero es parte del aprender, trabajo como voluntaria en un proyecto que se lleva a cabo en mi comunidad, llamada Escuela Campesina Alternativa, como su nombre lo dice proponemos alternativas de aprendizaje, dirigido a niños, adolescentes y a toda persona con ganas de participar.

Vivo en un caserío llamado Pomabamba, pertenece al distrito de Jesús, provincia y departamento de Cajamarca, país Perú. Pomabamba es una comunidad pequeña, ubicada en el área rural, a 14 kilómetros de la ciudad, con aproximadamente 80 familias, las viviendas están hechas de tierra, madera y tejas, resguardada por dos imponentes cerros, en ellos crecen muchas variedades de árboles y arbustos, pero también hay parcelas de tierra que sirven para cultivar, papas, alverjas, trigo, cebada, lentejas, entre otros, productos utilizados solo para el consumo familiar, el agua es muy

escasa a medida que pasan los años los manantiales han bajado su caudal y por eso se aprovecha la época de lluvia para el sembrío, pues la época seca es la más larga y el aguüita es utilizada para el consumo humano y de animales.

Me llamo Silvia del Rosario Huaccha Abanto, natural de Cajamarca distrito, provincia y Región de Cajamarca - Perú Magister en Investigación Educativa docente de Ciencia y Tecnología de la IE Luis Rebaza Neira ubicada en el Centro Poblado de Huambocancha Alta a 7 km de Cajamarca carretera a Bambamarca es un centro educativo rural, pequeño pero de gran trayectoria en la comunidad ya que tenemos la satisfacción de contar con profesionales muy dedicados y preocupados de mejorar la calidad de vida de la población Huambocachina.

Agradezco la oportunidad de formar parte de la Red desenredando Nudos donde me permite compartir experiencias de trabajo y más que todo aprender para mejorar mi desempeño laboral. Formar parte de este proyecto memorias de cuarentena es una oportunidad de reflexionar cómo la pandemia cambió nuestro mundo y todos aquellos referentes con los cuales vivíamos y trabajábamos no solo fueron cuestionados, sino que fueron modificados y más que todo redefinir y repensar la finalidad de nuestro quehacer educativo en este momento de pandemia a la luz de Paulo Freire.

Mi nombre es Hortencia Villar Aquino. Natural del centro poblado Huaracclla, distrito Jesús, provincia y departamento de Cajamarca. Hace doce años empecé a trabajar en la casita como auxiliar. En el nivel infantil es por ello que cada día tenía que contar cuentos, muchas veces me los inventaba. Hoy en día por este problema que aqueja a todo el mundo (pandemia) empecé a crear cuentos cada día, de acuerdo al tema, al principio era muy dificultoso para grabar, pero luego poco a poco lo voy logrando ya casi no se me hace difícil.

Primero creo los cuentos, luego escribo, elaboro mis personajes y después me pongo a grabar, hacer eso para mí me llena de felicidad; cada día, hace un año y medio atrás por invitación de la profesora Isabel Gutiérrez Chávez llegue a ser partícipe de la

reDiálogos, en donde me siento muy contenta de participar en este lindo grupo. Y un día me invitaron a participar del proyecto de Memorias de Cuarentena y compartí uno de mis hermosos cuentos en respuesta a la pregunta ¿Qué haría Paulo Freire en medio de la pandemia? Gracias a esa pregunta conozco a maestras del hermano país de Brasil, gracias por permitirme conocerlas y compartir con ustedes parte de mi vida.

Nosotras, tres profesoras que escribimos juntas, nos encontramos en medio de la pandemia en Redialogos y, a partir de nuestra participación en los colectivos docentes, en diálogo con más dos redes de maestro, REDENU – Perú e REDEALE- Brasil, encontramos otras formas de atravesar juntas este momento que nos aflige en la pandemia.

La pandemia generada por la COVID-19 ha provocado una crisis sin precedentes en todos los ámbitos de nuestra sociedad, es decir, ha cambiado la vida de las personas, más aún cuando si en nuestro país existe una crisis sanitaria y educativa, pero también es una gran oportunidad para generar cambios, especialmente en la educación, cambios que van tomando cuerpo progresivamente, surgiendo iniciativas innovadoras en el marco de la educación a distancia.

En este momento se evidencia lo manifestado por Paulo Freire “Nadie educa a nadie, nadie se educa a si mismo los hombres se educan entre sí con la mediación del mundo” “Todos nosotros sabemos algo”. “Todos nosotros ignoramos algo”.

Todos coincidimos que estamos frente a uno de los momentos históricos más álgidos de la humanidad en el que la incertidumbre, el miedo y el desconocimiento son experiencias que marcan a cada ser humano según su vivencia particular, pero también es momento de retos principalmente en nuestro quehacer educativo para promover un mundo alternativo en el cual prime la solidaridad, la resiliencia, el apoyo y el cuidado colectivo, la conciencia ecológica, la justicia y la equidad.

El mundo de la educación, la escuela, los procesos pedagógicos con los que estábamos acostumbrados nos fue alterado, sin previo aviso, la epidemia nos dejó sin el espacio del aula, nos quitó las

herramientas y las prácticas a las cuales estábamos acostumbrados para enseñar; pero, sobre todo, nos alejó de esa parte tan apreciada por nosotros el contacto directo para realizar nuestra labor con nuestros niños y niñas, adolescentes y jóvenes estudiantes. De manera repentina y sin avisarnos, la epidemia y la crisis sanitaria, nos pone frente a un computador o un celular o buscar alternativas de cómo comunicarnos con nuestros estudiantes en una educación a distancia para planificar, organizar y dar clases en una modalidad que no estuvimos preparados.

Por ello ahora más que nunca es necesario cambiar la educación bancaria que es un instrumento de opresión que anula el poder creador de los educandos o lo minimiza, estimulando así su ingenuidad y no su criticidad, lo cual satisface los intereses de los opresores; por una educación liberadora donde la comunicación entre el educador y educando es fundamental para generar la reflexión y así mismo la libertad. En la concepción bancaria de la educación, la relación educador-educando, está mediada por el acto narrativo de contenidos, es decir, es la relación discursiva del narrador que habla y dicta, y el sujeto que escucha pasivamente. El sujeto que narra es el que practica un discurso alejado de la realidad concreta del educando, o en su defecto, un discurso fragmentario de la realidad, la única función del sujeto que educa es la de “llenar” por medio de discursos “verbalistas alienados y alienantes” a los educandos, cuya función es pasiva-receptiva. (FREIRE, 1997, p. 77). Es decir, cambiar una educación bancaria a una educación con una visión crítica del mundo en donde vivimos actualmente, buscar un horizonte compartido en nuestras comunidades para buscar la calidad de vida y el desarrollo de nuestra comunidad tan anhelada por todos.

Asegurar una práctica pedagógica, en donde el docente construya conocimiento desde los conocimientos previos de los estudiantes para que estos puedan pasar de seres sociales pasivos a seres sociales activos, críticos y pensantes de la sociedad en la que se desarrollan. El pensamiento crítico no puede llevar a sus entes de la educación a seres negativos, por el contrario, se debe tener

una mirada positiva de los que se está viviendo y poder seguir construyendo, centrado en el lenguaje. Se debe tener en cuenta que no hay práctica docente sin curiosidad, sin ser capaces de intervenir en la realidad, sin ser capaces de ser hacedores de su historia y a la vez siendo hechos de la historia. Es decir, hoy más que nunca, los docentes, debemos *enseñar a construir seres solidarios* para lo cual es necesario y relevante la formación de habilidades socioemocionales intra e interpersonales en nuestros estudiantes y pobladores de nuestra comunidad; la comprensión y relación con el otro, la empatía, la comunicación asertiva, la relación y contribución colectiva, la conciencia social y la colaboración. En consecuencia, realizar una pedagogía crítica basada en la solidaridad, es tarea de todos los docentes.

El docente no debe olvidar que “Enseñar no es transferir conocimiento, es crear la posibilidad de producir” (Paulo Freire), por ejemplo, Si observas el entorno, analizas el contexto encontramos la naturaleza en todo su esplendor; el sol ilumina para que sea más claro el camino y la luna para las oscuridades. La naturaleza nos brinda todo cuanto necesitamos para vivir y también para expresarnos, si un día se terminan las hojas de papel y la tinta, allí están los troncos y hojas secas de los árboles, la tierra de color y las piedras esperando ser transformadas en ese algo que queremos transmitir.

La escultura del quirote se encontraba escondido en un tronco de maguey, en lo más profundo en la yesca.

El maguey es la madera producto de la flor de la penca azul, la yesca se encuentra en el centro del maguey, es una madera suave, muy noble lo que facilita tallarlo. Tallado que nos devela a un quirote que nos enseña en cuán



**Imagen 04:** Estatua del Don Quixote  
**Fuente:** Pessoal de Blanca Roxana Gallardo Correa

infinita en nuestra imaginación y necesitamos de ella para ser felices y también a transformar cosas ordinarias en maravillosas.

Cuando se habla de la pedagogía de Paulo Freire se habla también de un “método de concienciación”, dicho método, “...procura dar al hombre la oportunidad de redescubrirse mientras asume reflexivamente el propio proceso en que él se va descubriendo, manifestando y configurando...” (FREIRE, 1997, p. 19). No solo en el ámbito personal sino también laborar como por ejemplo al hacer un cuento o realizar una escultura una poesía u otra habilidad que tengamos y en este momento de confinamiento ha permitido conocernos más como personas y como un integrante activo e integrador de la familia.

Es tan importante entonces la relación de nuestros estudiantes con la naturaleza para valorarla y entender que somos parte de ella por tanto debemos concienciar la importancia de conservarla y cuidarla al decir por ello cuando Paulo Freire habla de un “método de concienciación”, dicho método, “...procura dar al hombre la oportunidad de redescubrirse mientras asume reflexivamente el propio proceso en que él se va descubriendo, manifestando y configurando...” (FREIRE, 1997, p. 19).

Con otros lenguajes en la educación a distancia con el objetivo de provocar en los estudiantes una reflexión sobre la naturaleza, el entorno del que formamos parte, la profesora Hortencia comparte un cuento.

#### CUENTO EL OTOÑO

Una tarde una pobre plantita de capulí se sentía muy triste, lloraba y lloraba, decía:

-¡Dios mío! Qué me pasa, me estoy quedando desnuda, mis hojas se están cayendo. ¡Qué tristeza! ¡Tengo mucho dolor!

Pronto alguien se acercó por allí y dijo:

-Capulí, ¿Qué te pasa? ¿Por qué estás triste? ¿Por qué lloras?

-El capulí contestó:

-Es que me estoy quedando sin hojas, mira me veo fea, ya no se acercarán a mí las aves.

-No llores, pronto va a cambiar, solamente estás perdiendo las hojas que ya están maduras, luego te nacerán nuevas hojas y te verás hermosa como siempre.

-Sí, pero tengo miedo de secarme.

-No va hacer así, pronto pasará, todo cambiará, ya verás que no te estoy mintiendo.

-Y, ¿quién eres tú? Preguntó el capulí.

-¿No sabes quién soy yo? Yo soy el otoño, el que lleva todas las hojas maduras. Mira alguien está por allí.

-¿Quién?

-¡Mira! Alguien está que se mece.

-¡Hola! Yo soy el viento, estoy llevando todas las hojas.

-¡El viento! Dijo el capulí

-Sí, soy el viento.

-Amigo viento, mira, el capulí llora porque está perdiendo sus hojas.

-No llores capulí, no llores, pronto vas a cambiar, pronto te verás hermosa, mira todas las plantas se están cayendo sus hojas, no solo eres tú, no te pongas triste, pronto pasará, dijo el viento.

-Está bien, contestó el capulí.

-Capulí, no más tristeza, yo seguiré por todo el mundo y tú ponte feliz, pronto te verás hermosa, dijo el otoño.

Hortencia Villar Aquino

Esta conciliación no solo debe realizarse en el ámbito personal sino también laborar como por ejemplo al hacer un cuento o realizar una escultura una poesía u otra habilidad que tengamos para poder compartir y generar vivencias significativas en nuestros estudiantes. Por eso, es importante que el docente busque situaciones de esencialidad ya que como dice Villalpando (2020): “la escuela física no se reemplaza automáticamente con la escuela digital porque la didáctica no se reduce a la tecnología ni la pedagogía se encuentra en internet” (p.4). Por ello, la educación a distancia no es, ni puede ser, la misma educación presencial. La educación a distancia requiere de nuevas herramientas, técnicas y actividades; para lo que no ha estado preparado el maestro entonces es necesario explorar y pensar nuevas alternativas para compartir, difundir y construir nueva información y conocimiento



garantizar situaciones que lleve al estudiante a la reflexión, como indica Morin (2020) respecto a que el papel de la enseñanza es, sobre todo, la de problematizar, a través de un método basado en preguntas y respuestas capaz de estimular el espíritu crítico y autocrítico de los alumnos, por qué no pensar que ese método también puede ser desarrollado mediante la educación digital.

Entonces la educación a distancia es una oportunidad para que los docentes puedan demostrar y garantizar que con liderazgo e innovación que el aprendizaje no se debe detener y que ningún alumno se quede atrás, por ello nos toca como docentes reinventarnos para buscar estrategias donde los estudiantes estén conectados por los tres medios de comunicación de la Estrategia Aprendo en casa, además de la radio, televisión y la plataforma en internet debe aprovechar las redes sociales, enviar cartillas con autoridades o padres comprometidos, grabaciones para que lo vean en equipos, etc.; desarrollar competencias para la vida que genere reflexión crítica y toma de decisiones no solo a los estudiantes sino a los padres de familia y comunidad, tan necesarios en este momento; generar experiencias y actividades de aprendizaje en familia y de acuerdo al contexto (cómo prevenir el coronavirus, huertos familiares, practicas saludables y ambientales, indagación, el juego o actividad física familiar, manejo de agua segura); ser creativo para realizar el acompañamiento pedagógico con preguntas de reflexión crítica, organización de grupos de whatsApp, etc.; capacitarse en el manejo de herramientas tecnológicas importantes ahora; incentivar a la práctica de la actividad física en casa (juegos tradicionales, creación de cuentos, canciones, etc.); realizar el soporte socioemocional que necesitan los estudiantes a través de la tutoría y actividades activas. Coordinar con alcaldes comunales, tenientes, postas médicas para que apoyen en la comunidad; entre otras actividades.

En este momento actual de pandemia en ninguna circunstancia dejar de hacer, crear, imaginar, transformar cosas y situaciones, desde nuestro mundo, nuestro contexto, con lo que tenemos y si no lo tenemos lo hacemos. “Los docentes sí podemos”.

## Referências

FFREIRE, P. **Educación como práctica de la libertad**. 45º ed. Ed. Siglo Veintiuno XXI editores. Madrid. España. 1997. Disponível em: (8) (PDF) Freire Paulo - La Educacion Como Practica De La Libertad PDF | Francisco Ricardo Alvarez Constantino - Academia.edu. Acesso em 29/08/2021.

MORIN, E. **Vivimos en un mercado planetario que no ha sabido suscitar fraternidad entre los pueblos**. In: El país. Paris, 2013. Disponível em: <https://elpais.com/cultura/2020-04-11/edgar-morin-vivimos-en-un-mercado-planetario-que-no-ha-sabido-suscitar-fraternidad-entre-los-pueblos.html>. Acesso em 29/08/2021.

VILLALPANDO, I. **La escuela mexicana ante la pandemia: diagnóstico y escenarios posibles**. In: Faro Educativo, Apunte de política N°9. Ciudad de México: INIDE-UIA, 2020. Disponível em: <https://faroeducativo.iberomexico.mx/wp-content/uploads/2020/04/Apuntes-de-politica-9b.pdf>. Acesso em: 29/08/2021



## Una luz de Esperanza

*Esther Llatas  
Rosario Ramos  
Anita Bardales  
Yhina Bardales*

Es de agrado presentar el siguiente artículo elaborado con gran actitud y resiliencia por un futuro mejor, desarrollado por Esthercita, Charito, Anita y Yhina, profesionales de distintas carreras y habilidades que se unen a través de dos grandiosas redes como lo son: Red Desenredando Nudos y Red Diálogos de la ciudad Cajamarca en Perú, donde aprender a conocernos en la virtualidad ha sido un reto, pero también alentador, en medio de ésta lejanía y frialdad que se percibe al atravesar la pandemia COVID-19 a nivel mundial. Gracias a la tecnología hemos podido atravesar calles y veredas que se nos está prohibido a manera de prevención y respeto por la vida, donde reflexionamos motivadas por participar del proyecto Memorias de Cuarentena entre Brasil-Perú en el año 2020, compartiendo experiencias bajo la pregunta ¿Qué haría Paulo Freire, en medio de la pandemia?, ha sido motivador mes a mes leer, aprender, escuchar acerca del maestro Paulo Freire, quien nos muestra que para aprender hay que aprender y para enseñar debemos hacerlo con amor y respeto por uno mismo, por el prójimo, por los animales y por la naturaleza.

Es un honor poder presentarnos como autores ante tal privilegio y oportunidad que se nos brinda de expresar nuestra voz para abrir caminos y fortalecernos en medio de tanta incertidumbre, soledad y necesidad, añoramos de corazón que nuestro lector pueda comprender la esencia que cada autor desea transmitir con la actitud y perseverancia de valores siempre al servicio de los demás.

Soy Esther Llatas Valdivia, nací en la provincia de Cutervo - Cajamarca – Perú, hija de Luís Llatas Sánchez y de Juana Mercedes Valdivia Tello, la mayor de 8 hermanos. Desde más de 18 años resido en Cajamarca y ahora por pandemia estoy en Chiclayo junto a mis padres y uno de mis hijos. En busca de mi psión quise entregar mi vida al servicio de Dios optando por ser monjita, pero descubrí que mi vocación estaba al servicio de los demás de aprender y actuar, llevé estudios superiores como en la especialidad de Matemáticas, donde gracias a ello he logrado trascender apostando por mi desarrollo profesional al grado de tener actualmente Doctora en Ciencias de la Educación, una segunda profesión en Administración y con una segunda maestría en Gestión del talento humano, laboro en el colegio emblemático San Ramón Cajamarca nivel secundaria, tengo a mi cargo la coordinación general del bienestar estudiantes del educando y desarrollo clases en el área de Matemáticas. Disfruto de la investigación y mejora continua, estar en constante cambio acorde a la tecnología, me gusta escribir, me encanta bailar y hacer actividad física donde tengo mente y cuerpo sanos, apasionada por la felicidad, consciente de que la tenemos dentro y depende de cada uno para aflorarla. Formo parte del grupo reDiálogos desde el 2020 invitada por Charito, donde aprendo a través de experiencias educativas a fortalecer el trabajo pedagógico en bien de los estudiantes bajo la pedagogía de Paulo Freire, el cual me permitió compartir reflexiones en tiempos de cuarentena en el grupo Memorias de cuarentena Brasil - Perú.

Soy Rosario Del Pilar Ramos Dávila Doctora en Ciencias de la Educación laboro en el ciclo avanzado nivel secundaria en el área de Arte y Cultura en el Centro de Educación Básica Alternativa CEBA “San Marcos” en la Provincia de San Marcos Región Cajamarca mis estudiantes trabajan en diferentes actividades durante el día y disponen en las noches a estudiar tienen entre los 15 y 60 años.

Formo parte del grupo ReDiálogos desde el 2020, donde vamos aprendiendo a través de experiencias educativas a fortalecer nuestro trabajo pedagógico en bien de nuestros estudiantes, así

compartí vivencias bajo la pedagogía de Paulo Freire, el cual me permitió compartir reflexiones en tiempos de cuarentena en el grupo Memorias de cuarentena Brasil – Perú.

Soy Anita Bardales Manyá, soy maestra y psicóloga, trabajo en el Jardín “La casita” Pomabamba Jesús-Cajamarca-Perú; soy maestra de 26 niños de 3, 4 y 5 años. Desde el año 2015 formo parte de la Red Desenredando Nudos para compartir mi experiencia como maestra en la enseñanza y aprendizaje de los niños, a la vez también para escuchar las experiencias educativas de los demás maestros, los cuales nos unimos virtualmente en el 2020, para reflexionar sobre la pedagogía de Paulo Freire, el cual me permitió compartir reflexiones en tiempos de cuarentena en el grupo Memorias de cuarentena Brasil – Perú.

El formar parte de esta Red me ayuda a trabajar en equipo a aprender a caminar juntos, a compartir y a escuchar a los maestros para mejorar cada día nuestras acciones en el ámbito personal y en profesional para crear un mundo mejor.

Soy Saira Eli Yhina Bardales Torres, nací en la ciudad de Guadalupe, una ciudad de la Costa Norte del Perú, capital del distrito de Guadalupe ubicado en la provincia de Pacasmayo, en el departamento de La Libertad. Hija de Enrique Bardales Huamán y Juanita Torres Guerra, somos 7 hermanos, a los cuales quiero con todo el corazón, desde muy pequeña mis padres me enseñaron a amar a Dios, valorar a los ancianos, respetar a los mayores, proteger a los niños y ver por los necesitados, me enseñaron que lo más importante es la familia y son sagrados, además de que el estudio es lo mejor y que me permitirá gozar de muchas oportunidades en la vida ; me despertaban temprano primero agradecer a Dios por el descanso reparador, luego para estudiar y cuando ya había sol me levantaban para ayudar en el negocio familiar y los quehacer de la casa hasta que se acercaba la hora de la clase para ir a la escuela y así era la rutina desde que tengo uso de memoria y así adquirí siempre los primeros puestos, nunca sentí que perdí algo de mi niñez, sin embargo, maduré muy rápido y me casé muy joven a los 18 años. Tengo un hogar desde

entonces, dos hijas maravillosas y un buen esposo, a quienes admiro y respeto cada día, me ha costado mucho mantener pero también me ha generado muchas alegrías.

Con la ayuda de mis padres, suegros y esposo es una alegría compartir que soy Maestra en Dirección y Gestión del Talento Humano, Ingeniero de Sistemas y Coaching Educativo de Profesión, asesoro trabajos de investigación a través del método científico, superviso arquitectura de redes, edito videos, administro redes sociales, desarrollo talleres sobre habilidades blandas, me encanta escribir y soy apasionada del bienestar social integral, viviendo para servir, comprometida en mi labor, consciente de que todos sumamos si se hace con voluntad, amor y la bendición de Dios. Recibí la invitación de pertenecer a reDiálogos en el 2020, en medio de la pandemia COVID-19, por parte de Esther Llatas, a quien admiro y aprecio de corazón, desde entonces comparto sus ideales y fue grata la sorpresa que cada día sumamos para hacer de este un mundo mejor, abocados al desarrollo integral de nuestros hermanos a poyar con emprendimiento, texto, víveres, fuerza, sembrando esperanza de que unidos podemos.

Además, algo alentador y motivador en medio de tanta incertidumbre fue maravilloso recibir la invitación de Isabel Gutiérrez, a participar en tiempos de cuarentena en el grupo Memorias de cuarentena Brasil – Perú, a través de la motivación por la educación inspirados en el Maestro Paulo Freire, quien me transportaba a mis días de infancia con mi familia, que la educación es la mejor arma de liberación, demuestra resiliencia en todo momento aprendiendo constantemente.

Así mismo también en febrero de 2021 mi querida amiga Isabelita, a quien le estoy eternamente agradecida por todo su apoyo y hacer de mi un ser humano que siempre soñé, permitiendo en mi recobrar la confianza, me invitó a participar como voluntaria de ACIES, un hermoso proyecto que le da sentido a mi vida donde reflexiono que de los silencios, imprevistos e infortunios.

Agradecidos por la presentación individual de cada uno de nosotros es un placer compartir nuestras reflexiones en tiempos de

cuarentena a través de Diálogos Brasil-Perú, donde mes a mes compartimos excelentes vivencias que motivaban e inspiraban y fortalecían nuestros lazos donde las distancias se acortaban a través de una pantalla. Comenzamos con este hermoso mensaje que nos dejan dos grandes personajes a quienes admiramos a nivel mundial: Paulo Freire y Pepe Mujica, donde Esthercita y Yhina tienen el agrado de personificar, a través de un video el cual ha sido transcrito para su lectura en este artículo. Comparten un encuentro de reflexión por la situación que se viene atravesando a nivel mundial COVID-19, así mismo vivencias sobre su experiencia de amor a todo ser vivo del planeta y la adecuada forma de realizarlo con la intención de inspirar.

### **Encuentro entre Pepe Mujica y Paulo Freire<sup>1</sup>**

(Pepe): Hola Paulo buenos días, mis respetos Paulo Freire, Paulo hoy día vamos a hablar un poco de lo que está ocurriendo en nuestra realidad te cuento que la pandemia ha matado y está matando a diestra y siniestra y hay mucha gente en los hospitales y en cuanto a los gobernantes en lucha de poderes, la avaricia de los grandes; que se quieren mantener en su poder para dominar al mundo; es terrible.

(Paulo): Buen día Pepe Mujica, comparto tu opinión; pero esto se debe a la falta de diálogo, mucho *déficit* de comunicación, los gobernantes deben aprender a escuchar, respetar su cultura, sus costumbres, su realidad, ya que para todos, no se presentan las mismas circunstancias, se sabe que la enfermedad lo transportan las personas y es allí donde hay que educar e invertir, pero a cada uno según su realidad, sus posibilidades, los gobernantes no pueden usar el mismo patrón en todos los sectores, para educar hay que aprender a escuchar y respetar la libertad de expresión ya que la gente dice que prefiere salir a morir con el virus a morir de hambre;

---

<sup>1</sup> video disponible en el: [https://www.youtube.com/watch?v=639J0\\_bAfZY&t=94s](https://www.youtube.com/watch?v=639J0_bAfZY&t=94s)



si salen los encarcelan e incluso los maltratan y se los tacha con mensajes que los animales entienden mejor que las personas.

(Pepe): ¿Esta pandemia Paulo, la ecología dónde están? Yo pienso que previamente a la crisis ecológica, hay una crisis de dirección política, nos falta educar en formación política para gobernar con principios morales y evitar la improvisación, corrupción, delincuencia de los estados, desatamos una civilización que no la dominamos, nos domina a nosotros. Te cuento, en el campeonato del mundo; Japón juntaba los puchos y basura cuando terminaban los partidos mundiales de fútbol en el estadio, anda pensando eso para que hagamos en otros países. En Tokio, que es una ciudad de un país capitalista, con democracia, con todo lo que voz quieras. En Tokio juntan la basura 2 veces por semana y no encuentran basura en ningún lado y la sacan en 6 o 7 bolsas de colores distintas y todo clasificadas; anda hacerlo acá, imposible, ¿por qué?, porque son colmenares, tienen otra cultura. Aquí, lo único que importa es la acumulación y eso es muy malo y ahora con la pandemia es atroz Paulo.

(Paulo): Considero que es momento de repensar el mundo sobre todo por la ecología, existe recalentamiento global, recientemente el 22 de setiembre de 2020 el volcán Sangay erupcionó en Ecuador, hay mucha contaminación de los mares, el 17 de setiembre de 2020 un pingüino fue encontrado sin vida en la playa Juquehy encontraron una mascarilla N95 en su estómago hay mucho que educar. Se debe promover el consumo y desecho responsable, educar y motivar desde una cultura de ahorro y empatía. Utilizar campañas para usar bolsas orgánicas y reutilizables; Implantar tachos de basura por lugares con mayor concurrencia y verificar su funcionamiento. Así mismo abastecer de lugares adecuados para el tratamiento de desechos de productos contaminados.

(Pepe): Mira Paulo en toda crisis hay ganadores y perdedores; ahora estamos perdiendo los humanos, los animales todos los seres vivos estamos muriendo por esta peste, no hay nada estable, está todo en juego. En esta crisis debemos pensar en los sectores más débiles y de alguna manera tratar de compartir lo que tenemos;

porque ahora tenemos la crisis de la pandemia, pero pasado mañana tenemos la crisis de las consecuencias de esta pandemia; y los políticos, con la corrupción regalando dinero a los millonarios, mientras que el pobre sigue trabajando de sol a sol para llevar el pan a la boca Paulo.

(Paulo): La comunicación debe ser asertiva a nivel mundial, especialmente con países con los cuales se tiene alianzas estratégicas, para promover un mundo de conciencia y responsabilidad social, ciertamente se trata de sobrevivir, no hay cura para detener la pandemia y los laboratorios le sacan provecho, en su desesperación el paciente se automedica, las exportaciones e importaciones se han visto afectadas, pues en el cierre de fronteras es evidente este descenso. Existe la ley de la oferta y la demanda y en estas circunstancias no se tiene de donde escoger.

(Pepe): Hablando de la oferta y la demanda, yo pienso en los impuestos, los impuestos se deben cobrar según la franja salarial, a partir de los mil dólares poner un poquito, 2 mil dólares un poquito más y así sucesivamente; hay que apoyar todos; pedir a los gobernantes que se bajen el sueldo, en tiempos de crisis todos debemos apoyar; somos humanos.

(Paulo): Más que impuesto debería ser como un seguro de protección y salud y seguro de educación y obviamente los que hacen este tipo de operaciones tienen los medios, el cual debería ser proporcional a sus ingresos. Comparto tu opinión éste debe ser progresivo según sus ingresos, así mismo ver por otras oportunidades de reactivar la economía. Todo esto se tenía que educar, enseñar, que tal si se implementara con emprendimientos justo a estas personas que trabajan del día a día y que su economía realmente se ha visto afectada, podrían capacitarse, en colocar por cuadrillas tiendas de alimentos de primera necesidad y por sectores tener dos mercados, para los diferentes hogares e incluir los *deliverys*, para proveer a las tiendas por cuadrillas, igualmente para la gente recopilar las monedas para evitar la propagación de este virus, todo está bien, el hombre se puede educar, aunque haya pasado muchas circunstancias se puede enseñar bajo el amor.

(Pepe): Da miedo Paulo esto de la pandemia, me preocupa y lo que más me preocupa que tengo 85 años y con ésta enfermedad inmunológica crónica en la vida que he tenido, que ha sido bastante venturosa, la parka me estuvo dando vueltas pero no me quiso llevar y, no tengo ningún interés que me lleve esa atorranta estoy tratando de esquivarla pero, es tan hermosa la vida que al llegar al final, quisiera decirle: a pesar de los dolores y de las caídas “por favor, SIGO OTRA VUELTA”, por lo importante en la vida, es volver a empezar cada vez que uno se cae eso es lo más importante Paulo.

(Paulo): Te entiendo Pepe Mujica, yo soy una persona que ama mucha la vida, yo quiero que me recuerden como una persona que ama mucha las personas, a los animales, a los árboles, la naturaleza, a la creación, yo tengo miedo también que se implante una política donde sobrevive el más fuerte, vulnerando los derechos de los más débiles, que se vuelva a la esclavitud con una sociedad sin democracia, que la educación ahora solo se alcanza donde se cuenta con internet y solo a quien tiene las posibilidades. Poseemos un nacionalismo democrático, donde existen diferentes culturas y según la realidad de cada ciudadano, que se viene formando desde su nacimiento, formación y ámbito laboral. A nivel mundial ciertamente lo rigen las potencias mundiales que siempre están con avances tecnológicos muy fuertes y esto es bueno porque la idea es crecer juntos, sin embargo, considero que se deben hacer esfuerzos por capacitar a todos por igual, bajo la metodología del dialogo, del amor, de enseñar aprendiendo.

(Pepe): Y complementando Paulo, hay que dejar de salir a las calles sin motivo o a donde hay multitudes, no bajar la guardia a esta pandemia; sigue con los protocolos de cuidado. Escúchennos, esta pandemia es mortal amigos y especialmente para los viejos como yo, tú puedes contagiar y quedarte sin tus familiares. La libertad está en tu pensamiento, en tus sentimientos y en tus buenas acciones. La libertad en lo que te gusta hacer con excelencia, con pocos recursos y en un tiempo óptimo. Guárdate hasta que pase la peste, entonces serás libre en la vida. Yo estuve preso 15 años y fui libre, porque la libertad está aquí (Mente) Paulo.

(Paulo): Así es, nos enfrentados con un virus que realmente exige sus controles para prevenir, y la vida es tan importante, yo que soy un ser de amor, cuando se murió mi esposa realmente se fue la mitad de mi vida es muy doloroso eso, por eso requiere mucha disciplina, orden, respeto, empatía y solidaridad, es difícil pero no imposible impartir normas y principios, con diálogo, mucho amor, tiene que ver con educar desde el hogar, concientizar a los ciudadanos por tomar medidas drásticas y sacar provecho a la tecnología para seguir con las actividades, esto se puede gestionar, la educación a través de ella, los medios de comunicación, los mercados pueden funcionar con *deliverys*, los profesionales deben trabajar desde casa, todo con mucha disciplina podemos prevenir esta enfermedad.

(Pepe): Sí Paulo, estamos navegando en un barquito que se llama tierra y con una interdependencia cada vez más creciente, los pobres de África, no son de África, son de la humanidad, a la corta y a la larga nos va a salpicar a todos, a todo el planeta y tomar medidas por todo el planeta es importante, estamos en la época de la acumulación para los ricos y no atendemos necesidades básicas de los necesitados, despilfarramos un montón de plata y no atendemos cuestiones que son centrales. Que la educación dialógica, el trabajo remunerado, el trabajo sea igual para todos y con un trato cordial, es la igualdad, donde estamos, somos humanos todos, te repito.

(Paulo): Así como un deber moral también una responsabilidad por hacer que todos nuestros ciudadanos crezcan a la par que tengan las mismas oportunidades, identificar los lugares vulnerables y establecer políticas de acción para incorporar asertivamente a este sector de la población, obviamente que este sector de la población por la pandemia se ve más afectado y muchos países, muchos países, sí que lo han tomado con seriedad convirtiéndose en un gran soporte.

(Pepe) Creo que en el futuro Paulo, vamos a vivir una época, relativamente convulsionada con mucho inconformismo por todas partes del mundo, porque en esta etapa del capitalismo que

decimos estamos en una etapa consumista, esencialmente una cultura favorable a la acumulación en gran escala, vamos a sentir la aguja y el peso de la crisis económica y eso va a caer sobre nuestras expectativas subliminales en muchísima gente y va a producir mucho inconformismo Paulo, te acuerdas de mí.

Paulo: Te comprendo Pepe, ahora, hablaré como Tú, los principios de la moral y de igualdad de oportunidades, pero me parece que la presencia de la china va a seguir creciendo en el mundo nos guste o no, pienso que los países asiáticos cada vez van a pesar más y cada vez va a pesar menos Europa, que hay cambios en todas las relaciones de poder del mundo, nunca vi que las grandes potencias cuando entran en decadencia no se sacudan, va a traer conformismo, pero son problemas de la gente que viene. Tú no puedes arreglar el mundo, pero puedes lograr que la locura de este mundo no te arrastre, puedes tratar de tener tiempo para cultivar tus afectos trabajar para vivir para tener lo necesario, lo imprescindible, pero dejarle tiempo a la carta de tus afectos que es lo único que te vas a llevar, no puedes cambiar el mundo, pero puedes manejar tu vida, hay una Independencia que está acá (cabeza) que esa no te la puede robar ningún gobierno. Considero que podemos educar a nuestro entorno, con mucho diálogo, con mucho amor, con mucho afecto. Mucho gusto Pepe Mujica, compartir estas palabras, buen día, muchas gracias.

Pepe: Felicidades Paulo Freire y la verdad es que me he sentido bastante halagado, yo Pepe Mujica, me voy muy contento de haber compartido contigo cerrando con broche de oro, este diálogo de tres meses entre diálogos de Brasil y Perú, muy importante. He aprendido mucho de ti; valoro la educación con el diálogo, valoro la educación en el pueblo, en la comunidad; porque no sólo se pueden educar los niños, sino también se pueden educar a las familias, al pueblo, a la comunidad como está en tus obras Paulo Freire. Muchas gracias y nos vemos cuando tú me necesites acá está Pepe Mujica, para servir al pueblo a la humanidad, muchas gracias.

Seguimos con la reflexión que nos deja nuestra apreciada amiga Anita, donde transmite su experiencia en la pandemia y la

resiliencia que le pone a cada una de este infortunio considerando lo como oportunidad para desarrollar habilidades que estaban dentro de ella, lo que le han permitido continuar con sus labores en la virtualidad.

### **Enciende una luz: tiempos de pandemia**

Desde el primer momento cuando el gobierno informó que iniciábamos un aislamiento obligatorio por la presencia de la pandemia hizo que todo cambiara en los diferentes ámbitos de nuestra vida, es decir, en lo personal, familiar, laboral y social. Yo como maestra que vivo en la ciudad de Cajamarca y que trabajo en una zona rural yendo 30 minutos en carro y 30 minutos caminando para llegar al Jardín “La Casita en el caserío de Pomabamba, ubicado en el distrito de Jesús, provincia y departamento de Cajamarca – Perú; puedo decir que esta pandemia interrumpió y suspendió las clases presenciales con los niños y a distancia se tenía que continuar desarrollando las clases; para mí fue un punto de partida para iniciar un nuevo camino en búsqueda de estrategias metodológicas que me permita construir o buscar la forma o manera de cómo mantener comunicación con los niños y niñas o cómo usar algún medio de comunicación para poder transmitir y compartir los aprendizajes con cada niño hasta su comunidad de Pomabamba donde viven; pero gracias a la tecnología me permitió desarrollar y descubrir algunas habilidades como editar videos cada día de acuerdo a los diferentes proyectos que se programa para todo el año. Si bien es cierto hoy en día el celular es un medio de comunicación muy importante y por este medio todos los días se envía por el WhatsApp los videos a los niños para facilitar su aprendizaje y a la vez ellos con el apoyo de sus padres puedan desarrollen sus actividades utilizando material reciclado y los recursos de su comunidad. Esta estrategia de los videos educativos<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Vídeo disponible en el link: <https://www.youtube.com/channel/UC8QTX4I6QeIQ8zmg3yVUg0g>

es una herramienta muy importante tanto para los niños y familias porque cada día comparten sus aprendizajes. Como maestra también puedo decir que la presencia de esta pandemia es una oportunidad para mi vida porque al realizar estas actividades virtuales para los niños cada día me permite aprender un poco de música y canto junto a mi padre, también me ayuda a organizar y estructurar en mi mente cada sesión de aprendizaje de los niños, asimismo también a vencer mis miedos al ponerme cada día frente a una cámara para realizar cada sesión, y además me permite desarrollar con mucha creatividad e imaginación para estructurar cada video para que sea muy motivador al momento de editarlos. Toda esta experiencia me enseña a fortalecer cada día mis habilidades, a familiarizarme con la tecnología cada día y a estar preparada a diferentes cambios para la vida. Para también mí es muy comfortable ver como la familia y la comunidad en estos tiempos de pandemia están involucrados en el proceso educativo de los niños al transmitirles y compartir los saberes comunitarios, al inculcarlos buenos valores desde pequeños a los niños. Hoy en estos tiempos difíciles la familia cumple un rol muy importante al ser los primeros maestros y al encaminar en sus aprendizajes para toda la vida a los niños y niñas. ¡Todos enseñan y todos aprenden! ¡Todos tenemos que estar dispuestos a aprender cada día!

Finalizamos con el grandioso mensaje que comparte nuestra apreciada Charito, sobre reflexión de su alumna ante la situación que atraviesa nuestro planeta debido a la pandemia COVID-19, su percepción donde el aprender es un gran motivador, los protocolos y fortalecidos en Dios podremos vencer ésta pandemia y continuar con nuestros sueños.

### **Experiencia de aprendizaje en tiempos de pandemia**

Es una experiencia tan loable en esta oportunidad presentar la evidencia, yo soy Rosario del Pilar Ramos Dávila Docente del CEBA “San Marcos” (mi Experiencia de Aprendizaje en Tiempos de Pandemia) de mi estudiante Irene Muñoz Cueva, exalumna del CEBA

“San Marcos” que el año 2020 logró terminar sus estudios secundarios desarrollando las diferentes competencias a través de las herramientas tecnológicas durante el proceso de estudio virtual, actualmente logró ingresar a un Centro de Educación Superior. Ella dijo que...

“Mi primo que vive en la capital me contó hace unos días que las familias limeñas están pasando momentos difíciles porque no tienen que comer por falta de trabajo”.

Bien se sabe que, el COVID-19 es una pandemia mundial y que, al llegar al Perú, el presidente dio una orden de estado de emergencia. Frente a esta situación los peruanos debemos de quedarnos en casa y acatar los protocolos establecidos: Lavado de manos durante 20 segundos con bastante agua y jabón, cubrirse la boca y nariz al salir de casa y conservar el distanciamiento social, entre otros.

Esta situación ha sido compleja para asumirlo, ya que es una forma contraria a la cual hemos estado viviendo; provocando de esta manera preocupación, estrés, frustración y hasta rebeldía por parte de algunos ciudadanos. Así mismo, con el pasar de los días ha traído consigo hambre y necesidad.

Por otro lado, frente al avance de la pandemia, el Estado ha creado diversas estrategias en los diferentes sectores públicos y privados. Tal es así que en Educación se implantó la estrategia “APRENDO EN CASA”.

Aprender en casa para mí ha sido novedoso: me emocioné mucho, pensé en principio que sería fácil, pero luego se presentaron dificultades debido a que no estaba preparada para esta forma de enseñanza. Sin embargo, ya han pasado varias semanas y he logrado superar las dificultades y ahora me siento muy alegre con ganas de seguir aprendiendo más sobre el uso de la tecnología y aún más sobre el desarrollo de mis actividades que programan semana a semana mis maestros.

Y por último, hoy por hoy, a todos solo nos queda pedir al todo poderoso que nos cuide y nos proteja para salir pronto de esta situación muchas gracias bendiciones a todos.



## Conclusiones

La luz es la esperanza de un mundo de amor por la vida, la educación y los sueños, siendo el tesoro más grande de la humanidad, vivimos momentos de incertidumbre de esta pandemia COVID-19 en nuestro país y el mundo, que ha devastado a miles de familias enteras, amistades, niños, jóvenes, adolescentes y adultos.

En el espacio educativo tenemos la presencia de dos personalidades mundiales, ejemplos de vida, plasmados en hechos que conllevan a seguir forjando sus ideales por la convivencia de igualdad de oportunidades en nuestra comunidad, pueblo y nación: Un político educado, noble, caballero y más sublime ser que pudo crear la Naturaleza Humana: Pepe Mujica, así lo llamamos, motiva con su trayectoria en valores, inspira con su humildad, trasciende con su lucha plasmada en la justicia social y entre los políticos que destacan como el más genuino a nivel mundial y Paulo Freire como el educador de todos los tiempos, el amigo de la pedagogía de la libertad, el que a través de nosotros, persigue una educación sin distinciones, aquel que ama al niño, adolescente, joven, adulto, anciano y hace ver que sin la educación no somos más que oprimidos ante un opresor. ¿Por qué no cambiar esta situación? porque quien más tiene, más quiere a costa del maltrato del hombre por el mismo hombre. ¿Por qué cambiar?: Porque todo ser humano debe tener las mismas oportunidades: para la educación, alimentación, vestido y tener un espacio digno donde vivir. (LLATAS VALDIVIA & BARDALES TORRES, 2020).

La pandemia nos sorprendió afectando drásticamente la salud física y socioemocional en el ámbito global, perjudicando especialmente en todos los aspectos del quehacer humano tales como: En los procesos económicos, sociales y educativos, la generación *boomerang* enseña al docente en el dominio de los espacios y medios virtuales acorde a la tecnología, adaptándose con mucha facilidad a estas nuevas formas de aprendizaje, pero se enfrenta a dos grandes dificultades: La pobreza y la pobreza extrema, que hacen del estudiante brechas de discriminaciones por

las escasas oportunidades de poder contar con estas herramientas para su aprendizaje, sumándose a ello algunos maestros reacios al cambio, su falta de disponibilidad o no romper paradigmas, sin embargo; también están los estudiantes con muchas expectativas, con gran actitud que se emocionan y a pesar de las actividades, suman, multiplican y potencian esfuerzos para lograr metas establecidas, buscando la mejora continua.

Pese a las dificultades queda la alegría de ver a niños crecer, amar sus raíces y respetar su cultura para mantener viva sus costumbres y amor por su comunidad, también a madres de familia que con entusiasmo preparan a su niños para verlos brillar ante la sociedad a fin de inspirar en un futuro mejor, además de una Pedagogía comprometida, donde la maestra descubre algunas capacidades para motivar e impulsar asertivamente a continuar y sacar provecho de los medios tecnológicos transmitiendo cada mensaje de esperanza y constancia para los niños. Esta Pandemia permite tanto a las maestras y todas las familias involucrarnos en los aprendizajes de los niños y a la vez descubrir nuevas formas de potenciar y fortalecer las diferentes habilidades que cada uno posee (BARDALES, 2020).

Podemos concluir inspirados en la pedagogía de Paulo Freire que en medio de tanta adversidad nos queda reinventarnos en el amor al ambiente, a la cultura y a las tradiciones de nuestros pueblos, con la participación conjunta de las familias, instituciones, gobiernos, etc. para una sociedad justa, comprometida y solidaria. Integrantes: Esthercita, Anita, Charito, Yhina.

## Referencias

BARDALES, A. **La cultura de Pomabamba**. Pomabamba, Cajamarca, Cajamarca: ACIES.2020. Disponible em: Acies: Esperanza y Pomabamba - aciesesperanzasJimdo-Page! (jimdofree.com). Acesso em: 29/08/2021.

VALDIVIA, E.L; TORRES, S.E.Y.B. **Pepe Mujica y Paulo Freire (personificación)**.25 de 09 de 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=639J0\\_bAfZY&t=3s](https://www.youtube.com/watch?v=639J0_bAfZY&t=3s). Acesso em 29/08/2021.

MARTINEZ, E.N. **Planteamiento de Paulo Freire sobre laPedagogía**. In: Youtube. 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zwri7pO8UHU> Acesso em: 29/08/2021.

## Pegando o tambor e o ganzá-utopias pedagógicas em tempos de incerteza

*Mairce Araujo  
Daniel Oliveira  
Amanda Pestana  
Stephani Rocha*

Iniciamos a escrita desse texto em dezesseis de março de 2021, uma data simbólica para nós ao completar um ano de fechamento das instituições educativas no Estado do Rio de Janeiro, em função do reconhecimento pelas autoridades da chegada do Coronavírus, o vírus letal e altamente contagioso, que mudou a face do mundo e do Brasil, de uma hora para outra.

Não que o risco de pandemia já não viesse sendo alertado por cientistas e ambientalistas há algum tempo, como nos mostra Santos,

A pandemia do coronavírus é uma manifestação entre muitas do modelo de sociedade que se começou a impor globalmente a partir do século XVII.... É este o modelo que está hoje a conduzir a humanidade a uma situação de catástrofe ecológica. Ora, uma das características essenciais deste modelo é a exploração sem limites dos recursos naturais. Essa exploração está a violar de maneira fatal o lugar da humanidade no planeta Terra. Esta violação traduz-se na morte desnecessária de muitos seres vivos da Mãe Terra, nossa casa comum, como defendem os povos indígenas e camponeses de todo o mundo, hoje secundados pelos movimentos ecologistas e pela teologia ecológica. Essa violação não ficará impune. As pandemias, tal como as manifestações da crise ecológica, são a punição que sofremos por tal violação. Não se trata de vingança da Natureza. Trata-se de pura autodefesa. O planeta tem de se defender para garantir a sua vida. A vida humana é uma ínfima parte (0,01%) da vida planetária a defender (SANTOS, 2020, s/p).

O alerta/profecia de Santos, em livro publicado em 2020, no calor dos primeiros momentos da disseminação da pandemia pelo mundo, vai se confirmando a cada dia que passa: a violação da natureza não ficará impune, até entendermos que a natureza não nos pertence; nós, sim, os humanos, é que pertencemos à Natureza, como bem tem nos ensinado os povos originários, na voz de seus representantes, como Ailton Krenak<sup>1</sup>.

Como se fôssemos tragados.as para dentro de um filme de ficção científica, no gênero catástrofe<sup>2</sup>, o cenário que se apresentou para nós, desde o começo da pandemia, manteve-se, até o primeiro semestre de 2021, quando escrevemos o presente artigo, inalterado. Dentre os elementos que compõe tal cenário selecionamos alguns, pelos afetamentos que têm provocado em nós e em toda a população: profusão de reportagens e notícias veiculando informações novas e às vezes confusas, pois os cientistas continuam a aprender sobre o comportamento do novo Coronavírus, suas variantes e a doença por ele provocada: a Covid-19; casos de infecção e óbitos, aumentando exponencial e vertiginosamente<sup>3</sup>;

---

<sup>1</sup> Ailton Krenak é um líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta e escritor brasileiro da etnia indígena crenaque. Ativista do movimento socioambiental e de defesa dos direitos indígenas, organizou a Aliança dos Povos da Floresta, que reúne comunidades ribeirinhas e indígenas na Amazônia. É comendador da Ordem de Mérito Cultural da Presidência da República e doutor *honoris causa* pela Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais. Entre suas obras podemos destacar "O lugar onde a terra descansa" (2000) e "Ideias para adiar o fim do mundo" (2019).

<sup>2</sup> O filme *Contágio*, uma produção de 2011, do diretor Steven Soderbergh, nos oferece um bom paralelo. A história tem início com a morte de Beth Emhoff por uma suposta gripe, pouco depois de voltar de uma viagem de negócios. A partir daí uma epidemia mortal se espalha pelo mundo, enquanto os médicos precisam identificar o vírus para conseguir combatê-lo e acabar com o pânico da população. Esse filme tem sido comentado como profético pela semelhança dos dias atuais.

<sup>3</sup>No momento de conclusão desse texto, os casos confirmados de infecção da Covid-19 totalizavam 16.047.439 pessoas e os casos de óbitos confirmados, 448.208 pessoas, segundo o painel Coronavirus. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 23 maio 2021.

*fake news*<sup>4</sup> circulando para aumentar a desinformação entre as pessoas; sucessivas interrupções/prorrogações do isolamento social diante do agravamento da pandemia; desigualdades sociais se ampliando e aprofundando a cada dia; a luta pela sobrevivência das camadas populares ganhando contornos ainda mais cruéis; trabalhadores informais (um grande contingente da população) temendo pelo sustento da família, sem poder ir às ruas oferecer seus produtos e/ou serviços; grande parte das moradias dos mais pobres, sem dispor de saneamento básico e mínimas condições de higiene, como por exemplo, água e sabão, uma das formas mais eficazes de combater o vírus, junto com o isolamento; crescimento da fome e da insegurança alimentar em todo país<sup>5</sup>; empresas e microempresas atravessando dificuldades financeiras sob o risco de falência; crescimento enorme do desemprego; hospitais lotados em situação crítica, incapacitados para atender ao público infectado gravemente pelo vírus. O caos estava instalado.

Concomitante ao enfrentamento da grave crise sanitária, contudo, vivemos ainda no Brasil, uma grave crise política, econômica, social e humanitária, a partir de um total descontrole e ausência de políticas públicas e sociais que pudessem, de fato, controlar essa tragédia que assola a humanidade. Enfrentamos junto com a emergência sanitária, um presidente insensível e negacionista<sup>6</sup> que promove aglomerações em meio a uma

---

<sup>4</sup> Notícia falsa. Atualmente, no Brasil, a circulação das *fake news* tem tomado grandes proporções promovendo desinformação e inclusive tentando influenciar politicamente a população.

<sup>5</sup>De acordo com a notícia da Folha de São Paulo do dia 5 de abr. de 2021 “A fome atingiu 19 milhões de brasileiros na pandemia em 2020. Eles estão entre as 116,8 milhões de pessoas que conviveram com algum grau de insegurança alimentar no Brasil nos últimos meses do ano, o que corresponde a 55,2% dos domicílios.”

<sup>6</sup> O dicionário Aurélio - Dicionário Online de Português define negacionismo como - Ideologia da pessoa que nega ou não aceita um fato comprovado e documentado, analisando esse fato com argumentos ou pontos de vista sem fundamentos históricos; revisionismo: negacionismo da ciência. Atitude da pessoa que não aceita alguma coisa como verdadeira ou nega a existência dessa coisa. Comportamento da pessoa que nega ou não aceita um fato cientificamente

pandemia e que diz que a Covid “*é só uma gripezinha*”, não demonstra nenhuma compaixão pelo luto das famílias e provoca: “*Até quando vocês vão ficar nesse mimimi e chororô?*”<sup>7</sup> Enquanto os hospitais lotam em várias cidades pelo mundo e centenas de milhares de pessoas morrem por dia, o Brasil segue à deriva, sem sequer um plano de vacinação eficaz. Faltam políticas, protocolos para o enfrentamento da pandemia, vacinas... Sobram ironia e desrespeito com a população.

Como não podia deixar de ser, a educação, especialmente, a escola básica, foi se colocando como uma questão central nesse contexto.

Como toda a população, também nós, professores.as e estudantes dos diferentes níveis de ensino, fomos pegas.os de surpresa. Isolados.as com nossas famílias, tendo como janelas para o mundo as telas da televisão, do computador, tablet ou smartphone, começamos a nos mover na tentativa de buscar caminhos que pudessem apontar saídas para as situações-limites que se colocavam para nós.

A resposta do setor público para dar continuidade ao processo educacional abruptamente interrompido, nem demorou tanto: providenciar plataformas digitais para que a comunicação escola-família se desse a partir das redes sociais, pareceu uma solução possível no primeiro momento. Solução que rapidamente se revelou ineficaz. As profundas e injustas desigualdades sociais não garantiram a grande parte da população o acesso, ao que passou a ser chamado “ensino remoto”: faltavam os aparelhos ou a conexão,

---

comprovado. Negacionismo - Dicio, Dicionário Online de Português. Acesso em 21/05/21. Importante dizer também que o termo negacionismo tem origem na França, no final da Segunda Guerra Mundial, quando grupos de extrema direita requisitavam um Revisionismo Histórico, negando a existência do Holocausto e do papel do Nazismo no extermínio dos judeus. Semelhante a esse movimento, temos no Brasil grupos que negam a existência da Ditadura Civil-militar de 1960 e do desaparecimento e tortura de presos políticos.

<sup>7</sup> Declaração do presidente do Brasil sobre a covid-19, em discurso transmitido pela TV Brasil, em 4 de março de 2021.

senão ambos. De acordo com Martha Raquel, em matéria divulgada no portal Brasil de Fato, em 10 de agosto de 2020, “hoje, 46 milhões de brasileiros não têm acesso à internet” (BRASIL DE FATO, 10 ago. 2020).

Nós, professoras.es, como sujeitos da classe trabalhadora, também tínhamos nossas preocupações, estávamos isolados.as em casa aprendendo a lidar com a pandemia e com o ensino remoto, tendo o tempo disputado entre o trabalho e as demandas de cuidados familiares – quando se trabalha de casa em isolamento social, significa que toda a família está em casa, que crianças pequenas não estão nas creches e escolas, que é preciso limpar, cozinhar, cuidar, acompanhar os estudos dos.as filhos.as, compartilhar os recursos tecnológicos com outros moradores.as da casa que precisavam estudar e trabalhar etc. Também era necessário cuidar da saúde emocional, frente a uma situação mundial que nos abalou profundamente.

Começamos a duvidar se o ensino remoto promoveria, de fato, a inclusão de todos.as alunos.as atendidos.as pelas escolas públicas, ou mesmo, de todas as escolas privadas da escola básica, frente a uma questão social onde grande parte da população está excluída do acesso digital. A educação como direito continua gravemente comprometida. Assim, a pandemia agudizou ainda mais a questão do direito à educação para as camadas populares, já tão marginalizadas da maioria de seus direitos. Como aponta Amanda, em uma narrativa do projeto que será apresentado posteriormente:

A pandemia do Covid-19 exigiu a suspensão das aulas presenciais, mas não suspendeu as tensões e dilemas que atravessam, sustentam e questionam a educação. Muito pelo contrário, a suspensão das aulas nos mobiliza ainda mais para questões importantes sobre o que é ensino e aprendizagem, sobre o papel do professor, sobre exclusão digital, perspectivas transmissíveis, sobre educação bancária, entre outros assuntos caros à educação e à uma sociedade democrática (Narrativa Amanda Pestana, 2020).



No entanto, se o ensino remoto para os primeiros níveis de ensino, especialmente, Educação Infantil e Ensino Fundamental, incluindo a modalidade da Educação de Jovens e Adultos, se confirmou como insuficiente e lacunar, quando falamos em ensino superior, onde se localizam os/as autores/as desse trabalho, algumas outras características, favorecidas, pelo fato, de todos/as sermos adultos/as, com possibilidades de acesso ao mundo digital, permitiram a construção de experiências outras. Experiências construídas em articulação com a Faculdade de Formação de Professores, FFP/UERJ e o grupo de pesquisa “Alfabetização, Memória, Formação Docente e Relações Étnicorraciais” (ALMEFRE), a partir do subprojeto “Rede de Docentes que narram sobre Infância, Alfabetização, Leitura e Escrita” (REDEALE). Para darmos continuidade às nossas ações investigativo-narrativas, optamos por encontros remotos, semanalmente, às quintas-feiras, das 16 às 19 horas, utilizando a plataforma Zoom.

Reaproximados/as pelas janelas digitais e fortalecidos/as pelas reflexões coletivas, buscamos em meio ao contexto pandêmico os *inéditos viáveis* freireanos para enfrentar as situações-limites que nos desafiavam. O compartilhamento das experiências, a partir das narrativas do vivido, foi se tornando, assim, o caminho *epistemicometodológico* para não só ampliar nossa compreensão sobre o processo vivido, como também para ensaiar novas perspectivas de análise do contexto.

As reflexões e preocupações de Benjamin sobre a arte de narrar, sobre experiência e sobre a importância de se ouvir as pessoas comuns, pouco importantes, para desvelar o que se encontra “debaixo do tapete” da história, oferecendo, assim, uma visão mais ampla da realidade, se tornaram preciosas para nós.

“Nada do que alguma vez aconteceu pode ser dado perdido para a história” (1987, p.223), nos ensina, o filósofo judeu, cuja obra é toda atravessada pela preocupação com a memória e com as questões relacionadas ao lembrar e ao esquecer. Preocupado em romper com uma perspectiva tradicional e linear de compreender a História, grande parte das vezes, comprometida com os grandes

feitos e os grandes heróis, que reafirma a ideia de progresso, Benjamin, vai propor a construção de uma história a “contrapelo”, que se revela a partir da experiência dos sujeitos. Para ele, como definem Achilles e Gondar (2016):

A história não deve ser um conjunto de relatos, narrativas e fatos superficiais organizados em uma linha do tempo... mas sim uma coleção de narrativas que realcem a experiência histórica passada, capaz de ser atualizada a partir de uma interpretação crítica. Dessa forma, as nuances e detalhes dos cacos não sofrem um apagamento; pelo contrário, eles emergem constituindo os mosaicos (imagens) (p. 8).

Nos inspirando nos autores acima, em diálogo com Benjamin, pensamos que as narrativas por nós produzidas durante nossos encontros *online* de pesquisa, constituem uma “coleção de narrativas que realçam a experiência histórica”, experiência vivida coletivamente e comprometida com transmitir às futuras gerações olhares sobre a realidade a partir do cotidiano dos sujeitos comuns.

Achilles e Gondar (2016) também propõem que, se como um grande colecionador, Benjamin colecionava “fragmentos, restos, cacos para formar mosaicos”, igualmente é possível, “selecionar e armazenar fatos, detalhes, objetos, lembranças, cacos, para, talvez, materializar a experiência” e, complementam, “a narração é uma forma de exteriorizar nossas experiências que ficam marcadas em nossa memória individual e coletiva” (p. 182).

Assim, provocadas pelos autores, buscamos no presente artigo apresentar algumas peças da coleção de narrativas por nós armazenadas no projeto denominado “Memórias da quarentena: diálogos entre coletivos e redes docentes do Brasil e do Peru”, a partir de quatro narrações realizadas por três professor.as e uma estudante de graduação, todo.as do ensino público, em busca de contribuir para realçar a experiência histórica vivida. Esperamos que nossas narrativas fragmentárias possam contribuir para não deixar “cair no esquecimento” a luta de estudantes e docentes pelo direito à educação pública de qualidade.

## O projeto, os sujeitos e as narrativas

Perplexas diante das indefinições que a realidade dos tempos pandêmicos colocava para nós, especialmente, no que dizia respeito aos rumos da educação das camadas populares, os/as docentes dos coletivos REDEALE, REDENU e REDIÁLOGOS, buscamos no compartilhamento das experiências vividas nos diferentes contextos – Rio de Janeiro/ Brasil-Cajamarca/ Peru<sup>8</sup> –, respectivamente, aproximações e lições que pudessem contribuir não só com a compreensão dos acontecimentos, como também para encontrar caminhos que contribuíssem para o enfrentamento da situação pandêmica.

Nasceu o projeto *Memórias da quarentena: diálogos entre coletivos e redes docentes do Brasil e do Peru*, no qual diferentes narrativas escritas foram compartilhadas, desde cartas, poemas, vídeos, desenhos e músicas que, de maneira descontraída, expuseram os anseios, desejos e medos dos participantes referentes à educação colocadas pela nova realidade.

Trazendo algumas reflexões sobre o processo vivido, começamos nossa discussão por colocar na roda o nome do projeto: Memórias da quarentena. Por que memórias? Qual a importância de fazer registros da memória dos/nos tempos que estamos vivendo? Por que queremos deixar rastros?

Para os gregos, a memória Mnemosyne é uma deusa, a mãe de nove musas, que foram procriadas em nove luas passadas junto com Zeus. Seu poder é lembrar aos homens seus feitos heroicos e revelar aos poetas os segredos do passado e os mistérios do futuro. “Ela é o antídoto do esquecimento. No inferno órfico, o morto deve evitar a fonte do esquecimento; não deve beber no Letes, mas, ao contrário, nutrir-se da fonte da memória, que é uma fonte de imortalidade” (LE GOFF, 2002, p. 434).

---

<sup>8</sup>Uma discussão mais ampla sobre a parceria REDEALE-REDENU-REDIÁLOGOS pode ser conferida no artigo “Janelas da quarentena: experiências de formação entre docentes latino-americanos”, no terceiro capítulo desta obra.

Com a proposta de compartilharmos nossas Memórias da quarentena, intentávamos deixar rastros, como uma busca pela imortalidade, para não deixar cair no esquecimento a experiência humana de busca pelo *ser mais* (FREIRE, 1996) para que as lembranças do vivido possam servir ao presente, mas também ao futuro, de maneira que contribuam “para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 2002, p. 471).

Como nos ensina Ecléa Bosi (1994), em seu livro “Memória e Sociedade. Lembranças dos Velhos”, memória é trabalho. “Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho de reflexão e da localização, ela seria uma imagem fugidia” (p. 22). No movimento de produção de cartas, poemas, vídeos, desenhos, músicas que retratavam nossas experiências com nossos/as estudantes, familiares, companheiros/as da escola buscamos lapidar alguns diamantes brutos que emergiram na experiência cotidiana de cada um/uma de nós no contexto da pandemia.

A leitura ou compartilhamento da coleção de narrativas armazenadas no projeto, seja em encontros *online*, seja a partir da produção escrita, evoca o exercício de lembrar. Narrar para nós mesmos.as e para outras.osinterlocutores.as, provoca o movimento de novas ressignificações e remete-nos à Benjamin, a nos lembrar que a “verdadeira narrativa não se entrega, ela conserva suas forças e depois de muito tempo, ainda é capaz de se desenvolver”(1994, p.204).

### **Nossas Narrativas: memórias que queremos legar para as outras gerações...**

Trazemos a seguir as quatro narrativas por nós produzidas durante o desenvolvimento do projeto Memórias da quarentena. Optamos por trazê-las na íntegra, esperando que elas possam preservar o vigor com as quais foram produzidas e, quem sabe, “conservar suas forças germinativas” (BENJAMIN, 1994, p. 204) para produzir novas reflexões e interpretações dos tempos vividos.

## Memórias da quarentena...entre o tédio e a vertigem



**Imagem 05:** O tempo e a pandemia.  
Desenho de Mairce Araujo,  
inspirado em Salvador Dali.

**Fonte:** Acervo pessoal

Das tantas coisas que nos acontecem cotidianamente, o que selecionar para congelar numa escrita, que conte para quem vem depois de nós, a experiência de viver a pandemia?

92 dias,  
2.208 horas,  
132.480 minutos,  
7.948.800 segundos  
dentro de casa

A luta cruel, que atravessa minhas experiências pandêmicas, entre o tempo grego *Krónos*, das horas, dos compromissos, das obrigações e o tempo *Aiós*, da intensidade, da experiência, luta que faz com que uma hora possa valer uma eternidade e noventa dias passe num piscar de olhos, me levou ao encontro dos relógios do grande mestre catalão Salvador Dali, um dos símbolos do movimento surrealista, que tem o sugestivo título “A Persistência da Memória”.

Debruçar-me sobre o papel em branco, escolher os lápis de cor, esforçar-me para reproduzir a obra de Dali, em busca de traduzir os sentimentos de confinamento, após estar três meses e dois dias dentro de casa, foram movimentos para ajudar-me a compreender-me, compreendendo melhor uma frase retirada de algum livro, cuja fonte se perdeu na memória: a arte existe porque a vida não basta.

Na obra de Dali, as imagens de três relógios derretidos parecem nos alertar sobre a irrelevância da passagem do tempo e, ao mesmo tempo, a presença de uma mosca sobre um dos relógios lembra-nos que o tempo não pára, ele voa.

Contudo, na experiência hoje vivida, tudo se atravessa, tanto o tédio dos dias iguais que parecem eterna repetição, nos remetendo ao passado de nossos avós, quanto à vertigem dos instantes diversos, dilatados, acelerados (DE MASI, 2000, p. 200) que caracteriza nossos tempos...

Assim, entre o tédio e a vertigem, o olhar através das janelinhas virtuais, de dentro de casa para o mundo levanta novos questionamentos...

Casa ...lugar de muitos tempos, espaços, cantos, passagens

Casa...caverna...cela...

Cela...célula...corpo coletivo

Casa...lugar de estar.... modo de ser

Casa...corpo...planeta...universo

Contradições e paradoxos explodem a cada instante: a natureza se abre em vida, enquanto a humanidade se confronta com a morte.

Uma parte da humanidade se isola e protege – e a casa é a trincheira da proteção e do aconchego. Enquanto outra parte da humanidade, a maior parte, continua exposta: a falta de políticas públicas de atendimento à população; o não atendimento aos direitos básicos: vida, saúde, moradia, água potável, alimentação, segurança, educação, lazer e cultura. A casa pode ser o lugar do perigo - aumento da violência doméstica...

Amplificando e expondo a crueldade das desigualdades sociais vividas pela humanidade, o coronavírus ameaça matar nossas lutas e esperanças de construir um mundo mais igualitário.

Paulo Freire nos ajuda a pensar: Esta é uma situação-limite? Existem caminhos para romper com ela?

O educador nos ensina, as situações-limites nos colocam algumas alternativas: ou as percebemos como um obstáculo que não somos capazes ou não queremos enfrentar e nos acomodamos ou as enfrentamos para romper com elas e inaugurar um outro possível, em outras palavras extraindo delas o inédito-viável. Para isso, precisamos mais do que nunca entender essas situações-limites em sua profundidade. Elas implicam sempre a existência de quem se beneficia diretamente e serve e alimenta as situações-limites – os



**Imagem 06:** Corpo Casa Corpo Terra- Desenho de Mairce Araujo

**Fonte:** Acervo pessoal

dominantes e aqueles/as afetados diretamente por elas – os/as oprimidos/as. (Mairce Araújo, 2020).

O Projeto Memórias da quarentena, fortalecendo o diálogo entre docentes latino-americanos/as foi uma de nossas opções de enfrentar a situação-limite em que estamos vivendo e produzir um inédito-viável. Onde nos querem divididos/as e subalternizados/as nos reunimos para compartilhar nossas experiências.

O olhar freireano, assim, não nos autoriza a fraquejar diante de tantos obstáculos... ele nos desafia a olhar e a construir, dentro do caos em que vivemos, outro mundo possível, enfrentando o tédio que se apresenta na aparência da repetição dos dias e a vertigem dos acontecimentos que nos atropelam...

### **Carta aberta aos tempos de incertezas**

São Gonçalo, 27 de agosto de 2020.

Querido diário,

Agosto de 2020 está passando rápido. Como estudante que sou, esse mês sempre me pareceu uma eternidade, depois das férias de julho e sem feriado, mas neste ano ele resolveu compensar. Coronavírus, pandemia, isolamento social, turbilhão de emoções. Não sei se choro ou se dou risada. Como ficar bem emocionalmente diante de tantos problemas e desafios? Medo de ser contaminada, indignação pela política, questões econômicas... problemas diferentes e plurais com os quais temos que lidar cotidianamente.

Não sei vocês, mas tem dia que não quero resolver nada. Estou com preguiça...

Fiquei tentando encontrar o nome correto pro meu estado de espírito atual. Durante a pandemia venho tentando desvendar meus estágios de desconforto. Acho que nesse mês é *preguiça*. Estou com preguiça das pessoas. Estou com preguiça de mim. Estou com preguiça de falar sempre a mesma coisa, de fiscalizar bom senso alheio... Estou

com preguiça de lavar as compras, de colocar álcool na mão dos outros. Estou com preguiça dos meus pensamentos, da minha frustrante expectativa sobre o outro, e da cobrança de mim mesma. Estou com preguiça de absorver batalhas que não me cabem. Estou com preguiça de explicar que, desta vez, não dá pra mim... Estou com preguiça dessa rotina.

Estou com preguiça de tanta responsabilidade que a gente assume na vida. E ela, a vida, segue com ou sem pandemia, com ou sem genocida no poder. A vida nos impõe o continuar e nada disso pode ser chamado de "novo normal". Não existe normalidade quando estamos no olho do furacão.

Estou querendo curtir a preguiça. Descobrir que ela pode ser calma que vem de dentro. Estou tentando mudar a análise sobre a preguiça que me invade até para escrever esse texto. Sei lá, mas estou com a sensação de enxugar gelo, e isso me dá muita preguiça! Mas, ainda bem que eu posso me sentir assim.

E, juntamente com a preguiça, sigo esperando. Esperando o dia em que a conversa se fará necessária sem artifícios tecnológicos. Esperando encontros com abraços, artigo de luxo pelo qual eu gastaria minha poupança, esperando pelo dia em que serei vacinada, esperando pelo dia em que não vou estar mais com preguiça.

Um dia de cada vez... é o que dizem.



**Imagem 07:** Manifestação de estudantes de ato em defesa da educação no Rio de Janeiro – Brasil.

**Fonte:** Maga JR – Estadão;

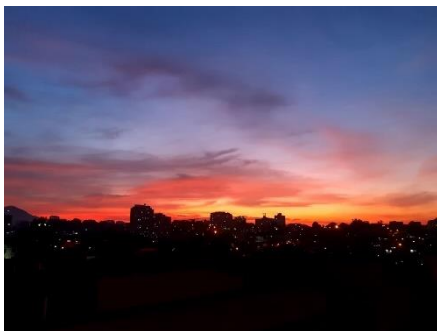
*Stephani C Mendes da Rocha*

Por trás da sensação de preguiça da estudante, uma mistura de sentimentos combinando indignação e perplexidade diante do caos sanitário, social, político e econômico expressava muito bem os tempos de medo em que vivíamos naquele momento.



## Com tempo para contemplar – aprendizagens da pandemia

Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma  
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma  
A vida não para  
Enquanto o tempo acelera e pede pressa  
Eu me recuso faço hora vou na valsa  
A vida tão rara  
Enquanto todo mundo espera a cura do mal  
E a loucura finge que isso tudo é normal  
Eu finjo ter paciência  
O mundo vai girando cada vez mais veloz  
A gente espera do mundo e o mundo espera de nós  
Um pouco mais de paciência [...]  
(Lenine).



**Imagem 08:** Foto de Daniel Oliveira denominada “Tempo pra contemplar”

**Fonte:** Acervo pessoal

Os versos de Lenine me convidam a pensar justamente na tranquilidade que perco, que me é usurpada, frente a um mundo em frequente aceleração. Pressa que ocupa o meu tempo e fico sem tempo para me permitir um segundo olhar; quase tudo passa no primeiro, em um segundo, foi... sem tempo para uma apreciação contemplativa, reflexiva.

Perdido nessa lógica, eu corro até confinado durante essa pandemia, impaciente por querer estar lá fora, pelos compromissos que ficaram suspensos. Mas dias seguem e as expectativas de que o isolamento seja breve não se confirmam e calam a minha correria. “Enquanto todo mundo espera a cura do mal”, e eu anseio por isso, sigo firme, isolado, resiliente, com muito trabalho, com muitos desejos, com muitas preocupações. Esperando, a cada dia, que o amanhã já seja esse dia em que poderemos ir lá fora sem medo.

Observo: “e a loucura finge que isso tudo é normal”, e a ingenuidade, e a alienação... fingem que há normalidade porque não acreditam na pandemia, porque aceitaram que a vida antes era normal ou porque pensam existir uma normalidade à sua espera após a pandemia. E eu já não quero aquela anormalidade, como não quero essa; espero a cura para esses males.

E num desses dias, bastante pensativo, sentado à mesa na sala, próximo à janela, tentando escrever, olho lá para fora e fico entretido, rua vazia, eu imaginando como seria voltar à rotina sem voltar à loucura... em um cenário aparentemente desinteressante. Com tranquilidade para olhar, descubro, aos poucos, lindas explosões de cores ao pôr do sol, lindas cores do céu, do sol, das nuvens, da lua e das estrelas; e me ponho a registrar encantado. Nunca tive tempo, nunca me permiti e nesse dia aprendi a me dar de presente tempo para contemplar. (Daniel Oliveira, 2020).

Na foto de Daniel, os paradoxos que explodiam durante a cada instante na pandemia: a natureza exibindo a beleza e a vida, enquanto a humanidade se confrontava com a morte.

### **Há vida durante a quarentena?**

Na escola, apenas carteiras vazias e um estojo esquecido pela abrupta suspensão das aulas. No parque, não há vai e vem dos brinquedos e nem o eco das risadas criancieiras competindo com as buzinas dos carros. Despertadores foram desligados.

A vida parou? Nas conversas remotas com amigos e amigas vão se desenhando retratos de novos cotidianos, trazendo pistas de que talvez haja tanta vida no isolamento quanto nas rotinas interrompidas pela pandemia.

Há agora tempo para arrumar armários e encontrar objetos que nos fazem suspender o agora e voltar às lembranças entre risos, lágrimas e naftalinas.

Há tempo para desempoeirar os jogos de tabuleiro, mexer nos peões das interações e das trocas de olhares entre parceiros de jogo.

Há tempo para reler um livro antigo e se ruborizar com um bilhete de amor antigo guardado entre a página 20 e 21.

Há tempo para fazer aulas remotas de ginástica carinhosamente mediadas por uma amiga que se mudou para outro país.

Há tempo para escrever sem propósitos acadêmicos ou profissionais, deixando as subjetividades menos escondidas nas entrelinhas.

O isolamento nos deu chance para refletir o que diz sobre o que diz a música "enquanto todo mundo espera a cura do mal, a vida não para, a vida é tão rara..."

Sim... há vida durante o isolamento...E haverá ainda mais depois que todos reconhecerem o quanto cada vida é rara. (Amanda de Sousa Pestana, 2020).

Lida *a posteriori*, a narrativa de Amanda produzida em março de 2020, nos conta sobre a expectativa de que a pandemia fosse um evento passageiro. Não poderíamos prever naquele momento quantos desafios, tristezas, lamentos e perplexidades ainda nos depararíamos pela frente.

### **Ensaando alguns apontamentos finais: de tambores e ganzás e de construção de utopias...**

Se o mundo ficar pesado  
Eu vou pedir emprestado  
a palavra poesia  
Se o mundo emburrecer  
Eu vou pedir pra chover  
A palavra sabedoria  
Se o mundo andar pra trás  
Eu vou plantar no pomar  
A palavra teimosia  
Se acontecer afinal  
de entrar em nosso quintal  
A palavra tirania  
Pega o tambor e o ganzá  
vamos pra rua gritar  
A palavra utopia  
(Samba da Utopia – Jonathan Silva).

O samba da utopia, de Jonathan Silva, um compositor capixaba, foi composto para integrar a peça “Ledores do Breu”, de Dinho Lima Flor, da Cia do Tijolo, peça inspirada em Zé da Luz e Paulo Freire, daí a ênfase da letra da música na questão da palavra. O samba foi lançado em vídeo nas vésperas da eleição de 2018. A possibilidade de dias sombrios se anunciava naquele momento. Estavam em disputa um projeto de país baseado na liberação da compra de armas, no enaltecimento da ditadura civil-militar de 1964, no projeto conservador marcado pelo racismo, pela misoginia, pela homofobia, pelo negacionismo da ciência... De outro lado, tínhamos um projeto comprometido com a defesa da vida, do Estado democrático de direitos, da garantia dos direitos de trabalho, moradia, educação ... O samba profético nos convidava a estarmos preparados para os desafios que acabaram por se confirmar no resultado das eleições. Nos convidava a uma preparação interior e exterior que não renunciasse à arte, da leveza, mas também que mantivesse a firmeza e a coragem para a luta.

O que Jonathan, não podia prever, entretanto, era que junto com a “tirania que entrou em nosso quintal”, também viesse a pandemia do coronavírus e todo o quadro de morte, choro e lamento que trouxe consigo.

Relembrando, mais uma vez, que a arte existe porque a vida não basta, continuamos cantando/sambando/lutando junto com Jonathan, seja pegando o tambor e o ganzá, mesmo sem ir para as ruas, já que o isolamento social persiste, seja compartilhando nossas narrativas pelas janelas virtuais ou sob forma de artigos.

Com Benjamin, apostamos que não devemos temer “voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois “fatos” nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação” (1987, p. 239). Acreditamos que nossas narrativas possam ir compondo um solo a ser escavado para as próximas gerações, de maneira que as experiências de sabedoria, teimosia, poesia possam realçar a experiência histórica vivida, possibilitando interpretações outras da história e da vida.

## Referências

ACHILLES, D; GONDAR, J. **A memória sob a perspectiva da experiência.** *Revista Morpheus: estudos interdisciplinares em memória social*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 16, 174, ago./dez. 2016. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/morpheus/article/view/6055/pdf>>. Acesso em: 23 maio 2021.

ARAÚJO, M., TEDERICHE, D., DIAS, R., MARCHON, J. Janelas da quarentena: experiências de formação entre docentes latino-americanos. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v.46, n.1, p.276-293, jan./mar. 2021. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5216/ia.v45i3.65120>>. Acesso em: 23 maio 2021.

BENJAMIN, W. **Escavando e recordando.** In: BENJAMIN, W. *Rua de mão única*. Tradução Rubens R. T. Filho e José Carlos M. Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 239-240. (Obras Escolhidas, v. II).

DE MASI, D. **O ócio criativo.** Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

FREIRE, F. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do Oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

LE GOFF, J. **História e memória.** 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

SANTOS, B.S. **A cruel pedagogia do vírus.** Coimbra: Almedina, 2000.

## **La educación libertadora de Freire centrada en la pregunta como base para el diálogo**

*Rosa Villanueva  
Elizabeth Zavaleta  
Rosario Dávila  
Enrique Aguilar*

Somos maestros y la vez amigos, que vivimos en la ciudad de Cajamarca, ubicada al norte del Perú, famosa por ser un valle acogedor de un extraordinario cielo azul y un lugar histórico donde en 1532, Francisco Pizarro tomó preso al Inca Atahualpa para darle muerte; hecho que marca el fin del Tahuantinsuyo y el inicio de la conquista del Perú.

Soy Rosa Villanueva Huamán, profesora que labora con adolescentes mujeres y varones del nivel secundario de la zona rural de Cajamarca. Mis estudiantes tienen entre 13 y 18 años y, claro, son de bajos recursos económicos, cuya principal actividad económica es la agricultura y ganadería de autoconsumo; y, en el futuro podría ser la actividad minera. Enseño el área de Comunicación en los grados de tercero y cuarto, para que los estudiantes puedan desarrollar las competencias comunicativas e interactuar con otras personas a través del uso del lenguaje.

Soy María Elizabeth Zavaleta Chang, profesora que se encuentra laborando en una institución educativa técnica del nivel secundario, los estudiantes tienen edades de 12 a 19 años y proceden de la zona urbana y rural de la ciudad de Cajamarca-Perú. Muchos de los padres de familia no saben leer ni escribir, y también casi el 50% de los estudiantes estudian y trabajan a la vez. El área curricular que tengo a mi cargo es Ciencia y Tecnología mayormente con estudiantes de cuarto y quinto de secundaria, también tengo algunas horas de clase con los estudiantes de la

facultad de educación de la Universidad Nacional de Cajamarca y me encanta interactuar con ellos atendiendo sus necesidades e intereses frente al aspecto académico y personal.

Pertenecemos a la Red Desenredando Nudos de Cajamarca desde el año 2017 y 2018 respectivamente, al ser invitadas por una amiga de la juventud, maestra comprometida con la educación de los más necesitados, para ser parte de este gran grupo de maestros que reflexionan su práctica pedagógica con el compromiso de mejorar el aprendizaje de los estudiantes desde una perspectiva emancipatoria y liberadora.

Soy Rosario del Pilar Ramos Dávila maestra que labora en el CEBA “San Marcos” (Centro de Educación Básica Alternativa Modalidad Jóvenes y Adultos) que en el año 2007 se formó por la fusión de un Centro Primario I.E N° 83007 San Marcos con la I.E Secundaria Nocturna para formar el Centro que actualmente se denomina CEBA “San Marcos”. En dicha Institución funciona el ciclo inicial e intermedio que corresponde al nivel primario y el avanzado que corresponde al nivel secundario. Las edades de los estudiantes oscilan entre 15 a 60 años; quienes viven realidades diferentes y se dedican a trabajos eventuales como: panaderos, albañiles, moto taxistas, cargadores de artículos de primera necesidad y empleadas del hogar que a tierna edad son madres solteras que sustentan su hogar. Dicha Institución se encuentra ubicada en la provincia de San Marcos. Brinda una educación integral basada en principios morales, éticos y sociales; enseño el área de arte y cultura de primero a cuarto del ciclo avanzado donde se fomenta el desarrollo de la creatividad.

En el año 2017 tuve la oportunidad de formar parte de la Red Desenredando Nudos de Cajamarca donde participé con un trabajo de investigación denominado “Favorecemos la expresión Gráfica a través de la Elaboración del Carboncillo Vegetal”, participando en el VIII Encuentro Iberoamericano de Colectivos y Redes de Maestros y Educadores que hacen Investigación e Innovación desde la Escuela y la Comunidad México 2017. En la mencionada Red aprendí que se hace camino al andar compartiendo

experiencias para ir fortaleciendo nuestro trabajo pedagógico en bien de nuestros estudiantes. Actualmente participo en la RedDiálogos donde tuve que decidir dejar mi participación en la Red Desenredando Nudos un grupo de maestros amigos con muchas iniciativas de trabajo, mi gratitud a cada uno de ellos.

Estela Chávez Salazar nació el 05 de junio de 1970 en Cajamarca. Estudió Ciencias Naturales en el Instituto Superior Pedagógico “Hno Victorino Elorz Goicoechea”. Trabajó en el nivel primario en la I.E. “San Ramón” de Cajamarca. Se desempeñó seis años como capacitadora para el Ministerio de Educación del Perú y los dos últimos años regresó a trabajar en aula con primer grado de primaria. Esta biografía la asume su esposo porque durante el proceso dejó el escrito como legado.

Estelita llega a *Memorias de Cuarentena* por una invitación personal de una amiga del colegio y fue parte de la RedDiálogos porque muere el 8 de enero de 2021. El año 2020, cuando todo parecía ir bien o por lo menos regular, en cuanto a la coyuntura económica y política y ser un año como todos los anteriores; en el mes de marzo, específicamente, el domingo 15, se decretó el estado de emergencia por la presencia de la Covid-19. Empezó el confinamiento obligatorio para hacer frente a la pandemia. Los primeros días fueron de mucho temor e incluso pánico por las noticias que se escuchaban o veían tanto del Perú como de otros países de América y de Europa. De allí que entre los meses de mayo y junio nos invitaron a ser parte del grupo *Memorias de Cuarentena* para poder dialogar y reflexionar mensualmente, desde nuestra experiencia docente y en confinamiento nuestro sentir, anhelos, dudas y temores con los compañeros de la Red de Brasil. Esta actividad constituye un momento importante en nuestra labor pedagógica, personal y sobre todo emocional ya que nos hizo dejar de lado el miedo y las dudas para impulsarnos a mirar hacia adelante con un horizonte más claro, con la convicción que las dificultades son parte de la vida y constituyen retos que debemos asumirlos. La tarea de escribir los textos y compartirlos con los compañeros de Perú y Brasil hizo que movilizemos diversas



habilidades, a tal punto que se convirtieron en una excelente terapia para superar las dificultades.

De allí que ante la situación descrita anteriormente se escribieron los siguientes textos como parte de algunas reflexiones que se hicieron de manera personal y a nivel de Red. Estos escritos fueron leídos en las reuniones de los sábados.

### **Diálogos de esperanza**

En estos tiempos de cambios, desafíos y retos por asumir por los que estamos atravesando a nivel mundial por la pandemia del coronavirus, la Red de Maestros y Educadores “Desenredando Nudos” de la ciudad de Cajamarca - Perú concertó una reunión virtual con uno de los más grandes educadores de Latinoamérica y porque no decirlo del Mundo. Por supuesto que nos estamos refiriendo a Paulo Freire, quien es pedagogo, intelectual, revolucionario de la fe y filósofo brasileño, destacado defensor de la pedagogía crítica. Conocemos de su trabajo en defensa de la educación liberadora y transformadora de la sociedad. A pesar de las dificultades de conectividad, por la escasa señal de internet, se pudo hacer realidad este diálogo porque queremos saber qué nos dice sobre la educación y el rol del maestro como agente de cambio y humanización de la educación.

**Maestro Paulo Freire, buen día, en estos tiempos de pandemia, los maestros estamos atravesando por situaciones difíciles de cierto desánimo e incertidumbre, ¿qué mensaje nos puede dar a los maestros de la RED de Cajamarca?**

**FREIRE:** “es imperativo que nosotros, como educadores, trabajemos en nuestras comunidades para dar a conocer y desafiar las contradicciones de las políticas y prácticas educativas que nos despersonalizan y nos deshumanizan, impidiendo así nuestra expresión como sujetos plenos de la Historia” (DARDER, 2017, p. 23).

**Usted cree en el poder transformador y emancipador del amor, ¿cuál es la importancia de amor para enseñar?**

**FREIRE:** “Es imposible pensar en separar la belleza de la enseñanza: la belleza de la ética: y el amor por los estudiantes del amor por el proceso a través del cual debo amar al estudiante. Amo a mis estudiantes no porque están en una habitación donde yo soy el maestro. Amo a mis estudiantes en la medida en que me encanta el proceso mismo de estar

con ellos". "Tengo derecho de amar y de expresar mi amor al mundo y de utilizarlo como una base de motivación para la lucha". "Creo que se podrá decir cuando yo ya no esté en este mundo que: "Paulo Freire fue un hombre que vivió. No pudo entender ni la vida ni la existencia humana sin el amor y sin la búsqueda del conocimiento..." (DARDER, 2017, pp. 56, 52, 51).

**En cuanto a la comprensión crítica del mundo, ¿qué nos puede decir?**

**FREIRE:** "Cuando hablo del mundo, no estoy hablando exclusivamente de los árboles y los animales que tanto amo, ni de las montañas ni de los ríos. No estoy hablando exclusivamente de la naturaleza de que soy parte, sino que estoy hablando también de las estructuras sociales, la política, la historia, de la que también soy parte" (DARDER, 2017, p. 25).

**Los peruanos como sociedad nos caracterizamos por ser poco tolerantes y ahora con la pandemia el nivel de intolerancia se está agudizando.**

**FREIRE:** Es preciso que recordemos que la tolerancia "es la capacidad de disfrutar de la diferencia. Es aprender de la diferencia. Significa que no nos consideramos mejores que otros, precisamente porque son diferentes a nosotros. Cuando pensamos en la tolerancia pensamos inmediatamente en el racismo que es la negación más fuerte de la tolerancia: la negación más baja de las diferencias" (DARDER, 2017, p. 57).

**¿Qué nos puede decir sobre la educación liberadora?**

**FREIRE:** "Lo que nos parece indiscutible es que, si pretendemos la liberación de los hombres, no podemos empezar por alienarlos o mantenerlos en la alienación. La liberación auténtica, que es la humanización en proceso, no es una cosa que se deposita en los hombres. No es una palabra más, hueca, mitificante. Es *práxis*, que implica la acción y la reflexión de los hombres sobre el mundo para transformarlo. La educación que se impone a quienes verdaderamente se comprometen con la liberación no puede basarse en una comprensión de los hombres como seres "vacíos" a quien el mundo "llena" con contenidos...En ese sentido, la educación liberadora, problematizadora, ya no puede ser el acto de depositar, narrar, de transferir o de transmitir "conocimientos" y valores a los educandos, meros pacientes, como lo hace la educación "bancaria" (FREIRE, 2005, pp. 90-91).

**Sus reflexiones nos emocionan, maestro Freire, nos quedamos motivados para ahondar en el conocimiento de su obra; y, así mejorar la educación de nuestro país y encarnar la educación desde una perspectiva más humanizante. Finalmente, ¿cuál es su mensaje para la RED de Cajamarca?**

**FREIRE:** “Para superar la situación de opresión, la gente debe primero reconocer críticamente sus causas, para que a través de la acción transformadora pueda crear una situación nueva, una que haga posible la búsqueda de una humanidad más plena... La tarea humanista e histórica más grande de los oprimidos: liberarse a sí mismos” (DARDER, 2017, p. 61). (Rosa Villanueva Huamán, agosto 2020).

**¿Cómo vivir en esta pandemia la pedagogía de la pregunta teniendo en cuenta a Freire?**

Paulo nos habla de una pedagogía de la pregunta en el que nuestro estudiante esté en constante diálogo con sus compañeros, con el docente, con sus familia y amigos, es realmente lo que está ocurriendo en este entorno de una modalidad remota con una educación que se está centrando en la transmisión de conocimientos y poco se está incidiendo en el fortalecimiento de competencias que es lo que el Ministerio idealmente lo está solicitando, pero nosotros como docentes nos estamos dando cuenta que muchos de nuestros estudiantes los conocemos sólo por un nombre y apellido, no tenemos idea de cómo son, lo que piensan, lo que sienten, muchos de nosotros maestros, padres de familia y estudiantes no expresamos nuestros sentimientos y nos enfocamos en el desarrollo de sobrevivir en esta pandemias. Me pregunto qué diría Paulo Freire en esta situación, me imagino que su respuesta sería: estamos dialogando con los estudiantes, conocemos sus intereses, sus necesidades sus expectativas, lo que piensan de lo que están viviendo y cómo lo están viviendo; Paulo nos diría busquemos junto con los estudiantes la verdad de cómo nos encontramos, que dialoguemos como base en la preguntas para lograr descubrir la sabiduría partiendo de la ignorando de conocer lo desconocido, de aprender del día a día, de aprender del sabio de la comunidad, de dialogar constantemente, algunos dirían pero dialogar con quienes en este entorno en el que nos encontramos, podemos utilizar algunos medios como es el caso de las tecnologías de la información, para poder establecer reuniones

virtuales y poner sobre la mesa todas nuestras dudas y promover el riesgo y la aventura por aprender a conocernos primero a nosotros mismos y luego a los demás, y que tratemos de aprender a desaprender y que nosotros los docentes no somos los que sabemos todo, sino por el contrario que todos podemos aprender de todos, porque estamos en un mundo de constantes aprendizajes sobre todo en contacto y en relación con nuestra naturaleza. Aspectos que consideraría de Paulo en esta pandemia es no limitar al estudiante ni al docente en la generación de la curiosidad por aprender, el que se genere preguntas constantemente del porqué, el para qué, el cómo, el cuándo, el dónde, el con qué y el para qué estoy aprendiendo para enseñar y enseñar para aprender y aprender a preguntar teniendo en cuenta que el niño desde que nace hace preguntas y con el pasar de los tiempos se olvida de formular sus preguntas porque no encuentra respuestas a dichas preguntas. Recordemos que nosotros los maestros no tenemos la verdad absoluta y que también tenemos que ser humildes de reconocer que estamos aprendiendo y sobre todo en esta nueva modalidad de la virtualidad, estamos aprendiendo el uso de diversos dispositivos y medios virtuales para poder relacionarse virtualmente entre docentes, amigos y estudiantes. El hacer en esta pandemia es una experiencia de aprendizaje; de aprender a formularme preguntas, de buscar generar la curiosidad tanto en los estudiantes como en los colegas maestros, el estar en un constante diálogo de aprendizaje mutuo en libertad para indagar, investigar, y vivir sabiendo conocer sus emociones y sentimientos; es de aprender a vivir la pregunta, vivir la investigación, vivir la curiosidad y conocer su experiencia de aprendizaje del estudiante. (María Elizabeth Zavaleta Chang, agosto 2020).

### **¿Qué le diría a Paulo Freire de la pandemia?**

Estimado Maestro Paulo Freire tus ideas, tus pensamientos, tus enseñanzas están presentes en nuestro quehacer pedagógico, luchamos por una educación liberadora desde el lugar que nos encontramos para brillar el sueño de cada estudiante en este camino de vida.

La educación es el tesoro más grande de la humanidad y el estudiante necesita de su maestro, así como el maestro necesita del estudiante; vivimos en la actualidad momentos de incertidumbre frente a esta pandemia ¡Cuándo terminará! Pues los estudiantes

necesitan urgente que aprender hoy es cosechar mañana y así caminar juntos hacia un horizonte de cambio en honor a la transformación.

Ellos están con ansias de regresar a sus aulas y reencontrarse con sus compañeros para disfrutar el ritmo armónico de la vida y contar las experiencias que están sintiendo hoy en la actualidad frente a esta situación de salud que no desean de corazón que le pase a nadie; solamente quién lo ha vivido sabe sentir la verdadera soledad de indiferencia que es la actitud que nos mata cada día porque somos excluidos de la humanidad amigo Freire ¡Pensar hasta donde hemos llegado! Sin dejar de lado el amor a la enseñanza los valores, las acciones de vida, la humanidad, la educación, el valor a la cualidad de la humildad el poder de aprender desterrando lo malo y fortaleciendo lo bueno que nos toca vivir y construyendo nuestros sueños, pues siempre luchando por la esperanza de transformar el mundo por una vida mejor maestro Freire. (Rosario Ramos Dávila, agosto 2020).

### **Trabajo remoto en tiempo de pandemia**

Ser docente en el Perú es un gran reto, ahora mucho más en tiempo de pandemia. Pues la educación está al alcance de familias que tienen celulares con internet o en el mejor de los casos computadora e internet y los estudiantes que no tienen estos equipos... ¡quedan excluidos! Este año escolar iba a iniciar el lunes 16 de marzo. Las primeras semanas estuvimos planificando con el equipo docentes, cuando el domingo 15 nos comunicaron que se suspendía el inicio porque el coronavirus había ingresado a nuestro país. Fines de marzo el equipo docente de primer grado, decidimos iniciar nuestra labor educativa, enviando actividades a los niños, sobre las medidas preventivas para no contagiarse del virus, a través del WhatsApp. Luego el estado decretó iniciar el año escolar el 6 de abril, a través de la estrategia "Aprendo en casa". Ahora la educación no está llegando a todos los peruanos, muchos niños están dejando de estudiar, tengo 5 niños que son de otras provincias y han regresado a vivir ahí. Haciéndose difícil la comunicación con ellos. En la actualidad mi horario de trabajo es de lunes a viernes de 6 de la mañana a 9 de la noche. Inicio grabando el audio de la actividad, para enviarla por el WhatsApp junto con la actividad escrita. Luego de un corto desayuno, a las 8 y 30 inicio con video llamadas con los pequeños,

tengo que ir anotando en mi cuaderno de campo sus avances, logros y dificultades, hasta las 12 del mediodía, este es el espacio más humano que tengo con los niños, les pregunto cómo se sienten, en esta semana tres niños contestaron que sentían tristes pues sus abuelitos habían fallecido, ¡Qué tristeza, impotencia! Por las tardes reviso los trabajos que me envían, a través de fotos, eso va hasta las 7 de la noche. Para luego adecuar la actividad del día siguiente. Finalmente, a las 9 de la noche a través de medio virtual nos reunimos con mi comunidad para rezar el rosario. Los fines de semana tengo que bajar las fotos que me envían los estudiantes y archivarlos en Google drive, llenar informes y registro, además de adecuar las actividades del día lunes. Pero como no estamos cumpliendo con las seis horas de dictar clase, cuando regresemos a las aulas, tenemos que recuperar. Así estamos los docentes trabajando en tiempo de pandemia. Principio: El trabajo de los docentes no se hace visible en su magnitud, además de no ser valorada. Pero la esperanza es que los niños sean mejores, conozcan, valoren nuestra cultura, estén en sintonía con la naturaleza, nos motiva a seguir adelante. (Estela Chávez Salazar, julio 2020).

En un segundo momento, las redes de Cajamarca nos unimos por grupos de tres o cuatro integrantes para hacer la relectura y reflexión de los textos elaborados en el año 2020. La finalidad fue hacer un análisis de cómo Paulo Freire estuvo presente en los textos escritos, cómo su obra mantiene su vigencia en tiempos de crisis y cuáles con los aspectos que nos unen cómo redes de maestros que realizan su labor pedagógica en tiempos de cuarentena, donde la dificultad económica, política y social se agudizan cada vez más en el Perú. Basado en el análisis de los cuatro textos y haciendo una lectura del contexto escribimos el siguiente artículo:

### **La educación liberadora de Freire centrada en la pregunta como base para el diálogo**

En estos tiempos de incertidumbre que estamos atravesando por la Covid-19 surgen algunos cuestionamientos a nuestro rol

docente sobre su compromiso en la formación de los estudiantes. Esta pandemia nos está haciendo que nos olvidemos de los abrazos, el diálogo directo y, sobre todo, el trabajo escolar de manera virtual a través de sesiones de aprendizaje de manera sincrónica y asincrónica en esta modalidad remota. Frente a ello, realmente, como maestros estamos preparados para realizar la formación integral de nuestros estudiantes y de nosotros mismos. De allí, nos surge la pregunta: ¿Cómo nosotros los maestros estamos haciendo uso o no de la educación liberadora de Freire para promover una formación integral en el estudiante?

Sabemos que la pedagogía de Freire se centra en la educación liberadora que atiende las necesidades, intereses, expectativas, temores y dudas de los estudiantes para que puedan desenvolverse en el mundo en armonía con la naturaleza, promoviendo la autorrealización como inicio para la toma de conciencia y ser dueños de su propia historia. Es importante considerar al estudiante en todas sus dimensiones como ser psicosocial; se trata de una pedagogía viva que debe desarrollarse en todos los aspectos de la vida del ser humano.

Tenemos conocimiento que el rol del maestro frente al estudiante es considerarlo como amigo que busca el pleno y auténtico desarrollo del otro; teniendo como estrategias: el diálogo, la comunicación, el desarrollo con y por el otro; tomando como centro la concientización y la liberación del estudiante.

Conocemos que la pedagogía de Freire es humanista y liberadora porque permite aprender a aprender, aprender a convivir, promoviendo la autonomía del estudiante. Por eso, Freire nos habla sobre la pedagogía de la liberación en el que la base de todo es el diálogo y la reflexión como centro del proceso de enseñanza aprendizaje, priorizando el pensamiento crítico, teniendo como punto de partida la realidad, el conocer nuestro contexto, y cómo es que podemos aplicar dicho conocimiento en nuestra vida real. Así, se debe tomar la realidad como punto de partida del acto de conocer y no sólo el transferir conocimientos,

sino crear las posibilidades de su construcción o de su producción por parte del estudiante.

Reconocemos que la acción y pensamiento de Freire nos muestran que la posición de maestro o de estudiante pueden ser dinámicas, dialécticamente relacionadas, dependientes del momento histórico en que se desarrollan. Es decir, quien enseña hoy, aprende mañana de lo otros, y quien aprende hoy enseña mañana a otros, si no, y tal vez la razón fundamental, porque en el mismo proceso de enseñanza aprendizaje el maestro o la maestra aprende de sus estudiantes, y los estudiantes enseñan a su maestro o maestra y a sus compañeros. Por eso Freire lo dice bien: "Quien forma se forma y reforma...", "quien enseña aprende al enseñar y quien aprende enseña al aprender" "Enseñar no existe sin aprender y viceversa..." (FREIRE, 1997, p.25).

Tenemos conocimiento que la necesidad de la coherencia y la actitud ética en la docencia y que no se debe considerar al educando como un recipiente vacío que hay que llenar de conocimiento. Es por ello que el educador y el educando se deben enfrentar juntos al acto de conocer. Y este enfrentarse juntos se realiza desde una posición de "socios de aprendizaje", desde una situación de horizontalidad y no desde una posición vertical en la cual el maestro comunica a un estudiante que no sabe. Ambos, educadores y estudiantes, se aventuran en un proceso de mutuo crecimiento, en el que la enseñanza dialogada debe estimular la creatividad, la conciencia crítica, la autoreflexión y la autonomía tanto del maestro como del estudiante.

Realmente nos seguimos haciendo las siguientes preguntas: ¿estamos realizando todas estas estrategias y puntos de vista que nos menciona Freire desde nuestras aulas virtuales con nuestros estudiantes?, ¿somos socios de aprendizaje entre estudiantes y maestros?, ¿vemos a nuestros estudiantes y nos vemos como personas que estamos constantemente aprendiendo y enseñando?, ¿nuestros estudiantes están considerando la enseñanza remota como una forma de aprendizaje basado en nuestro contexto y para



atender los problemas de nuestras vidas o sólo lo están realizando para aprobar un área curricular sin tomar sentido del aprendizaje?

Concluimos que en su mayoría los maestros no estamos realizando una educación liberadora, que se use la pregunta como base para el diálogo que supera la pedagogía bancaria en el que se considera al estudiante como un recipiente vacío y que el maestro es el que lo sabe todo; sin reconocer que en este proceso estamos aprendiendo y enseñando tanto el maestro como el estudiante. El diálogo genera el aprender juntos, estimulando la creatividad, la conciencia crítica, que partamos de la realidad y del saber de la comunidad, para la transformación del entorno de aprendizaje en un clima de armonía entre personas y al cuidado de nuestra naturaleza, luchando con la esperanza de transformar el mundo para una vida mejor, promoviendo la formación integral del estudiante.

Para finalizar, esta experiencia de diálogo entre las redes de Perú y Brasil realizada en el año de 2020 a la que se denominó “Memorias de Cuarentena”, ha contribuido a fortalecer y enriquecer nuestra formación pedagógica y personal. Consideramos que, la comunicación empática, el análisis y reflexión crítica de nuestra labor, el compromiso con la comunidad, la convivencia armónica con la naturaleza, sin olvidar el contexto y la *praxis*, son aspectos fundamentales de la formación docente y del ser humano, por lo que debemos cultivarlos y fortalecerlos a lo largo de nuestra vida. Más aún, como maestros generar en nuestra práctica docente un aprendizaje situado, donde el maestro sea mediador del proceso de aprendizaje-enseñanza. Además, queda la satisfacción de haber reflexionado a la luz de la vida y obra de Paulo Freire, maestro de maestros de América Latina.

## Referências

ARAÚJO, Z. La pedagogía de la pregunta. Una contribución para el aprendizaje. In: **Educere**, vol. 9. Venezuela. 2005.

BARÓ, I. M. *Haciendo la Universidad*. Guatemala: **Cuadernos Universitarios FUPAC**, 1979.

DARDER, A. **Freire y Educación**. España: Ediciones Morata, S.L. 2017.

FLECHA, J.R. **Actualidad pedagógica de Paulo Freire**. Documento enviado por la Fundación "Paulo Freire" mediante correo electrónico. 1999. Disponible en: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/revista?codigo=5755>. Acceso en: 29/08/2021

FREIRE, P. **Pedagogía de la Esperanza, un reencuentro con la Pedagogía del Oprimido**. México. Siglo Veintiuno, S.A. de C.V. 1993

\_\_\_\_\_. **Pedagogía de la autonomía, saberes necesarios para la práctica educativa**. México. Siglo Veintiuno, S.A. 1997

\_\_\_\_\_. **Pedagogía del oprimido**. Argentina. Siglo XII Editores, S.A. 2005.

Universidad Pedagógica Nacional. *Cátedra Paulo Freire: Educación y pedagogía en diálogo con la sociedad*. Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=AAyFYMZwFBk>. Acceso en: 29/08/2021.

\_\_\_\_\_. **Paulo Freire - Serie Maestros de América Latina**. Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=t-Y8W6Ns90U> Acceso en: 29/08/2021.



## **Cartas, pedidos e relatos: implicações do cenário pandêmico nos cotidianos docentes**

*Alessandra da Costa Abreu*

*Jennifer Silva*

*PhellipePatrizi Moreira*

O ato da atividade de cada um, da experiência que cada um vive, olha, como um jano bifronte, em duas direções opostas: para a unidade objetiva de um domínio da cultura e para a singularidade irrepetível da vida que se vive. (Mikail Bakhtin).

Em tempos pandêmicos, como o que estamos vivenciando no Brasil desde 16 de março de 2020<sup>1</sup>, o convite para a participação em encontros via aplicativos como *Zoom* e *Meet* aumentaram exponencialmente, junto com o número de contaminados pelo coronavírus, que no Brasil até maio de 2021, já somavam mais de 15 milhões e no mundo mais de 163 milhões de infectados<sup>2</sup>. A propagação da covid-19 fez com que escolas, universidades, bares, restaurantes, casas de shows fechassem suas portas e tivessem de aguardar com preocupação o cenário que se instalava em todo o globo terrestre, levando, para os campos virtuais os encontros que antes aconteciam presencialmente. Diante da situação global, da rotina alterada, das horas extras realizadas, a pandemia nos

---

<sup>1</sup> De acordo com o site UNA-SUS, a Organização Mundial de Saúde (OMS) elevou no dia 11 de Março de 2020 o estado de contaminação à pandemia no mundo. No dia 16 de Março no Brasil, foram decretadas medidas restritivas para o isolamento social, como combate a pandemia do covid-19. Disponível em: <<https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>> Acesso em: 17 maio 2021.

<sup>2</sup> DADOS *Covid-19*. Dasa Analytics, 2021. Disponível em: <<https://dadoscoronavirus.dasa.com.br/>> Acesso em: 17 maio 2021.

proporcionou um momento de reflexão, sobre o antes e depois da pandemia. Por isso, para a escrita deste texto recorreremos à metáfora sobre o deus romano Jano<sup>3</sup>, assim como fez Bakhtin (2014), para olhar mais atentamente aos sentimentos angustiantes que afloram sobre o futuro incerto, mas paralelamente nos faz rememorar os percalços outrora suprimidos pela nossa capacidade de resiliência, as mais diversas adversidades das jornadas docentes.

Este texto traz reflexões a partir de narrativas de três dos/as integrantes da rede brasileira, participantes do projeto intitulado *Memórias da quarentena: diálogos entre professores do Brasil e do Peru*, vinculado à Rede de Docentes que narram sobre Infância, Alfabetização, Leitura e Escrita (REDEALE). Rede fundada em 2015 pelas Prof.<sup>as</sup> Dr.<sup>as</sup> Mairce Araujo e Jacqueline Moraes, em que docentes das referidas nações buscam estabelecer um diálogo alteritário na produção e socialização de saberes entre pares. Teorizar tais momentos nos leva a constatar que o dilema compartilhado pelos dois países – elevado percentual de mortes diárias da população e o estabelecimento do ensino remoto na Educação Básica – estreitou os laços entre os participantes e encurtou as distâncias durante os encontros ao longo dos meses de julho a dezembro de 2020. Por se tratar de um coletivo docente, onde polissêmicas vozes fazem deste espaço um instrumento de formação e sociabilidade, essa rede encontrou eco nos/as companheiros/as latino/a-americanos/as por meio das diversas formas de expressão (orais, escritas, visuais, rítmicas) proclamadas por cada um/a de nós durante as conversas de sábados à tarde.

Após recebermos o convite para produzirmos narrativas sobre esse estágio único e irrepetível, manifestar coletivamente nossas percepções e emoções, com outros/as professores/as, inicialmente nos gerou acanhamento e dúvidas sobre como poderíamos exprimir tais sentimentos no papel e apresentá-los para os/as demais parceiros/as.

---

<sup>3</sup> Divindade do panteão romano responsável pelos princípios e fins de cada ciclo, bem como pelos elementos antagônicos do Universo, tais como: masculino e feminino, quente e frio, paz e guerra, etc.

Acreditávamos que a pandemia iria durar em torno de três meses, no entanto, já contamos<sup>4</sup> no calendário mais de 365 dias em que nos tornamos reféns desse vírus. Além de ter desencadeado na perda de milhares de empregos das camadas mais empobrecidas da sociedade<sup>5</sup>, o cenário pandêmico afetou drasticamente os/as estudantes da rede pública de ensino que, em sua maioria, não possuem dispositivos e/ou internet para se conectarem com seus/suas respectivos/as professores/a e conseguirem acompanhar as aulas do ensino remoto. Mediante essas fragilidades, docentes de diferentes etapas da Educação Básica tiveram de se reinventar e trabalhar dobrado na tentativa de atender as demandas e as dificuldades dos/as discentes.

Distantes das escolas, universidades e outros espaços formativos, onde estudamos e/ou trabalhamos, desde o final do primeiro trimestre de 2020, continuamos confinados/as em casa à espera de uma vacina<sup>6</sup> que não tem previsão de atender a grande massa da população brasileira. Ainda não foi divulgado um planejamento por parte do governo brasileiro, para a larga

---

<sup>4</sup> No momento da escrita deste artigo, já contávamos mais de 365 dias, em maio de 2021.

<sup>5</sup> O site Folha de São Paulo noticiou, no dia 10 de março de 2021, que a pandemia levou a taxa de desemprego a bater recordes em 19 estados brasileiros, inclusive no Distrito Federal, e que nesses números os mais penalizados foram negros e mulheres. O estado do Rio de Janeiro ocupa o 4º lugar em número recorde de desemprego. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/202103/pandemia-levou-desemprego-a-recorde-em-20-estados-diz-ibge.shtml>> Acesso em: 17 maio 2021.

<sup>6</sup> Desde a primeira pessoa a receber a vacina em solo nacional, a enfermeira Mônica Calazans, no dia 17 de janeiro de 2021, o país já aplicou mais de 61 milhões de doses até o final do mês de maio do mesmo ano. O cálculo é um somatório das duas doses distribuídas das principais vacinas autorizadas para uso no país pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA): Fundação Oswaldo Cruz/Universidade de Oxford (AstraZeneca), Instituto Butantan/Sinovac (CoronaVac) e da Pfizer/BioNTech (Pfizer). No entanto, a falta de insumos vindos da China, tem atrasado o calendário de vacinação. Acusações e ofensas por parte da ala negacionista do governo federal ao país asiático podem ter contribuído para o atraso entrega dos imunizantes e as alterações no calendário do Programa Nacional de Imunizações (PNI). Disponível em: <<https://cnts.org.br/noticias/butantan-diz-que-ataques-do-governo-bolsonaro-a-china-afetam-vacinas/>>. Acesso em: 20 maio 2021.

aplicação das vacinas, já que as compradas para serem distribuídas nos postos de saúde de todo o Brasil, ainda não atendem a toda população brasileira. Mediante a complexidade desse panorama, Jennifer, uma das autoras deste artigo, optou por escrever uma carta destinada ao patrono da Educação Brasileira, Paulo Freire, como forma de resistência aos desafios enfrentados enquanto estudante do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Em sua narrativa, a bolsista do grupo de pesquisa *Alfabetização, Memória, Formação Docente e Relações Étnicorraciais (ALMEFRE)*, teceu reflexões e algumas lembranças no tocante às situações suscitadas em seu cotidiano escolar, demonstrando como sofreu alterações devido às proibições e restrições da circulação de grandes grupos em locais públicos por conta do perigo da contaminação.

São Gonçalo, 20 de maio de 2020.

Caro Paulo Freire,

Quem diria... hoje já é dia 20 de maio deste ano maluco que é 2020. Já faz mais de dois meses, desde que foi decretado esse isolamento social como forma de prevenção do avanço do vírus mortal, o covid-19. Afinal, o que tem de especial nesse dia? Na verdade, tudo. Se estivéssemos em um dia de rotina na escola presencial, não estaríamos confinados em casa, e sim em nossas práticas cotidianas nas salas de aula. Possivelmente ouviríamos frases como:

- Eu não entendi! Pode repetir?
- Fala mais devagar, porque eu me perdi!
- Quanto que eu tirei na prova?
- Posso fazer o trabalho em trio?

Sim, hoje é o Dia do Pedagogo, mas este dia passou diferente. Foi por meio de uma nova realidade. Uns sem ver seus professores há um tempo, pois não tem acesso à internet, e outros que, além de dizer as falas acima, incorporaram nas salas de aula virtuais, outros dizeres:

- Você 'tá' me escutando?
- O som 'tá' baixo, não dá pra ouvir;
- Desliga o som de todo mundo, 'tá' uma confusão isso aqui.

É... Quem diria que iríamos ver nossas crianças e professores/as em suas casas tentando, na medida do impossível, vivenciar os espaços do saber na modalidade remota. As escolas tiveram de se adaptar as plataformas, como narrei anteriormente virtuais. Mas fazer o quê? O dia foi assim... No entanto, tudo que vivemos agora nos faz lembrar o quanto tais espaços dos profissionais que a compõem me fazem falta!

Saudade, uma das palavras mais bonitas da língua portuguesa, descreve muito bem o que estou sentindo. Uma mistura de sentimento de perda, falta, distância e amor de ver tantos os corredores, quanto demais ambientes das escolas cheios de gente. Permeados dos objetos que compõem a pesquisa e diálogo que esta nos proporciona nas suas mais diversas linguagens, estes elementos são valorizados e estimados por nós enquanto pedagogos e futura pedagoga.

Por isso sinto-me provocada a refletir sobre algumas questões: como promover uma educação dialógica e aberta a uma escuta atenta, sobretudo em tempos de ensino remoto? Que caminhos seguir como forma de não sucumbir aos ataques neoliberais e conservadores? Por que algumas forças políticas reacionárias questionam o seu legado? Frequentemente me debruço sobre os seus escritos para me inspirar e me esperar de passos amorosos em meios aos percalços e pedras em meu caminhar, como me disse em *Pedagogia da Autonomia e Pedagogia do Oprimido*.

Acredito que em breve voltaremos a ocupar as nossas escolas a partir das evidências de um novo mundo que se principia. Entendendo, dessa forma, que é dentro desse novo mundo e seus respectivos desafios, podemos aprender a enxergar possibilidades outras de potencializar e ressignificar nossas trajetórias docentes. Enquanto o retorno não vem, continuo nas minhas reflexões e pesquisas, com pensamento no esperar. Sei que não é um adeus, mas sim um até logo para essa nova realidade que germina.

À espera desse retorno.

Carinhosamente,

Jennifer.

A carta escrita por Jennifer nos coloca a pensar que o horizonte provocado pela pandemia não deve ser normalizado, mas a todo



tempo versa a sua *contrapalavra*<sup>7</sup> proferida em defesa de um movimento ético e responsivo no nosso fazer e estar na sociedade. Sua narrativa aponta o quanto o espaço escolar faz falta não só para nós professores/as, mas como para todos/as que em meio a essa pandemia perceberam a falta que os/as profissionais de educação fazem. Entendendo que estes se debruçam em examinar as possibilidades e práticas docentes outras que configurem um ensino inclusivo, dialógico, que Freire (1996) nos apresenta. Os encontros realizados entre docentes brasileiros/as e peruanos/as trazem em comum a pretensão de estabelecer parcerias profícuas com os estudos de Paulo Freire, onde suas contribuições nos permitem compreender que as políticas implementadas pelos governantes de ambos os países que trabalham de modo a atender às políticas neoliberais e a necropolítica que massacra os mais pobres em benefício do capital dos grandes empresários. Em meio a toda essa situação, seguimos para a carta produzida pela Professora Alessandra, doutoranda na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na qual faz um pedido de socorro.

Carta a Paulo Freire: um pedido de socorro

São Gonçalo, 05 de junho de 2020.

Querido professor Paulo Freire,

Sempre senti vontade de escrever uma carta para você com o objetivo de compartilhar minhas inquietações enquanto professora, mas nunca pensei que isso se concretizaria num momento tão difícil no que se refere à saúde pública, a política e as muitas tensões enfrentadas no campo educacional. Tenho a sensação de que o país virou um caos. Desde março deste ano estamos enfrentando no Brasil e no mundo a presença de um novo vírus (covid-19) que de forma

---

<sup>7</sup>Procuramos, no grupo de pesquisa, não dicotomizar os sentidos de algumas palavras, que estão entrelaçadas entre elas, como *espaçotempo*, *fazerdocente*, entre outras. Essa escrita vem sendo utilizada por pesquisadores/as do cotidiano, como Araújo (2012) e Garcia (2004).

avassaladora tem infectado e que levou ao óbito em torno de mil pessoas diariamente, tendo a necessidade de a população manter-se em isolamento social. Atrelado a essa pandemia, o Brasil sofre a maior crise política da sua história. O presidente eleito em 2018 ataca a ciência, incentiva a automedicação à população, ignora o número de mortes reivindicando a abertura dos comércios, sem ter um plano de controle da contaminação ou de hospitais suficientes para atender aos doentes. O plano político que parece existir é o de sacrificar os mais pobres, em benefício dos mais ricos. Um Estado que sonega verbas que foram destinadas à construção de hospitais e que autoriza a invasão de policiais nas favelas, matando crianças e jovens dentro de casa, como aconteceu recentemente com o jovem João Pedro no complexo do Salgueiro em São Gonçalo/RJ. É angustiante pensar em todos esses problemas e ter que planejar atividade para atender as aulas on-line. Sou professora alfabetizadora, trabalho com crianças na faixa etária entre 7 e 8 anos, estudantes do primeiro segmento do Ensino Fundamental e a plataforma escolhida pela escola em que trabalho para as aulas on-line foi o Google Classroom. Por não ser da Geração Z, confesso que tive muitas dificuldades para realizar o cadastro dos estudantes e postar as atividades. Cada vez que acesso a plataforma, constato que estou fazendo um trabalho para “Inglês ver”, já que muitas crianças não estão tendo acesso a plataforma adotada pela escola.

Aprendi com você que “ensinar exige bom senso” (FREIRE, 1996 p. 61). Como vou postar atividades on-line, sabendo que muitos dos meus alunos não têm acesso a uma rede de internet de qualidade? Lembro que nos dias letivos, em período escolar antes dessa pandemia, quando algum estudante apresentava sinais de doença e a escola precisava entrar em contato com a família dessa criança, dificilmente conseguia estabelecer esse diálogo via telefone, porque os números dos celulares dos responsáveis eram trocados com frequência. Como o valor de um chip inicial disponibiliza internet grátis, para os mais pobres trocar de número é uma tática para manter-se conectado.

“Ensinar exige apreensão da realidade” (p. 68). Que aulas serão interessantes para crianças em processo de alfabetização em plena pandemia? Penso na estudante Vitória que mora com a mãe e a avó. A primeira deficiente visual e a segunda não alfabetizada. Quem fará

a mediação entre a criança e o ambiente on-line? Entendo que “ensinar exige disponibilidade para o diálogo” (p. 135), tenho me colocado via WhatsApp a disposição das crianças e seus responsáveis, o que tem permitido um contato amoroso, trocas de afetos e experiências, mas sei que não é o suficiente.

“Educação é uma forma de intervenção no mundo” (p. 98), por isso, tenho priorizado mobilizar as crianças a perceber o quanto é importante ficar em casa e usar a máscara, porque não acredito em aulas on-line para estudantes nesta faixa etária, principalmente porque sei que muitos não têm acesso à internet. No entanto, como não posso fugir da minha responsabilidade enquanto professora, procuro estabelecer nos encontros on-line com os estudantes um espaço para trocas. Conversamos, compartilhamos receitas, jogos, contação de histórias, brincadeiras e outras propostas que surgem como ideias nas conversas com as poucas crianças que estão conseguindo participar, porque corroboro com você que “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” (p. 59).

“Ensinar exige tomada consciente de decisões” (p. 109). Neste sentido, a minha decisão neste momento é não compactuar com a farsa de uma educação bancária e transmissiva. Reconheço que toda “educação é ideológica” (p. 125), por isso tenho reivindicado nas reuniões on-line que acontecem semanalmente com a equipe pedagógica da escola, a entrega dos chips aos estudantes com banda larga de internet como foi relatado pela diretora, como proposta da Secretaria Municipal de Educação e ainda não se concretizou. Como percebo que a desigualdade social tem sido cada vez mais reafirmada em tempos de pandemia, defendo que “ensinar exige liberdade e autoridade” (p. 78). Não posso aceitar esta proposta de educação on-line como a nova normalidade, mas sim como uma grande anormalidade.

Tudo isso só me prova que você, Paulo Freire, que tem sido tão atacado pelas alas mais conservadoras do governo do presidente Jair Bolsonaro, tem toda razão em dizer que “a postura crítica e desperta nos momentos necessários não pode faltar” (p. 140). Educação não é para amadores, mas para profissionais que acreditam que “ensinar exige bom senso” (p. 61) e “exige querer bem aos educandos” (p. 141), e por querer bem aos educandos, defendo que docentes e discentes precisam de acolhimento neste momento. Nós, os

professores, não podemos ser atolados de tarefas como se a nossa casa fosse a escola e se não nos posicionarmos agora, seremos substituídos em breve por vídeos aulas, como se qualquer um pudesse fazer o nosso trabalho. “Ensinar exige intervenção no mundo” (p. 98), e é por isso que essa carta é um pedido de socorro, pois acredito que precisamos intervir na defesa do professor, dos jovens e das crianças.

Saudoso Freire, aprendi com você que “ensinar exige a convicção que a mudança é possível” (p. 76) e por acreditar que ainda é possível reverter o caos que estamos vivenciando agora, seus ensinamentos em “Pedagogia da autonomia” tem sido um alento para acreditar que juntos somos mais fortes.

Obrigada por tudo! Aprendo sempre com você!

Um abraço,  
Alessandra da Costa Abreu.

A carta da professora Alessandra, assim como a que foi escrita pela Jennifer e pelo Phellipe também autores/as desse texto, denunciam a falta de políticas públicas para o enfrentamento da pandemia no Brasil; o descaso dos governantes com a população e o ensino remoto que não atende a maior parte dos estudantes oriundos das classes populares. Um desabafo que é a história da professora Alessandra, que retrata a experiência de uma professora da escola pública brasileira, mas que se assemelha a outras histórias de professores e professoras nos países mais pobres afetados por essa pandemia. Em diálogo com as cartas a Freire escritas por Jennifer e Alessandra, trazemos para essa discussão, os escritos de Phellipe, além de ser professor das redes pública e privada, é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação- Processos Formativos e Desigualdades Sociais, na Faculdade de Formação de Professores, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro:

Se eu morrer, vai ser de amor”: relatos de experiência de um educador em formação

O despertador toca. São 07h30. Levanto-me depressa. Não há tempo de me alimentar. A primeira aula remota do dia está prestes a começar. O “novo normal” exige de nós, docentes, uma árdua rotina sem folgas para conseguir cumprir todas as demandas solicitadas das redes de ensino, seja pública ou privada.

Ainda sonolento, recordo-me de ter ido dormir tarde no dia anterior para dar conta das obrigações diárias das escolas em que atuo. “Silêncio!” grito em tom de desespero, pois se iniciará em instantes, mais um encontro on-line com uma das 11 turmas na qual leciono. Os carros de som que anunciam a venda de produtos alimentícios parecem ser os maiores inimigos da tranquilidade que reinava segundos antes de eu entrar ao vivo na conversa pelo aplicativo Zoom com os estudantes do ensino médio. Os pássaros insistem em saudar o sol com o seu canto, os cachorros em sinfonia regem os acordes graves desse coral estridente aos meus ouvidos. “Será que estão conseguindo me ouvir?” pergunto-lhes torcendo para que a resposta seja negativa. Estaria eu odiando os sons comuns de uma cidade grande, como São Gonçalo, em busca de uma perfeição profissional que mais soa como obsessão?

“Respira, Phellipe. Não se cobre tanto. Você precisa cuidar da sua saúde” é a frase que mais ouço das pessoas que amo. Tentar controlar o imprevisível, contornar as intempéries da vida sempre me pareceu ser fácil, mesmo para um ser humano de apenas 26 anos que conhece pouco dos mistérios do universo. Entre as gravações das vídeos-aulas de madrugada, quando a calma insiste em reinar na escuridão, os atendimentos individuais se estendem noite adentro. Procuo compreender as dificuldades de acesso dos estudantes. As “migalhas” de sinais de internet que subnutrem qualquer tentativa de ensino remoto me fazem ajudar a cada um que me solicita um “help” seja o horário que for, mas nunca parei para pensar em quem me socorreria quando estivesse em apuros.

No afã de me tornar um docente melhor nesse processo interminável de formação, me fez querer aproveitar todas as oportunidades de trabalho e pesquisa que cruzam o meu caminhar. Não paro um segundo, assim como o meu celular que a cada momento recebe uma nova mensagem de um aluno, dos grupos de trabalhos (quatro escolas diferentes, distribuídas em onze turmas, no total de trezentos e setenta alunos). Acredito que no tempo em que gastei na feitura

desse texto, chegaram pelo menos cem novas mensagens de trabalho ou dos três grupos de pesquisa do qual participo ou até mesmo do Mestrado, iniciado em março de 2019. E os e-mails? Não tenho mais fôlego para comentar sobre eles. São muitos! Preciso responder cada um deles. “Se eu morrer vai ser amor” pela educação, porque se não morri até agora devido ao excesso de sobrecarga de trabalho, eu não morro mais.

Depois de meses em isolamento social, coroadado com a ausência de uma comunicação real entre os educandos e eu, o desânimo destes, seus relatos potentes, me fizeram repensar as práticas ilusórias de noção de um ensino remoto que caiu de paraquedas, sem qualquer discussão com os membros envolvidos no processo educativo em um país tão desigual quanto o Brasil. Como garantir uma educação democrática em que nem 40% do alunado têm condições mínimas de acesso às plataformas?

Nesses últimos meses, de março a junho, li comentários tais como: “não consigo aprender a ler textos pela internet”; “agora entendo a importância da escola, de estarmos juntos presencialmente”, “professor, saudades de debatermos em sala de aula. Conversar mesmo que virtualmente me faz bem. O meu psicológico agradece”; “e que eu tenho algumas dificuldades pra acessar o *classroom* e acabo não conseguindo entregar no prazo certo. Eu faço tudo, mas alguns eu não consigo entregar na data correspondida”. Essas frases só corroboram a tese de que não há educação sem partilha, sem troca. Como é cruel essa forma de ensino frio, engessado e sem pensar nas condições de saúde física e mental em que cada família está passando neste período de pandemia como a perda de entes queridos.

Com níveis alarmantes de problemas de conexão virtuais, a Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC), responsável pela rede pública estadual, recomendou a utilização das aulas autorreguladas, material criado para dar um auxílio aos alunos nos períodos em que eles estiverem sem professor de determinada disciplina. Criado por um grupo de docentes em 2013, as atividades impressas foram entregues aos estudantes em seus domicílios pelos Correios. Como previsto, muitos não receberam e relataram “nunca vi Correios entrar na favela”. Mais uma vez, o racismo estrutural e as desigualdades sociais de mãos dadas cercam os nossos jovens

negros e periféricos de qualquer tentativa de oportunidades iguais e equidade racial.

Uma alternativa pensada pelo governo estadual foi a divulgação de aulas gravadas por professores da rede pela Rede Bandeirantes de Televisão. Com um contrato milionário entre a emissora e a SEEDUC, ao invés de pensar propostas democráticas permeadas por debates com a comunidade escolar, a SEEDUC hierarquicamente impôs o uso da plataforma do Google Sala de Aula (*classroom*), das atividades autorregulas e das “aulas” pela Tv aberta sem conversar antes conosco.

O patrono da educação brasileira Paulo Freire, já nos alertava do perigo da experiência dos saberes a serem produzidos de forma não compartilhada no qual as pessoas não se sintam presentes. “A escola é gente”, frisou Freire. Como se estabelecer quaisquer ações educativas sem o olhar, o afeto, a interação, a comunicação, apenas olhando para uma tela do computador e leitura de textos, em sua maioria? Há estudos que apontam que para aprender precisa de emoção. Temos tendência a “guardar” aquilo que nos atravessa e nos toca. Como uma tela, que não escolhemos ser o nosso meio de nos estabelecer vínculo, pode nos provocar uma experiência educativa?

A narrativa do professor Phellipe exprime a sobrecarga de trabalho em que foram submetidos grande parte dos/as profissionais da educação durante a pandemia, em que o ensino remoto foi a única estratégia possível entre professores e estudantes. Não há como pensar sobre o período pandêmico sem contextualizar com os acontecimentos da vida, sem pensar na cultura, na ciência e nos impactos desse vírus na vida da população.

Diante de tantos problemas em comum, a união entre docentes ressoa em movimento de luta, resistência e superação. Muitas obras de Freire fazem referência ao termo luta, entendendo esse movimento como a busca por uma “humanização ou da vocação do SER MAIS” (FREIRE, 1983 p. 158), Para Freire, “quem melhor do que os oprimidos se encontrará preparado [...] para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela *práxis* de sua busca.” (FREIRE, 1983. p. 32). Nesse diálogo com as ideias de Freire, vamos buscando a

libertação de nossas angústias e proclamando a nossa *contrapalavra* como movimento de esperar por um novo cenário socioeconômico não apenas no Brasil, mas em todos os países da América Latina que amargam situações de opressão semelhantes, principalmente no contexto pandêmico.

A metáfora do Jano bifronte apresentada na epígrafe deste texto, nos permitiram pensar que o deus Jano que observa o passado tanto quanto projeta o futuro contribuiu para revisitarmos nossas narrativas escritas durante o período pandêmico, como uma experiência ainda em construção, não apenas para os envolvidos nesta escrita e participantes dos encontros “Memórias da quarentena”, mas também para todos que lerão este texto e conhecerão nossas histórias de luta por dias melhores. Jano Bifronte nesse contexto, também pode ser entendido como “aberturas epistemológicas”, pois entendemos com as leituras em Bakhtin, que a pesquisa científica, como um acontecimento inacabado, se tece a medida que nos inserimos nesse movimento de reflexão, nos apresentando a novos olhares sobre a vida. O Jano, conhecido como o deus dos inícios, das decisões e das escolhas, foi a nossa escolha para o início deste texto em denunciar parte dos problemas, que a população brasileira, principalmente, os professores/as enfrentaram em 2020 e ainda sofrem, porque em maio de 2021, o número de mortes por covid-19 no Brasil, já supera todo o ano de 2020<sup>8</sup>. Para Bakhtin (2017 p.79), “aquele que pensa teoricamente, contempla esteticamente e age eticamente”. Assim, toda reflexão é um ato responsável, primeiramente assumimos esse compromisso em nossos pensamentos e depois transcrevemos na vida, como ato discursivo neste texto.

Nesse sentido, trazendo nossas leituras de Bakhtin, juntamente com as ideias de Freire (1983; 1996); acreditamos na

---

<sup>8</sup> BARCELLOS, Renato. Número de mortes por Covid-19 no Brasil em 2021 já supera todo ano de 2020. *CNN*, São Paulo, 25 abril 2021. Disponível em:<<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/04/25/numero-de-mortes-por-covid-19-no-brasil-em-2021-ja-supera-todo-ano-de-2020>> Acesso em: 17 maio 2021.



força do coletivo, lugar onde a luta dos oprimidos se faz ao tomarmos consciência da situação de exploração. Assim tiramos o ensinamento de que os poderosos não são assim tão fortes, bem como movimentos, aparentemente frágeis, entre professores/aa no Brasil e no Peru podem fazer de nossas fraquezas a força na luta pela libertação. E o sentimento que emana neste movimento de narrar nossas experiências pandêmicas é que estamos nos libertando, ao fazer ecoar nossas escritas narrativas, na qual apresentamos nossas angústias, nossos receios e medos que esta pandemia nos trouxe, apresentando nosso compromisso por uma educação para todos/as e de qualidade.

## Referências

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

BARCELLOS, R. **Número de mortes por Covid-19 no Brasil em 2021 já supera todo ano de 2020**. CNN, São Paulo, 25 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/04/25/numero-de-mortes-por-covid-19-no-brasil-em-2021jasupera-todo-ano-de-2020>> Acesso em: 17 maio 2021.

BUTANTAN diz que ataques do governo Bolsonaro à China afetam vacinas. **Confederação Nacional dos Trabalhadores da Saúde**, 07 maio 2021. Disponível em: < <https://cnts.org.br/noticias/butantandizqueataques-do-governo-bolsonaro-a-china-afetam-vacinas/>>. Acesso em: 20 maio 2021.

DADOS *Covid-19*. **DasaAnalytics**, 2021. Disponível em: <<https://dadoscoronavirus.dasa.com.br/>> Acesso em: 17 maio 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

PAMPLONA, N. **Pandemia levou desemprego a recorde em 19 estados e no DF, diz IBGE**. Folha de São Paulo, São Paulo, 10 mar. 2021. Disponível em: <<https://www1.fo>

lha.uol.com.br/mercado/202103/pandemia-levou-desemprego-a-recorde-em-20-estados-diz-ibge.shtml> Acesso em: 17 maio 2021.

**ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde declara pandemia do novo coronavírus.** UNA-SUS, 11 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>> Acesso em: 17 maio 2021.



## Vida y educación en tiempos de pandemia

*Judith Liliana Aliaga Tambo*  
*Miriam Gutiérrez Baumann*  
*Olga Adelina Soriano Torres*

Este artículo está redactado por Liliana, Olga y Miriam. Somos integrantes de las redes “Desenredando nudos” y “reDialogos” Entusiasmadas de compartir nuestros pensamientos y vivencias y plasmarlo en el proyecto “Memorias de Cuarentena”, nacido en diálogos virtuales Brasil- Perú, mediante la consigna ¿Qué haría Freire en tiempos de pandemia?

Nos une a todos/as el mismo problema mundial; la pandemia, que ha modificado nuestras vidas, es así que nos invita a reflexionar sobre las actitudes y emociones y sentimientos de personas, instituciones y gobierno frente a esto, partiendo desde nuestras experiencias y a la luz y referencia Freiriana.

### Conociendo a las autoras

Mi nombre es Liliana Aliaga Tambo, soy de Cajamarca – Perú. Soy psicóloga. Mi trabajo es una hermosa labor que me orgullece ya que me permite ayudar, orientar, promover y mejorar el funcionamiento psicológico de las personas. Mi objetivo como psicóloga y ser humano es poder ayudar a las personas que solicitan mi ayuda, a resolver sus problemas, tomar decisiones y afrontar el *stress* de la vida cotidiana, en su trabajo, en su vida familiar, etc. así también de manera voluntaria me acerco hacia aquellas personas que necesitan mi apoyo para manifestarles y hacerles llegar mi ayuda en el área de la psicología y en todo lo que este en mis manos. También trabajo de manera voluntaria en organizaciones que brindan apoyo a los niños y adolescentes de bajos recursos llevando mis conocimientos

y experiencia para ayudar en el mejoramiento de su bienestar integral. Aprendí una frase de un psicólogo que su teoría es: “Nada es casual todo es causal” y eso creo ya que gracias a una tarde que salí a pasear con una amiga en el año 2016 me comentó que tenía una reunión de una RED, me invitó a asistir con ella y, desde entonces, formo parte de la RED *Desenredando Nudos* que me ha permitido aprender y admirar los trabajos que desarrollan los maestros en mi red y también en otras redes a nivel nacional e internacional. Me ha permitido conocer personas maravillosas que hoy son grandes amigos y compañeros que nos motiva para seguir trabajando y amando todo lo que hacemos en cada uno de nuestros espacios laborales.

Mi nombre es Olga Soriano Torres, soy docente de Educación secundaria, mi especialidad es Ciencias Naturales con mención en Física y Química, mis estudios pedagógicos y universitarios lo realicé en mi ciudad natal Cajamarca, tengo 34 años de servicio, trabajo en la I.E. «Nuestra Señora de la Merced». Esta institución alberga a estudiantes mujeres de bajos recursos económicos que viven en zonas rurales cercanas a la ciudad. Así mismo es una institución pública de carácter técnico, cuyas especialidades son: Industria del vestido, sastrería, computación, industria alimentaria y cosmetología; las estudiantes salen con título técnico, los padres buscan que sus hijas logren esta formación por los beneficios que puedan tener en el mundo laboral. Desde el año 2014 soy parte del Colectivo de docentes que hacen investigación acción desde la escuela y comunidad... que desde el año 2015 toma el nombre de la *Red Desenredando Nudos*, nombre que nace por iniciativa de Isabel Gutiérrez, haciendo un juego de rayas en un papel y luego ir pintando cada parte hasta formar una imagen. Era increíble, pero teníamos una niña y cuerdas... de allí el nombre de *Desenredando Nudos*. Para mí es una gran experiencia participar en ella, me permite un trabajo en equipo y dar a conocer mis experiencias tanto a nivel local, nacional e internacional, así como compartir nuestra cultura y tradiciones.

Soy Miriam Ángela Gutiérrez- Baumann, peruana, nací en la ciudad de Cajamarca, profesora de educación Inicial, vivo en Suiza

desde 1999. En los últimos años estoy muy pendiente de lo que ocurre en mi país y esto me ha llevado a ser parte de algunas redes y es así que hoy, a causa de la pandemia del Covid- 19, soy parte de la reDialogos Cajamarca – Perú. Actualmente trabajo con niños en edad preescolar, en un “Grupo de juegos” espacio donde se ofrece a los niños una relación con el idioma español, poniéndoles en contacto con parte de las costumbres, tradiciones y cultura hispanoamericana, de la que sus padres o abuelos son parte. Así mismo doy clases de español a niños y adultos. En los últimos años estoy muy pendiente de lo que ocurre en mi país y esto me ha llevado a ser parte algunas redes y es así que hoy, a causa de la pandemia del Covid- 19, soy parte de la ReDialogos Cajamarca – Perú. Al participar en los encuentros virtuales con Brasil y poder reencontrarme con mi gente de Perú, me sentí motivada a participar en esta recopilación de sentimientos como es “Memorias en Cuarentena” preguntándome ¿Qué haría Freire en los tiempos de pandemia?

Llegar a ser parte de una red ha sido circunstancial, cada una de nosotras que tiene su propia historia. El diálogo generado por la experiencia fue la motivación para escribir nuestros sentimientos en medio de un tiempo tan complejo la creatividad desbordó una simple escritura fueron los sentimientos que inspiraron y motivaron para la creación tenemos tres textos que deseamos compartir:

Primero texto:

Luchando por nuestra libertad que es nuestra salud

Y de pronto todo empezó en aquel día, donde nadie se imaginó, nadie lo soñó, nadie estaba preparado. Tú, yo, el, ellos, nosotros, todos éramos libres, éramos dueños de nuestra propia libertad y voluntad, hacíamos todo lo que deseábamos. El mundo seguía en su curso, en su día a día, cada persona estaba realizando sus actividades diarias, haciendo planes, marcándose metas; desarrollando conductas adecuadas y conductas inadecuadas, conductas tradicionales o no tradicionales; ibas de un lugar a otro, viajabas, visitabas a tus familiares, amigos, ibas a la iglesia, salías a fiestas a reuniones, salías a cenar a bailar a tomar unas copas, a una cita o tan

solo salías a caminar por tu barrio, por el parque por la plaza. llegó la pandemia mundial una enfermedad con nombre y apellido llamada Covid-19 coronavirus. Allí de pronto todo cambio como dice Paulo Freire “nadie teníamos libertad para ser libres”. ¿Y por qué? Porque es allí que esta enfermedad llegó para robarnos nuestra libertad. Todos por ley por disposición de nuestras autoridades por normas legales y por nuestra salud nos encerraron en casa por miles de horas, millones de minutos y segundos. El mundo humano ya no era dueño de su libertad stop a todo lo que hacías fuera de casa, stop con todos tus planes, estabas preso en tu propia casa, encarcelado luchando para conseguir tu libertad que era tener salud, cuidado y protección, luchando contra esta enfermedad que te busca y te persigue para enfermarte y hasta matarte, que sólo te saca de casa a un hospital a una clínica para luchar por tu salud o quitarte la libertad con la muerte, como muchos casos en tus familiares, amigos, vecinos, conocidos, o por experiencia propia nos tocó a uno mismo, más allá muchos casos en todos los países del mundo. El mundo está de luto, estamos tristes, atemorizados, preocupados, deprimidos, ansiosos, cuantas emociones juntas. Seguimos luchando, el mundo entero, nuestra naturaleza, estamos en una batalla contra esta enfermedad, cuando estará lista nuestra tierra?, nuestro planeta? para poder salir, vivir y ser libres otra vez, habremos aprendido? que gran enseñanza es la que estamos experimentando, hemos cambiado, nos hemos sensibilizado, seremos diferentes, habremos modificado nuestra conducta, nuestras acciones negativas, habremos pedido perdón, habremos perdonado, amaremos a nuestro prójimo, valoraremos más a nuestra familia, a nuestros familiares, a nuestros amigos, a nuestros vecinos, conocidos y a todo a nuestro alrededor, al mundo entero a todos los seres humanos a nuestra naturaleza que también son parte los animales, las plantas y todo lo que podemos ver, palmar sentir, oler, tengo fe que pronto todo pasara, en donde no más mascarillas y no más caretas que ya nos hemos acostumbrado a usarlas y que forma parte de nuestra vestimenta diaria. Pronto nos miraremos uno al otro, nos reconoceremos, hablaremos sin temor, nos abrazaremos y expresaremos mucho afecto el uno al otro. Esto nos espera, momentos felices llenos de gratitud por ser vencedores en esta gran lucha que será un recuerdo más, un episodio

más en la historia mundial que nos tocó vivir, experimentar, y que nos dejará una gran enseñanza y aprendizaje en nuestra vida propia en cada uno de nosotros. “Nadie tiene libertad para ser libre, sino que al no ser libre lucha para conseguir su libertad” (FREIRE, 1997). (Judith Liliana Aliaga Tambo, 2020).

Segundo texto:

### **El Abrazo - No se puede hablar de educación sin amor**

Para muchos de nosotros esta situación que se vive a causa de la pandemia es nueva. Encontrar en las calles a nuestros amigos, familiares, vecinos, etc; saludarnos y darnos un abrazo, nunca se prohibió, ni por un momento se me habría ocurrido, que un día, darse un abrazo, sería peligroso.

Para evitar la propagación de la enfermedad y el colapso en los hospitales se tomaron medidas, que afectaron el contacto social. Creo que la sensación al escuchar que deberás quedarte en casa, pues se suspendieron muchas actividades laborables, esta noticia nos heló el cuerpo. ¿Estábamos soñando y todos lo mismo? Estábamos juntos y separados, pienso que por un momento todos en el mundo sentíamos lo mismo.

El abrazo hoy en día y, sobre todo, durante la cuarentena se lo valoró, más que nunca. Un abrazo fortalece el amor, seguridad y confianza, fomenta la generosidad y solidaridad, un abrazo tiene el poder de disminuir tristezas, miedos, la ansiedad y hasta odios. (Universo de emociones 10.03.2021) Así es, que el estar lejos uno del otro nos hace estirar los brazos, necesitamos dar y recibir abrazos.

El ayer disfrutabas con amigos, hermanos, familia, vecinos, etc. Esos días tan cotidianos entre amigos con risas, juegos, abrazos, se quedaron paralizados, en un ayer. Ese mundo tan real, por el mometo se ha convertido en un recuerdo.

Sentirnos vulnerables y sin la posibilidad de abrazarnos, hace que el deseo de querernos se haga más fuerte. La situación de inseguridad que estamos viviendo, nos une. ¿Por cuánto tiempo?. Esperando que, estos malos momentos no sean duraderos, muchos extendieron sus brazos con saludos, mensajes, canciones, ayudas solidarias vieron sus brazos crecer, que de alguna forma se abrazo a la distancia.



La empatía por el sufrimiento del hermano te llama a fortalecer la FE y ESPERANZA, como puente para caminar juntos y unidos, así enfrentar el dolor, la muerte, la pobreza, la indiferencia, la irresponsabilidad, el desorden. Construir un puente con solidaridad, generosidad, confianza, y amor, es el deseo y mensaje de este texto. Como reflexión dentro de la filosofía de educación de Paulo Freire, tenemos una situación difícil, una oportunidad para aprender, ¿Qué es aprender? el cambio de actitudes frente a situaciones de desorden, de peligro. Para que el aprendizaje sea efectivo, debe seguir un proceso en la educación que nazca y se fortalezca en la familia, la cual debe ser muy bien constituida. Sintetizo esta reflexión con un poema que lleva el mismo nombre de este texto:

### **El Abrazo**

¡Que bello era ayer!  
cuando en la calle  
en una esquina.  
En tu casa o en la mía  
abrazos y mucho cariño  
desbordaba el alma mía.  
El cariño crece,  
hoy, mis brazos han crecido.  
Y a dos metros, y a kilómetros  
mis brazos, te alcanzan  
y te puedo abrazar  
¡Te quiero más!  
Si tú sufres, yo también.  
Tu dolor, es mi dolor,  
Siento tu energía y  
me ayuda a caminar,  
¿Sientes también la mía?  
¡Ven! juntos construiremos el puente  
sobre el mar y la oscuridad.  
Y tu abrazo y el mío se van a encontrar.

Camino en la neblina,  
neblina que no me deja ver,

mis brazos sienten la fría humedad,  
algunos ya se han ido  
¿tu llanto, tu dolor ha debilitado  
la energía de mis brazos?  
a veces, ¡sí! cuando veo, a la neblina  
dominar.  
Pero ahí, ¡estás tú!, con solidaridad,  
generosidad  
confianza y serenidad.  
¡Abrazos!!  
Abrazo para calmar el dolor, la tristeza  
la ansiedad y hasta el odio.  
Siento tu energía y  
me ayuda a caminar,  
¿Sientes también la mía?  
¡Ven! juntos crucemos el puente,  
¡si queremos!  
¡Ven!, abracemos un nuevo amanecer!  
(Miriam Baumann- Gutiérrez, 2020).

Tercero Texto:

### **Un tiempo entre sombras y ocaso**

Recuerdo muy bien el día viernes 14 de marzo, cuando en el colegio ya se hablaba de este virus y de la posibilidad de hacer aislamiento social, pero pensando en algunos días metidos en casa... me pareció algo bueno para disfrutar en familia todos reunidos, descansar, poder hacer muchos arreglos y tantas cosas con los seres que amamos. El día domingo el presidente decreta cuarentena obligatoria en todo el Perú. Llegó el día lunes 16 de marzo del año 2020 todas las personas salieron desesperadas a comprar sus alimentos y lo más necesario; se escasearon los víveres, agua en bidón, el arroz, azúcar, aceite papel higiénico, entre otros... subió el precio de todo.... ¡pobres familias que no tenían trabajo!.... Así pasaban los días del mes de marzo, a medida que estos iban, me sentía desesperada, angustiada, encerrada en cuatro paredes ¡no podía soportarlo!, me sentía morir. Un día salí a la calle a caminar,

pero me hizo regresar la policía, no había gente, ni carros...me puse mucho peor.... ¡qué angustia!, sentí en carne propia lo que era el estrés por primera vez...todo me parecía una película de terror, una pesadilla que no sabía cómo despertar...

El día jueves 01 de abril se iniciaron las clases virtuales, sin tener datos de nuestras estudiantes, buscamos en fichas de matrícula, en el Facebook, ya que los números que se tenían no respondían o no las conocían.... Esto nos cogió desprevenidos sin datos en el sistema, sin preparación para desarrollar las clases por Whatsapp... Esto nos estaba sucediendo porque muchas de nuestras estudiantes son de escasos recursos y no cuentan con un celular, se prestan números para la matrícula o tienen un chip que luego le dan de baja o cambian... esto ha ocurrido durante todo el año....

Mientras tanto mi vida pasaba sentada frente a una computadora y el celular, desde primeras horas de la mañana hasta media noche, tratando de buscar la mejor manera de comunicarme con mis estudiantes por medio del Whatsapp... no había otra manera...armar toda mi clase con imágenes, mensajes y la información que deseaba enviar... todos los días sentada, con múltiples dolencias, se agudizó mi reumatismo.... Sin embargo, sacando fuerzas y poniéndole ganas y empeño para hacer mi labor de la mejor manera que pueda llegar a mis estudiantes...

En un día cualquiera mientras hacía mis clases, podía escuchar los audios que me enviaban, en uno de ellos se filtraba el mugido de un toro en el campo, en otro el llanto de un bebé que estaba a su cuidado, los llantos por la pérdida de un familiar. También, un mensaje como: "profesora no tengo señal", "no tengo dinero para la recarga, estamos toda la familia contagiada", "voy al campo porque no tenemos dinero para mantenernos aquí y no podré interactuar".

En otro lugar, que no tengo ni idea dónde, se encuentran adolescentes que pueden comprender la realidad de sus padres o quizás culpen de su desgracia al no poder realizar sus clases virtuales y me imagino su desasosiego al pensar ¿Por qué le sucede esto?

Este año no fue muy bueno para muchas de nuestras estudiantes, porque no se logró de la manera que esperábamos, por las dificultades en la conectividad y falta de internet, no contar con un celular para trabajar y situaciones difíciles en familia. Mientras que otras estudiantes que disponían de una computadora, desarrollaron

habilidades en el manejo de información y presentación de sus evidencias.

Por otro lado vi con mucha alegría cómo nuestro planeta por fin respiraba sin contaminación, los animales comenzaron a ocupar las calles y nosotros los humanos encerrados, pensé que esto nos iba a calar hondo y produciría al fin un cambio de actitud de las malas costumbres, pero me equivoqué... hoy nuevamente se ha recuperado los basurales en calles y ríos.

Sentí el valor que tenían el personal de salud y el inmenso trabajo que realizaban para salvar vidas, los policías al reguardar a la población, las familias de nuestras estudiantes que encerradas y sin trabajo tenían que vérselas para alimentarse, protegerse y seguir las clases desde sus hogares. Mi admiración y respeto al personal de limpieza pública que recogía la basura a diario. Todos de alguna forma reinventaron sus trabajos: los maestros y alumnos con celular de manera obligatoria algo que hasta el año pasado era prohibido, las misas se hicieron virtuales, se abrieron los mercados itinerantes, mucha gente hizo trabajo virtual....

Hoy, con el dolor de las personas que amamos y partieron sin un adiós ni un te quiero... todavía puedo agradecer por este año que pasó, porque me brindó trabajo, tener a mi esposo e hijos juntos y sanos, alimentación, un lugar donde cobijarnos del frío y protegernos de este virus...

Freire (1997) tenía razón al decir que “la educación verdadera es *praxis*, reflexión y acción del hombre sobre el mundo para transformarlo”. Es un canto de amor, de coraje hacia la realidad que no teme y que más bien busca transformar con espíritu comprometido y fraternal.... Este golpe tan grande que sufrió el mundo con la pandemia no nos puede dejar estáticos, era momento de reaccionar y a pesar de nuestras debilidades y carencias, hacerle frente y salir adelante, pensando en las necesidades, sentimientos y vivencias de cada una de las familias de nuestras estudiantes.

¿Qué podría decir de todo lo que sucedió?, creo que era la mejor solución a tanta contaminación del mundo, todo nuestro planeta pudo respirar por unos días, algo increíble salieron libres los animales, las aguas del mar se veían limpias, las plazas y parques también limpios.

Esperamos este bendito año 2021, con muchas ilusiones, con logros en la educación, que las experiencias vividas sean aprovechadas de la mejor manera.

Mis chicas han crecido, no me refiero a tamaño porque no las veo, pero de corazón de creatividad, de sueños de vida...siempre esperaban tener un ejemplo para realizar algo, pero hoy la mayoría se desempeñan responsablemente. (Olga Soriano Torres, 2020).

## **Notas finales**

La experiencia vivida, los relatos escritos y compartidos dentro de las reuniones virtuales, escuchar sus comentarios reflexiones y sentirnos, en un tiempo tan complejo y difícil fue muy importante para comprender que Freire, en medio de la pandemia, revive una esperanza en la cual nosotros los maestros nos convertimos en un recurso humano fundamental; una luz capaz de guiar un camino sombrío y doliente. A modo de conclusión compartimos las siguientes reflexiones.

Es necesario dejar documentos de estos acontecimientos, que estamos seguras nos ayudarán a modificar nuestras actitudes frente a sucesos como lo es hoy en día la Pandemia, documentos que por azares de la vida nos tocó compartir con un grupo muy dinámico y creativo... se unieron redes, se unificaron sentimientos, ideas y los matices para plasmarlo en escritos, sin importar las distancias ni horarios.

Como reflexión ante la realidad que hoy se vive, tenemos una sociedad con muchas carencias, precariedades y necesidades. Nadie lo esperaba y de la manera que se está presentando, mucha gente vivía tranquila con su modo de vida que en muchos casos era cómoda y segura, con amigos familiares que jamás pensarían que les tocaría su momento de partir, pero esta enfermedad no respetó edad, nivel económico, hermoso o feo, culto o analfabeto. Mucha gente que trabajaba desde el anonimato con un trabajo "normal", llegó a ser valorado.

Cuando hablamos de educación en tiempo de pandemia, nos entristece mucho no poder ver directamente las caritas de nuestros estudiantes, ahora trabajamos muchas horas sentadas frente a una computadora, abandonando a nuestra familia y sin lograr los aprendizajes que quisiéramos; los padres cambiaron sus roles ahora son maestros de sus propios hijos, muchos hijos adolescentes dejan sus estudios por apoyar en la economía de la familia... es increíble: la vida cambió, las costumbres cambiaron algunas para bien y otras están mucho peor. Estamos totalmente de acuerdo con Freire (1997) que cada uno es el autor de su propia historia, entonces esta historia se la debe enrumbar desde la familia, formando valores importantes para vivir en sociedad y respetando el ambiente para ello se debe tener cuenta que se aprende desde que el niño está dentro del vientre de su madre, por ello, como respuesta al compromiso frente a la transformación de esta realidad, la propuesta es llevar un plan educativo de enseñanza aprendizaje integrando el aspecto emocional, psicomotor e intelectual, a las familias con niños desde los cero meses hasta los tres años, con temas claros y concretos, como la lecto escritura en los cuales cada integrante de la familia participe para aprender y enseñar. Debemos seguir luchando, protegiendonos y cuando se termine esta enfermedad nos esperan momentos felices llenos de gratitud y esto que hoy nos toca vivir quedará como un recuerdo, un episodio más en el recuerdo de la historia.

## Referências

CUIÑAS, A.G. Hacia una teoría de la escritura epistolar, In: **Bulletinhispanique** [En línea], 118-2 | 2016, Publicado el 15 diciembre 2019. Disponible em: URL: <http://journals.openedition.org/bulletinhispanique/4568>; DOI: 10.4000/bulletinhispanique.4568. Acceso em 29/08/2021.

FREIRE, P. **Pedagogía de la esperanza**. Un reencuentro con la "pedagogía del oprimido". Ed. Siglo Veintiuno XXI editores. México. 2013.

\_\_\_\_\_. **Educación como práctica de la libertad**. 45º ed. Ed. Siglo Veintiuno XXI editores. Madrid. España. 1997. Disponível em: (8) (PDF) Freire Paulo - La Educacion Como Practica De La Libertad PDF | Francisco Ricardo Alvarez Constantino - Academia.edu. Acesso em 29/08/2021.

PEÑA, P.A; VERGARA, P.A; CRUZ, M.E; PAREDESB, C.L. **Teorías implícitas sobre los procesos de escritura:Relación de las concepciones de estudiantes de Pedagogía Básica con la calidad de sus textos**. In:Estudios Pedagógicos XLII, N° 3: 7-26. Chile. 2016. Disponível em:<https://scielo.conicyt.cl/pdf/estped/v42n3/art01.pdf>. Acesso em; 29/08/2021.

PERÚ, Ministerio de Educación. *Minedu: Enfoque del Área de Comunicación desde el Currículo Nacional*. In: AMAWTA. 2020. Disponível em: PPT ENFOQUE COMUNICACIÓN.pdf - Google Drive. Acesso em 29/08/2021.

RAMONET, I. **La pandemia y el sistema-mundo- un hecho social total**. In: *Comunicación* 190-191, pág. 95-124. 2020. Disponível em: [http://comunicacion.gumilla.org/wp-content/uploads/2020/09/COM\\_2020\\_190-191\\_95-124.pdf](http://comunicacion.gumilla.org/wp-content/uploads/2020/09/COM_2020_190-191_95-124.pdf). Acesso em; 29/08/2021.

RODRÍGUEZ-CEBERIO, M. **Psicólogos en el frente: la atención durante la crisis del Covid-19. De las emociones tóxicas a la salud psicológica**. In: Archivos de Medicina, Volumen 21 N° 1 - Enero-Junio de 2021. Págs. 225-237. Disponível em: <https://doi.org/10.30554/archmed.21.1.3941.2021>. Acesso em; 29/08/2021

SUAREZ, E.G. TORO, R.M. **Evaluación del desempeño docente: Preparación para el aprendizaje de los estudiantes en el Marco del Buen Desempeño Docente**.In: Revista de psicología educativa, 6(2). 2018. Disponível em: doi:<http://revistas.usil.edu.pe/index.php/pyr/article/view/236>. Acesso em 29/08/2021.

TERRÓN, J.M.A. **Introducción a Las Teorías de la Comunicación y la Información**. In: Departamento de Información y Documentación Facultad de Comunicación y Documentación. Universidad de Murcia, 2004. Disponível em: [https://www.um.es/tic/Txtguia/IntroduccionalasTeorias%20de%20la%20Informa%20\(20\)/TIC%20texto%20guia%20completo.pdf](https://www.um.es/tic/Txtguia/IntroduccionalasTeorias%20de%20la%20Informa%20(20)/TIC%20texto%20guia%20completo.pdf). Acesso em 29/08/2021.

VALERY, O. **Reflexiones sobre la escritura a partir de Vygotsky**. In: Educere, vol. 3, núm. 9, junio, pp. 38-43 Universidad de los Andes Mérida, Venezuela, 2000. Disponible em: <https://www.redalyc.org/pdf/356/35630908.pdf>. Acceso em 29/08/2021.

VERDEJA, M.M. **El legado pedagógico de Paulo Freire: una pedagogía de la esperanza que nos invita a realizar una lectura crítica del mundo y soñar con las posibilidades de transformación en un mundo ético y profundamente solidario**. In: Revista Voces de la educación. p. 50-67. España, 2020. Disponible em: <https://www.revista.vocesdelaeducacion.com.mx/index.php/voces/article/view/320>. Acceso em: 29/08/2021.

## SITES

EcuRed. Investigación - Acción. Disponible em: [https://www.ecured.cu/index.php?title=Investigaci%C3%B3n\\_-\\_Acci%C3%B3n&oldid=3521159](https://www.ecured.cu/index.php?title=Investigaci%C3%B3n_-_Acci%C3%B3n&oldid=3521159). Acceso em; 29/08/2021

Psicología Ambiental. Disponible em: [http://www.ub.edu/psicologia\\_ambiental/unidad-2-tema-4-5-2-3](http://www.ub.edu/psicologia_ambiental/unidad-2-tema-4-5-2-3). Acceso em; 29/08/2021





## As três faces do florescer

*Jane Marchon Cordeiro Celestino*

*Roberta Dias de Sousa*

*Ruttyê Abreu*

### Semente

Tipo um girassol, meu olho busca o sol  
Mano, crer que o ódio é solução  
É ser sommelier de anzol  
Barco à deriva sem farol  
Nem sinal de aurora boreal  
Minha voz corta a noite igual um rouxinol  
No foco de por o amor no rol  
Emicida, 2019<sup>1</sup>

Inspiradas nos versos do cantor/escritor/rapper Emicida, buscamos sementes de esperança para semear em corações e mentes que estejam ávidos por vida. Desde o mês de março do ano de 2020 a insegurança, o medo e a saudade vem batendo à nossa porta. Portas essas que se encontram ora abertas, ora fechadas num vaivém de medidas de isolamento e segurança que trancafiaram nossas idas e vindas, nosso viver, nosso cotidiano, transformando nossas práticas e ações progressivamente e por enquanto, definitivamente.

O fato vivenciado mundialmente e que teve seus indícios no final do ano de 2019<sup>2</sup>. O Coronavírus (SARS-COV-2), se alastrou como pulgões ou ervas daninhas interferindo negativamente no

---

<sup>1</sup> Trecho da música Principia de autoria de Emicida, Pastor Henrique Vieira, Pastoras do Rosário e Fabianna Cozza. Fonte: LyricFind 2019.

<sup>2</sup> Consultar no artigo "Janelas da Quarentena: Experiências latinoamericanas de formação entre docentes do Brasil e Peru" que abre essa seção.

semear, germinar e florescer da esperança em nossas vidas. As notícias vindas de outros países nos alertavam sobre a proximidade de uma doença, a Covid-19, que chegou e tomou conta do nosso território brasileiro rapidamente.

No misto de notícias confusas e difusas, brasileiras e brasileiros foram tentando entender quais seriam as novas formas de convivência, tanto no trabalho diário, quanto nas escolas e em seus lares. Mundialmente, todos os países orientados pela OMS<sup>3</sup>, anunciaram a necessidade de redobrar os cuidados com a saúde e as medidas sanitárias. Foi então, que no início de março tivemos a primeira vida ceifada pela doença<sup>4</sup>, e no dia 16 do mesmo mês, as escolas fecharam suas portas limitando e anunciando que nossas aulas e nosso cotidiano escolar, assim como nosso fazer docente, mudariam por tempo indeterminado.

Foi assim, de forma repentina, que nos vimos privadas da convivência com as amigas e amigos, do contato com os familiares e da livre circulação nos espaços públicos. Parecia que estávamos como *um barco à deriva*, que navega sem direção, sem bússola, enfrentando ventanias e tempestades interior e exteriormente. O que fazer ante às ausências? Quem poderia dizer a direção a ser tomada? Como repensar e reorganizar uma vida que era pautada no excesso de atribuições, na falta de tempo, na troca e nos afetos?

Nós três, professoras da educação básica de municípios distintos do estado do Rio de Janeiro, precisávamos nos reconstruir neste novo tempo. Procurar pelas frestas o sol que pudesse nos tocar para conseguirmos seguir e fazer brotar a semente que, por ora, estava infértil. Nessa perspectiva de reconstrução, nos encontramos nessas escritas sobre o momento pandêmico, na tentativa de organizar as imposições que nos eram feitas pelo vírus, pela sociedade, pelo governo e pela vida que decidiu fazer seu próprio caminhar sem consulta prévia, desconsiderando até

---

<sup>3</sup> Organização Mundial de Saúde.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/economia/primeira-parcela-do-auxilio-emergencial-nao-chegou-a-1-3-dos-solicitantes-aponta-datafolha>. Acesso: 27/03/2021

mesmo nossas pequenas intervenções diárias que tentam demonstrar controle sobre ela.

Tendo como intenção não só *por o amor no rol*, mas junto a ele, a esperança do esperar (FREIRE, 1993), a arte de viver e a fé na vontade de retornar às convivências cotidianas com a perspectiva de refletirmos sobre a experiência que nos passa e nos acontece (LARROSA, 2011). Assim, deitamos sobre o papel a escrita de narrativas nos cadernos da quarentena. O papel tornou-se cúmplice do que compartilhamos nesse texto, ampliando nossas reflexões certas de que não seremos mais as mesmas depois de *escreverviver* o tríptico presente proposto por Paul Ricoeur (2010), em que diz que a alma percebe o presente do passado (memória), o presente do futuro (espera) e o presente do presente (percepção). Nesse aporte, consideramos que ao escrever, narramos a pandemia (percepção), lembrando o passado vivido antes do isolamento (memória), buscando compreender o acontecimento, com vistas para o futuro (espera) em que desejamos poder reencontrar amigos, abraços, amores, e porque não dizer, reencontrar a nós mesmas.

Desejamos a vacina para todos, desejamos a escola, desejamos a liberdade que nos foi retirada não só pela chegada do vírus, mas pelos numerosos acontecimentos que se sucederam evidenciando as desigualdades sociais, ao mesmo tempo em que a ciência e a pesquisa foram sendo ameaçadas e desacreditadas afetando a saúde nacional, a informação e o desenvolvimento social. A pandemia que hoje, 13 de março de 2021, completa um ano do fechamento das escolas e a necessidade do distanciamento, atingiu com extremo pesar a marca de 300.000 mil<sup>5</sup> mortos no país, por tantas perdas e pela busca de semear a semente da esperança guardamos, ainda, sentimentos e declarações não feitas.

---

<sup>5</sup> Fonte: <https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&mid=%2Fm%2F016wzw&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419>. Acesso em: 22 mar 2021.

## Declarações não feitas e/ou do sentimento guardado

*“Tanto tempo longe de você  
Quero ao menos lhe falar  
A distância não vai impedir  
Meu amor de lhe encontrar...  
Cartas já não adiantam mais  
Quero ouvir a sua voz  
Vou telefonar dizendo,  
que eu estou quase morrendo  
De saudade de você (...).”*  
Roberto e Erasmo Carlos

Não por acaso essa música de Erasmo Carlos foi selecionada para o álbum de Marisa Monte – Memórias Crônicas e Declarações de Amor – e que agora percebo, uma breve analogia ao título deste curto texto. Estamos em um isolamento provocado pelo CORONAVÍRUS ou SARS-COV-2, um vírus que surgiu com uma nova variante na China em dezembro de 2019 e foi se espalhando mais rápido que os diversos sentimentos oriundos no durante e entre tantos períodos que temos vivido. Além da Covid-19, tem mais ódio do que amor nesses dias, mais desprezo que valor e mais dor.

Desde março de 2020, para muitos de nós aqui no Brasil, até o mês de julho (mês em que escrevo este texto) muitas insanidades intercaladas com a saúde têm ocorrido no cenário político, econômico e social, tanto local quanto mundial. Enquanto nós, os seres tomados de mais temores, seguimos obedientes dentro de nossas casas, tentando evitar o invisível.

É preciso coragem para viver, já dizia Guimarães Rosa. Quem diria que sentiríamos falta dos afazeres mais corriqueiros do nosso cotidiano? Tantas incertezas...

Faz pensar, faz refletir no *eu te amo*, não dito, no pedido de desculpas não feito, no abraço não dado, no beijo recusado, nos afetos, no toque, nos relacionamentos, nas relações com o outro, com os outros. Tomou-nos agora, para aqueles que dispõem de recurso financeiro, apenas o contato virtual. Virtualmente encontros, aulas e trabalhos vão sendo feitos recheados por cobranças (que muitas colegas de profissão passam) em que saber do outro não importa. Importa quantas *lives*

assistidas, quantos congressos inscritos, quantas aulas remotas preparadas, as inúmeras atividades que não alcançam as minorias, computar a carga horária, a quantidade... o quantitativo... e a vida?

O capital ainda marca nossa forma de viver, infeliz de quem pensa que não. A solução por meios digitais acabou por ressaltar ainda mais nossas diferenças e vulnerabilidades sociais.

Imbuídas em acreditar na esperança como verbo, as professoras vêm tentando alcançar as crianças na escola onde atuo como professora do 5º ano do ensino fundamental. Por aqui, Direção e Equipe Pedagógica composta por duas pedagogas juntamente com professoras regentes, se uniram para compreender a distância, as dificuldades, as especificidades de cada núcleo familiar. Nossas ações vão à busca de tentar ofertar uma aprendizagem significativa em meio à pandemia, mas como retomar o contato com a turma interrompido em março e dar continuidade ao planejamento antes elaborado? Que planejamento faria mais sentido agora?

Constatamos em pouquíssimo tempo que nosso fazer docente entraria em mutação para outras formas de estar com os pequenos. Formas que demonstrassem nosso cuidado e preocupação com as desigualdades enfrentadas pelas famílias das classes populares na nossa comunidade. Os dias não foram e não são mais os mesmos.

Em maio, após um extenso trabalho de mapear as famílias e contatá-las, tivemos o primeiro encontro pelo aplicativo *zoom*, com a turma em que atuo. Ao abrir a sala virtual recebo os primeiros sorrisos e declarações das crianças: “Tia, eu estava morrendo de saudade de você!”, “Amigo, parceiro, que saudade de você cara!”; “Tia Rutyê, vai demorar muito? Quando é que a gente volta?”

Tantas perguntas... Se instalou uma nova rotina a aprender, novas formas de ouvir e falar e dias interpelados pelos desafios de usar a internet como ferramenta primordial. Cai a luz, cai a internet, falha do aplicativo... e agora? Agora é preciso calma e coragem, afinal somos professoras e não blogueiras, editoras de vídeos, conhecedoras de aplicativos. O que já podemos afirmar é o fato de que numa concepção freireana: estamos aprendendo uns com os outros!

Entre essas linhas e leituras para elaborar as atividades remotas, percebo que no rádio terminou a música que me embalava nos trabalhos. Nos últimos versos canta Marisa Monte: *“Mas no dia que eu puder lhe encontrar, eu quero contar o quanto sofri, por todo esse tempo que eu quis lhe*

*falar(...)*”. Aguardamos pelo reencontro, com declarações não feitas e muita vontade de retomar nossas vidas em algo novo que ainda está surgindo. (Narrativa de Rutyê Abreu, 2020).

Nas poucas pistas que obtivemos durante os meses iniciais do isolamento, fomos tentando alcançar as famílias da comunidade escolar que estávamos inseridas. As ações foram diversas, apesar da dificuldade aos poucos foram aparecendo mais e mais rostinhos na tela do computador e do celular. Era o prelúdio de que estávamos construindo dia a dia a coragem para refazer e reinventar nossas práticas com as crianças.

Ali, naqueles dias fomos compreendendo a fala de Larrosa (informação verbal <sup>6</sup>) em uma palestra, onde usa de forma figurativa a relação do personagem ambivalente dos contos: o Ogro. Tal como o personagem que necessita das crianças, nós professoras, também necessitamos dos pequenos para beber da alegria que emanam nos alimentando para exercer nosso fazer docente. Uma relação *dodiscente* (FREIRE, 1996) que durante todo o ano de 2020 foi pautada pelo uso das tecnologias e aplicativos, mantendo para nós a importância de *aprenderensinar* mutuamente.

Contudo, não havia resposta certa para as perguntas que insistiam em nos habitar, porém havia a certeza que de alguma forma, a relação e o contato diário com as crianças não fora interrompido alimentando-nos de afeto, tanto as professoras quanto as crianças.

## **O broto**

No momento em que éramos absorvidas pelas novas circunstâncias, fazer parte de um coletivo foi nos auxiliando a ressignificar as experiências que estávamos vivenciando, além disso, nos fez reconstruir nossas práticas e nossos caminhos na educação das infâncias.

---

<sup>6</sup>Minicurso: Vir ao mundo, entrar na escola: hospitalidade da leitura. Ministrado por Jorge Larossa na Cátedra UNESCO de leitura PUC - Rio: Rio de Janeiro, 2012.

Em um primeiro momento, quando nos foi proposto começar as aulas de forma remota, tendo a ciência que nossas crianças e suas famílias, muitas vezes não tem ao menos um celular disponível e que as redes móveis não os alcançavam, nos pareceu uma decisão absurda. Convictas da educação que militamos e do que queremos proporcionar às nossas crianças e de que por isso não queremos “nenhuma a menos”<sup>7</sup>, compreendemos assim, que essas crianças e suas famílias sem acesso teriam seu direito à educação negado.

A princípio não queríamos aceitar que essa era a solução para manter o aprendizado das crianças. Vídeos, telas, mensagens de áudio, seriam realmente as melhores maneiras de manter um vínculo com os pequenos? Com essas inquietações, caminhávamos para o segundo encontro com as/os docentes Latino-americanas/os.

#### Manual de instruções

Sentada, pernas cruzadas e uma luz do sol entrecortada pela grade.  
Quantas coisas eu poderia e queria fazer. Mas é o dever que me guia,  
pelos meus.

Um turbilhão de sentimentos surge, mas o que eu me apego é a  
decepção,

Na humanidade

Nas pessoas

No futuro

No presente

Na escola

Não aquela escola que conhecemos e que tentamos mudar com toda  
força faz tanto tempo e muitas vezes conseguimos.

Não a escola da Amanda, do Daniel, da Jane, da Danusa, do Phellipe,  
da Martinha, do André, da Regina, da Rutytyê e da Isabele.

---

<sup>7</sup> A expressão é inspirada no título do filme chinês: “Nenhum a menos” que retrata a busca de uma menina de treze anos que estava responsável pela única turma do pequeno vilarejo em que morava e que havia sido orientada pelo professor que se ausentou a não permitir nenhum a menos quando ele retornasse com a promessa de lhe pagar a mais por isso.



A escola que começou a existir em 2020 e que finalmente mostrou de verdade a que veio.

A escola que coloca mais energia nos “conteúdos” do que na vida;  
A escola que prefere contar horas letivas no lugar de experiências e sentimentos;

A escola que opta por folhas de atividades virtuais no lugar de afeto.  
Quando vejo famílias e professores preocupados e questionando avaliações durante a quarentena

eu me pergunto: em que momento resolvemos colocar nossos corações e nossa alma nos armários de ferro da sala de aula?

Ou quem sabe em nossas geladeiras.

Quando foi que deixamos de nos preocupar e nos importar com o outro,

com vidas,  
com histórias  
e amores?

Se fossemos ler o mundo antes da palavra, nesse mundo que temos e lemos agora,

Hoje provavelmente só estaríamos habilitados a codificar manuais de instruções.

Frios, diretos e nem sempre dizendo a coisa certa a se fazer.

Precisaríamos repensar nossas práticas, se um vírus mortal que atingiu o mundo ainda não foi capaz de humanizá-las, o que então será? (Narrativa de Roberta Dias, 2020).

Nossa primeira reação, tão contrária, perplexa e desacreditada, começa a ganhar outros caminhos. Em nossos diálogos com nossas/os companheiras/os Latino-americanas/os, percebemos que nossas dificuldades e entraves não eram tão nossos. A realidade da educação em outros países apresentava-se mais complicada do que as nossas em alguns relatos. Percebemos ainda que essas trocas com as crianças de forma remota, apesar de não substituir as aulas presenciais, eram necessárias em outros aspectos. Manter um diálogo com as crianças, tornar alguns momentos dos seus dias de confinamento com outra perspectiva para além da espera por dias melhores, ou pelo retorno. Tivemos

que reaprender juntas/os, de forma dura, em um tempo que não era o nosso, mas sim que a vida nos impunha.

## **A flor**

Com as imposições da pandemia, que cada vez mais se agravava, foi preciso buscar em cada uma de nós as (re)existências de mulher, mãe, professora, filha, militante pela vida e educação. Cada uma de nós, autoras desses escritos, buscou em suas atuações semear, ver brotar e florescer a esperança, do verbo esperar que compreendemos a partir de Freire (1993) O esperar que nos moveu a coletivamente, encontrar caminhos para seguir buscentes, na vida e na lida docente junto com as parceiras brasileiras e peruanas durante os encontros em que as janelas se abriam como possibilidades de propor modos outros de estarmos juntas.

### **Tempo de sol, tempo de girassol**

Um dia acordei e me perguntei: “Cadê o sol que foi embora e hoje não me visitou pela janela? Cadê o sol que emudeceu os pássaros e deixou o cinza que entristeceu meu dia?”

Logo, me peguei arrumando a casa, umas caixas, armários, na tentativa de me arrumar por dentro também, pois a ausência do sol coincidia com o anúncio do que estava por vir. O isolamento, em meio a uma pandemia.

O corpo, insistente, não entendia e ainda não entende a necessidade de ficar dentro de casa. Quer sair, quer ver o mundo, mas o mundo agora é uma tela, e é por ela que vejo as notícias, que nem de longe são animadoras. Lá fora, há o medo que assusta, mas que também é protetor, ensina a cuidar. Cuidar de mim, cuidar da casa, da família, dos amigos, cuidar “das gentes” numa intensidade tamanha que a casa se transformou em uma verdadeira trincheira.

O tempo já não é mais aquele do coelho, personagem atribulado do conto de *Alice no País das Maravilhas*, que dizia: “estamos atrasados, estamos atrasados!”. Como o coelho, vivia correndo de lá para cá, atrás do tempo perdido, vivendo os atrasos. Atrasos na produtividade, exigida pelo tempo cronometrado do

relógio. Assim, precisei buscar outros modos de viver o tempo. Desacelerar os pensamentos, aquietar o coração, ser mais compreensiva comigo e com os outros.

Procurei nos afazeres domésticos reconectar-me com minha casa, com as minhas memórias. Cozinhar, lavar, plantar, molhar as plantas...Nesses fazeres, vou (re)descobrir saberes escondidos no pano de fundo da vida acelerada que insistia em afirmar que “o tempo não para”, como cantou Cazusa. E não é que o tempo parou? Parou quando o abraço se foi, quando a escola já não é o paradeiro certo das manhãs de minha filha e nem o café da manhã é com as companheiras do trabalho. Não encontro mais as crianças e professoras em minhas andanças pelas escolas do município tão diverso em que trabalho e resido.

Num piscar de olhos, a pandemia acelera uma estranha forma que a vida nos impõe a viver as ausências, umas temporárias: mãe, pai, irmãos, sobrinhos, amigos e outras com a intensidade da finitude: Iramária, Sueli, Bárbara. Os números apresentados nos noticiários passaram a ter nome, endereço e parentesco. O isolamento tem sido facilitador dos rituais da saudade, abraços que confortam, flores de despedida já não são possíveis.

Atravessada pelo cotidiano que se apresenta foi preciso conjugar outra vez o verbo ESPERANÇAR e encontrar em Paulo Freire muitos caminhos para continuar e seguir. É preciso pirraçar com a vida; assim procuro tudo aquilo que me faz viver os caminhos de dentro: medito para não esquecer que é preciso respirar, escrevo como ato político, para organizar o pensamento e deixar vestígios de memórias. Choro, canto alto, às vezes danço despreziosamente pela casa. Nos guardados rememoro histórias de família, me permito peraltar com Rara, minha filha, revisito a costura, que me reaproxima de minha mãe com gosto de saudade, encontro amigos e família pelas janelas virtuais que se abrem para encontros possíveis.

As janelas virtuais, os encontros possíveis, têm me proporcionado, como professora pesquisadora, no exercício da docência, a fazer desvios. Desvios impensáveis, responsáveis, incansáveis, necessários para seguir mesmo diante do cenário que se apresenta. Tenho o desafio de seguir, reinventar uma nova história para o meu fazer docente junto às professoras que comigo dividem suas trajetórias de *vidaformação*. Convido-as ao posicionamento político e

a defender o que sabemos fazer de modos outros, como nos conclamava Paulo Freire. Este *saberfazer*, como potência para construirmos diálogos que nos possibilitem conjugar o esperar com muitas vozes, esperança que não espera, mas que nos move. Foi assim com ele durante a ditadura e mesmo com todo seu cotidiano revirado foi capaz de denunciar e anunciar a(s) histórias vividas como luta e resistência. Essas "Pílulas Freireanas" que me acompanham já há algum tempo, têm me levado a um permanente processo de tornar-me responsável por seguir, mesmo quando o sol não aparece. Nesses dias eu planto girassóis e assim, me permito com eles "floreSer".

Itaboraí, Rio de Janeiro, Brasil  
outono/inverno de 2020  
(Narrativa de Jane Marchon, 2020).

Pelas portas, atualmente janelas que se abriam, nas músicas cantaroladas, com "pílulas freireanas", deitamos palavras no papel, narrando o tríplice presente de Ricouer (2010) - a percepção, a memória, a espera - como um modo de compartilhar em escrita outra as lutas e (re)existências e afirmações docentes que nos fazem apesar de, regar esperar nas *Três faces do florescer*: a semente, o broto e a flor.

Reguemos!!!

## Referências

ARAÚJO, M.; ABREU, R. TIA, TEM QUE TER O RECREIO! Desafios de *aprenderensinar* na pandemia. In: TAVARES, Tereza; GOBBI, Márcia. Orgs. **Professores/as pensam Infâncias e/na cidade em tempos de (pós)pandemia**. Rio de Janeiro, Ed. Nau, 2020.

FREIRE, P. **Conscientização**. São Paulo: Centauro, 1980.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança.** Um reencontro com a pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

LAROSSA, J. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação.** Santa Cruz do Sul: v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011.

RICOUER, P. **Tempo e narrativa - O tempo narrado.** Trad. de Claudia Berliner – revisão da tradução de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

## Mirando desde Paulo Freire

Ana Villanueva

Luz Sánchez

Yhina Bardales

Es un placer compartir este artículo realizado con gran empatía y concientización por un futuro mejor, elaborado por Anita, Luz y Yhina, profesionales de distintas carreras y habilidades que se unen a través de la virtualidad por dos grandiosas redes como son: Red Desenredando Nudos y Red Diálogos de la ciudad Cajamarca en Perú, donde comunicarnos a través de los medio tecnológicos ha sido trabajoso, pero también motivador de coincidir para compartir ideales comunes en medio de esta situación de incertidumbre e indiferencia que se percibe en medio de la pandemia COVID-19 a nivel mundial.

Ha sido retador atravesar las pantallas como celulares y *laptops* para compartir nuestros escritos a manera de prevención y respeto por la vida, donde compartimos y dialogamos en el proyecto Memorias de Cuarentena entre Brasil-Perú en el año 2020, participando a través de vivencias educativas, experiencias personales y reflexiones bajo la pregunta ¿Qué haría Paulo Freire, en medio de la pandemia?. Ha sido alentador mes a mes leer, aprender, escuchar a todos nuestros compañeros de grupo sobre sus reflexiones a pesar de tener dos idiomas tanto portugués y español se sumaba esfuerzos por brindar lo mejor de cada uno, acerca del Maestro Paulo Freire, quien con gran ímpetu logró sus objetivos e ideales de contribuir a una sociedad mejor a través de apoyo al prójimo, quien supo unificar la solidaridad, empatía y compromiso social por el bien común.

Es un honor poder presentarnos como autores ante tal privilegio y oportunidad que se nos brinda de expresar nuestra voz para abrir

caminos y fortalecernos en medio de tanta incertidumbre, soledad y necesidad, añoramos de corazón que nuestro lector pueda comprender la esencia que cada autor desea transmitir con la actitud y perseverancia de valores siempre al servicio de los demás.

Soy Ana Cecilia Villanueva Huamán, docente del área de Ciencias Sociales, con más de 20 años de servicio educativo. Actualmente trabajo en una Institución Educativa del nivel secundario exclusivo para mujeres, ubicado en el distrito, provincia y Región de Cajamarca – Perú, lugar en que me siento orgullosa de vivir por su naturaleza paisajística y cultural que alberga.

Siempre estuve convencida que para cambiar al mundo primero debe cambiar uno mismo; y esto se logra con la educación. Educación que se recibe y da desde la casa, escuela y la comunidad; es así como en el año 2017 cuando me invitaron a participar en las reuniones de la Red Desenredando Nudos, profundicé esta y otras ideas que se impartían durante las reuniones o tertulias programadas.

Poco a poco he ido aprendiendo y compartiendo experiencias educativas basadas en las expresiones del educador Paulo Freire; quien nos invita a reflexionar y mejorar constantemente ya que para el educador la esencia de ser docente está en mejorar continuamente, a fin de concebir un mundo más abierto y justo para todos, sostenido en relaciones sociales basadas en la solidaridad.

El tiempo ha ido avanzando y actualmente nos toca vivir en un contexto de pandemia, teniendo que vivir bajo una *nueva normalidad*, queriendo y no queriendo adaptarse a todo lo que implica estas palabras. Sin embargo, lo que sí hay que reconocer en este contexto es que nos demuestra una realidad personal, familiar, social, económica y educativa que merecen mucha atención. Es así como nace la idea de escribir bajo este contexto de cuarentena tomando como referencia a ¿Qué pensaría Paulo Freire ante esta situación? lo cual me permitió compartir reflexiones en tiempos de cuarentena en el grupo Memorias de Cuarentena Brasil – Perú.

Soy Luz Arlita Sánchez Vera, nací en la provincia de San Miguel departamento de Cajamarca- Perú. Hija de Daniel Sánchez Ortiz y María Vera Quiroz, soy la primera de seis hermanos a

quienes mis padres y abuelos nos criaron con mucho amor, nos enseñaron a valorar a la familia. Cuando era niña recuerdo que la escuela estaba lejos de mi casa, entonces, para empezar a estudiar mi abuela materna nos llevó a mi hermano y mi primo Matías a vivir juntos con ella; ella se encargaba de prepararnos los alimentos, nos enseñaba a hacer las tareas, por suerte sabía leer y escribir; para ir a la secundaria ya fui a vivir con mis padres quienes han seguido enseñándonos a vivir en armonía dentro de la familia, a compartir las tareas de casa, a jugar y a tener que seguir estudiando. Grande fue su decepción cuando en el último año me comprometí con el padre de mi única hija a quien la quiero mucho y ha sido el motivo de mi superación cada día, en esa relación no me fue muy bien, por eso, decidí seguir estudiando, mis padres y hermanos nunca me dieron la espalda.

Mis padres seguían con sus sueños y planes, que Luz, siga estudiando, es así que logré estudiar Educación en la especialidad de Biología y Química de la Universidad Nacional de Cajamarca y obtener una Maestría en Gestión Educativa Estratégica de la Universidad Nacional Pedro Ruíz Gallo de Lambayeque. Como docente, me inicié en zona rural en la provincia de San Pablo, así mismo trabajé en las provincias de San Miguel, San Marcos y hoy soy docente en la Institución educativa “Santa María Magdalena” de Cajamarca.

En el 2017 por la invitación de la maestra Silvia decidí ser parte de la Red Desenredando Nudos-Perú. Allí conocí a la maestra Isabel a quien agradezco mucho por su motivación para encaminar cambios en la práctica pedagógica y comparto su ideología. Descubrí que esta red es el camino para ganar experiencias pedagógicas bajo la pedagogía de Paulo Freire, pedagogía que nos hace falta para lograr la emancipación social. Trabajar en red y decidir seguir a Paulo Freire me permite crecer en lo profesional y personal; también me permitió compartir mi reflexión en tiempos de cuarentena en el proyecto Memorias de Cuarentena Brasil-Perú.

Soy Saira Eli Yhina Bardales Torres, nací en la ciudad de Guadalupe es una ciudad de la Costa Norte del Perú, capital del distrito de Guadalupe ubicado en la provincia de Pacasmayo,



en el departamento de La Libertad. Hija de Enrique Bardales Huamán y Juanita Torres Guerra, somos 7 hermanos, a los cuales quiero con todo el corazón, desde muy pequeña mis padres me enseñaron a amar a Dios, valorar a los ancianos, respetar a los mayores, proteger a los niños y ver por los necesitados. Me enseñaron que lo más importante es la familia y son sagrados, además de que el estudio es lo mejor y que me permitirá gozar de muchas oportunidades en la vida. Me despertaban temprano primero agradecer a Dios por el descanso reparador, luego para estudiar y cuando ya había sol me levantaban para ayudar en el negocio familiar y los quehaceres de la casa hasta que se acercaba la hora de la clase para ir a la escuela y así era la rutina desde que tengo uso de memoria. Así adquirí siempre los primeros puestos, nunca sentí que perdí algo de mi niñez, sin embargo, maduré muy rápido y me casé muy joven a los 18 años, tengo un hogar desde entonces, dos hijas maravillosas y un buen esposo, a quienes admiro y respeto cada día, me ha costado mucho mantener, pero también me ha generado muchas alegrías.

Con la ayuda de mis padres, suegros y esposo es una alegría compartir que soy Maestra en Dirección y Gestión del Talento Humano, Ingeniero de Sistemas y Coaching Educativo de Profesión, asesoro trabajos de investigación a través del método científico, superviso arquitectura de redes, edito videos, administro redes sociales, desarrollo talleres sobre habilidades blandas, me encanta escribir y soy apasionada del bienestar social integral, viviendo para servir, comprometida en mi labor, consciente de que todos sumamos si se hace con voluntad, amor y la bendición de Dios.

Recibí la invitación de pertenecer a reDiálogos en el 2020, en medio de la pandemia COVID 2019, por parte de Esther Llatas, a quien admiro y aprecio de corazón, desde entonces comparto sus ideales y fue grata la sorpresa que cada día sumamos para hacer de este un mundo mejor, avocados al desarrollo integral de nuestros hermanos a apoyar con emprendimiento, texto, víveres, fuerza, sembrando esperanza de que unidos podemos.

Además, algo alentador y motivador en medio de tanta incertidumbre fue maravilloso recibir la invitación de Isabel Gutiérrez, a participar en tiempos de cuarentena en el grupo Memorias de cuarentena Brasil – Perú, a través de la motivación por la educación inspirados en el Maestro Paulo Freire, quien me transportaba a mis días de infancia al ado de mi familia, que la educación es la mejor arma de liberación, demuestra resiliencia en todo momento aprendiendo constantemente.

Así mismo también en febrero de 2021 mi querida amiga Isabelita, a quien le estoy eternamente agradecida por todo su apoyo y hacer de mi un ser humano que siempre soñé, permitiendo en mi recobrar la confianza, me invitó a participar como voluntaria de ACIES, un hermoso proyecto que le da sentido a mi vida donde reflexiono que de los silencios, imprevistos e infortunios también se aprende.

Agradecidos por la presentación individual de cada uno de nosotros, es un placer compartir nuestras reflexiones en tiempos de cuarentena a través de Diálogos Brasil-Perú, donde mes a mes compartimos excelentes vivencias que motivaban e inspiraban y fortalecían nuestros lazos donde las distancias se acortaban a través de una pantalla.

Comenzamos con este hermoso mensaje que nos deja: Paulo Freire, donde Anita tienen el agrado de presentar, a través de una reflexión titulada LA NUEVA NORMALIDAD para lectura en este artículo. Comparte su incertidumbre frente a la situación que se viene atravesando a nivel mundial COVID-19, así mismo vivencias sobre su experiencia como profesional docente “La educación no cambia al mundo: cambia a las personas que van a cambiar el mundo” (FREIRE, 1997).

La pedagogía de Paulo Freire propone una lectura crítica del mundo que no genere desesperanza, sino que permita ver las resistencias, las formas de salir adelante, de construcción de lo nuevo, las posibilidades permanentes que tenemos los seres humanos de reconstruir nuestra vida, adaptándonos a los retos, tanto tecnológicos a través de los diferentes medios de

comunicación que nos permiten concretar oportunas actividades, como de sobrevivir ante la pandemia COVID-19 cumpliendo protocolos de salubridad y al mismo tiempo hacerlo extensivo con nuestro entorno.

### **La nueva normalidad**

Hace más de un año que apareció a nivel mundial la COVID-19. Y desde entonces hemos escuchado recomendaciones, ordenanzas, sanciones y diversas medidas para evitar el contagio o contagiar a los demás, todas, enfocadas a adaptarse a vivir con cambios o lo que se llama la NUEVA NORMALIDAD, con la esperanza de aprender a sobrevivir con el virus. Pero, realmente ¿será una nueva normalidad? ¿Qué pensaría Paulo Freire?

Sabiendo que Freire habla de la esperanza como una necesidad ontológica, lo que nos mueve, lo que nos marca una dirección y que, aunque necesaria, no es suficiente para transformar la realidad. Vivimos en un momento histórico en que debemos adaptarnos a la realidad de una manera muy veloz. La sociedad tiene que sobrevivir a todo esto, saliendo y tomando las medidas necesarias, mientras que otra parte de la población sobreviviendo sin las medidas específicas y contagiando a los demás; habrá al menos una mínima situación de esperanza en relación con la actitud que toma el ser frente a la pandemia.

Si vamos al campo de la educación, los estudiantes ¿Estarán esperanzados en que habrá algún cambio? Para todos los que impartimos educación en estos tiempos de pandemia, sabemos que los estudiantes están obligados sí o sí a asumir cambios radicales en todo el sentido de la palabra. Tanto lo académico como lo social y la parte emocional han significado tanto para educadores como educandos en el hecho de asumir cambios muy significativos, incluso agresivos. La pandemia nos ha enseñado la realidad en la que vivimos. Pobreza, carencia de servicios básicos, dificultad para aceptar cambios, conocer con quién se está conviviendo en casa, conocer quién te puede dar la mano, responsabilidad e irresponsabilidad social, soberbia e indiferencia de otros y lo más importante enfrentar el miedo ante el virus que aún está presente.

Como maestra fue complicado vivir esta situación de pandemia, la información que se impartió creo que no fue totalmente abierta para

un aprendizaje óptimo, sin tener un contacto directo sé que no se resolvieron las dudas de los estudiantes. Sin embargo, esta información en algún momento se puede revisar, leer y comprender. Pero...cuando hay estudiantes que te consultan más allá de los temas programados:

Maestra:

No cuento con celular con WhatsApp, peor con una laptop. Llevo mis clases por radio. ¿Cómo puedo aprender así?

No veo a mi mamá hace meses, la extraño.

Mi papá está borracho y no me deja hacer mis tareas con sus gritos.

Mañana le envío sin falta, estoy trabajando para ayudar en casa.

Hoy no ingresé a clase pues mis otros hermanos también estaban llevando sus clases.

Mi mamá recién llega de trabajar, voy a revisar los PDF y envío luego mi trabajo.

Disculpe, no puedo enviar fotos más nítidas. Mi celular no da más.

Tengo que salir a 30 minutos de mi casa para captar señal y ver qué tareas tengo.

Toda mi familia nos hemos contagiado con la COVID. Me duele mucho.

Mi papá falleció. No entiendo por qué este virus nos atacó.

Tengo que atender a mis hermanos menores, mi mamá sale a trabajar.

Mi papá no quiere recibir los mensajes que le envío, pareciera que no es mi papá.

Mis papás están por separarse, en mi casa solo hay gritos y llantos.

¿Esto es adaptarse a la nueva normalidad?, ¿qué esperanza de cambio hay en su forma de vida de los estudiantes o de uno mismo?, sabiendo que tanto educadores como educandos debemos reflexionar en cómo educar, qué educar y para qué educar, partiendo de las nuevas necesidades e intereses de los estudiantes, que quizá no sean tan recientes y han estado presentes durante algún tiempo, pero que ahora, son más notorias. Todo esto es nuevamente un gran reto que se debe asumir durante estos tiempos de pandemia puesto que al enseñar se aprende y al aprender se enseña. (Ana Cecilia Villanueva Huamán, 2020).



aunque parezca un grano de arena en el hermoso mar,  
desde ya empecé para juntos y unidos, una gran isla ser.

Te animo hermano mío, también puedes ayudar,  
de tí depende nuestra actitud a continuar,  
comparte entre los tuyos una frase elocuente con  
responsabilidad,  
que concientice y prevenga la pandemia, como ésta que  
comparto,  
“Si de casa haz de salir, el protocolo debes seguir y con el  
ejemplo vas a influir (Yhina,2020).

Finalizamos con la excepcional reflexión frente al COVID-19  
que nos transmite nuestra querida amiga Luz, inspirada en Paulo  
Freire, donde tiene el agrado de compartir con la intención de  
inspirar y motivar en sus lectores que no existen límites, ni  
obstáculos, que querer es poder y mientras haya una luz al final del  
túnel hay oportunidad.

Hoy tu eres lo más importante  
Hoy me olvidé de ser tu maestra  
para ser tu amiga, ¡caminemos juntos!  
No tenemos el arma poderosa: ¡internet!  
eso no nos limita a aprender y caminar juntos,  
para seguir soñando en hacer un mundo diferente  
a pesar de la oscuridad del tiempo que vivimos.

Que la desigualdad que experimentamos,  
no limite nuestros pensamientos y de seguir  
aprendiendo;  
que cada tropiezo de la vida sea una oportunidad  
para seguir adelante y luchar por una sociedad justa,  
que es la que aspiramos.

Sigamos con nuestra educación  
Démonos una oportunidad, sí podemos, lo lograremos y  
nos volveremos cómplices, los jueves por las tardes  
con la tecnología limitada que está en nuestras manos,

para escuchar el audio radial a la distancia  
Y caminar juntas como hermanas.

La incertidumbre que vivimos hoy,  
no limite nuestro crecimiento,  
no oprima nuestros derechos,  
es momento de cambiar y seguir aprendiendo,  
sigamos adelante. (Luz, 2020).

## Conclusiones

Seguimos la mirada desde Paulo Freire frente a tan cruda y triste realidad que enfrentamos a nivel mundial y cada vez se hace más intenso su sentir ante las mínimas alternativas presentes, así mismo ahondamos en sus reflexiones teóricas sobre las aportaciones de la pedagogía de Paulo Freire (1921-1997).

Dada la coyuntura y diversidad temática que abarca el autor, respetamos y admiramos su pensamiento pedagógico-político y para ello lo hacemos a través de un breve recorrido biográfico, relacionándolo con temas referente a la pandemia lo cual ha servido para encontrar oportunidades sobre el desarrollo de la pedagogía.

El gran educador brasileño fue una persona que tuvo una especial preocupación por el otro, por denunciar las injusticias y por mostrarnos que los seres humanos tenemos en nuestras manos las posibilidades del cambio y de la transformación, conociendo el contexto real e involucrándose a través de una pedagogía con amor y ternura del aprender enseñando, aprovechando las mínimas oportunidades.

Para abordar todas estas cuestiones, según Paulo Freire, es necesario hacerlo a partir de la lectura crítica del mundo en el que vivimos, efectivamente la pandemia ha revelado nuestras debilidades y carencias frente en el aspecto educativo al que nos evocamos, por ello tomamos en cuenta las ideas de Paulo Freire para aceptar convivir con resiliencia toda adversidad que actualmente afrontamos, de la cual los más afectados son los

estudiantes, que carecen de los diferentes recursos para poder desarrollar adecuadamente sus aprendizajes.

Para profundizar más y comprender aspectos esenciales de su vida y también de su obra, hemos leído sobre la pedagogía del oprimido, donde resalta que el desarrollo personal y profesional depende mucho de la educación y la pasión por aprender e informarse para obtener la libertad mental.

Fruto de este recorrido por su obra pedagógica, participamos de reflexiones que invitan a poner la mirada en la vigencia y actualidad de sus planteamientos, y ponemos en práctica escuchando a nuestros educandos con una postura de comprensión y empatía, respetando las diferencias de su ser y libertad de expresión.

Freire habló de la esperanza como una cuestión inherente a la práctica docente recordando, al mismo tiempo, que el cambio aunque difícil, es posible, por ello es necesario reinventarnos y estar preparados para sobresalir a las adversidades que se presenten, demostrando compromiso y profesionalismo inspirando a otros a la mejora continua.

## Referências

CUIÑAS, A.G. **Hacia una teoría de la escritura epistolar**, In: *Bulletinhispanique* [En línea], 118-2 | 2016, Publicado el 15 diciembre 2019. Disponible em: URL: <http://journals.openedition.org/bulletinhispanique/4568>; DOI: 10.4000/bulletinhispanique.4568. Acceso em 29/08/2021.

Freire, P. **Pedagogía de la esperanza. Un reencuentro con la "pedagogía del oprimido"** Ed. Siglo Veintiuno XXI editores. México. 2013.

\_\_\_\_\_. **Educación como práctica de la libertad**. 45ª ed. Ed. Siglo Veintiuno XXI editores. Madrid. España. 1997. Disponible em: (8) (PDF) Freire Paulo - La Educacion Como Practica De La Libertad PDF | Francisco Ricardo Alvarez Constantino - Academia.edu. Acceso em 29/08/2021.

\_\_\_\_\_. **Pedagogía del oprimido**. 21ª Ed. Madrid. España: Siglo Veintiuno Editores. 1970.



PEÑA, P.A; VERGARA, P.A; CRUZ, M.E; PAREDESB, C.L. **Teorías implícitas sobre los procesos de escritura:Relación de las concepciones de estudiantes de Pedagogía Básica con la calidad de sus textos.** In:Estudios Pedagógicos XLII, N° 3: 7-26. Chile. 2016. Disponible em:<https://scielo.conicyt.cl/pdf/estped/v42n3/art01.pdf>. Acceso em; 29/08/2021.

PERÚ. Ministerio de Educación. **Minedu: Enfoque del Área de Comunicación desde el Currículo Nacional.** In: AMAWTA. 2020. Disponible em: PPT ENFOQUE COMUNICACIÓN.pdf - Google Drive. Acceso em 29/08/2021.

RAMONET, I. **La pandemia y el sistema-mundo- un hecho social total.**In: **Comunicación** 190-191, pág. 95-124. 2020. Disponible em: [http://comunicacion.gumilla.org/wp-content/uploads/2020/09/COM\\_2020\\_190-191\\_95-124.pdf](http://comunicacion.gumilla.org/wp-content/uploads/2020/09/COM_2020_190-191_95-124.pdf). Acceso em; 29/08/2021.

RODRÍGUEZ-CEBERIO, M. **Psicólogos en el frente: la atención durante la crisis del Covid-19. De las emociones tóxicas a la salud psicológica.** In: Archivos de Medicina, Volumen 21 N° 1 - Enero-Junio de 2021. Págs. 225-237. Disponible em: <https://doi.org/10.30554/archmed.21.1.3941.2021>. Acceso em; 29/08/2021.

SUAREZ, E.G. TORO, R.M. **Evaluación del desempeño docente: Preparación para el aprendizaje de los estudiantes en el Marco del Buen Desempeño Docente.**In: Revista de psicología educativa, 6(2). 2018. Disponible em: doi:<http://revistas.usil.edu.pe/index.php/pyr/article/view/236>. Acceso em 29/08/2021.

TERRÓN, J.M.A. **Introducción a Las Teorías de la Comunicación y la Información.** In: Departamento de Información y Documentación Facultad de Comunicación y Documentación. Universidad de Murcia, 2004. Disponible em: [https://www.um.es/tic/Txtguia/IntroduccionalasTeorias%20de%20la%20Informa%20\(20\)/TIC%20texto%20guia%20completo.pdf](https://www.um.es/tic/Txtguia/IntroduccionalasTeorias%20de%20la%20Informa%20(20)/TIC%20texto%20guia%20completo.pdf). Acceso em 29/08/2021.

VALERY, O. **Reflexiones sobre la escritura a partir de Vygotsky.** In: Educere, vol. 3, núm. 9, junio, pp. 38-43 Universidad de los Andes Mérida, Venezuela, 2000. Disponible em: <https://www.redalyc.org/pdf/356/>. Acceso em 29/08/2021.

VERDEJA, M.M. El legado pedagógico de Paulo Freire: una pedagogía de la esperanza que nos invita a realizar una lectura crítica del mundo y soñar

con las posibilidades de transformación en un mundo ético y profundamente solidario. In: **Revista Voces de la educación**. p. 50-67. España, 2020. Disponível em: <https://www.revista.vocesdelaeducacion.com.mx/index.php/voces/article/view/320>. Acesso em: 29/08/2021.

## SITES

EcuRed. Investigación - Acción. Disponível em: [https://www.ecured.cu/index.php?title=Investigaci%C3%B3n\\_-\\_Acci%C3%B3n&oldid=3521159](https://www.ecured.cu/index.php?title=Investigaci%C3%B3n_-_Acci%C3%B3n&oldid=3521159). Acesso em; 29/08/2021.

Psicología Ambiental. Disponível em:[http://www.ub.edu/psicologia\\_ambiental/unidad-2-tema-4-5-2-3](http://www.ub.edu/psicologia_ambiental/unidad-2-tema-4-5-2-3). Acesso em; 29/08/2021.



## Dialogando desde el encuentro y la memoria

*María Isabel Gutiérrez Chávez*  
*Henry Wenceslao Escalante Poma*  
*Lynne Zagarra Silva*  
*Esther Iltas Valdivia*

El presente artículo corresponde a la reflexión de un grupo de trabajo conformado por María Isabel, Henry Wenceslao Lynne y Esther. Maestras y maestro participantes de dos redes amigas: red Desenredando Nudos y la red Diálogos experiencias de organización y reflexión colectiva de la ciudad Cajamarca en Perú. La reflexión que nos ha llevado a escribir el presente artículo corresponde al proyecto Memorias de Cuarentena realizado desde la virtualidad entre un diálogo Brasil-Perú en el año 2020, en el marco de la pandemia COVID-19 que paralizó las actividades a nivel mundial. Ha sido un reto unificarlos: escritos y narrativas en este artículo, fruto del diálogo, reflexión y lectura entre pares como estrategia pedagógica.

Conocer sobre los escritores es un paso importante, dentro de este documento, pues nos da un marco general del contexto personal que nos adentrará a la narrativa y reflexión de sus textos. Leamos de manera sucinta algo de la biografía de los autores de los relatos.

María Isabel Gutiérrez Chávez nació en Cajamarca, Perú, profesora desde hace 28 años. Refiere un testimonio personal de su formación magisterial y experiencia laboral:

Cuando cursaba mis estudios de maestra solo quería terminar muy rápido y ganar dinero, además mi sueño era trabajar en el colegio más cercano de mi casa. Sin embargo, mi primera experiencia como maestra la realicé en un proyecto de educación popular llamado Escuela Rural Andina. Esta experiencia la realicé con líderes campesinas con quienes tuve que compartir mi vida por el lapso de dos meses continuos. Fue una vivencia que me permitió

reflexionar que la educación está más allá de una institución educativa de currículos de carpetas y pizarras.

Luego de 3 años dejé de trabajar en este proyecto porque sentí que habían muchos niveles de corrupción dentro de la Institución y conseguí un trabajo de oficina para desarrollarlo solo por la mañana. Esta experiencia laboral, mi involucramiento en experiencias de voluntariado social y el tiempo con el que disponía me permitieron soñar en diferentes propuestas educativas capaces de repensar una escuela, es así que en el año 2004, inspirada en revalorar el espacio comunitario, que sentía se iba perdiendo, me encaminé en un proyecto con la formación de una Asociación sin fines de lucro ACIES. Hoy esta institución acompaña dos experiencias de Educación alternativa: La Escuela Campesina Alternativa en Pomabamba y el Centro Cultural Quiritimayo, experiencias que me permiten pensar propuestas alternativas de educación que beneficien a las poblaciones menos favorecidas en diálogo con el medio ambiente, cultura, valores y producción, para promover el desarrollo individual y comunitario. De allí nace este sentimiento comunitario y la importancia de la organización y formación de redes.

Henry Wenceslao Escalante Poma, maestro de computación e informática, nos narra algo de su biografía:

Nací en Cajamarca, Perú, estudié para profesor en el instituto superior pedagógico “Hermano Victorio Elorz Goicoechea de Cajamarca” en la carrera de Computación e informática. Laboré desde el cuarto año de educación superior como profesor de computación e informática en el colegio particular Juan Pablo II, luego de graduado ingresé a laborar en el colegio nacional San Ramón de Cajamarca, así inicia mi carrera de profesor. De manera paralela estudié joyería, especializándome en el diseño 3D (por computadora) de joyas. Actualmente laboro en el colegio San Martín de Porres de la ciudad de Lima, como docente del Aula de Innovación Pedagógica. mi función es de enseñar y asistir a los docentes en la tecnologías de información y comunicación (TIC), asimismo enseñé el diseño 3D para joyería a alumnos de diversos

países, vía virtual. Mi vida está orientada a la formación, espero seguir ayudando a más personas que necesiten aprender lo que les puedo enseñar.

Lynne Zegarra Silva, profesora desde hace 18 años nos permite conocerla con unos párrafos de su autoría:

Mi nombre es Lynne Zegarra Silva, nací en Sucre – Celendín – Cajamarca – Perú. Soy profesora desde hace 18 años. Con el mismo deseo de todo estudiante anhelaba terminar mis estudios y dedicarme a enseñar a los niños. Mi primera experiencia como maestra la realice en una escuelita del centro poblado Manzanamayo, en el distrito de Los Baños del Inca/Cajamarca. Esta experiencia la realicé durante 8 meses como práctica pedagógica. Fue una vivencia muy linda que me permitió involucrarme con cada uno de los estudiantes, despertando entre todas emociones y adquiriendo nuevos conocimientos. Luego laboré en la Institución Juan Pablo II – Cajamarca, durante 13 años encargada del dictado de clases de computación a los niveles de Inicial, Primaria y Secundaria, tenía a mi cargo un promedio de 800 alumnos, en el nivel secundario, a la vez dictaba los cursos de religión, persona y familia y tutoría, la cual me permitió conocer el desenvolvimiento, características, de infantes, niños y adolescentes.

Más adelante se me presentó la oportunidad de laborar en la Institución Educativa Emmanuel – Cajamarca. Como directora y docente de aula, estuve a cargo durante 8 años compartiendo muchas vivencias con docentes, padres de familia y niños del nivel Inicial. La reflexión de esta experiencia se traduce en: “El afecto, disciplina y formación académica que deben estar presente en todo estudiante, si uno de estos tres conceptos falla, no se estaría actuando bien, ni como padre, ni como docente”. Actualmente, estoy desempeñándome como maestra de Educación Superior en el Instituto de formación docente “Cajamarca” feliz de encaminar a futuras docentes, de volcar en ellas los conocimientos adquiridos en 18 años de enseñanzas a infantes, niños y adolescentes, con muchos proyectos que espero pronto alcanzar. Mi formación profesional se ve fortalecida con el desarrollo de cursos hermosos de gran ayuda para los alumnos dentro de la

maestría “Psicología Clínica y de la Salud”, la cual espero concluir satisfactoriamente, y si Dios me permite continuar con mi sueño de llevar un Doctorado en Neurociencias, y de esa manera continuar apoyando a aquellos indefensos niños que necesitan apoyo de una sociedad humanitaria.

Finalmente leamos a la maestra Esther Llatas Valdivia quien escribe una corta biografía:

Soy Esther Llatas Valdivia, nací en la provincia de Cutervo en 1963. Hija de Luís Llatas Sánchez y de Juana Mercedes Valdivia Tello, la mayor de 8 hermanos. Me apasiona ser docente de aula Doctora en Ciencias de la Educación, y con una segunda maestría en Gestión del talento humano; laboro en el colegio emblemático San Ramón de Cajamarca nivel secundaria en el área de Matemáticas Región Cajamarca. Me encanta la investigación y mejora continua, estar en constante cambio acorde a la tecnología, me gusta escribir, disfruto bailar y hacer actividad física que me tenga mente sana y cuerpo sano. Apasionada por la felicidad consiente de que la tenemos dentro y depende de cada uno para aflorarla.

Hemos conocido a las maestras y el maestro integrante de este grupo, docentes en su mayoría cada uno con una experiencia personal muy particular y una mirada abierta de la educación al servicio de las comunidades. Conocer el camino que el grupo ha seguido para llegar a ser parte de este Diálogo Brasil-Perú mantiene una importancia esencial, en ese sentido cada participante es miembro de una Red, dos redes amigas La red Desenredando Nudos y la red Diálogos de Cajamarca. Premisa aparte, precisamos que esta experiencia fue motivada por el diálogo de redes Brasil-Perú, traducido en una fraterna amistad que encausa un proyecto latinoamericano.

Precisamos evidenciar la importancia de las redes en este camino de reflexión pedagógica. Eduardo Galeano, en sus palabras de agradecimiento al recibir el premio StigDagerman en Suecia el 12 de setiembre de 2010 dice: “Ojalá podamos tener el coraje de estar solos y la valentía de arriesgarnos a estar juntos, porque de nada sirve un diente fuera de la boca, ni un dedo fuera de la mano.”

Inspirados en este texto la redes y colectivos pasan a ser una alternativa de seguir una andadura de sueños comunitarios, de aprender y desaprender desde los nuestros y con los nuestros. A diferencia de un grupo una red implica un nivel de organización articulación y respeto de la diversidad, a partir de la suma ideas que se van tejiendo, para generar propuestas colectivas a favor de construir comunidades más humanas desde la escuela, como institución, proyecto y herramienta del desarrollo de los pueblos. Una red fundamenta su objetivo en esta posibilidad de participación individual para hacerlo colectivo, desde su aporte práctico reforzado con lo teórico. Una red conforma una familia capaz de identificar a cada uno de sus miembros como importantes reforzando lo político desde la democracia de su organización colectiva. Reforzamos lo dicho con una cita textual de Steward, F. (2005).

Sostiene que lo propio de estas capacidades colectivas reside en que no son reducibles a capacidades individuales y que pautan la acción colectiva. La interacción entre miembros de una comunidad, o de un grupo (incluyendo normas y valores), es importante para determinar los resultados y trasciende la acción individual. Este conjunto de reglas permite evaluar cuándo alguien es efectivamente parte de una práctica o no y, por lo tanto, cuando también es parte de una capacidad colectiva.

Fue la participación en redes, que nos condujo a esta experiencia de memoria, diálogo y reflexión compartida de estos sentimientos en medio de la pandemia. Isabel, nos relata el camino que siguió para llegar a Memoria de Cuarentena:

Llegué al proyecto Memorias de Cuarentena como integrante de la red Desenredando Nudos de Cajamarca. Descubrí que esta experiencia tenía una dinámica muy especial de trabajo pedagógico que me hizo acercarme al recuerdo y la memoria, para reflexionarlo y escribirlo, representando un paso muy importante en este quehacer como maestra y alumna. Escribir las memorias y reflexionarlas desde el contexto de la pandemia inspiró mi ser maestra y esta voluntad de generar espacios de reflexión y compromiso motivándome a invitar



a nuevos maestros y profesionales quienes a su vez lograron organizarse en una nueva red: la reDiálogos una red cuyo compromiso se traduce en tres palabras que la representan: proponer reflexionar y construir tres palabras que fundan su quehacer y consolidación. Es así como mi participación en el proyecto Memorias de Cuarentena lo hago como integrante de esta joven Red, formada en medio de la Experiencia.

Por su parte Henry nos dice:

Llegué a la REDENU por invitación de un amigo, el profesor Gabino Abanto, asistí al encuentro que se realizó en la ciudad de Cajamarca, lo cual me motivó al ver como realizaban investigación en sus respectivas escuelas cada uno de los maestros(as), desde ese momento me interesé en conocer más. Hoy soy parte de la REDENU y como miembro de ella me encausé en este proyecto de reflexión y escritura.

Lynne, manifiesta:

Desde que participo de la REDENU descubrí que mi complementación académica, lo fui reforzando desde el colectivo que me motiva a reflexionar con mayor profundidad. Todos los aportes que voy adquiriendo dentro de la red “Desenredando Nudos” – Cajamarca – COPREDIIEC, me hace crecer a nivel personal y profesional. Desde ya mi gratitud a una gran amiga que me motivó en esta experiencia La cual me sigue fortaleciendo en muchos aspectos. Llegué a este proyecto de escritura como miembro de mi red, me encantó reflexionar desde Freire y una pedagogía del amor (Paulo Freire - Pedagogo) y muchos aspectos más.

Esther, comenta:

Fomo parte del grupo reDiálogos desde el 2020 donde aprendo a través de experiencias educativas a fortalecer el trabajo pedagógico en bien de los estudiantes bajo la pedagogía de Paulo Freire, el cual me permitió compartir reflexiones en tiempos de cuarentena en el grupo Memorias de Cuarentena Brasil – Perú.

Reconocido este proceso, del cómo llegamos a esta experiencia, la dinámica de trabajo propuesta consistió en compartir nuestras memorias y sentimientos desde el relato y la narrativa. Una experiencia de escritura y reflexión, desde un contexto y coyuntura personal y colectiva que nos llevó a vivir la crisis sanitaria de la pandemia COVID-19.

El relato, según expone Daniel Suarez (2003,p 6) dice.

...puede ser un soporte importante para la reconstrucción de la memoria pedagógica y educativa de la escuela... hace evidentes ausencias que se deslizan de formatos documentales, planificaciones e informes que dificultan la re-presentación y la re-creación de la experiencia.

En efecto, el relato constituye esta fase de traer desde la memoria lo vivido para traducirlo en palabras, con un orden, movimiento tiempo y secuencialidad adentrándose en el lector, llevando un ánimo de complicidad, contrariedad, a veces, solidaridad y reflexión compartida, desde la lectura de este. Escribir fue un proceso, nos volcamos a leer lo escrito en los relatos de la experiencia respondiendo a la pregunta: ¿Qué haría Freire en tiempos de pandemia?

Isabel nos introduce a la esencia de la pedagogía del amor, de Freire, con un cuento corto que narra el diálogo entre Freire y un pequeño niño.

### **Un viejito en el camino**

Andy, un pequeño niño, iba de camino a su casa, de repente se encontró con un viejito de barba larga hablaba un poco extraño y le dijo:

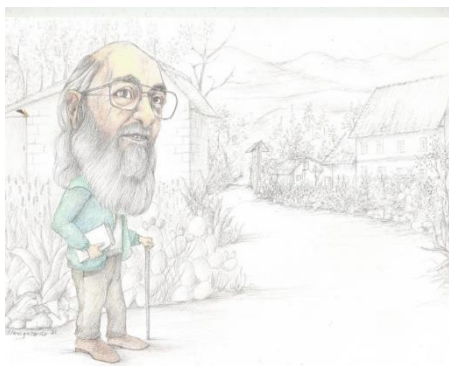
-Hola niño ¿De dónde vienes?

- El niño le respondió: vengo de mi casita.

-El viejito le dijo ¿De tu casita?

- El niño respondió: Sí de mi casita.

- El viejito volvió a preguntar ¿Qué es tu casita?
- El niño respondió mi casita es un lugar muy lindo donde me voy a compartir con mis amiguitos aprendemos muchas cosas, jugamos, conversamos con las plantas, con el cielo, con los animales, con toda la naturaleza.
- El viejito le dijo: ¿Tus maestras te tratan con amor?
- El niño respondió: sí, ellas son muy cariñosas, siempre me hablan del amor. Me dicen que debo saludar, abrazar, que debo querer mucho a papá a mamá a mis amigos. El niño se sintió en confianza con el viejito y le dijo: para usted señor ¿Qué es el amor?
- El viejito le respondió:
- El amor es ser suave tierno e inspirador, pero a la vez te hace decir lo que piensa, te motiva a hacer locuras individuales o colectivas.
- El amor es ese sentimiento que nace de mi alma y me da el derecho de expresar la esencia de mi corazón y de utilizarlo como una base de motivación para caminar en la vida.
- El amor, permite descubrir el cuerpo humano, joven o viejo, gordo o delgado de cualquier color. El cuerpo que ama el cuerpo que vive el cuerpo que baila.
- El niño, luego de hacer silencio dijo: señor cómo se llama usted.
- El viejito respondió: Yo me llamo Paulo Freire
- El niño dijo, usted dijo que el amor es hacer al cuerpo bailar y sabe,



**Imagen:** Arte ilustrativa do conto *Un viejito en el camino*

**Fuente.**Acervo pessoal de Blanca Gallardo Correa. Exp. Freire 2021

yo sé bailar hoy bailé para que todos conozcan a mi comunidad de Pomabamba ¿Quiere verme bailar?

-Claro que sí, respondió Paulo.

-Pues mire así bailé: (Video baile de Andy).

Señor Freire puede decirme qué haría frente a la pandemia he escuchado qué hace más de 6 meses está causando mucha muerte y tristeza en mi país.

Andy, con la única moneda que me queda en el bolsillo compraría la palabra: Esencia.

## **ESENCIA**

Estaría dispuesto a regresar al punto de partida sin tener miedo ni vergüenza que digan que está retrocediendo.

Sería el mejor momento de aceptar que en algo fallé y estaría dispuesto a reconocer que como ser humano tengo muchas cosas que dar.

Estaría dispuesto a crear un mundo nuevo desde aquello que a todos asusta: sin tanto para comprar, sin el carro último modelo, sin el celular de la última versión o las vacaciones en Disneylandia.

No abandonaría esta posibilidad de volver a nacer, despojado de los prejuicios de compararme si soy rico o pobre, sería la posibilidad de estar todos en las mismas condiciones y valorar la salud y la vida como el único patrimonio.

Convertiría cada día en una oportunidad de vida, de hacer algo diferente al anterior, sin la necesidad de comprar nada que no sea esencial y abrazando un sueño de vida.

Imaginaría cada día que una palabra puede encaminar, que un pan compartido puede salvar.

Amaría con los pedazos que deja esta pandemia una casa redonda donde haya lugar para todos. (María Isabel Gutiérrez Chávez, 2020).

En un relato muy personal y testimonial, Henry, reflexiona que en todo el mundo la pandemia de COVID – 19, está provocando la pérdida de muchas vidas, sembrando miedo en los seres humanos, no soy la excepción, me tocó vivir la pérdida de un ser querido a causa del VICHU como ahora lo llamamos, en fin, todo se asimila y cada día somos más fuertes, mi carrera es de computación e informática, siempre vi el futuro de la educación involucrada con la tecnología, en este aspecto muy de acuerdo con Freire, debemos primero saber a quién vamos a enseñar para proponer la forma de hacerlo (conocer su universo histórico y cultural); me tocó en esta pandemia estar en la Institución Educativa 2061 “San Martín de Porres” – Independencia – Lima, Perú como DAIP (docente de aula de innovación pedagógica),

entre mis funciones está la de apoyar a los maestros en el manejo de las TIC (tecnologías de la información y comunicación).

Ha sido un reto enorme, tener que implementar la forma de enseñanza, como usar el Whatsapp, Zoom, Drive, Padlet, Excel, PowerPoint, para que ellos pueden retroalimentar a sus alumnos. En mi función tenía solo docentes del nivel secundario en mi tutela, pero por esos azares del destino, la docente encargada de inicial y primaria pidió licencia casi todo el año, convirtiéndome en el abanderado de la tecnología de los tres niveles de educación (inicial, primaria y secundaria). Encontré bastantes obstáculos en mi labor, como es la falta de conectividad de los docentes, muchos de ellos ya a punto de jubilarse y con mucha oposición a las herramientas digitales, con celulares que no tenían datos (internet). Parecía que estaba en otro mundo, problemas como que solo se tenía un celular en casa con internet y se tenía que turnar el profesor con sus tres hijos para trabajar con el celular, no contaban con computadora, menos aún sus alumnos, por lo que pensé muchas veces en ya “tirar la toalla”.

Pasaron así dos meses lidiando con los docentes, aclaro que no son todos (as), muchos si estaban dispuestos a aprender e invertir en sus equipos así como en sus planes de internet para tener mejor conectividad. Al tercer mes los mismos docentes empezaron a revisar mis clases grabadas y pedirme apoyo para crear salas Zoom para que se conecten con sus alumnos, esto en el mes de mayo del 2020, fue cuando empezó la conectividad, tal es así que empezamos a realizar hasta nuestras actuaciones en forma virtual. Así como las horas de trabajo colegiado, en donde una hora a más compartía con los docentes temas de informática para que mejoren sus habilidades tecnológicas, a la fecha todos ellos manejan sus medios de comunicación. El estado nos consideró 14GB para cada docente estimulando la labor en entornos virtuales, ahora veo con mucha alegría como manejan las diferentes plataformas todos los docentes de inicial, primaria y secundaria, pidiendo más información de cómo pueden realizar y mejorar sus clases, aún la brecha digital es amplia en el país, pero siento que he colaborado en acortar esta

brecha en los docentes y alumnos de la institución. Son mis vivencia en esta cuarentena 2020, y nada más queda esperar a ver cómo será este año escolar 2021 que de hecho será mucho mejor, para culminar, quiero rescatar que tenemos que dar mucha más importancia a nuestra creatividad como docentes y alumnos; que llenarnos de conocimientos y querer hacer lo mismo con los alumnos, si algo tengo que valorar es ver los increíbles trabajos de los docentes usando la creatividad y la tecnología para llegar a enseñar a sus alumnos en una manera muy práctica y entendible, logrando un aprendizaje mutuo alumno - docente.

### **Conclusión: ¿Cómo ha contribuido el diálogo entre redes a la formación del grupo?**

El diálogo de memorias de cuarentena entre Perú y Brasil, en medio de la pandemia COVID 19, motivado con la pregunta ¿Cómo respondería Freire a la pandemia?, fue una grata experiencia pedagógica que nos permitió dejar escapar los sentimientos y reflexiones más profundas que la modernidad nos hizo olvidar.

Este grupo de trabajo conformado por Lynne, Henry, Esther e Isabel presentó cuatro narrativas como una experiencia de documentación pedagógica y de reflexión en un tiempo de pandemia. Presentamos estas narrativas para luego reflexionar desde el conjunto.

Por su parte Lynne, cautiva con un acróstico las letras de Paulo Freire, para hacernos arribar a un puerto de sentimientos nacidos del corazón, que acompañan los silencios que muchos niñas y niños dejan de expresar tras una mascarilla, distancia y un quédate en casa.

#### **Un año 2020 inolvidable**

**P**erú, patria amada, que en tu seno tienes albergando  
**a** niños que son la semilla de hoy y el fruto del mañana,

**u**niendo nostalgias, suspiros, penas, asombros, miedos,  
**l**uchando e intentando sobre estas sombras y tinieblas que  
**o**scurecen nuestro mundo y nuestros días sin tener ni salud  
completa.

**F**uerzas que aparecen y desaparecen como el rocío del amanecer,  
**r**izas y llantos que fortalecen y desvanecen los corazones de la niñez,  
**e**s que este año 2020 llegó lleno de tinieblas, pero a la vez luces para  
aprender,  
**i**nmaginables cambios, un encierro autoritario que de pronto  
apareció,  
**r**eprimidos y oprimidos quedamos, entumecidos y como en un túnel sin  
**e**spacio, sin parques de diversiones, sin amigos, pobres mis niños, lo  
que les tocó vivir.

**L**a pequeña luz se enciende como una llama que va creciendo día a  
día para los pequeños en casa  
**y** es que ha llegado la hora de ver el mundo por la ventana que  
parece insignificante pero que  
**n**os abre mil puertas al mundo entero, entonces la aventura  
comienza, entre el ente que  
**n**os va dirigiendo y la esencia del aprendizaje, todos a despertar,  
oprimidos a levantarse que  
**e**s horade conversar, de comentar nuestras penas y alegrías de  
levantar los ánimosy soñar.  
**Z**apateos y zapateos conseguimos bailes nuevosy entre rizas y  
alegrías nacen bellas y nuevas  
**e**speranzas y lo mejor de todo vuelven los ánimos de seguir  
aprendiendo y, sobre todo  
**g**anar la batalla, de un mundo que va penando; pero que alegría,  
emoción y satisfacción  
**a**l ver esos corazones que nuevamente se están juntando por aquella  
pequeña ventanita, que

**R**ealmente nos permitió que la educación no sea una isla que cierre las puertas a la realidad social,

**R**iqueza aprendida, que muchas maestras vimos como un monstruo a las TICs sin saber a dónde huir,

**a**hora, ese monstruo convertido en ángel que ya no queremos dejar ir, que ya forma parte nuestra.

**S**í, vivimos un gran salto en la educación, algo que llegó a nuestra vida, entregó su luz,

**i**nesperadamente hoy nos ayuda a resplandecer nuestra aflicción, algo que queda para la perpetuidad.

**L**ogramos aprender a leer y a escribir la realidad, nos volvimos más humanos, aprendimos a

**V**alorar la vida, la familia, la sociedad y a nuestro medio ambiente, logramos muchas cosas, como una

**a**cción liberadora por medio de la alfabetización digital, ahora esperemos que la pandemia termine y nos volvamos a abrazar.

Esther relata a través de un poema lo que el maestro de todos los tiempos Paulo Freire le dice al niño y este le responde, dialogan y atesoran una educación humana, que trascienda y que, a pesar de las adversidades, hay mucho que dar y tanto que aprender.

Diálogo entre el niño y el maestro; inspirado en la vida y obras de Paulo Freire, en el estudiante y maestro que tuvo que distanciarse de las aulas por la terrible pandemia que azotó a la humanidad en el 2020 y aún lo sufrimos en 2021.

### **Freire, Amigo y Maestro**

Maestro de la vida dulce y amarga,

Maestro de la paz y sabiduría plena,

Por ti se aprende en la ciudad y campo

Por ti se comprende y se emprende tanto.



Eres un niño agradable, que me das vida,  
Contigo voy aprendiendo todos los días.  
Soy tu maestro guía y fiel compañero,  
Te entrego mi corazón que es de acero.

Freire sigues en la lucha constante y firme,  
Eres el guía de cuantos aspiran y redimen  
Eres valiente y soñador incansable;  
Te veo en mis aulas a cada instante.

Quiero gozar de tu presencia viva,  
Quiero que estés cerca de mí.  
Mi niño, trabajaré muy contento  
Y aprenderé de tu sencillez y bondad.  
Me regalarás travesuras y talento  
No te vayas tanto tiempo.  
Te necesito junto a mí.

Freire valiente, exiliado y libre,  
¡Qué ideas vivaces y elocuentes tienes!  
Doctrinas que perduran en la voz del niño  
El hermano que desconoce aún es mendigo.

Sé que eres la evidencia pura  
De mis logro e inquietudes  
Y si de ti yo he de aprender  
Entonces he de merecer,  
La excelencia de tu ser y  
De tu ejemplo florecer.

Manantial del tesoro de cuantos anhelan  
Educación liberadora que hasta hoy se añora,  
Educación que trasciende en la incertidumbre,  
De ver la ciencia en cada carón y señora.

Dios bendiga la nobleza de tu ser,  
Motive tu lucha de volver a mí  
Y en la distancia el frenesí.

Mi niño, estoy huérfano;  
Vivo en esta triste soledad  
El aprendizaje autónomo,  
Me está dejando sin ti.

Si, educando a la dama Freire tú dices:  
Educas a familias, educas al pueblo.  
Ya no más indigentes, ya no más pobreza.  
¡Estas carencias acarrearán tristeza!

El silencio de mis colegas  
Y mi propio silencio me enfurece  
Extraño el compartir del día a día  
La algarabía en el salón me pertenece,  
¿Esos lazos de amistad volverán?  
Mis niños, quiero que vuelvan a mí  
Cuando esto pasará, presentes estarán.

¡Adversidades vivimos! Maestro Freire  
¡Incertidumbres y situaciones terribles! Amigo Freire  
Que no existan opresores, ¡nada de superioridad!  
Que no existan oprimidos, ¡no más división!  
Que exista para todos, la educación con libertad  
Que el grito sea trascender con optimismo y en unión.  
Que el grito sea del desierto, del bosque y del ventarrón.  
Del hombre crítico, con esperanza y devoción,  
Del ser que inspira hacia el amor, del que es amigo y dialoga.  
De este ser humano que ama, lo que hace ahora.  
Ese ser eres tú Maestro y Amigo Freire: es hora de dar  
Y que retuene en todo el cielo, la tierra y la mar  
Es cierto que la educación de uno...  
Cambia a las personas que cambiarán al mundo.  
Gracias. (Esther Llatas Valdivia, 2020).

La reflexión final de la experiencia nos lleva a afirmar que escribir es un acto maravilloso de auto aprendizaje en el que se es capaz de abrir el corazón y la mente para leer los sentimientos que generan un

contexto y plasmarlo a través de la escritura en un texto para el otro, sumergiéndonos en este mágico mundo de leer y escribir.

Responder a la pregunta: ¿Qué haría Freire, en tiempos de pandemia? Nos llevó a indagar sobre nuestra propia experiencia en tiempo de pandemia, así como leer sobre la pedagogía Freiriana con relación al relato, a la narrativa. Encontramos algo muy interesante desde una reflexión de Manuel Fernando Velasco (2010, p. 02), que dice:

Freire no tenía un método para alfabetizar.... ese aprendizaje dependía mucho del contexto social y cultural en el que se movieran los educados y educador mismo. Sin embargo, sí es posible señalar ciertos elementos que se encuentran a la base del proceso que Freire denomina dialógico.

Un primer aspecto que sobre sale de inmediato es la ausencia del libro. Para Freire una primera clave radicaba en “simplemente” aquello que tenía que contar, algo que sentía la necesidad de relatar.

Sobre esta base, nuestra reflexión radica en que la experiencia realizada nos acerca a este método Freiriano, a contar nuestra historia desde un propio contexto y luego entrar en un proceso de diálogo construyendo una reflexión, un saber. Llevándonos a reconocer nuestra identidad al hablar y exportar de nuestros anhelos, sentimientos, vivencias de un tiempo de dolor, ausencia, temores y frustraciones de pandemia.

Finalmente, “Memorias de Cuarentena” nos permitió mirar lo que vivimos a la luz de la palabra de Freire como esta posibilidad de pensar una escuela de todos y para todos, creemos que la vida sin la guía del maestro es ordinaria. Paulo Freire, vive en cada maestro que inspira y trasciende, no queremos dejar de mencionar que Freire dejó un legado impresionante de lucha por la educación igualitaria de todos nuestros pueblos hermanos.

Queda la sensación que falta mucho por caminar a este maestro del siglo XXI para encontrarse con el compromiso y convicción de construirse en un buen comunicador, amante de la lectura, reflexivo, escritor y capaz de dejar huellas en la construcción de un mundo más humano.

## Referencias

GALEANO, E. **Los caminos del viento**.2010. Disponible em: <https://www.jornada.com.mx/2010/09/12/opinion/a03a1cul>. Acceso em: 29/08/2021

HURTADO, Ch.; SORIA, M.; MENDONZA J. **Las redes de colectivos y la narrativa pedagógica como elementos para la formación continua y la transformación de la práctica educativa**. 2015. Disponible em: [http://www.comie.org.mx/congreso/memoriaelectronica/v11/docs/area\\_15/1627.pdf](http://www.comie.org.mx/congreso/memoriaelectronica/v11/docs/area_15/1627.pdf) . Accesoem: 29/08/2021.

STEWART, F. **Groups and Capabilities**. *Journal of Human Development*, 6(2), 185-204.2005.

VELASCO, M.; FREIRE, P.; RICOEUR, P. La identidad narrativa. *Revista Realidad* 123. 2010.



**Entre cheiros, choros e chocalhos:  
as artes dos encontros em tempos pandêmicos –  
SARS COV – 19**

*Danusa Tederiche Borges de Faria*

*Isabele Cristina Fonseca Ramos*

*Maria Clara Rodrigues Fortes*

**Caminhos iniciais**

*A gente descobre que o tamanho das coisas há de ser  
medido pela intimidade que temos com elas.*

Manoel de Barros

No livro “Memórias Inventadas – as infâncias”, Manoel de Barros escreve sobre suas vivências descrevendo sobre as “miudezas”, os aromas, “os galhos” e “folhas” presentes no chão de suas infâncias. Ler as produções de Manoel de Barros, sobretudo, o texto que origina a epígrafe acima citada, nos inspirou a perceber alguns detalhes presentes em nosso cotidiano para a elaboração deste texto. Escrevemos quando enfrentamos uma séria pandemia que assola o Brasil e o mundo. A pandemia de COVID – 19<sup>1</sup>, que desde março de 2020<sup>2</sup>, até os dias atuais tem nos impedido

---

<sup>1</sup> Covid 19 - A COVID-19 é uma doença altamente transmissível causada pelo coronavírus, denominado cientificamente por SARS-CoV-2, a pessoa contaminada pelos vírus apresenta um espectro clínico variado podendo apresentar de infecções assintomáticas a quadros graves.

<sup>2</sup> Período em que permanecemos em casa por conta da pandemia do Covid – 19, que se deu pelo isolamento social mundialmente instituído para diminuir o quantitativo de pessoas atingidas pelo vírus, conforme reportagem disponível no link: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/05/11/estudo-calcula-quantas-vidas-o-isolamento-social-esta-salvando-no-brasil.ghtml>

de realizarmos algumas de nossas atividades cotidianas fora do ambiente residencial.

Impedidas de sair de nossas casas, mas não impossibilitadas de continuarmos “inventando e reinventando” as distintas “artes de fazer e refazer” as nossas rotinas, (CERTEAU, 1994) encontramos algumas maneiras que permitiram que continuássemos juntas, porém distantes fisicamente. Como integrantes do grupo de pesquisa Alfabetização, Memória, Formação Docente e Relações Etnicorraciais - ALMEFRE e do coletivo, Redes de Docentes que narram sobre Infância, Alfabetização, Leitura e Escrita - REDEALE, participamos do projeto denominado “Memórias da Quarentena” que teve como proposta o compartilhamento de experiências vividas no período pandêmico de 2020<sup>3</sup>, em diferentes linguagens, tais como: vídeos, poemas, crônicas, textos dissertativos, imagens, dentre outros.

Para este texto apresentamos algumas de nossas experiências individuais, vivenciadas em parte do período pandêmico. Compreendemos que nossas experiências não se encerraram quando aconteceram ou que foram e são contadas, elas se descortinam, sempre que lembradas, tentando cumprir o seu “dever de memória” (GAGNEBIN, 2006), que neste caso, trazem uma vertente que se difere do conteúdo político que vem sendo apresentado durante este período pandêmico pelo atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro. Em distintos discursos e declarações<sup>4</sup>, ele se apresenta defendendo que a pandemia não é algo preocupante. Segundo ele, as grandes mídias são alarmistas, e que a pandemia de COVID -19 representa apenas uma “gripezinha”, entretanto, desde março de 2020 até o dia 10 de março

---

<sup>3</sup> Nos referimos ao ano de 2020 como recorte do período pandêmico de Covid-19, momento em que o projeto “Memórias da Quarentena” aconteceu. Entretanto, iniciamos o ano de 2021, ainda enfrentando a pandemia com isolamento social e todos os protocolos necessários para evitar a disseminação do vírus. O Brasil e o Mundo ainda estão vivendo a pandemia até a data de publicação deste texto.

<sup>4</sup> Informação disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painel/2021/02/em-meio-a-colaso-nacional-bolsonaro-omite-erros-e-omissoes-na-pandemia-e-tenta-culpar-governadores.shtml>

de 2021 já contávamos com aproximadamente 117.132.788<sup>5</sup> casos confirmados de COVID-19 e 2.600.839 mortes no mundo, no Brasil já contam 11.051.665 casos e 266.398 mortes e no Peru contam 1.374.467 casos e 47.973 mortes<sup>6</sup>.

Em nossos diálogos, no projeto “Memórias da Quarentena”, sempre comentávamos sobre o cenário pandêmico, não só brasileiro, mas também mundial. As professoras/es peruanas/os também sofreram, e ainda estão sofrendo, perdas irreparáveis. Choramos juntas/os por dentro e por fora, nos emocionamos, cada um a sua maneira, expressando sentimentos que não cabiam somente em nós. Compreendendo que estamos em constante processo formativo, acreditamos que observar essa realidade, bem como, escrever sobre ela, ainda que seja insuportável, nos ajuda a perceber “situações de opressão” importantes de serem “desveladas”. (FREIRE, 1999).

Durante esta jornada nós professoras/es brasileiras/os e professoras/es peruanas/os, temos percebido que lidar com tais informações tem sido um exercício traumático. Cada número desses representa uma família, uma pessoa, uma história de vida interrompida por uma doença silenciosa que chega de forma invisível em nossas casas esmorecendo cidades, estados, países, o mundo inteiro está sofrendo com essa pandemia. Em boa parte de nossas narrativas, no projeto “Memórias da Quarentena” a pandemia de SARS COV – 19 se fez presente. Acreditamos que esta memória também será recorrente em muitos momentos de nossas vidas, pois “é próprio da experiência traumática essa impossibilidade do esquecimento, essa insistência na repetição.” (GAGNEBIN, 2006, p. 99).

Neste texto, como professoras pesquisadoras, apresentamos os desdobramentos que se sucederam das narrativas que produzimos no projeto “Memórias da Quarentena”. Exercer o nosso “direito e o

---

<sup>5</sup> Site oficial da Organização Mundial da Saúde, dados disponíveis no link: <https://www.paho.org/pt/covid19>

<sup>6</sup> Informação disponível no site oficial do Ministério da Saúde: <http://plataforma.saude.gov.br/coronavirus/covid-19/>



nosso dever de preservar o mútuo querer bem acima de nossas opções políticas e de nossas posições ideológicas,” tem sido um dos caminhos que temos trilhado em nossos textos. (FREIRE, 1999, pág. 8). Aqui nos apresentamos Maria Clara Rodrigues Fortes, graduanda em pedagogia pela FFP/UERJ (Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro), Danusa Tederiche Borges de Faria, mestre em educação pela FFP/UERJ e professora formadora na educação inclusiva e Isabele Cristina Fonseca Ramos, professora em uma escola de Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Maricá-RJ e mestre em educação pela FFP/UERJ.

Acreditamos que reconhecer alguns acontecimentos durante a pandemia de Covid-19, que tanto modificaram e reconduziram nossas rotinas para outros caminhos é relevante, pois concordamos com Benjamin (1984) que “a verdadeira imagem do passado perpassa veloz. O passado só deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido.” (pág. 224).

### **Relampejos de memórias: reflexões sobre nossas experiências em tempos pandêmicos**

Essa narrativa foi feita, está sendo feita, mas, como ressaltam todos os sobreviventes, ela nunca consegue realmente dizer a experiência inenarrável do horror.  
(Jeanne Marie Gagnebin)

Assim concebemos esse período pandêmico, uma experiência inenarrável. Nossas lembranças dos fatos e acontecimentos que ocorreram em 2020 sempre virão acompanhadas de um sentimento que resseca a voz e faz o corpo tremer, sensações que nos farão lembrar e perceber o valor da vida, o “cheiro de aula, cheiro de gente, cheiro de pesquisa, cheiro de conversa, cheiro de amores, temores e até pavores. Uma despedida, um até a próxima sexta, um até logo”. (FARIA, 2020, no prelo). Sentir o cheiro da vida, para além das paredes de nossas residências. O que era rotineiro em nosso cotidiano se tornou proibido. Aprendemos a conviver com o que antes nunca foi

pensado por nós. Vivemos um período em que estávamos livres, porém aprisionadas dentro de nossas próprias casas.

Querido diário, me sinto perdida dentro de minha própria casa. Às vezes me perco nos dias, nas horas, nos meses, só sei que o tempo tá passando. E passando rápido ao mesmo tempo, que para, fica estagnado. Crio uma “nova” rotina em casa. Vou de um canto a outro, lavo roupa, cuido da casa, lavo a louça, vejo TV, ouço música, leio, tiro um cochilo a tarde e quando olho no relógio, ainda é o mesmo dia. As horas passam devagar, mas os dias passam voando. Até pouco tempo, em março, estava eu subindo as escadas da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, para meu tão esperado penúltimo período da graduação em Pedagogia. E agora já é junho. Não me importo mais com os períodos e formatura, quero todo mundo bem novamente em aspectos mentais, psicológicos e físicos. (FORTES, 2020).

Com a pandemia de Covid-19, precisamos reorganizar nossas rotinas. Concordamos com Larrosa (2011), que a experiência é algo que provém de um acontecimento e que, portanto, é exterior a nós. Não escolhemos viver em tempos pandêmicos. Cada uma de nós, ao relatar as experiências, destes dias que nos pareceram tão sombrios, apresenta uma maneira, própria, singular de dizer sobre os impactos que a pandemia de covid-19 nos causaram. Retomando o diálogo com Larrosa (2011), a experiência, dentre outros aspectos, possui o “princípio de subjetividade”, ou seja, “a experiência é sempre experiência de alguém ou, dito de outro modo, que a experiência é, para cada um, a sua, que cada um faz ou padece sua própria experiência, e isso de um modo único, singular, particular, próprio”. (pág. 7).

Quinze dias em casa. Pensei. Tudo bem. Conseguirei descansar um pouco, curtir mais meu esposo, minha casa, ver o pôr do sol, que da minha janela é lindo. Uns dias sem ir ao trabalho me ajudarão de alguma forma. Não! Não estava tudo bem. Não eram férias. 15, 30, 60... e já são quase 100 dias em casa sem previsão de retorno das aulas presenciais. Comércio fechado, fronteiras interditadas. “O mundo parou!” Assim diziam as

grandes mídias. Minha rotina mudava, os abraços que eu ganhava até o dia do meu aniversário se resumiam aos abraços do meu esposo, com quem moro há dois anos. (RAMOS, 2020, no prelo).

De fato, o mundo parou. Presenciamos nos noticiários de distintas mídias, televisivas, virtuais, jornalísticas e em diversas mídias sociais, cenas que mostravam ruas, bairros, cidades, estados, países sem a circulação de pessoas. Rodoviárias, portos, ferroviárias, aeroportos, todas as vias de transporte coletivo permaneceram estagnadas. Por muitas vezes, devido ao acelerado mundo em que vivemos “os acontecimentos da atualidade, convertidos em notícias fragmentadas e aceleradamente obsoletas, não nos afetam no fundo de nós mesmos” (LARROSA, 2011 pág. 13), o que nos aconteceu em 2020, nos possibilitou experiências complexas de serem narradas, mas na medida em que escrevemos sobre elas tentamos ressignificá-las, “pois cada uma de nossas experiências possui efetivamente conteúdo. Nós conferimo-lhes conteúdo a partir de nosso espírito.” (BENJAMIN, 1984, pág. 23).

Considerando a afirmativa de Larrosa que “a experiência é sempre de alguém, subjetiva, daqui e de agora, contextual, sensível, como a própria vida e que esta também tem algo de obscuridade e de confusão da vida, algo da desordem, da indecisão da vida” (2011, p. 40), percebemos que esta descrição sobre a experiência representa um pouco de nosso primeiro encontro no projeto “Memórias da Quarentena”.

Estávamos lá, conectadas/os, juntas/os em uma sala virtual repletas/os de anseios, angústias, com nossas desordens, confusão e indecisões da vida, sentimentos e experiências únicas, subjetivas interligadas/os no acontecimento coletivo. Precisávamos falar, compartilhar o que nos afligia, o que nos desconcertava, o que de certa forma por algum momento até nos paralisava e foi retomando a premissa que nos mantinha como pares latino-americanas/os em acreditar que caminhando acompanhados/as nos fortalecemos umas/uns nos/com as/os outras/os que encontramos formas de seguir caminhando, tendo a esperança como “necessidade ontológica”

(FREIRE, 1999, p. 5), inerente à nossa razão de ser, uma esperança que para Cortella inspirado em Paulo Freire vem do verbo esperançar.

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo. (CORTELLA, 2015, p. 22).

Foi juntando-nos REDEALE – Brasil, REDENU e REDIÁLOGOS – Peru que encontramos a esperança, como nos ensina Paulo Freire, a esperança que nos fortalece e nos impulsiona a continuar pensando, caminhando e lutando. Assim, durante a escrita de nossas narrativas também nos questionamos: “O que nos diria nosso patrono da Educação, Paulo Freire durante a pandemia?” “Como suas obras nos ajudam a pensar nossos cotidianos nesses tempos pandêmicos?” Longe da pretensa de colocar palavras por Paulo Freire, buscamos nos inspirar também em suas obras para expor o que “nos passava, nos acontecia, nos atravessava e nos fazia tremer” (LARROSA, 2020, p.10), não na perspectiva de uma escrita narrativa que entregasse os fatos, mas, sobretudo, de entregar as palavras, pois sabemos que “a vida recontada, não é vida” (DELORY-MOMBERGUER, 2006, p. 361). Compreendendo que a narrativa da/na experiência e o “saber que dela deriva é o que nos permite apropriar-nos de nossas próprias vidas” (LARROSA, 2015, p.28), destacamos que os diálogos entre professoras/es peruanas/os e brasileiras/os não é recente; eles acontecem há alguns anos e já possibilitaram a produção de outros materiais de pesquisa sobre a formação entre pares na América Latina.

Fomentar a produção de narrativas pelas/os integrantes dos dois coletivos docentes, não se deu somente por entender e defender a escrita narrativa como processo formativo, mas, sobretudo, por compreender que as narrativas das experiências além de favorecer o processo de autoconhecimento, permite que se produza conhecimento sobre si e sobre o outro. (FARIA, 2020; p.81, no prelo).

Com essas provocações e inspirações de narrar e intercambiar nossas experiências entre pares latino-americanas/os, que foi sendo construído o projeto “Memórias da Quarentena: diálogos entre Brasil e Peru” e, a partir das produções, seguimos realizando nossos encontros virtuais com professores/as peruanos/as participantes dos coletivos REDENU e REDIÁLOGOS, também integrantes do projeto, e que possibilitaram nossa aproximação nesses tempos de isolamento social. A pandemia nos agitou, nos sacudiu, nos chacoalhou, e ainda nos agita, sacode e chacoalha, mas também nos encoraja a continuar trilhando nossos caminhos, acreditando na “escrita de si” como uma maneira de “rever e ressignificar experiências vividas” (MORAIS e ARAÚJO, 2017, p. 217).

Era março de 2020. O dia e a hora? Quem se importa com o Cronos? Em minha última memória dos encontros com os amigos da universidade, uma roseira branca num canteiro recuado da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP/UERJ. “As rosas não falam”, já dizia o poeta<sup>7</sup> “que apenas exalam o perfume que roubam de ti”. Não ouvi a voz das rosas, talvez elas tenham falado ou apenas roubado nossos perfumes. (FARIA, 2020, no prelo).

Cada uma de nós traz consigo uma última memória, antes de enfrentarmos o período de isolamento social. Concordamos com Araújo e Moraes (2017) que “a memória é tecida pelo tempo”, (pág. 216) a cada vez que as horas, os dias e os meses foram passando, nos dávamos conta que não havia um momento determinado para a pandemia cessar. Precisamos repensar nossas “artes de fazer” (CERTEAU, 1994), nos espaços em que estudamos, trabalhamos e pesquisamos, individualmente. Com nossos computadores particulares, mas reunidas/os coletivamente, pelas redes virtuais, continuamos como “praticantes” de nossos cotidianos, realizamos

---

<sup>7</sup>Fragmento da música “As rosas não falam” do poeta e compositor brasileiro Agenor de Oliveira, mais conhecido como Cartola.

mais uma vez, agora em tempos de pandemia, nossas “artes de fazer com” como nos ensina Certeau (1994).

### **Ver, escutar e sentir: reinventando nossas práticas a partir dos encontros remotos**

Ao juntar os rastros/restos que sobram da vida e da história oficiais, poetas, artistas e mesmo historiadores, na visão de Benjamin, não efetuam somente um ritual de protesto. Também cumprem a tarefa silenciosa, anônima, mas imprescindível, do narrador autêntico. (Jeanne Marie Gagnebin).

Nesta “história da ferida que vira cicatriz encontramos, então, as noções de filiação, de aliança, de poder da palavra e de necessidade da narração.” (GAGNEBIN, 2006, pág. 109). Assim começaram os nossos encontros remotos, os dos nossos espaços de trabalho, de estudo, de pesquisa, de lazer, dentre outros, a partir de nossa necessidade angustiada de encontrarmos umas as outras, uns aos outros. No grupo de pesquisa ALMEFRE/REDEALE, pudemos “juntar os rastros e restos” de nossas histórias para compor este registro que ora se apresenta. Aqui “chacoalhadas” por nossas memórias e vivências destes tempos pandêmicos, articulamos nossas palavras, tentando cumprir uma “tarefa silenciosa e anônima”, mas imprescindível, neste tempo de pandemia. Apresentar como nossas vidas se modificaram e como passamos a “conversar com o mundo” por conta do isolamento social, tem sido um compromisso histórico para nós enquanto docentes em formação.

Um novo cenário mundial surge diante nossos olhos. Os olhos? Ouvi dizer que são as janelas da alma! Só vejo os olhos dos que se isolam comigo nesse momento. Sinto saudades de muitos olhares. E as janelas da alma? Essas, tento encontrar através de outras janelas instaladas nos aparelhos tecnológicos. *Whatsapp* por vídeo chamada virou a opção de trazer o outro para o mesmo espaço que ocupa. As oficinas, encontros, reuniões e resenhas por ferramentas comomeet,

zoom, facebook etc. para tentar enganar a sensação de descontrole do ide que estamos vivendo. (FARIA, 2020).

As janelas instaladas em nossos aparelhos tecnológicos nos ajudaram a alimentar nossa “esperança” (FREIRE, 1997) nesses tempos de pandemia. Nos aplicativos de comunicação, tais como: *facebook, whatsapp, meet, zoom*, dentre outros, nos revemos ainda que de forma virtual e encontramos caminhos para continuar realizando nossas práticas docentes. Esses mecanismos passaram a ser mais utilizados por muitas instâncias. Universidades, escolas, empresas públicas e privadas se apropriaram desses artefatos tecnológicos para remodelarem suas formas de trabalhar e realizar o que antes era feito apenas presencialmente.

Maio se aproximava e junto com ele um comunicado no Whatsapp da escola em que trabalho... “Reunião via Skype na próxima terça-feira 15h”. Assunto: Aproximação da escola com as famílias das crianças. A partir daquele dia, as professoras teriam que planejar “atividades remotas” para as crianças, que na nossa escola são de 0 a 5 anos de idade. Sou professora de um grupo que tem entre 1 e 2 anos de idade. Os chocalhos que tínhamos produzidos no início do ano letivo de 2020, perderam o som. Minha vida foi chacoalhada neste momento em que mais uma vez, me pergunto: o que fazer? Por onde começar? Eu teria que dedicar parte do meu dia ao trabalho remoto pela escola. (RAMOS, 2020).

Este relato nos ajuda a pensar sobre as impossibilidades de se planejar uma proposta pedagógica para bebês, neste momento de pandemia, para ser realizada em casa com a família. Contudo, não somente as escolas de Educação Infantil, mas também as de Ensino Fundamental, Médio e as universidades, tiveram que se adaptar às “novas exigências” para dar continuidade ao trabalho pedagógico que havia sido interrompido. Aqui, sabemos que há uma discussão prolongada sobre a validade do ano letivo em tempos de pandemia. Contudo, nosso objetivo neste texto, é trazer algumas reflexões sobre uma experiência que foi se constituindo para

responder as exigências que solicitadas, como foi possível sobreviver ao “caos” que se instaurava em meio a pandemia.

Nosso primeiro tema: água. Falamos sobre a importância de lavarmos as mãos e cuidar de nosso corpo. Finalizamos aquela semana com um vídeo do coral Do- Ré- Mi formado por crianças cantando “Planeta Água” e “Planeta Sonho”. “Ainda teremos o nosso planeta sonho e ninguém mais ficará depois do sol”. Essa era e é a nossa esperança. Contações de histórias, músicas e obras artísticas saíam de nossos cadernos de planejamento e ocupavam os espaços domésticos das famílias, ou melhor, de algumas famílias, pois boa parte, por algum motivo não tem possibilidade de acesso à internet. Senti saudade dos abraços que eu ganhava todos os dias. Pensei nas crianças que não estão tendo acesso às “atividades remotas”. Nas pessoas que não tem ninguém para abraçar, nas que estão morrendo sozinhas em um leito de hospital. Lembrei do tempo em que eu dependia do movimento da rua para vender meus sacolé e salgadinhos. Do tempo em que eu morava em uma favela. De quantas pessoas dependem do movimento da rua para sobreviver e das pessoas que moram em favelas ou lugares, aonde as políticas públicas pouco chegam. Das redes de solidariedade que não são suficientes. Estou inserida em algumas, ajudando de alguma maneira, seja financeiramente ou com trabalho remoto. O esforço da sociedade em diminuir o sofrimento que atinge milhares de pessoas ainda é pequeno, pois existem muitas pessoas que não conseguem ter acesso a nada. Se antes da pandemia a exclusão e a miséria já eram grandes, agora elas se tornaram ainda mais visíveis. (RAMOS, 2020).

Trazer para os nossos textos elementos que à primeira vista parecem “desimportantes” (BARROS, 2012), sem sentido, situações que a “história oficial não sabe o que fazer” (GAGNEBIN, 2006, pág. 54), nos ajuda a manifestar nossa esperança compreendendo que ela se faz “necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da herança crítica, como o peixe necessita da água despoluída.” (FREIRE, 1999; p. 5). Nossa esperança precisa ter força e voz. Assumimos, assim, o papel de “narradoras” e “historiadoras” (BENJAMIN, 1994), quando contamos



e lembramos aquilo que a “cultura dominante” tem a intenção de esconder. Escrever a partir de nossas experiências tem indicado para nós o nosso compromisso com a realidade que vivemos. Registrar, publicar e refletir sobre fatos e acontecimentos que expressam a opressão vivida por milhares de pessoas no Brasil e no mundo representa um movimento esperançoso por dignidade e justiça social para toda sociedade, pois “não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã.” (FREIRE, 1999; p. 5)

### **Outros trajetos possíveis**

*Ir recebendo um pouco de poesia no peito. Sem lembranças do mundo, sem começo... chegar ao fim sem saber que passou.*  
(Manoel de Barros)

Chegar ao fim dessa pandemia tem sido o maior desejo entre nós autoras desse texto, das/os professoras/es participantes das redes e coletivos docentes, e, ousamos dizer, que de toda a humanidade, sobretudo, chegar nesse fim sem saber que passou, sem lembranças desse mundo, desse começo, talvez seja uma tarefa mais fácil para a poesia. Para nós, o que fica é a experiência na passagem, a experiência do vivido/viver que vem nos modificando e nos (trans)formando.

Os encontros entre pares Brasil-Peru nos possibilitaram, neste período pandêmico, inverter nossas lentes acerca dos acontecimentos, de modo que aprendemos a enxergar o vivido com a esperança de encontrarmos outros trajetos possíveis que emanam vida em meio às notícias de tantas vidas perdidas por conta da pandemia.

Foi e tem sido assim: entre cheiros, choros e chocalhos que fomos e vamos buscando caminhos, investindo na arte do encontro, da troca de experiências, de esperar e de caminhar junto, como um coletivo resistente que nos movimentamos e investimos nossos esforços em encontrar modos outros de *pensarfazer* uma educação

latino-americana mais justa e democrática, ainda que no desafio de passar e viver em tempos pandêmicos.

## Referências

- BARROS, M. **Memórias Inventadas: A infância**. São Paulo: Planeta, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Face Imóvel**. Poesia completa: Manoel de Barros'. São Paulo: Editora Leya, 2010.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CORTELLA, M. S. **Educação, Convivência e Ética**. São Paulo: Cortez, 2015.
- FARIA, D.T.B, **Janelas da Quarentena**. Narrativa escrita no projeto “Memórias da Quarentena” realizado pelo coletivo REDEALE, FFP/UERJ. 2020.
- \_\_\_\_\_. **Experiências Formativas entre Professoras/es de Redes e Coletivos Docentes Latino-americanos**. (Dissertação de Mestrado em Educação). Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2021.
- FORTES, M.C.R. **Memórias da Quarentena- dialogos com Paulo Freire: apontamentos da pesquisa**. Narrativa escrita no projeto “Memórias da Quarentena” realizado pelo coletivo REDEALE, FFP/UERJ. 2020.
- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- GAGNEBIN, J.M. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.
- LARROSA, J. **Experiência e alteridade em educação**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444>. Acesso em: 27 de fevereiro 2019.
- \_\_\_\_\_. **Tremores: escritos sobre experiência**; ANTUNES, Cristiana; GERALDI, J.W.Trad.). 1º ed. Belo Horizonte. Autêntica. 2014.
- RAMOS, I.C.F.F. **Abraços**. Narrativa escrita no projeto “Memórias da Quarentena” realizado pelo coletivo REDEALE, FFP/UERJ. 2020.



## ¿Qué siente un maestro en tiempos de pandemia?

*Sabina Abanto  
Martín Bustamante  
Rocío Valencia*

El 16 de marzo del año 2020 se decretó la cuarentena en nuestro país por la presencia del Coronavirus, lo cual nos llevó a pensar en una educación a distancia, la que se tendría que impartir a través de la televisión, radio web. Los estudiantes y maestros, desde sus casas, también tendrían que desarrollar las actividades propuestas por el ministerio de educación.

Ahora, con esta educación a distancia, los estudiantes y maestros tenemos que interactuar a través de la radio, televisión, celular o computadora; mandando capturas de pantallas, imágenes, audios, vídeos, mensajes de texto, en algunos casos interactuando y haciendo ponencias a través del *Zoom* o alguna otra plataforma.

El 6 de abril se dio apertura al año escolar a distancia, con maestros, en su gran mayoría analfabetos, en el uso de la tecnología digital, además que no contaban con las herramientas necesarias para hacer frente a este tipo de educación. Del otro lado están los estudiantes que, en gran porcentaje, tampoco cuentan con las herramientas necesarias para poder participar eficientemente de esta nueva modalidad de educación.

Hace ya más de un año que la educación a distancia se está desarrollando en nuestro país y los maestros aún no concebimos, ni aceptamos la idea de estar lejos de nuestros estudiantes, manifestando nuestro sentir a través de diversas composiciones literarias y artísticas que expresan lo que llevamos dentro en estos tiempos de oscuridad e incertidumbre. Ante esta situación surgió la necesidad de expresar nuestros sentimientos a través de poesías,

acrósticos, canciones y dibujos que nos permitieron dar conocer nuestro profundo sentir a los demás.

Muchas veces nos hemos quebrado y puesto a llorar detrás de la pantalla de una computadora, porque sentíamos tanta impotencia al no poder desarrollar las actividades que estábamos acostumbrados a realizar cada vez que llegábamos al aula; pero, sobre todo sentir la necesidad de estar cerca de aquellas personitas que nos llenaban la vida de energía y alegría al escucharlos, cuidarlos, trabajar juntos en aquellos proyectos que se nos ocurrían y ellos estaban dispuestos para desarrollarlos sin peros. ¡Qué difícil es todo ahora!

Es cierto que los maestros tenemos que seguir desaprendiendo muchísimas cosas, y aprender todo lo relacionado a la alfabetización digital, reinventarnos para brindar una educación de calidad ya sea a distancia o presencial, como lo afirma Freire (1997) al decir “Todos nosotros sabemos algo, todos nosotros ignoramos algo, por eso aprendemos siempre”.

Después de esta experiencia con la educación a distancia, no compartimos la idea de quienes creen que esta modalidad de educación sea mejor que la presencial, puesto que quizá, si se puede brindar conocimientos; es decir, trabajar muy bien la parte cognitiva, pero creemos que la parte humana, las emociones, comportamientos y actitudes solo se desarrollará en una educación presencial, que nos permite a los maestros cumplir con lo que dice Freire (1997): “Enseñar no es transferir conocimiento, sino crear las posibilidades para su propia producción o construcción” y “La educación es un acto de amor, por tanto, un acto de valor”.

Según nuestras experiencias, pensamos que la educación presencial jamás será sustituida por la educación a distancia, sin embargo, si estamos seguros de que la educación presencial tiene que dar un cambio, donde tanto maestros y estudiantes nos adueñemos de las herramientas digitales, que nos permitirían participar de una educación de calidad, que prepare a los estudiantes como seres integrales, capaces de enfrentar distintos retos que la vida les presente.

## ¿Y usted qué opina?

Volvamos todos a empezar  
Oigamos la voz de nuestro corazón  
La vida nos da otra oportunidad  
Vengan todos, juntemonos hermanos  
Empecemos a forjar un mundo mejor,  
Recordemos lo esencial de la vida: ¡Nuestra libertad!

Ahora es un tiempo nuevo, de oportunidad...

Nuestra lucha empieza hoy Hermanos,  
Atrás se queden las clases sociales, las razas y distinción;  
Convirtamos este mundo en algo mucho mejor.  
Enseñemos con el ejemplo, de amor, paz y humildad  
Luchemos juntos al ver convertido este sueño, en realidad!

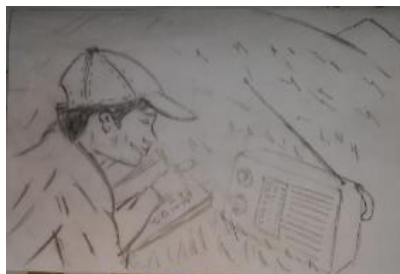
### Quiero volver...

Extraño tanto hoy a mis niños,  
Que no los puedo olvidar  
Tengo en mí sus besos y  
abrazos,  
Sus ocurrencias y sueños por  
realizar.

Tan distinto es todo ahora,  
Tan difícil de entender  
Tantos sueños se han frustrado.  
Tantas ganas de aprender.

Ahora por Tv, web o radio  
Los niños deben aprender  
Pero aprenderán lo que es amor?  
Eso, eso no se puede saber.

La libertad, la solidaridad  
Con el ejemplo se há de enseñar  
Y ahora en este tiempo nuevo



**Imagens:** Ilustração feita pela professora Sabina Abanto para seu texto "Quiero Volver"

**Fonte:** Acervo pessoal Sabina

Nada, nada de eso se va a cultivar.

Espero pronto a mi aula volver  
Volver a verlos a todos tan felices.  
Tan felices y jubilosos como yo.  
Dios me escuche y pueda esto suceder...  
(Sabina Abanto, 2020).

## Referências

Freire, P. **Educación como práctica de la libertad**. 45º ed. Ed. Siglo Veintiuno XXI editores. Madrid. España. 1997. Disponível em: (8) (PDF) Freire Paulo - La Educacion Como Practica De La Libertad PDF | Francisco Ricardo Alvarez Constantino - Academia.edu. Acesso em 29/08/2021.

Antes de terminar...

Muitas foram as lições aprendidas de/com Paulo Freire nesse movimento de troca, conversa e diálogos entre as redes e coletivos docentes brasileiro e peruano. Pensar a partir dos estudos em Freire acerca do contexto pandêmico no qual ainda estamos inseridas/os no momento em que estamos produzindo esta obra, sem dúvida, nos possibilitou esperar, encontrar caminhos para criar inéditos-viáveis. Além das que já foram apresentadas nos capítulos anteriores desse livro, porém para ainda não terminar, compartilhamos a seguir a reflexão da professora peruana Silvia, que traz alguns apontamentos a partir da questão:

**¿Qué haría Paulo Freire en este momento de pandemia?**

Lo primero que se preguntaría

**¿Cómo lograr en este momento actual de pandemia asegurar en mi comunidad que:**

“Nadie educa a nadie, nadie se educa a si mismo los hombres se educan entre sí con la mediación del mundo”

“Todos nosotros sabemos algo. Todos nosotros ignoramos algo. ¿Por eso, aprendemos siempre”?

**Pero como comunidad:**

¿Tenemos un horizonte compartido?

¿Cómo llegaremos a lograr ese horizonte compartido?

¿El docente realiza una pedagogía crítica basada en la solidaridad?

**¿Cómo cambiar una educación bancaria a una educación con una visión crítica del mundo en donde vivimos actualmente?**

**PEDAGOGIA CRITICA DE PAULO FREIRE**

El docente debe construir desde los conocimientos previos de sus estudiantes para que estos puedan pasar de seres sociales pasivos a seres sociales activos, críticos y pensantes de la sociedad en la que se desarrollan el pensamiento crítico no puede llevar a sus entes de la educación a seres negativos, por el contrario, se debe tener una mirada positiva de los que se está viviendo y poder seguir construyendo centrado en el lenguaje. No hay práctica docente sin curiosidad, sin ser capaces de intervenir en la realidad, sin ser capaces de ser hacedores de su historia y a la vez siendo hechos de la historia.

**Realizar una pedagogía crítica basada en la solidaridad, es tarea de todos los docentes.**

**ESTRATEGIA APRENDO EN CASA (EAC)**

(Educación a distancia del Ministerio de Educación del Perú)

¿Todos mis estudiantes  
están conectados a la

EAC a través de radio, televisión o plataforma virtual?

¿Los padres de familia estarán dispuestos a apoyar en la educación de sus hijos?

¿Manejo herramientas tecnológicas?



- ¿Qué competencias se están desarrollando es la EAC?
- ¿Cómo haré que esas competencias se desarrollen adecuadamente?
- ¿Qué otras competencias necesitan mis estudiantes de acuerdo con su contexto?
- ¿Cuál sería la estrategia adecuada para asegurar desarrollo de competencias para la vida?
- ¿Cómo evitar el estrés no solo como docente, sino como estudiante en esta etapa de confinamiento?
- ¿El uso del portafolio será suficiente para evidenciar que los estudiantes están desarrollando competencias?
- ¿Cómo realizo una evaluación formativa, principalmente el acompañamiento que mis estudiantes necesitan?

### **LA EDUCACION A DISTANCIA ES UNA OPORTUNIDAD...**

Para realizar un trabajo cooperativo y colaborativo con los padres de Familia.

Buscar competencia para mis estudiantes que no están conectados por los medios de comunicación (redes sociales, enviar cartillas con autoridades os padres comprometidos, grabaciones para que lo vean en equipos, etc.). Desarrollar competencias para la vida que genere reflexión crítica y toma de decisiones no solo a los estudiantes sino a los padres de familia y comunidad. Debemos generar experiencias y actividades de aprendizaje en familia y de acuerdo con el contexto (cómo prevenir el coronavirus, huertos familiares, practicas saludables y ambientales, indagación, el juego o actividad física familiar, manejo de agua segura). Ser creativo para realizar mi acompañamiento pedagógico con preguntas de reflexión crítica, organización de grupos de wasap, etc. Capacitarme en el manejo de herramientas pedagógicas es muy importante ahora y puedo hacerlo. Incentivas a la práctica de la actividad física en casa (juegos tradicionales, creación de cuentos, canciones, etc.). Realizar el soporte socio emocional que necesitan nuestros estudiantes a través de la tutoría y actividades activas. Coordinar con alcaldes comunales, tenientes, postas médicas para que apoyen en la comunidad. (Silvia del Rosario Huaccha Abanto, 2020).

## Referências

Freire, P. **Educación como práctica de la libertad**. 45º ed. Ed. Siglo Veintiuno XXI editores. Madrid. España. 1997. Disponível em: (8) (PDF) Freire Paulo - La Educacion Como Practica De La Libertad PDF | Francisco Ricardo Alvarez Constantino - Academia.edu. Acesso em 29/08/2021.

PERÚ, Ministerio de Educación. **Minedu: Enfoque del Área de Comunicación desde el Currículo Nacional**. In: AMAWTA. 2020. Disponível em: PPT ENFOQUE COMUNICACIÓN.pdf - Google Drive. Acesso em 29/08/2021.

## Para concluir...

Chegando ao final do segundo livro, que narra nossas experiências compartilhadas na parceria entre as redes docentes brasileira e peruanas: REDEALE, REDENU e REDIÁLOGOS, agradecemos a leitura de quem nos acompanhou até aqui, reafirmamos a potência dos movimentos coletivos docentes para a construção de uma pedagogia decolonial e libertadora e saudando nosso querido Patrono da Educação Brasileira, no ano de seu centenário, Paulo Freire, presente!!!



## Posfácio

### **Pensando encontros docentes na América Latina em tempos pandêmicos: o princípio esperança como força maior**

Maria Tereza Goudard Tavares

*Conhecer o próprio país e governá-lo conforme o  
conhecimento, éa única maneira de libertá-lo da tirania.  
Jose Marti, 1891*

É com especial alegria, a nossa força maior, que recebo e acolho o convite das companheiras Mairce Araújo, Maria Isabel Gutiérrez Chávez, Danusa Tederiche e Isabele Ramos, organizadoras do presente livro, para a escrita do seu posfácio. Em *tempos sombrios*, o convite das queridas professoras e pesquisadoras militantes, torna-se um alento e um compromisso com a vida, pois escrever no sentido mais radical da palavra, implica no atual contexto, na aposta na (re)invenção de um outro tempo: tempo de ler, de compreender e de expandir o pensamento em direção à outras vozes, afirmando o desejo de diálogo e estar junto!

Ao ler os dezessete textos que constituem a matéria-prima do livro, além do prefácio e de sua apresentação, o que salta, escorre, pulsa e ensolara a tela do meu computador é a vontade de dizer e afirmar a vida e a educação em tempos pandêmicos. O que me leva a reiterar a alegria do convite, pois o que a escrita de um posfácio nos solicita, é uma conversa ao *pé do ouvido*, dessas que se faz na cozinha enquanto se toma um café, ou um chá bem quentinho, sentadas/os em torno de uma mesa, saboreando a conversa, urdindo as palavras no encontro amoroso com docentes que trazem “a escola na alma”, e que sentem

saudade de estar junto, de encontrar-se. Pois sabem que na vida tudo é encontro, bom ou mal encontro.

Escrevo este posfácio, tecido e urdido ainda em contexto da pandemia de COVID-19, em outubro de 2021. O contexto é de retração do número de casos de infecção em quase todos os estados brasileiros e do número de óbitos, especialmente na cidade na qual vivo, o Rio de Janeiro. Porém, ainda é impossível não pensar na Covid-19 e seus impactos na vida das pessoas, sobretudo quando, ao invés de ampliar o combate à pandemia, assistimos o afrouxamento dos protocolos de cuidado e proteção nas grandes metrópoles brasileiras. Tempos muito duros, nos quais ao contrário do que diz o ditado popular a morte não iguala a todos e a todas. A epidemia do coronavírus vem explicitando que a morte, como a vida, distingue. E para nós, como professores e professoras, fortemente vinculados ao campo educativo que se denominou nos últimos 60 anos como Educação Popular, uma questão fundamental que vimos acompanhando dessa experiência é o crescimento da luta coletiva contra a pandemia, configurando um afeto político de gestos multiplicados de solidariedade.

Tem sido assim em favelas e nos bairros pobres latino-americanos, em assentamentos rurais espalhados pelos diferentes rincões, em moradias coletivas nas grandes metrópoles brasileiras e Sul-americanas, nas diferentes mobilizações feitas por associações de moradores, sindicatos, igrejas, por diferentes grupos da sociedade civil na América Latina, distribuindo cestas básicas, *quentinhas*, materiais de higiene corporal aos moradores de favelas, de periferias urbanas e de áreas rurais, no campo e na cidade. É esse afeto político fundamental chamado solidariedade que atravessa o meu texto, nos convidando a pensar que, na América Latina contemporânea, apesar de termos uma estrutura societal fundamentada na necropolítica (MBEMBE, 2016), que se acostumou com a gestão dos mortos oriundos de uma sociedade historicamente genocida e escravocrata, no qual indígenas, negros e negras, homens e mulheres favelados são considerados *coisas* e

não pessoas, a solidariedade social ainda se faz presente, ocupando o vazio da ausência de posicionamentos oficiais e governamentais.

Porem, nesse tempo de quarentena e distanciamento social, instaura-se também um outro tempo, um tempo de incertezas frente à complexa crise na qual todos estamos enredados: uma crise da própria medicina (os debates em torno de como tratar da pandemia em si), uma crise econômica (que afeta todo o sistema produtivo e cujos impactos não sabemos antever) e uma crise pessoal, de nossas próprias condições mentais, de como cada um/cada uma está vivendo esse período de quarentena, sendo que os impactos subjetivos não podem ser subestimados –principalmente pelo elevado número de óbitos que já colocam América Latina como o 1º continente do mundo em perdas de vida pela Covid-19 (Setembro, 2021).

Do ponto de vista da perda de vidas humanas, somente em outubro de 2021 já contabilizamos mais de 595.000 mil mortos no Brasil, e no Peru, cerca de 200.000 mil óbitos. E nesses países, se as pessoas morrem e não têm direito ao luto, não têm direito à expressão coletiva de dor, não têm mobilização social, antevemos o que pode acontecer. Essa questão sempre esteve presente na América Latina. Dependendo de quem morre, é um número, não é uma pessoa, não é uma história. Sabemos, desde a Antiguidade clássica, desde os gregos, que uma sociedade se autodefine a partir da maneira como ela lida com os seus mortos. O cuidado com a vida e o cuidado com os mortos seriam os fundamentos da vida social. Os gregos sabiam, desde Antígona de Sófocles, que a sociedade que nega e interdita os rituais de memória de seus mortos potencializa a dificuldade de sua sobrevivência histórica e política. Dificulta a sua sobrevivência social, independentemente de quem sejam os seus mortos.

Em Muniz Sodré(2005), aprendemos que o que fundamenta e dá sentido à universalidade da vida social é o sentimento de pertencimento e o direito à memória. Todos e todas devem ter o direito à memória. E esse é o singelo objetivo de nosso texto, tecido e urdido na dor do luto de pessoas próximas e dos *inumeráveis* que,

na América Latina e Caribe já contabilizam mais de 1.494.00 mil óbitos, enlutando famílias em todo o continente.

Como um sinal, um alerta e um anúncio, o direito à memória é pensado no livro em tela como um direito que se constitui na contramão de uma sociedade que se nutre de apagamento e silenciamentos cotidianos, nos quais a *memória dos vencidos* não serve de dispositivos de *contramemória*, e lembranças das lutas travadas em torno da democracia, da liberdade, dos enfrentamentos das desigualdades sociais e das lutas por educação e justiça no campo e na cidade.

A premissa deste posfácio é de que a Educação e suas pedagogias de luta na América Latina são fundamentais para pensar *processos formativos a contrapelo* (BENJAMIN, 2013). Processos formativos que possam se nutrir da luta, da esperança e do *desejo de ser mais*, como nos ensina Paulo Freire (1997). E por isso mesmo, em um momento tão dramático, torna-se relevante e inadiável pensar o papel de docentes que fazem pesquisa desde a escola pública, e que mergulhadas e mergulhados em processos de formação humana de crianças, jovens e adultos, tomam cada escola, cada contexto educativo como um território de potência e de resistência à barbárie em curso. E (re)criam inéditos viáveis como nos convoca a pensar Paulo Freire (1997).

### **Para concluir, ou já é manhã em nós!**

Termino este posfácio, perguntando aos possíveis leitores/as deste belo e importante livro, escrito em tempos tão paradoxais, perguntas ainda fundamentais e de respostas urgente que atravessam e tangenciam os artigos da presente coletânea : *qual seria o saber que tá faltando pro povo saber? O saber da escola? O saber da vida cotidiana? Da cultura comum, da cultura de massas, o saber das culturas tecnológicas digitais? “O saber de saber que é possível vir ao mundo outros modos de saber?”* (TAVARES, 2019); o saber que professoras e professores constroem na relação amorosa e implicada de suas

andanças compartilhadas? Nas trocas e intercâmbios presenciais e virtuais no âmbito das “expedições pedagógicas”?

Com relação aos artigos do livro, são artigos escritos por professoras e professores que encarnam o arquétipo de *Sherazade*, figura mítica da cultura oriental, que nos lembra o poder da palavra na defesa da vida, na defesa da(s) cultura(s), na defesa da argumentação e do diálogo como um modo amoroso e compromissado de estar no mundo. Para as/os autoras/es que se ins(es)crevem no presente livro, as questões relativas à memória, à história e à vida cotidiana tornam-se visceralmente fundantes na construção de projetos contra-hegemônicos em todos os espaços da vida social. Memória e história parecem ser cada vez mais o amálgama cotidiano da esperança e da busca utópica de novas subjetividades, agenciadoras de projetos potentes no mundo da vida e da escola.

Essas/esses professoras e professores que se deslocam no tempo e no espaço, como viajantes que são, desconfiam das armadilhas do discurso ideológico da igualdade de direitos e emancipação humana produzido no Ocidente há quase 300 anos. Sabem que na América Latina é preciso astúcia e coragem para se contrapor à barbárie cotidiana, especialmente em países considerados periféricos à lógica do capitalismo globalizado, onde ao “Deus-mercado” é delegada a regulamentação de vida social.

Nesse contexto de pandemia e desequilíbrios ecosóficos, o surgimento de “novos focos de conflitividade”, a crise das relações sociais se faz evidente, fazendo explodir em todas as latitudes o individualismo desesperado. O efeito é a solidão: a solidão da exclusão, da pobreza da discriminação, dos privilégios. Sua resposta extrema é o sectarismo, o elitismo, o fanatismo e o terror. E o tema da solidão como fenômeno de massas, com profundas e complexas repercussões na vida inter e intrapessoal jamais foi tratado pela teoria democrática e pela própria Educação escolar. O que não deixa de ser paradoxal, porque a democracia e uma *educação como prática de liberdade* (FREIRE, 1997) só podem ser construídas na crítica à solidão (TAVARES, 2019).



Nessa perspectiva, história, memória e vida cotidiana nos parecem ser pólos indissociáveis do aprendizado de homens, mulheres, jovens e crianças, porque a partir e através deles é que podemos nos libertar da cegueira do esquecimento, da violência da solidão, do cinismo desses tempos de narcisismos e individualismos exacerbados.

Deste modo, entendo que esta breve advertência poderá contribuir para a compreensão do conceito de formação humana como um processo aberto, que vai sendo desenhado ao longo da vida, dialogando com a condição de inacabamento de homens e mulheres, como define Paulo Freire (1997, p.20):

A educação é permanente não porque certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da infinitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de finitude. Mas ainda pelo fato de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza não apenas saber que vivia, mas saber que sabia e, assim, saber que podia saber mais. A educação e a formação permanente se fundam aí.

Conceber homens, mulheres, crianças e jovens como seres inacabados nos leva a refletir os seus processos formativos como caminhos abertos e bifurcação de trajetórias que são trilhadas ao longo de nossas vidas, um caminhar meio nômade que é também marcado pelo contexto sócio-histórico do qual fazemos parte. Dessa maneira, os processos formativos que são explicitados pelas autoras e autores dos artigos do presente livro englobam muito mais do que os conteúdos escolares e modos de ser ou fazer pedagógicos, abrangendo também as dimensões pessoais e subjetivas tomadas por elas eles como produções sociais e coletivas.

Neste esforço de elaboração de uma síntese, mesmo que inconclusiva, ressalto uma questão que, longe de ser uma obviedade, configura-se como um desafio fundamental no campo educativo latino-americano, em especial no Brasil e no Peru no contexto da pandemia da Covid-19: torna-se importante pensar e

discutir nos processos formativos, toda uma *gramática de formação*(TAVARES, 2019), em diálogo com a categoria da *provisão*, tomada de empréstimo aos pesquisadores e pesquisadoras do campo da Educação Popular, em especial à antropóloga Lygia Segalla (1992) e ao historiador Victor Valla(1998).

Primeiramente, quando falamos em outra *gramática de formação*, estamos nos referindo a um conjunto de dispositivos epistêmicos, políticos e pedagógicos que designam um sentido comum, dialógico, e interligados para a formação de docentes preocupados com processos de Educação Popular na escola pública (TAVARES, 2019). Do ponto de vista da *gramática de formação* necessária à formação docente que referenciamos acima, entendemos ser importante ressaltar o emprego da categoria “provisão” em tensão com a categoria “previsão”, no sentido de afirmar um modo diferente (mas não desigual) dos diferentes grupos de sujeitos com os quais trabalhamos pautar em e conduzirem suas vidas, especialmente no que tange às estruturas temporais e construção de seus processos de profissionalidade. A categoria *provisão* nos desafia a pensar uma percepção diferenciada de tempo, tendo em vista a intensidade do tempo *de agora*, o que não significa e não implica deserção de projetos de futuro, de pensar a vida como possibilidade do ainda por vir, como nos provoca o filósofo alemão Ernst Bloch (2005).

Com efeito, para Bloch, desde o *Espírito da Utopia* (1918), a questão da esperança é fundamental em seu pensamento, gravitando em torno do *Princípio Esperança* (2005), no qual busca levar a filosofia até a esperança, nos propondo pensar que as angústias diante da vida e as maquinações do medo e seus criadores podem ser alvos da ação das pessoas que, movidas pelo afeto da espera, saem de si mesmas e, empenhadas nessa atividade, procuramno próprio mundo aquilo que ajuda o mundo a *ser o que ele ainda não-não é*. Em nosso exercício de pensamento, compreendemos que, ao interrogar sobre as virtualidades do *lugar*, sobre os processos formativos realizados nos territórios da escola e da universidade, nos é permitido pensar a complexa dialética da

formação humana nos espaços institucionais ou não institucionais nas quais se realiza. Assim, professores e professoras parecem intuir sobre as virtualidades do lugar como (re)existência e, também, como conjunto de oportunidades para a materialização de processos formativos indissociáveis de um projeto ético e sociocultural, isto é, de um projeto de sociedade outra, mais livre, justa e menos desigual.

Destarte, isto implica tomar o território da escola como texto e contexto de processos de produção de conhecimentos teóricos, práticos, políticos, éticos e estéticos a serem (re)criados a cada dia, como obras abertas (TAVARES, 2019), nas quais as dinâmicas de formação de estudantes e professores(as) circulam e se recriam, sendo nutridas por jogos de poder e exercícios liberdade, que, ao serem (re)apropriadas e aprofundadas pelos diferentes sujeitos em formação, constituem uma gramática de formação centrada na superação da falsa dicotomia entre teoria e prática.

Neste sentido, para fechar mesmo que provisoriamente este texto-pretexo para uma conversação, reitero que o desafio de pensar a escola pública popular na perspectiva de uma gramática formativa pautada na categoria da provisão não se esgota apenas na produção de espaços potentes para o diálogo sobre o campo escolar, pedagógico propriamente dito. Compreendo ser cada vez mais auspicioso e estratégico, tanto política quanto epistemicamente, conhecer e dialogar com processos formativos produzidos pelas forças vivas nos territórios, interrogando-as, aprendendo com elas na perspectiva do enfrentamento das desigualdades sociais e resistências culturais. Nesses tempos tão sombrios na América Latina e no mundo, entendo ser urgente a produção de estudos sobre o campo da Educação pública popular em sentido ampliado, revigorando nossos *quefazeres* em tempos de pandemia e de transformações sociais profundas. Creio que esse é o principal do convite que o livro nos faz! Mergulhar e nos deslocar por paisagens educativas de uma *América Ladina*: Andina, afro-brasileira, intercultural, repleta de sotaques, odores, sabores, ritmos e musicalidades. Uma América Latina que se nutre de sonhos, lutas e fiestas!

Para finalizar o posfácio, tomo por empréstimo novamente algumas palavras de Paulo Freire (1996), que em seu centenário de nascimento (1921- 2021), continua a nos ensinar, afirmando que “*No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador*”. Por isso, mesmo passados vinte e quatro anos (24), da morte de Freire, em 1997, a questão política da educação do povo continua a reverberar em nossas cabeças, alimentando questões, interrogando outras, contradizendo inúmeras, provocando-nos ao princípio esperança, descobrindo nas entranhas do agora a latência do porvir. Não seria esse um dos compromissos mais fecundos de uma “*educação como prática de liberdade?*”, de uma Educação escolar revigorada pelo “*ainda-não?*”? Assumindo a resistência e a invenção como matéria-prima de nossos sonhos diurnos?

## Referências

- BENJAMIN, Walter. **O Anjo da História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- BLOCH, E. **O Princípio Esperança**. Rio de Janeiro: EdUERJ/Contraponto, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1997.
- MBEMBE, Achilles. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- SEGALLA, L. **A construção desigual do conhecimento**. Rio de Janeiro: PUC, 1992.(mimeo).
- TAVARES, M.T.G. Pensando a formação de professores das infâncias a contrapelo: Desafios contemporâneos da formação de docentes em periferias urbanas. In: MARTINS, D.A.A.; CARRIJO, M.C.B.; ROLIM, C.L.A. (orgs.). **Singularidades e Resistências na Formação de Professores**: novos e velhos enfrentamentos. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.

SODRÈ, Muniz. **A Verdade Seduzida**: Por um conceito de Cultura no Brasil. Petrópolis: DP&A Editora, 2005.

VALLA, Valla. Apoio social e saúde: buscando compreender a fala das classes populares. In: COSTA, M. V. **A educação popular hoje**. São Paulo.

## Sobre os/as Autores/as

**Alessandra da Costa Abreu** - Doutora em Educação pelo Programa de Pós Graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ/PROPed. Mestre em Educação pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP/UERJ. Professora da Rede pública municipal de Niterói/RJ. Orientadora Educacional da Rede pública municipal de São Gonçalo/RJ. Integrante dos grupos de Pesquisa: IJEC- Infância, Juventude e Cultura - UERJ/PROPed; ALMEFRE- Alfabetização, Memória, Formação Docente e Relações Etnorraciais e REDEALE- Rede de docentes que estudam e narram sobre Alfabetização, Leitura e Escrita. Email: alessandra.uerj2005@gmail.com

**Alfredo Mires Ortiz** - Antropólogo, educador, escritor y editor. Miembro fundador y Coordinador General de la Red de Bibliotecas Rurales de Cajamarca; fundador y director del Proyecto Enciclopedia Campesina, del Archivo de la Tradición Oral Cajamarquina y del Grupo de Estudios de la Prehistoria Andina. De su autoría o dirección, más de 200 títulos sobre tradición oral, religiosidad y cultura andina; educación, literatura, interculturalidad, arte rupestre, descolonización e historia desde los propios pueblos. Ha desarrollado diversas experiencias con educación y prensa popular, historia oral, salud comunitaria, etnomedicina, medio ambiente, bibliotecología, dinámica de grupos e investigación participativa, y durante muchos años ha acompañado a comunidades indígenas –de Centro y Sud América– en procesos de afirmación cultural.

**Amanda de Sousa Pestana**- Professora Orientadora Pedagógica na Rede Municipal de Educação de São Gonçalo-RJ e Pedagoga na Rede Municipal de Educação de Niterói-RJ- Pós Graduada em

Literatura Infantojuvenil pela UFF-RJ. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais - UERJ-FFP. Integrante do Grupo de Pesquisa Alfabetização, Memória, Formação Docente e Relações Etnicorraciais (ALMEFRE). E-mail: amanda-pestana@hotmail.com

**Ana Cecilia Villanueva Huamán de Fernández** - Profesora de Ciencias Sociales en el colegio secundario "Juan XXIII" en Cajamarca.Licenciada en Educación. Red: Desenredando Nudos (REDENU).E-mail: anaceci0104@gmail.com

**Anelice Ribetto** - Professora associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e pesquisadora procientista da mesma instituição. Lotada no Departamento de Educação da Faculdade do Formação de Professores (UERJ/FFP/DEDU) participa de projetos de ensino, pesquisa e extensão na Licenciatura em Pedagogia e atua como professora permanente na Linha Políticas, Direitos e Desigualdades do Programa de Pós-Graduação em Educação - Processos formativos e desigualdades sociais do qual foi coordenadora desde 2016 até 2020. Faz parte do Coletivo "Diferenças e Alteridade na Educação" e do Grupo de Pesquisa Vozes da Educação (CNPq). E-mail: anelatina@gmail.com.

**Anita Noemí Bardales Manyá** - Docente de IEGPC «la Casita», ubicado en el caserío de Pomabamba, distrito de Jesús, provincia y departamento de Cajamarca.Bachiller en educación. Red: Desenredando Nudos.E-mail: anny\_2824@hotmail.com

**Anthony Martín Bustamante Cabrera** - Bachiller en Ciencias Biológicas. Integrante de la red Diálogos de Cajamarca.E-mail: abustamantec14@unc.edu.pe

**Blanca Roxana Gallardo Correa** - Artista profesional - artes plásticas - pintura. Integrante de la red Diálogos - Cajamarca.Email: bgallardo765@gmail.com

**Daniel de Oliveira** - professor na rede pública municipal de ensino do Rio de Janeiro, atua na Gerência de Educação de Jovens e Adultos. Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-graduação Processos Formativos e Desigualdades Sociais, da UERJ-FFP. Integrante do Grupo de Pesquisa Alfabetização, Memória, Formação Docente e Relações Etnicorraciais (ALMEFRE). Email: profoliveira.d@gmail.com

**Danusa Tederiche Borges de Faria** - Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais - UERJ-FFP. Pós – Graduada em Gestão Educacional e Pedagoga pela Faculdade de Formação de Professores da UERJ/FFP. Professora formadora da Agência de Iniciativas Cidadãs - AIC. Membro do Grupo de pesquisa Alfabetização, memória e formação de professores (ALMEFRE) e da Rede de Docentes que Estudam e Narram sobre Infância, Alfabetização, Leitura e Escrita (Redeale). Email: danusa.tederiche@hotmail.com

**Estela Elizabeth Chávez Salazar** - Fue profesora de Biología y Química, especialista de Soporte Pedagógico MINEDU. Profesora de Educación Primaria I.E. N° 82001 "San Ramón" e integrante de red Diálogos Cajamarca. Email:echavezcaj@hotmail.com

**Enrique Napoleón Aguilar Rojas** - Profesor de Educación primaria "Victorino ElorzGoicoechea" – Cajamarca. Post grado: "Educación y Conflicto. La mediación como un recurso" Universidad de Barcelona-España. Bachiller de educación U.N Pedro Ruiz Gallo. Técnico en Prevención en riesgos laborales CEAC Barcelona – España. Capacitación profesional para la prestación de transporte público de mercancías por carretera de Catalunya- España. Email: enrique\_nar@hotmail.com



**Esther Llatas Valdivia** - Docente en la Institución San Ramón de Cajamarca e integrante de la red Diálogos, Doctora en Ciencias de la Educación. Email: ellava1@yahoo.com

**Hortencia Villar Aquino** - Auxiliar de Educación Inicial - La Casita - Pomabamba. Integrante de red Diálogos - Cajamarca.

**Henry Wenceslao Escalante Poma** - Docente AIP en la IE. 2061 "San Martín de Porres" – Lima – Independencia; Dictado de clase de diseño 3D, con especialización en joyería a grupos de alumnos nacionales e internacionales en alianza con SENATI y Lima joyas, Asesoramiento en fabricación 3D a FabLab ESAN – Lima. Profesor de educación secundaria con especialidad en computación e informática. Red: Desenredando Nudos REDENU. E-mail: escalantepoma@yahoo.es

**Isabele Cristina Fonseca Ramos** - Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais – UERJ/FFP. Professora da Rede Municipal de Educação do Município de Maricá. Integrante do Grupo de Pesquisa Alfabetização Memória Formação Docente e Relações Étnicorraciais (ALMEFRE) e da Rede de Docentes que Estudam e Narram sobre Alfabetização Leitura e Escrita (REDEALE). E-mail: isabelecf@gmail.com

**Jane Marchon Cordeiro Celestino** - Professora das infâncias e Coordenadora Pedagógica na rede pública de municipal de Itaboraí-RJ. Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais - UERJ-FFP. Integrante do Grupo de Pesquisa Alfabetização, Memória, Formação Docente e Relações Étnicorraciais (ALMEFRE). Email: janemarchoncc@gmail.com

**Jennifer Schulze da Silva** - Graduada em Pedagogia pela FFP-UERJ. Integrante do Grupo de Pesquisa Alfabetização, Memória,

Formação Docente e Relações Etnicorraciais (ALMEFRE). Email: jenniferschulze37@gmail.com

**Jhon Richard Orosco Fabian** - Doctor en Ciencias de la Educación. Docente de pre y posgrado, director del Instituto Especializado de Investigación y director de la Unidad de Posgrado de la Facultad de Ciencias Aplicadas de la Universidad Nacional del Centro del Perú. Especialista en investigación cuantitativa, investigación cualitativa, estilo APA, tecnologías de aprendizaje y comunicación. Cuenta con publicación de artículos científicos en revistas indexadas. Coordinador de la Red de Docentes que Aprenden, Investigan y Comparten (Redaic). E-mail: jorosco@uncp.edu.pe

**Judith Liliana Aliaga Tambo** - Licenciada en Psicología. UPAGU. Universidad Privada Antonio Guillermo Urrelo.-Turismo y Hotelería. CEVATUR. Instituto Superior de Turismo y Gastronomía. **Red:** Desenredando Nudos REDENU.

**Larissa de Araujo Aguiar** - Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Faculdade de Formação de Professores (UERJ/FFP) e graduanda do curso de Educação Física pela Universidade Salgado de Oliveira. Bolsista de Iniciação Científica do projeto Alfabetização, Memória e Formação Docente na UERJ/FFP. Integrante do grupo de pesquisa Alfabetização, Memória, Formação Docente e Relações Étnicorraciais (ALMEFRE). E-mail: lari.aaguiar18@gmail.com

**Luz Arlita Sánchez Vera** - Docente en la IE "Santa María Magdalena" –Distrito Magdalena –UGEL Cajamarca. Maestría en Gerencia Educativa Estratégica\_ Universidad Nacional "Pedro Ruíz Gallo-Lambayeque. **Red:** Desenredando Nudos-REDENU. Email: luzsanve@gmail.com

**Lynne Evelia Zegarra Silva** - Docente "IE Superior Pedagógica Cajamarca" – Cajamarca. Licenciada en Educación Primaria -

Segunda Especialidad: Psicopedagogía.Técnica en Computación e Informática. **Red:** Desenredando Nudos (REDENU).  
Email:lynnezs@hotmail.com

**Mairce da Silva Araújo** - Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ.Professora Titular da Faculdade de Formação de Professores da UERJ..Professora do Programa de Pós-graduação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais – UERJ/ FFP.Procientista, Lider do Grupo Vozes da Educação: memórias, histórias e formação docente, Coordenadora do Grupo de Pesquisa Alfabetização, Memória e Formação docente e Relações Etnicorraciais(ALMEFRE) e da Rede de Docentes que Estudam e Narram sobre Infância, Alfabetização, Leitura e Escrita (REDEALE).Email:mairce@hotmail.com

**Miriam Angela Baumann-Gutiérrez** - Profesora de Educación Inicial, actualmente profesora de español para niños en Uster-Suiza. Integrante de la red Dialogos- Cajamarca. E-mail: miriamangelabaumann@gmail.com

**María Elizabeth Zavaleta Chang** - Docente de la Institución Educativa Rafael Loayza Guevara y de la Universidad Nacional de Cajamarca. Doctorado obtenido en la Universidad César Vallejos, en Administración de la Educación.**Red:** Desenredando Nudos REDENU. E-mail:zavachang28@hotmail.com

**María Isabel Gutiérrez Chávez** - Docente de educación secundaria, especialidad “Lengua y Literatura”, con licenciatura universitaria en la especialidad de Tecnología Educativa, estudiante de maestría en Diseño, gestión y Dirección de Proyectos. Miembro de la red Diálogos de Cajamarca. E-mail: isagutierrez2001@yahoo.com

**Maria Clara Rodrigues Fortes** - Graduanda em pedagogia pela FFP/UERJ (Faculdade de formação de professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro).

**Maria Martinha Barbosa Mendonça** - Professora da rede municipal de Educação de Maricá-RJ. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais - UERJ-FFP. Integrante do Grupo de Pesquisa Alfabetização, Memória, Formação Docente e Relações Etnicorraciais (ALMEFRE). Email: friduxa13@gmail.com

**Maria Tereza Goudard Tavares** - Professora associada da Faculdade de Formação de Professores da UERJ/Departamento de Educação. Procientista da UERJ e professora do Programa de Pós-graduação – PPGedu. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisa da(s) Infância(s), Formação de Professores(as) e Diversidade Cultural (GIFORDIC). E-mail: mtgtavares@yahoo.com

**María Sabina Abanto Abanto** - Docente de la I.E “Juan Clemente Vergel – Ex 91”. Bachiller en educación.**Red:** Desenredando Nudos REDENU. E-mail: cristal.aa@hotmail.com

**Olga Adelina Soriano Torres** - Docente de la I.E. “Nuestra Señora de la Merced” Maestría en Gestión de la Educación. Universidad Nacional de Cajamarca.**Red:** Desenredando Nudos REDENU. E-mail:olgui\_st@hotmail.com

**Phellipe Patrizi Moreira** - Professor de História da rede privada de ensino em São Gonçalo-RJ. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação: Processos Formativos e Desigualdades Sociais pela UERJ/FFP. Integrante do Grupo de Pesquisa Alfabetização, Memória, Formação Docente e Relações Etnicorraciais (ALMEFRE), integra também o Laboratório de Arte Carnavalesca (LAC) e é pesquisador do Projeto de Extensão do Observatório de Carnaval (OBCAR). E-mail: phellipe.patrizi@gmail.com

**Regina Aparecida Correia Trindade** - Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Formação de Professores da UERJ/ São Gonçalo. Licenciada em Pedagogia pela UFF e em História pela UNIRIO, possui mestrado em Educação pela UNIRIO. Atua como Técnica em Assuntos Educacionais na UFRJ e tutora no Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Integrante do Grupo de Pesquisa Alfabetização, Memória, Formação Docente e Relações Etnicorraciais (ALMEFRE) e Rede de Docentes que Estudam e Narram sobre Infância, Alfabetização, Leitura e Escrita (REDEALE) e Red Cómplices Pedagógicos latinoamericanos. E-mail: ginatrindade@gmail.com

**Roberta Dias de Sousa** - Professora das redes municipais de Educação de Itaboraí e Niterói- RJ. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais - UERJ-FFP. Integrante do Grupo de Pesquisa Alfabetização, Memória, Formação Docente e Relações Etnicorraciais (ALMEFRE). Email: betadias3112@gmail.com

**Rocio Milagros Valencia Vásquez** - Docente de Educación Primaria de la IE N° 821121 del CP de Matibamba - José Sabogal - San Marcos - Cajamarca. Email: bachillereneducación.romivv74@gmail.com

**Rosa Candelaria Villanueva Huamán** - Profesora de Lengua y Literatura en el colegio secundario "Bella Unión Jesús María" ubicado en la zona rural de La Encañada – Cajamarca. Maestría en Problemas de Aprendizaje en la Universidad César Vallejo. **Red:** Desenredando Nudos (REDENU) desde el año 2017. Email:ro.vh@hotmail.com

**Rosario del Pilar Ramos Dávila** - Docente de la Institución CEBA "San Marcos" en la provincia de San Marcos Región Cajamarca, integrante de red Diálogos, Doctora en Ciencias de la Educación. Email:charoramosdavila123@gmail.com

**Ruttyê Silva de Abreu** - Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação Mestrado em Educação: processos formativos e desigualdades sociais, da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Professora dos anos iniciais da Rede Municipal de Maricá. Membro do Grupo de pesquisa Alfabetização, memória e formação de professores (ALMEF) e do Rede de Docentes que Estudam e Narram sobre Infância, Alfabetização, Leitura e Escrita (Redeale) Email:ruttye@gmail.com

**Saira Eli Yhina Bardales Torres** - Ingeniero de Sistemas. Maestra en Dirección y Gestión del Talento Humano. Miembro de red Diálogos Cajamarca. Email: saira.eli.yhina.bardales.torres@gmail.com

**Silvia del Rosario Huaccha Abanto** - Especialista en Educación: ETP, EBE, EBA en la UGEL Cajamarca. Maestría en Investigación Educativa. Universidad Particular San Pedro de Cajamarca. Red: Desenredando Nudos REDENU. Email:sharo\_5@hotmail.com

**Stephani Cunha Mendes da Rocha** - Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Faculdade de Formação de Professores (UERJ-FFP). Bolsista do projeto de extensão Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita de São Gonçalo (FALE/SG) na UERJ-FFP. Integrante do grupo de pesquisa Alfabetização, Memória, Formação Docente e Relações Etnicorraciais (ALMEFRE). Email: stephanicmendes@hotmail.com

## La cuarentena

Había una vez un país que andaba  
escupiendo al cielo.

Su gente no escuchaba cuando el río  
sonaba; vivían a Dios rogando  
y con la boca abierta.

Hasta que un día llegó el tiempo  
del árbol caído y el río revuelto.

Entonces, algunos se dieron cuenta  
que nunca debieron dejar  
de escuchar ni de leer lo que el mundo  
decía y escribía.

- Es verdad - dijeron - que más sabe  
el diablo por viejo ... - recordando

lo que los viejos siempre enseñaron.

Y comprendieron al camarón  
que se duerme. Y que el que a hierro mata  
a hierro muere.

Alfredo Mires Ortiz,  
de Cajamarca.

**10 PPGedu**

anos procesos formativos e  
desigualdades sociais



ISBN 978-65-5869-633-9



9 786558 696339 >